

AMY KATHLEEN RYAN

EM BUSCA DE UM NOVO MUNDO

# CHAMA



GERAÇÃO  
*jovem*

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



Amy Kathleen Ryan

*Autora de Brilho e Centelha*

# CHAMA

VOLUME TRÊS DE  
EM BUSCA DE UM NOVO MUNDO

TRADUÇÃO  
Sandra Martha Dolinsky

















Título original: Flame  
Flame © 2012 by Amy Kathleen Ryan  
Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009

EDITOR E PUBLISHER  
Luiz Fernando Emediato

DIRETORA EDITORIAL  
Fernanda Emediato

PRODUTORA EDITORIAL E GRÁFICA  
Priscila Hernandez

ASSISTENTE EDITORIAL  
Adriana Carvalho

CAPA  
Marcela Badolatto

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO  
Megaarte Design

PREPARAÇÃO DE TEXTO  
Karla Lima

REVISÃO  
Juliana Amato  
Marcia Benjamim

LIVRO DIGITAL  
Obliq

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Ryan, Amy Kathleen

Chama / Amy Kathleen Ryan ; tradução Sandra Martha Dolinsky. – São Paulo : Geração Editorial, 2014. – (Em busca de um novo mundo)

Título original: Non no nononon noonon no

ISBN 978-85-8130-312-3

1. Ficção juvenil I. Título. II. Série.

0000000 CDD-03940

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 00000

GERAÇÃO EDITORIAL

Rua Gomes Freire, 225 – Lapa

CEP: 05075-010 – São Paulo – SP

Telefax : (+55 11) 3256-4444

E-mail: [geracaoeditorial@geracaoeditorial.com.br](mailto:geracaoeditorial@geracaoeditorial.com.br)

[www.geracaoeditorial.com.br](http://www.geracaoeditorial.com.br)

# SUMÁRIO

1. De volta ao começo

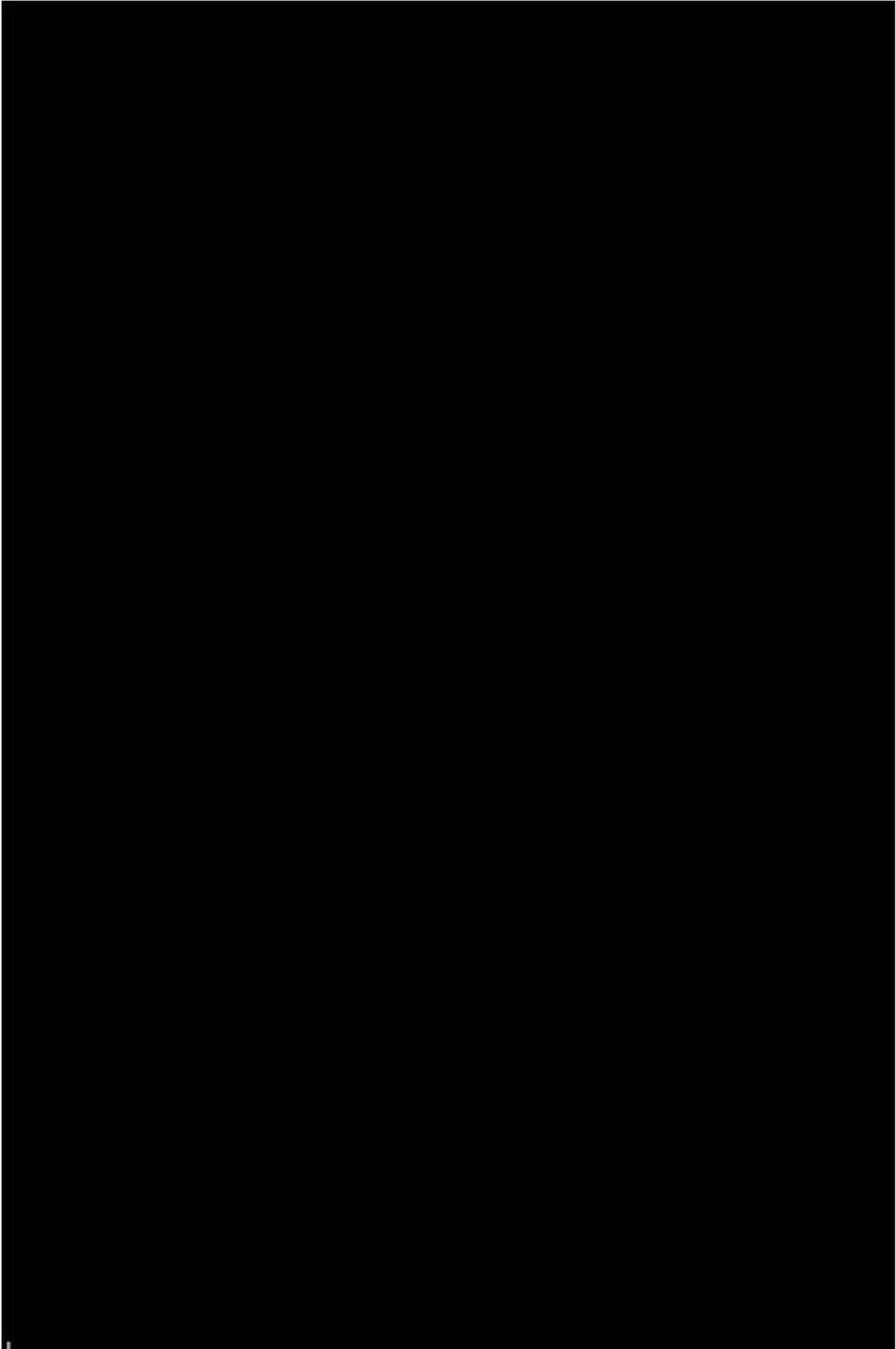
2. Planos

3. Monstros

4. Despedidas

5. Gaia

Para meu irmão, Michael



Nossa ligação mais profunda é que todos habitamos este planeta. Todos nós respiramos o mesmo ar. Todos nós nos preocupamos com o futuro de nossos filhos. E somos todos mortais.

THOMAS JEFFERSON







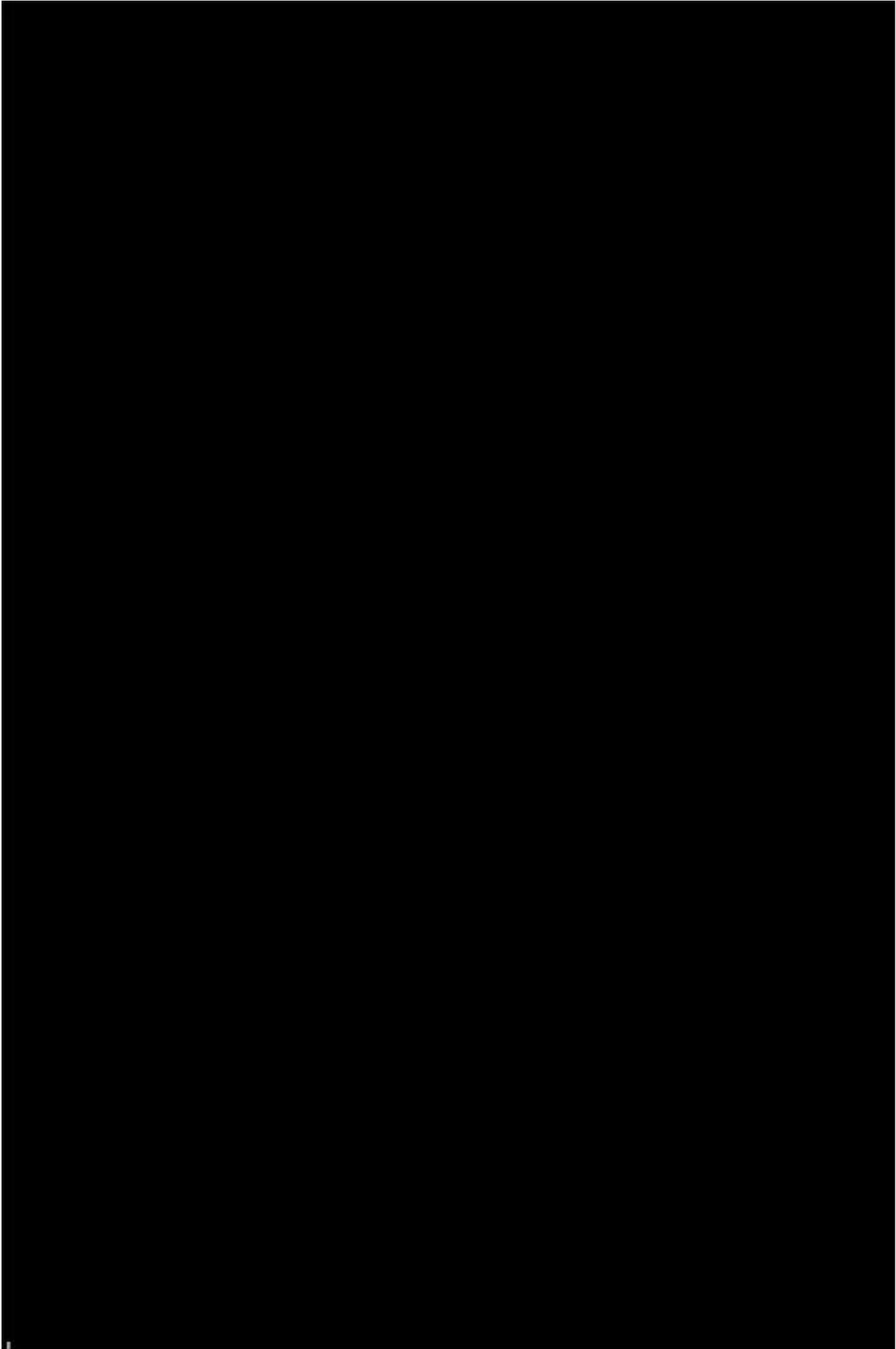
1

---

# DE VOLTA AO COMEÇO

*Se abirmos uma  
discussão entre o  
passado e o presente,  
descobriremos que  
perdemos o futuro.*

Winston Churchill



# DO LADO DE FORA

Quando o capacete de metal do OneMan se fechou na cabeça de Seth, seus ouvidos estalaram. O suor encharcou suas axilas e escorreu pela lateral de seu corpo. Ele só havia feito algumas caminhadas espaciais antes, e não foram fáceis. Durante a última, ele quase se matara.

*Eu não vou morrer*, disse Seth a si mesmo pela vigésima vez, ativando os propulsores e verificado seus níveis de combustível e ar. A preparação para o voo lhe tomou o dobro do tempo que deveria, porque ele teve de fazer tudo com a desajeitada mão esquerda. Sua mão direita estava gravemente esfaqueada; dois de seus dedos ficaram retorcidos em nós horríveis e agonizantes. Ele aumentou o oxigênio na mistura respiratória para compensar a dor terrível.

— Se aquele neandertal pode fazer uma caminhada espacial, eu também posso — disse ele, com os dentes cerrados, olhando para os lugares vazios de dois OneMen, que deviam ter sido pegos por Jake Pauley e sua horrível esposinha.

Fora ela quem detonara as explosões que destruíram a Emypyrean e arrancara seu marido da prisão, e deviam ter ido direto para lá a fim de escapar dos OneMen na nave agonizante. Ela não demonstrara nenhum remorso por deixar Seth preso ali para morrer. Não fosse por Waverly, ele teria morrido.

Em agradecimento, ele enviara Waverly sozinha à New Horizon — uma decisão repentina que ele já questionava. Qual era a alternativa? Curvar-se e rastejar perante as pessoas que haviam matado seu pai e destruído sua nave lar? Com seu temperamento ruim ele seria jogado na prisão, e morreria se precisasse passar mais um minuto da vida preso como um rato. Se conseguisse ir à New Horizon e encontrasse um lugar para se esconder, poderia ajudar Waverly e, talvez, fazer algo para se vingar de Anne Mather.

Ele ativou os propulsores de seu traje espacial e pairou sobre a câmara de ar comprimido. De lá de dentro, voltou-se para dar uma última olhada na Emypyrean. O hangar estava cavernoso, quieto, deserto. Já parecia uma nave fantasma. Quantas pessoas os Pauley haviam matado hoje?

*Não as crianças pequenas. Elas estão bem*, disse a si mesmo, balançando a cabeça para afastar o pânico, ao apertar o botão para fechar a câmara de ar comprimido pela última vez. As portas externas bocejaram, revelando o céu infinito — negro profundo, forrado de estrelas que pareciam correr para longe dele em uma expansão vertiginosa.

Seth levou o OneMan para fora da câmara de ar comprimido e ativou os propulsores. Ele já tinha experiência suficiente para saber o que esperar, e conseguiu manobrar lentamente sua nave para cima e sobre o casco. No início, a pele da Emypyrean parecia imperturbável, mas lá adiante ele pôde ver as

colunas de gases congelantes que escapavam em uma torrente crescente. Na direção da popa, viu desaparecer no escuro atrás da nave a trilha de uma grande nuvem de gás branco, deixando milhares de quilômetros de ar e vapor de água em uma longa linha cortando o nada. Para além dela ficava a nebulosa que a nave havia deixado para trás meses antes, rosa e brilhante, expelindo lampejos de carga elétrica em direção à margem. Seth afastou os olhos de sua beleza ameaçadora.

A *New Horizon* se erguia acima da ferida da *Empyrean* como uma lua deformada. Pedacos de detritos descansavam contra seu casco cinza. Pedacos irregulares de metal, peças de mobiliário, material vegetal e até mesmo um trator, tudo caía por trás da nave a uma velocidade incrível. Ele se voltou para a proa da *Empyrean* para ultrapassar os escombros e ativou os propulsores.

Ao contornar, viu na distância objetos pairando sobre a *Empyrean*, estranhamente estacionários. Seth usou o telescópio acoplado a seu capacete para observar melhor: quatro ônibus espaciais da *New Horizon*. A rampa de carga mais próxima do ônibus espacial estava aberta, e de dentro saíam quatro *OneMen*, flutuando como peixes.

Estavam mandando equipes de resgate, supôs Seth. Ou talvez estivessem procurando algo que queriam no compartimento de carga da *Empyrean*. Seth apagou as luzes externas para ficar invisível e passou pelas frequências de rádio até que ouviu vozes.

— Meu Deus. O dano é... — Dizia um homem. — Por que alguém faria uma coisa dessas?

O rosto demente de Jake Pauley surgiu na mente de Seth — seu sorriso estranho, os ossos protuberantes por trás das sobrancelhas, seus dentes sujos.

— É o que estou dizendo. É inútil — disse outro homem. — Não sei por que ela nos mandou para cá.

*Para recolher nossos ossos*, pensou Seth. Ele estava com tanta raiva que queria socá-los, cortar suas mangueiras de ar e deixá-los girando no espaço.

— Acho que ela está perdendo o controle. Você viu o jeito como o dr. Carver olhava para ela durante a cerimônia?

— Este é um canal aberto, rapazes — alertou uma voz masculina.

Eles ficaram em silêncio por alguns momentos.

— Ainda há algumas crianças desaparecidas — disse uma mulher.

Pelo tom, Seth adivinhou que ela não gostava muito de seus colegas.

— Ficarei feliz em ajudar a procurá-las.

— Em uma explosão como essa? É inacreditável que não tenham morrido todos — disse um terceiro homem.

— Acho que temos de procurá-las — disse o primeiro homem —, são apenas crianças.

— Quanta nobreza — disse a mulher, e os outros homens riram.

Quando já estavam fora de vista, Seth seguiu para a *New Horizon* de novo, desta vez com menos pressa. Ele tinha tempo. A nave não deixaria para trás suas equipes de busca, afinal.

Seth mantinha os olhos no casco da *Empyrean* enquanto se movia. Como estava perto da grande nave não se sentia tão exposto, mas quando o casco da *Empyrean* rolou e a paisagem estelar se abriu à sua frente, ele arquejou.

— Vocês ouviram isso? — Disse a mulher em seu ouvido.

*Estúpido!* Ele era tão *estúpido!* Havia se esquecido de desligar o rádio. Apertou o botão bem na hora em que alguém disse:

— Comentários da outra equipe.

Seu coração galopava e ele tremia dentro do traje. Não podia cometer um erro como esse nunca mais.

Seu problema era a exaustão. Ele havia acabado de concluir uma cansativa viagem pela *Empyrean* agonizante levando Waverly nas costas. Além da mão mutilada, seu cérebro ainda estava ressentido pela privação de oxigênio, e seus pensamentos, confusos. Precisava se concentrar.

Ele forçou mais os propulsores. A *New Horizon* ficava quilômetros adiante; quanto antes ele diminuísse a distância, melhor.

Seth percorreu mentalmente os esquemas da *Empyrean* que passara a infância estudando. Por toda a nave havia pequenas câmaras de ar comprimido para manutenção — uma delas havia matado sua mãe, juntamente com o pai de Waverly, no que fora chamado de “acidente”. A *New Horizon* era praticamente uma réplica da nave lar de Seth, por isso não deveria ser muito difícil encontrar uma câmara de ar comprimido em uma área raramente trafegada.

Ele decidiu tentar os armazéns dirigindo-se aos níveis mais baixos. Ficavam longe dos níveis de habitação, de modo que era improvável que fosse visto. Mas, se precisasse, haveria muitos lugares onde se esconder.

Cobrir a distância entre as duas naves levou quase uma hora, mesmo com os propulsores na capacidade máxima. Ele ouvia somente o som oco de sua respiração dentro do capacete, e, se se esforçasse, conseguia escutar o sangue correndo nas veias dos ouvidos. Seth entrou em uma espécie de transe, distanciando-se da dor de sua mão para poder se concentrar em manter seu curso certo.

Quando a câmara de ar comprimido do compartimento de armazenagem entrou em seu campo de visão, uma luz de alarme do sistema de orientação do *OneMan* avisou Seth que estava indo rápido demais. Ele reverteu os propulsores para frear, fazendo uma careta por causa da desagradável pressão da força inercial. O casco de metal se ergueu a sua frente e ele bateu forte.

Frenético, ele lançou o braço magnético para impedir de voar para longe da nave e se agarrou aos controles, ofegante e tremendo, esperando que seu coração parasse de correr. Seu corpo inteiro chacoalhava, embora ele se sentisse paralisado.

— Última caminhada espacial na vida — prometeu a si mesmo.

Checou seu nível de ar: restavam apenas dez minutos. Ele não devia ter aumentado o oxigênio, no fim das contas. Outro erro estúpido!

Seth olhou em volta procurando as câmaras de vigilância do lado de fora da nave, pois certamente estava à vista de pelo menos uma delas. Encontrou uma a cerca de trinta metros de distância, mas estava apontada ligeiramente para longe dele. Havia uma chance de que houvesse sido visto na aproximação, por isso tinha de se apressar.

Seth ativou o controle externo da câmara de ar comprimido e a porta se abriu. Guiou sua nave para dentro, e assim que a câmara se encheu de ar, tirou o capacete. A porta interna se abriu, ele flutuou para dentro e baixou o OneMan ao chão do compartimento de armazenagem. Seth estava cercado de enormes contêineres empilhados até o teto, fileiras e mais fileiras deles, cheios de equipamentos e suprimentos para colonizar a Nova Terra. A chegada ao planeta estava prevista para dali a tantas décadas que Seth duvidava que fosse viver o suficiente para vê-lo.

Ele já havia soltado a maioria dos fechos de vedação do traje ao longo do peito quando ouviu vozes.

— Ei! — gritou alguém.

Quatro homens armados correram em sua direção. Estavam a cerca de trezentos metros de distância, aproximando-se rapidamente.

Seth puxou o último fecho de seu traje e, ignorando a dor na mão, catapultou-se para fora da parte inferior do OneMan e começou a correr.

Ele ficou sem fôlego quase imediatamente, mas se esgueirou entre os contêineres, grandes como salas, ouvindo passos e vozes, próximos no começo, mas que logo desapareceram. Apesar da exaustão física, ele tinha a vantagem da juventude e da velocidade natural. Seth deslizou pela porta rumo à escada externa a estibordo e subiu correndo vários lances, até chegar ao nível da floresta tropical. Mergulhou no ar úmido aveludado. Estava quente ali, e o cheiro era muito agradável. Seth correu pela trilha até encontrar um trecho de grandes samambaias que cresciam sob uma árvore de teca e mergulhou nelas. Ficou ali deitado, ouvindo, ofegante, enxugando o suor da testa com as costas da mão esquerda. Ninguém apareceu. Ele estava seguro, por enquanto. Mas só por enquanto.

# O RETORNO

Waverly tentou se concentrar na familiaridade do banco do piloto da nave, no conforto do manche em suas mãos, sabendo que essa provavelmente seria a última vez que pilotaria um ônibus espacial. Se mantivesse os olhos nas luzes de controle, poderia fingir que estava voltando para casa em breve. Mas, então, seu olhar se desviou para a tela VID traseira e ela viu a longa trilha de vapor jorrando da *Empyrean*, e a realidade a trouxe de volta. Não. Estava tudo acabado. A nave não poderia estar perdendo ar deste jeito e ainda assim sobreviver. Seu lar estava morto.

Só havia um lugar aonde ir agora: ao Centro de Controle de seu inimigo na *New Horizon*.

Com um simples olhar para Sarah, no banco do copiloto — seu olhar vazio e a palidez sob suas sardas —, Waverly percebeu que a amiga estava entorpecida em uma espécie de choque. *Assim como eu*, pensou. A perda da *Empyrean* fora tão devastadora que ela não pôde absorver tudo de uma vez. Não havia mais pomares, não existiam mais celeiros nem corredores cheios de rostos familiares. Não havia mais lar.

Ela ficou enfurecida ao ver a *New Horizon* tão imaculada, sem nenhuma marca, à espreita ali à frente. Sob sua pele de metal esperavam Anne Mather e todos os seus cegos seguidores. *Se eu tiver de viver aí*, pensou Waverly, *vou enlouquecer*. As portas da câmara de ar comprimido da *New Horizon* pareciam pequenas à distância, mas cresciam inexoravelmente, e então, de repente, eram grandes o suficiente para comportar sua nave, e se abriram para seu ônibus espacial.

— Você está indo muito rápido — disse Sarah.

Sim, Waverly estava indo rápido demais. Ela sabia.

— Acha que eu deveria ir mais devagar? — Perguntou Waverly, ouvindo a própria voz abafada.

*Se eu bater*, ela pensou, *posso descomprimir o hangar assim como eles fizeram com a Empyrean*, *quando tudo isso começou*.

— Você está pensando em... — O queixo de Sarah se projetou de raiva, mas não de Waverly.

Waverly não respondeu.

O sistema de comunicação ganhou vida e uma tensa voz feminina disse:

— Ônibus espacial *Empyrean*, diminua a velocidade de aproximação.

Mas Waverly não diminuiu. Quantas crianças estavam a bordo de seu ônibus espacial? Cinco? Dez? Provavelmente todas gostariam de fazer um buraco na *New Horizon*, mesmo que isso significasse morrer.

— O hangar está cheio de crianças pequenas — avisou a voz da mulher.

O manche da nave esperava entre os joelhos de Waverly. Para desacelerar, tudo que ela precisava fazer era puxá-lo para trás. Ela esperou, mas não o tocou.

— Waverly — disse Sarah.

Waverly olhou para a amiga e viu lágrimas escorrendo por seu rosto.

— Eu faria isso se fôssemos só nós, você sabe que eu faria, mas...

— Eu sei — sussurrou Waverly, e puxou o manche para trás.

Quando o ônibus desacelerou para pousar, as duas garotas foram pressionadas para a frente contra seus cintos de segurança.

Quando as portas internas da câmara de ar comprimido se abriram para elas, Waverly levou o ônibus espacial para a plataforma da New Horizon. O trem de pouso se conectou ao piso de metal e um estalo ecoou pelo hangar. Um dia, Waverly estaria em um planeta com nada acima além do céu, sem paredes e tetos de metal prendendo-a junto com essas pessoas que ela odiava. *Faltam 42 anos para chegarmos lá*, pensou. *Eu nunca vou conseguir*. Através do escudo contra explosão, Waverly viu Anne Mather atravessar o enorme hangar tendo duas fileiras de escolta atrás de si. Ela franziu o cenho para Waverly quando se aproximaram e cruzou os braços esperando que o ônibus espacial se esvaziasse.

— Não há crianças aqui — disse Sarah, fatalista. — Eles mentiram.

— Eu não posso fazer isso — disse Waverly.

Ela se sentia grudada de suor e exausta. Havia passado as duas últimas horas arrastando-se pela Empyrean enquanto a nave morria, suportando a privação de oxigênio para resgatar Seth, até que desfaleceu. Ele salvara sua vida subindo com ela lances intermináveis de escada rumo à segurança, mas não chegara ao ônibus com ela! Ele a abandonara para enfrentar Anne Mather sozinho.

— Vamos ter que sair em algum momento — murmurou Sarah sentada no banco do copiloto.

— Eles vão pegar nossos óvulos de novo? — Sussurrou Waverly.

— Não — disse Sarah, com o lábio superior rígido.

As garotas deram um pulo em seus assentos quando ouviram a rampa de saída do ônibus se estender no piso da New Horizon. Waverly olhou por uma vigia lateral e viu seus passageiros saindo do ônibus, caminhando com passos estúpidos em direção a Mather e suas sentinelas — a última criança evacuada da Empyrean parecia atordoada e traumatizada.

— Vamos? — Perguntou Sarah a Waverly. — Em vez de fazê-la vir nos buscar?

— Sim.

Waverly não gostou de seu tom de voz fraco. Olhou para o escudo contra explosão e encontrou Mather observando-a.

— Vá na frente — disse Waverly, arrasada, afastando os olhos de Mather para olhar para as próprias mãos frias.

Sarah se levantou com uma expressão de pétrea coragem e deixou a cabine.

Waverly não conseguia fazer com que suas pernas se movessem. Observou Sarah e o namorado, Randy, andarem bravamente para fora do ônibus por todo o piso de metal cinza, com as mãos acima da cabeça. Dois dos homens de Mather os apalparam à procura de armas, e, a seguir, levaram-nos para longe.

Waverly pegou o manche do piloto com as duas mãos e se imaginou fugindo para o vazio do espaço, onde escolheria uma direção, ligaria os motores e simplesmente avançaria. Estaria sozinha e segura, e ninguém poderia ir atrás dela. Levaria algum tempo para morrer, mas, se fosse muito, ela poderia simplesmente estourar a câmara de ar comprimido e tudo estaria acabado.

Se ela queria fazer isso, deveria ter pensado antes. Mas ela não queria fazer isso, não de verdade. Não se houvesse uma chance de sua mãe ainda estar viva.

*Levante-se, disse a si mesma. Vá para lá, encontre mamãe.*

Mas ela não se levantou. Não conseguia. Sentiu um ácido subir pela garganta e o engoliu. Sua saliva tinha um gosto corrosivo.

Pelo canto do olho, percebeu um movimento, e olhou para fora. Anne Mather se afastara do grupo de guardas. Um deles começou a segui-la, mas ela ergueu a mão no rosto dele e ele deu um passo atrás, voltando à formação. Ele era vagamente familiar para Waverly, de seu tempo na New Horizon, sempre em segundo plano, atrás de Anne Mather ou ao lado. Era alto, de nariz torto e bulboso, ralos cabelos grisalhos. Tinha o tipo de mandíbula dura que parecia ter sido tirada de uma pedra. Quando ele olhou para Waverly, ela desviou o olhar.

Ela ouviu passos raspando o chão atrás de si, mas não se voltou. Waverly sabia quem era.

— Ninguém vai lhe fazer mal, Waverly.

Deus, como Waverly odiava aquele tom aveludado! Mather não era humana. Era uma coisa fabricada, projetada para manipulação. Waverly podia sentir o cheiro dela, um cheiro doce e enjoativo de coco que se agarrava à pele da mulher feito graxa. Waverly pressionou as mãos sobre o estômago.

— Waverly, eu quero recomeçar com você.

— Leve-me para a cadeia — disse Waverly, distante. — Quero ficar com minha mãe.

— Tenho uma ideia melhor — disse Mather.

Waverly ouvia o ruído da roupa da mulher enquanto ela se movia em direção ao banco do copiloto e se sentava, apoiando o cotovelo no encosto.

— Naturalmente, não posso deixá-la solta pela nave — disse Mather, cautelosamente —, mas eu poderia deixar você e sua mãe em um dos apartamentos vazios. O que você acha?

— Para onde você levou Sarah e Randy?

— Seus amigos estão a salvo. Eles serão bem tratados.

— O que você fez com Amanda? — Perguntou Waverly.

Amanda, a mulher com quem Waverly vivera em sua primeira vez na New Horizon, havia pegado em armas contra Mather e seus guardas para ajudar Waverly a fugir da nave. Waverly tinha medo de que

Mather a houvesse jogado na prisão, ou feito coisa pior.

— Você a machucou?

— Por quê? — Disse Mather, com um sorriso falso. — Você a tomou como refém. Ela não tinha escolha, a não ser ajudá-la a fugir. Não é verdade?

Waverly estudou a expressão controlada de Mather e viu a verdade. Amanda havia contado uma mentira para proteger a si e a seu bebê ainda não nascido, e Anne Mather havia escolhido acreditar na mentira de sua amiga — ou, pelo menos, fingir que acreditava. Mather era capaz de ser leal, supunha Waverly, e até mesmo de amar, mas isso só tornava seus crimes ainda mais monstruosos.

— Waverly — Mather teve a audácia de se inclinar e colocar a mão no joelho de Waverly, que olhou para ela fervendo de raiva, e Mather tirou a mão antes que a garota lhe arrancasse os ossos. — O que nós fizemos com você foi errado. Absolutamente errado. Eu sabia na época e reconheço agora. Gostaria de poder lhe explicar meu raciocínio.

Mather balançou a cabeça, ordenando seus pensamentos.

— Cada mulher a bordo desta nave estava na pré-menopausa. Nós tivemos de colher seus óvulos e fecundá-los o mais rápido possível. Se eu houvesse tentado conquistá-la primeiro...

— Pare de falar comigo! — Gritou Waverly a plenos pulmões.

Imediatamente, ouviu botas pesadas subindo a rampa do ônibus e entrando na cabine. Dois homens se espremeram através da porta apontando armas para Waverly. Ela os ignorou.

— Você deu um jeito. A Empyrean foi destruída e somos todos seus.

Dizer essas palavras finalmente a fez desmoronar. Soluços a rasgaram e ela desabou na cadeira. Mather pegou suas mãos, mas Waverly se afastou. Pensou que, se aquela mulher a tocasse de novo, enlouqueceria.

— Waverly — implorou Mather. — Eu sei o que parece, mas nunca dei ordem a ninguém para explodir a Empyrean. Eu nunca colocaria a missão em perigo desse jeito! Nem as crianças! Jacob e sua esposa agiram sozinhos.

— Pare de falar comigo — disse Waverly novamente, e se dobrou.

Tudo lhe atingia ao mesmo tempo. Sua casa desaparecera. Quantas crianças teriam morrido? Onde estava Serafina, a menina surda de quem ela costumava tomar conta? Ela não teria ouvido as explosões. Nunca poderia saber que havia qualquer perigo!

— Onde estão as crianças? Quantas... — ela engasgou com as palavras e forçou-as a sair. — Quantas morreram?

— Muito poucas — disse Mather. — Quase todas estavam no *bunker* central, esperando notícias de seus pais.

Waverly podia imaginá-las amontoadas em grupos sobre os beliches, de mãos-dadas, esperando que Sarek chegasse do Comando Central para lhes dizer que seus pais haviam sido encontrados na New

Horizon e que suas famílias estavam completas de novo. *Quando vamos aprender a parar de ter esperança?*

— Vamos lá — disse Mather. — Vamos acomodar você.

Mather tentou novamente pegar a mão dela, mas Waverly a ignorou e se levantou. Os guardas retrocederam pelo corredor do ônibus, mantendo suas armas apontadas para ela enquanto descia a escada em espiral rumo ao compartimento de carga, e a seguir descia a rampa, onde o resto dos guardas estava à espera.

Guiaram-na pelos corredores da New Horizon como em um desfile, com Mather e Waverly à frente, seguidas por um pequeno exército de homens. Não encontraram ninguém. Waverly imaginou que eles haviam esvaziado esta parte da nave para atender aos desabrigados da Empyrean. Enquanto caminhavam, o grande guarda massageava o cabo de madeira de sua arma, apertando os dentes como se estivesse mastigando algo que o deixava irritado. Ao contrário dos outros guardas, que vestiam túnicas simples, esse tinha no ombro uma insígnia de ouro em forma de pomba. Waverly não tinha ideia do que isso significava, mas sabia que ele deveria ter alguma autoridade.

— Aqui — disse Mather a Waverly, indicando a porta de um apartamento no meio do corredor. — Manteremos guardas do lado de fora o tempo todo.

— Então, estou sob prisão domiciliar?

— Até que saibamos com o que estamos lidando — disse Mather, com um aceno de cabeça.

— Onde está minha mãe? — Perguntou Waverly.

— Aí dentro — disse Mather, e dirigiu-se ao teclado para destravar a porta.

A porta se abriu e lá estava Regina Marshall, em pé, na sala de estar, emaciada e cinzenta, mas inteira e viva, e ela abriu os braços para Waverly, que correu em sua direção.

— Mamãe! — Soluçou Waverly, e não conseguiu dizer mais nada.

— Eu estou aqui, querida — disse Regina Marshall, passando os dedos pelo cabelo de Waverly.

— Seu cabelo está tão comprido!

Waverly tentou sorrir, mas seu rosto se dissolveu em lágrimas.

— Oh, pronto, Waverly, está tudo bem!

Waverly se inclinou em direção à mãe, deixando que ela a abraçasse. Era bom ser criança de novo, tão incrivelmente maravilhoso ter sua mãe cuidando dela. Ela não havia percebido o quanto sentira falta disso.

— Que bela visão — exclamou Anne Mather atrás de Waverly.

Waverly se voltou, furiosa.

— Muito obrigada, pastora Mather — disse a mãe de Waverly com um sorriso sereno. — Estamos muito agradecidas.

— Agradecidas? — Balbuciou Waverly. — Mamãe...

— Você duas devem ter muito o que conversar, tenho certeza — disse Mather, sorrindo para Regina Marshall. — Vou deixá-las a sós. Você têm uma geladeira abastecida.

— Isso é maravilhoso — disse Regina. — Obrigada.

Anne Mather saiu do quarto, desviando seu olhar inocente.

Quando por fim ficaram sozinhas, Waverly estudou sua mãe. Regina encontrou o olhar de sua filha com hesitação, como se estivesse ansiosa por agradá-la, mas não soubesse como.

— Você sabe quem ela é, não é, mãe?

— É a pastora Mather — disse Regina, com um orgulho estranho. — Quem poderia pensar que uma mulher seria capitã de uma nave como a *Empyrean*?

— Nós estamos na *New Horizon*, mãe. Ela liderou o ataque à *Empyrean* — disse Waverly, sentindo-se fraca.

— Aquilo foi uma missão de resgate — disse Regina, balançando a cabeça como se estivesse esclarecendo algum detalhe menor.

— Não, mãe, foi um ataque.

— Oh, Waverly — disse Regina.

— Aquela mulher atacou a *Empyrean* e sequestrou a mim e ao resto das meninas! A maioria da tripulação morreu no ataque!

Os olhos de sua mãe acompanhavam os lábios de Waverly, como se estivesse aprendendo a decorar uma lição.

— Ela manteve você e o resto dos pais nesta nave por meses, como reféns.

Regina a interrompeu com uma risada condescendente.

— Ah, vocês estão vendo tudo isso de uma forma muito negativa, querida.

— Mamãe! — Waverly olhou para sua mãe, horrorizada.

Regina foi em direção à cozinha, sorrindo como se curtisse algum devaneio agradável.

— A pastora lhe disse que me drogou e colheu meus óvulos para fazer bebês para sua tripulação? E das outras meninas também?

Waverly pressionou a mão sobre o abdome, sentindo as cicatrizes cirúrgicas sob o polegar como se fossem fios.

— Mãe?

Regina não parecia ouvi-la.

O apartamento tinha o mesmo *layout* da casa que Waverly e sua mãe haviam compartilhado na *Empyrean*, e a cozinha era idêntica, até o esquema de cores azul e amarelo, mas não havia cestas na bancada, nem arranhões na mesa de quando Waverly era criança, nem tapetes feitos à mão, nem arranhões

no chão.

Regina abriu a geladeira e olhou para dentro.

— Ah! Temos frango! E ervas frescas. Vou fazer um assado para o jantar, que tal?

— A Empyrean foi destruída, mamãe — disse Waverly. — Nossa vida inteira virou fumaça.

— Bobagem — disse Regina com um sorriso condescendente, e se voltou para a geladeira, fuçando na gaveta de ervas. — Aquilo eram apenas coisas, Waverly.

Regina cantarolava uma música antiga que Waverly recordava de sua infância. Tinha um ar distante nos olhos enquanto levava a comida para o balcão. Regina apoiou cuidadosamente o frango e em seguida arrumou cebolas e batatas em um círculo em volta dele, como se desenhasse uma natureza-morta. Parecia não saber o que fazer com a salsa fresca que segurava, e pensou por um momento antes de colocá-la paralelamente à borda da bancada, inclinando a cabeça enquanto nivelava os caules com a ponta do dedo.

— O que fizeram com você? — Sussurrou Waverly. — Você está agindo tão...

— Como você gostaria que eu agisse? — Perguntou Regina, confusa. — Acho que vou fazer um belo tempero de pimenta.

Apertando os olhos e olhando para sua mãe, Waverly se aproximou e a observou. Será que estava drogada?

— Você não tem nada para me perguntar, mãe? — Waverly indagou.

— Como está Kieran? — Perguntou Regina enquanto moía alho, sálvia e alecrim com um pilão de pedra.

Os aromas familiares inundaram o ambiente com lembranças de casa. Waverly foi cambaleante em direção à mesa encostada na parede e desabou em uma cadeira.

— Eu não sei. Mather está com ele — disse Waverly, só então percebendo o perigo que Kieran poderia estar correndo.

Ela desejou poder mandar uma mensagem para ele.

— Ele sempre foi um menino tão maravilhoso — disse Regina. — Tenho certeza de que ele está bem.

— Sim — respondeu Waverly, sentindo-se arrasada. — Está tudo ótimo.

# O DANO

— O que você fez com a minha tripulação? — Perguntou Kieran, quando Anne Mather voltou a seu escritório.

Ele ainda estava amarrado à *chaise-longue*, vigiado por um homem armado que o observava com um olhar de pedra.

— Onde está Waverly?

— Eu vou lhe mostrar.

Anne Mather virou um monitor para ele.

Sua visão ainda estava turva devido aos *flashes* das explosões da *Empyrean* que o haviam cegado pela vigia, mas ele conseguia ver as imagens borradas de Waverly e sua mãe. Regina estava no fogão, mexendo a panela, e Waverly sentada, apoiada na mesa.

— Quero que você entenda que sou fiel à minha palavra — disse Mather. — Eu disse que nada de mal lhe aconteceria, e falei sério.

— Então, você está deixando que as crianças fiquem com seus pais?

Anne Mather voltou-se para a mãe de Kieran, Lena, que estava meticulosamente instalada em uma cadeira em frente à sua mesa, e um brando sorriso se abriu em seu rosto.

— Com aqueles em quem podemos confiar, como Regina Marshall e a sua mãe.

— Como se atreve a falar de confiança? — Rosnou Kieran.

Mather pestanejou mecanicamente.

— Kieran, eu não pedi a Jacob Pauley e sua esposa que plantassem bombas na *Empyrean*. Eu nunca faria isso.

— Você tentou destruir a *Empyrean* antes! — Rugiu Kieran. — Você causou um colapso nuclear no primeiro ataque. Quase matou todos a bordo da nave!

— Kieran — disse sua mãe, com desaprovação. — Nós somos convidados, aqui.

Kieran não podia nem se erguer para olhar para ela.

— A falha do reator da *Empyrean* foi um acidente — disse Mather.

— Você está mentindo — retrucou Kieran, friamente.

Ele contorceu as mãos em suas amarras, tentando levar mais sangue a seus dedos dormentes.

— Você parece desconfortável — Mather falou, e acenou para o guarda em pé junto à porta. — Desamarre-o.

— Ele tentou sufocá-la — disse o homem, mas ajoelhou-se para desamarrear os pulsos de Kieran.

— Minhas pernas também — disse Kieran, massageando as mãos. — Eu quero ver a Emyrean.

Mather acenou para o guarda, que desamarrou a corda em torno dos tornozelos de Kieran.

Kieran cambaleou até a vigia e olhou para fora, horrorizado. A Emyrean era uma ruína. Uma fenda do tamanho de metade do comprimento de seu casco estava aberta para o céu negro, saindo do hangar, passando para o nível de habitação, as escolas, os jardins familiares, os celeiros de milho e trigo, a incubadora de peixes, chegando aos níveis mais baixos e à prisão, onde Seth havia sido preso.

*Então ele está morto*, pensou Kieran, surpreso ao sentir tanta dor pelo fim de seu velho inimigo. Ele havia crescido com Seth, afinal.

— Você já tem a contagem dos sobreviventes? — Perguntou ele, com uma voz irreconhecível aos próprios ouvidos.

— Tenho uma lista de pessoas desaparecidas, se quiser ver.

Ela empurrou a lista para ele.

— É impressionante que mais vidas não tenham sido perdidas.

Kieran pegou o papel e leu: *Arthur Dietrich, Tobin Ames, Sarek Hassan, Austen Hand, Philip Grieg...* Seus amigos queridos.

— Eles podem estar presos — Kieran tentou respirar, engasgado com as próprias palavras. — Você precisa encontrá-los!

— Eu tenho várias equipes de busca vasculhando a nave, Kieran. Se alguém estiver lá, será encontrado.

Ela sorriu, tranquilizadora, mas ele percebeu uma hesitação em sua voz.

— Que foi?

Ela fez uma expressão de desânimo.

— Já procuraram em todas as áreas onde pessoas poderiam ter sobrevivido. Eles simplesmente não estão lá.

— Têm de estar. Sarek estava no Comando Central e Arthur estava no ônibus espacial de Waverly, voltando da tentativa de resgatar nossos pais! Ele nem estava na Emyrean quando as bombas explodiram! Ele tinha ido direto para o Comando Central para ajudar Sarek com a evacuação. Tobin e Philip estavam na enfermaria... Não estavam sequer perto das bombas!

— Das bombas que conseguimos ver daqui — corrigiu Mather. — A enfermaria ficou sem energia logo após as explosões. Eles teriam ficado totalmente desligados da comunicação e do sistema de suporte à vida. Minha equipe está verificando, mas, a esta altura, a sobrevivência deles parece duvidosa. E os dois garotos no Comando Central, Arthur e Sarek, não é? Eles poderiam ter tentado resgatar alguém? Talvez estivessem tentando chegar à enfermaria para ajudar e foram pegos em um compartimento despressurizado.

Kieran fechou a boca. Se havia alguém capaz de se matar fazendo algo heroico, eram aqueles dois. E

Tobin e Austen teriam ficado com os doentes na enfermaria, incapazes de pedir ajuda. Eles provavelmente tinham esperado tempo demais tentando manter suas mães, o pequeno Philip e o resto deles vivos.

Ele se voltou para a vigia novamente e viu sua nave sangrando. *Eu fiz isso*, pensou amargamente. *Eu era o capitão interino, devia protegê-los*. Mas ele falhara, e agora seus amigos estavam mortos, junto com o único mundo que ele jamais conhecera. Ele não podia acreditar, apesar de a Empyrean estar morrendo bem à sua frente.

— Acho que você precisa descansar, não é? — Disse Anne Mather.

Ela era a imagem da preocupação. À mãe de Kieran, disse:

— Encontrei um belo apartamento externo para vocês. Normalmente, esses cobiçados apartamentos são ocupados por altos funcionários...

— Ei! — Interrompeu Kieran, revoltado. — Eu quero ver a minha tripulação agora.

— É tarde, Kieran — disse Mather. — Os mais jovens já estão se preparando para dormir.

— Amanhã, então — disse Kieran, cravando os calcanhares no chão, pronto para lutar.

Mas, para sua surpresa, Mather assentiu.

— Entrarei em contato com as famílias que os acolheram e organizarei algo em breve. Agora, deixe-me mostrar seus aposentos — ela completou, com um gesto largo em direção à porta.

Kieran olhou-a com cautela. *Ela quer algo de mim*, percebeu. Mather conduziu a mãe de Kieran pelo corredor, mantendo uma conversa agradável. Ele não tinha escolha a não ser segui-las.

# AS PRIMEIRAS COISAS

*A primeira coisa é não ser pego*, disse Seth a si mesmo ao pressionar o corpo no solo macio da floresta tropical, embalando a mão mutilada no peito. Pressionou a parte de trás da cabeça no chão abaixo. Estava esponjoso de musgo, úmido de orvalho, e acolheu amorosamente seus membros doloridos. O ar era pesado e aconchegante como um cobertor. Ele fechou os olhos, e quando tentou abri-los novamente sentiu-os presos, com sono. *Talvez eu deva descansar*, disse a si mesmo. *Este lugar é tão seguro quanto qualquer outro.*

Estava caindo no sono quando ouviu um alarme, fazendo que as samambaias acima de seu rosto tremessem. Foi uma única explosão alta, como um toque de clarim, tão diferente dos repetitivos estouros na Emyrean. A voz metálica falou pelo alto-falante:

— Atenção. Informem o Comando Central imediatamente se virem um jovem desacompanhado.

Seth ouviu a rápida inspiração de alguém ali perto.

— Coitado! — Disse uma mulher à direita de Seth.

Seth se atreveu a voltar a cabeça e espiar através da vegetação rasteira. Ele não podia ver o rosto de quem falava, mas viu as mãos marrons de uma pequena mulher a cerca de cinco metros de distância. Ela levava no braço uma cesta cheia de carambolas e mamões. Ele não conseguia enxergar o homem.

— Estão procurando por ele como um criminoso comum.

— Ele pode ser um criminoso, Maya — disse o homem. — Ele deve estar aprontando alguma, se não veio com o resto dos sobreviventes.

— Ele é só um garoto, Anthony!

— Eu sei — disse o homem num tom mais suave.

— Pobre menino — disse a mulher tristemente. — Ele deve estar com muito medo.

*Estou com medo?*, Seth se questionou. Subitamente, se deu conta de seu coração palpitante, sua boca seca e seus membros trêmulos.

A conversa entre o homem e a mulher diminuiu. Seth sabia que estava bem escondido, mas ele se sentia tenso pela proximidade deles. Ele ouviu a porta por onde entrou se abrir e o som de botas pesadas, pelo menos quatro ou cinco pessoas movendo-se rapidamente.

— Viram alguém estranho hoje? — Perguntou um homem de voz forte.

— Não — respondeu o homem chamado Anthony. — Ninguém passou por aqui.

— É mesmo? Porque nós temos o vídeo de um fugitivo vindo para a floresta tropical.

Seth chutou a si mesmo. É claro que eles tinham um vídeo dele entrando ali! Como poderia ter se

esquecido disso?

*Estando cansado, e como, pensou, sombriamente. Não consigo pensar direito.*

— Bem, Thomas, nós não o vimos — disse Maya.

— Vocês têm certeza?

— O que isso quer dizer? — Perguntou ela.

Seth olhou através do arbusto e a viu cruzar os braços.

— Eu não vi você nas cerimônias nos últimos domingos — disse o homem. — E isso não conta a favor de sua atitude.

— Não há mais nenhuma razão para assistir aos serviços religiosos — disse ela. — Não quando a pastora é uma hipócrita.

— Maya! — Berrou Anthony.

— Que foi? — Disse ela. — Esta é uma sociedade livre, não é?

— A pastora merece o seu respeito — disse o homem que ela havia chamado de Thomas.

Seth ouviu um passo e o homem passou a bloquear sua visão da mulher. Ele usava um macacão preto com um cinto de utilidades, e tinha uma insígnia no ombro que parecia uma pomba.

— Eu sugiro que você guarde seus pensamentos para si mesma.

— Isso é uma ameaça? — Perguntou Maya.

Thomas deu mais um passo ameaçador em direção a Maya e, por fim, Anthony falou:

— Todo mundo está nervoso, com a explosão na Empyrean, não é, Thomas? Estamos todos nervosos.

— Você precisa controlá-la melhor — respondeu Thomas, por entre os dentes cerrados.

Maya deu um grito indignado, mas Anthony falou acima dela.

— Se virmos alguma coisa, avisaremos, *ok?*

— Eu vou saber se estiverem guardando segredos — disse Thomas.

— Isso que vocês estão fazendo não vai funcionar — Maya bateu seu pequeno pé no chão. — Você não pode controlar as pessoas pelo medo por muito tempo.

— Acho que você não ouviu direito — disse Thomas.

Um segundo guarda, mais baixo e atarracado, interveio:

— Estamos perdendo o foco aqui, Tom.

Depois de uma pausa, Thomas ordenou:

— Feche as saídas e chame mais homens.

Seth já estava preso!

Mas talvez ainda não, se partisse antes que fechassem as saídas.

Sua mão latejava, mas ele cerrou os dentes para combater a dor. Ouviu as vozes desaparecendo, enquanto os homens se espalhavam em direção às várias saídas. Ele tentou fazer um mapa mental do compartimento da floresta tropical da Empyrean, que devia ser idêntico ao desta nave. Havia seis portas

no total. Não havia guardas suficientes para cobrir todas. Se partisse agora, ainda poderia sair. Era inevitável que o casal o visse, mas isso era melhor do que ser pego pelos guardas. Apoiando-se na mão boa, Seth se levantou rapidamente e disparou através da folhagem, correndo tão rápido quanto seu corpo cansado lhe permitia.

— Você viu isso? — Ele ouviu Maya perguntar, quando passou correndo pela mata densa tentando chegar à escada da porta lateral.

Pulou a raiz de uma figueira, mas acertou outra com o dedo do pé e caiu no chão com uma força terrível. Seth rolou sobre a mão ferida e gritou.

Passos se aproximaram. Seth sentiu uma mão em suas costas, e quando olhou para cima, viu o homem chamado Anthony agachado sobre ele.

— O que está fazendo aqui? — Sussurrou Anthony. — Eles estão procurando você.

Seth estava com muita dor para falar. O homem olhou para a mão de Seth e se inclinou sobre ele para sussurrar:

— Você precisa ir para a enfermaria.

— Não, por favor! — Seth conseguiu dizer, entre os tremores do choque.

Passos mais leves se ouviram na clareira e a mulher, Maya, colocou uma mão fria na testa de Seth. Ela era bonita, com pele cor de caramelo e adoráveis lábios carnudos de uma africana. Ela viu a mão de Seth e fez uma careta. Foi quando ele notou o osso de seu dedo mínimo saindo por um pequeno corte em sua pele. Sangue púrpura bombeava para fora da ferida ao ritmo de seus selvagens batimentos cardíacos. Ele quase desmaiou.

— Maya — Alguém chamou, rudemente.

Quem quer que fosse, parecia muito perto.

Maya se levantou rapidamente e correu em direção à voz.

— Sim!

— O que foi esse barulho?

Era o homem que ela havia chamado de Thomas. Seth sabia por seu tom imperioso.

— Anthony tropeçou — disse Maya.

Anthony ergueu as mãos dizendo a Seth que ficasse quieto. Rapidamente, pegou uma tesoura de jardim na cesta de frutas e a usou para fazer um buraco no joelho de sua calça. Antes que Seth pudesse reagir, Anthony cravou a ponta da tesoura na própria pele e pressionou o corte com as pontas dos dedos, forçando-o a sangrar. Em segundos, esfregou o sangue no tecido da calça, passou um pouco de terra em cima e se levantou. Mancou de braços erguidos até onde Maya e Thomas estavam conversando.

— Eu caí em cima da tesoura de jardim — disse ele, balançando a cabeça. — Que estúpido.

— Vocês dois conhecem as penalidades por mentir à Justiça da Paz.

Seth estava perfeitamente imóvel entre duas raízes de árvores de grande porte, absorvendo em silêncio

a agonia de sua mão destroçada, respirando o mais silenciosamente possível.

— Claro — disse Anthony, sem fôlego. — Thomas, você me conhece. Eu não vou criar problemas.

Thomas ouviu-o em conciso silêncio, até que Maya por fim o rompeu.

— Meu Deus, Thomas! A suspeita nesta nave vai nos separar! Anthony é um bom homem e não merece isso!

Thomas ainda não disse nada.

— Vamos, Anthony — disse Maya, exasperada. — Vamos levar você à enfermaria.

— Está bem — concordou Anthony, com voz trêmula.

Seth ouviu os dois indo em direção à saída da porta lateral. O grande homem não deu um pio. *Ele está tentando me ouvir*, pensou Seth, e tentou prender a respiração.

O *walkie-talkie* de Thomas guinchou e uma voz masculina disse:

— Thomas, temos pistas aqui que você precisa ver.

— Estou indo — disse Thomas, mas não se mexeu.

Momentos se passaram. Seth ouviu passos cautelosos atravessando a mata em sua direção e se preparou. Mas, de repente, dois tiros ecoaram pelo lugar.

— O que está acontecendo? — Gritou Thomas.

— Don viu alguma coisa — respondeu um terceiro guarda.

Thomas saiu correndo em direção ao som dos tiros, deixando Seth tremendo de alívio, encravado entre duas raízes serpenteantes de figueira.

Ele ficou imóvel, sem saber por quanto tempo, tentando pensar o que fazer. Obviamente perdera a via de fuga, e agora ser descoberto era inevitável. Ele já havia decepcionado Waverly, mas agora se perguntava que diabos achava que seria capaz de fazer por ela. Resgatá-la da bruxa má como um cavaleiro de armadura brilhante? *Idiota. Idiota. Idiota.*

Ele não ouviu os passos até que estavam quase em cima dele. Olhou para cima e viu calças pretas e duas mãos brancas segurando uma arma cruzada sobre um peito robusto. O guarda se agachou sobre Seth com o cano da arma apontada para o teto. Era o guarda corpulento que ele havia visto antes, um homem de cinquenta e poucos anos, cabelos grisalhos nas têmporas, manchas salpicadas por toda mandíbula e olhos castanhos claros que, de alguma maneira, pareciam gentis.

— Você consegue andar? — Sussurrou o guarda.

Seth olhou para ele.

— Temos dois minutos antes que meu comandante descubra que abandonei meu posto. Vo-cê-con-segue-ca-mi-nhar?

Seth assentiu.

— Levante-se. Mantenha a cabeça baixa. E fique quieto.

# O MÉDICO

Depois de alguns dias sozinha com sua mãe, Waverly queria fugir do modo nervoso como as mãos de Regina tremiam enquanto ela trabalhava em seu pequeno tear, ou do jeito como ela sorria para Waverly, torcendo os lábios quando faziam contato visual. Já bem tarde na primeira noite, Waverly havia questionado sua mãe sobre as circunstâncias de sua prisão, mas ela dera apenas meias respostas que nunca ajudaram a entender por que ela parecia tão vazia. Waverly a evitava, passando mais tempo em seu quarto, escondida debaixo dos cobertores, tentando não pensar em Seth, no jeito como ele a beijara tão profundamente, tão docemente, e como a deixara sozinha. Onde ele estava? Como podia tê-la abandonado ali depois de ela ter arriscado a vida para salvá-lo?

Não importava que aquele lugar parecesse relativamente seguro; ela não podia se sentir segura. Haviam feito alguma coisa com sua mãe, algo horrível. Waverly sabia.

Quando alguém por fim tocou a campainha, Waverly pulou da cama. Não sabia o que esperava: Seth? Mas, ao correr para a sala, percebeu que não queria mais se esconder. Tinha de fazer alguma coisa para ajudar sua mãe.

— Entrega! — Disse sua mãe, animada.

Uma mulher rechonchuda entrou empurrando um carrinho cheio de mais frango, cestas de nabos, batatas, cenouras, couve, folhas verdes, tudo recém-colhido, e dois pães de trigo fresco.

— Ei! — Waverly falou para a pequena mulher. — Quero saber o que fizeram com a minha mãe.

O guarda postado do lado de fora do apartamento deu-lhe um sorriso irônico, e ela olhou para ele pela porta aberta. Ele estava balançando a cabeça careca, sorrindo. Ela o ignorou, sabendo que era melhor do que tentar parecer atraente para um dos homens de Mather.

— Por favor — Waverly segurou a mão rechonchuda da mulher. — Você poderia pedir a um médico que viesse examiná-la?

A mulher puxou a mão.

— Duvido.

— Waverly — balbuciou Regina —, eu me sinto bem.

— Você precisa de um médico — insistiu Waverly.

E para a pequena mulher carrancuda, disse:

— Você não pode levar um recado à enfermaria?

— Nada de recados — disse a mulher por cima do ombro, quando entrou na cozinha.

Ela tirou da parte central do carrinho uma torta de maçã dourada e a colocou em cima do balcão.

— Que maravilha! — Exclamou Regina, e foi até a cozinha para ajudar a retirar a comida.

Waverly as observou arrumando as coisas e se sentiu impotente e perdida.

Uma voz vinda da porta a fez dar um pulo.

— Waverly Marshall?

Ela se voltou e viu um homem extraordinariamente bonito encostado no batente da porta. Ele tinha cabelos cor de café, pele cor de oliva e olhos intrigantes. No começo, suas íris pareciam pretas, até que ele sustentou o olhar, e então ela viu que eram de um azul-marinho profundo. Ele sorriu, mostrando duas fileiras de dentes brilhantes, apesar de um de seus incisivos ser ligeiramente lascado, uma imperfeição que só o deixava mais masculino. Ele vestia uma camisa azul simples, que combinava com os olhos, calça cinza e botas de couro. Tudo nele era harmonioso, cuidadoso e agradável de olhar.

Ela tentou parecer mais alta.

— Quem é você?

— Eu sou Jared Carver. Gostaria de dar uma volta? Uma pessoa quer conhecê-la.

— Quem?

— Um amigo — disse ele.

— Alguém da Empyrean? — Ela perguntou, esperançosa.

— Não, mas posso lhe dar notícias deles, se quiser.

Waverly olhou para a mãe, que estava absorta guardando a comida.

— Sua mãe vai ficar bem segura aqui — disse o homem, com um sorriso doce.

Waverly o estudou. Seu jeito amigável não parecia completamente verdadeiro. *Se Mather quisesse me matar, poderia fazê-lo a qualquer momento*, pensou Waverly. *E eu poderia muito bem ver se consigo descobrir alguma coisa lá fora.*

Falou para a mãe:

— Mamãe, vou sair!

— Tudo bem — respondeu Regina, sem um pinga de preocupação na voz.

A velha Regina Marshall nunca teria deixado Waverly longe de seus olhos em um lugar como esse.

Waverly passou pelo guarda de Mather, agora alerta, o sorriso zombeteiro desaparecido de seu rosto carnudo. O homem bonito — qual era o nome mesmo? Jared Carver? — conduziu Waverly por corredores vazios e silenciosos. Ela olhou ao redor tentando ouvir sinais de vida, mas não havia ninguém por perto. Na Empyrean, as pessoas estavam sempre reclamando do barulho. Lembrou-se da constante música clássica que seus vizinhos, os Moreau, costumavam tocar, retumbando Brahms ou Mahler, e todo o corredor se alvoroçava. Eles não tinham filhos, e com uma pontada de dor ela percebeu que deviam estar mortos, sem ninguém para chorar por eles. Ela baixou a cabeça, tomada de tristeza, mas rapidamente se endireitou quando notou que o homem estava olhando para ela.

— Você está bem? — Perguntou ele, gentilmente.

— É tudo tão silencioso — disse ela. — Como se ninguém vivesse aqui.

— A pastora Mather está mantendo você e sua mãe isoladas, por enquanto — disse o homem. — Vocês estão restritas a áreas desabitadas da nave.

— O que ela fez com as pessoas que viviam aqui?

— Esta ala sempre esteve vazia. Devido à nossa infertilidade, temos uma população muito menor do que os projetistas previram.

Ela assentiu com a cabeça, olhando para seus sapatos e seus passos arrastados e lentos. Claro. Até a Empyrean tinha muitos apartamentos vazios.

— Onde estão as outras crianças? — Ela quis saber.

— Elas estão seguras, eu garanto — ele respondeu.

Viraram uma esquina, passando por uma sala de manutenção cuja porta estava aberta. Uma nuvem de amônia pairava junto à porta, e Waverly esfregou o nariz ardendo.

— A pastora quer um futuro de paz para todos — dizia Jared. — Agora, ela está se concentrando em curar feridas. Pelo menos — acrescentou ele com um sorriso afetado —, essa é a história.

— Quando vou poder ver meus amigos? — Perguntou ela, optando por ignorar o estranho deslize dele.

— Não agora. Depois do que aconteceu da última vez, tenho certeza de que a pastora vai ser cautelosa. Especialmente com um fugitivo a bordo.

— Fugitivo? — Repetiu Waverly, sentindo o coração pular.

*Seth! Ele conseguiu!*

O homem hesitou.

— Um jovem veio a bordo em um OneMan. Faz ideia de quem seja?

Ela deu de ombros:

— Não.

O homem deu uma meia-volta, mas não disse nada. Apertou o botão para chamar o elevador.

Em silêncio, subiram ao nível administrativo da nave, e quando as portas se abriram Waverly estava cercada de pessoas. Homens e mulheres em uniformes de oficiais de convés, guardas, engenheiros, horticultores, todos os diversos tipos de trabalhadores necessários para manter a New Horizon em funcionamento. A maioria deles passava direto por Waverly e Jared, sem nem olhar, mas alguns olhavam para ela com surpresa, e uma mulher a encarou. Jared entrou no que deveria ser o gabinete do Conselho Central. A porta ficou aberta e ela pôde ver o domo de vidro do gabinete, igual ao da Empyrean, e a mesma mesa oval, as mesmas cadeiras almofadadas em torno. Até alguns dias atrás, ela havia sido membro do Conselho Central na Empyrean, indo diretamente em direção ao desastre sem saber. Jared caminhou até duas portas depois do gabinete, bateu em uma delas e esperou até que uma voz estridente dissesse:

— Entre.

Jared abriu a porta de uma sala cavernosa, comprida e estreita, mergulhada em sombras. No final dela, em um turvo círculo de luz, estava uma pessoa pequena, decrépita, com os dedos entrelaçados em cima de um mata-borrão de couro que descansava sobre uma ornamentada mesa de carvalho. Waverly não podia ter certeza se era um homem ou uma mulher — a idade avançada havia lhe arrancado todos os sinais de gênero. O encosto da cadeira de couro pairava sobre a pequena pessoa como duas asas escuras, e quando ela... Ele... Aquilo... Sorriu, as rugas se reorganizaram para dar lugar a uma boca arreganhada e dentes estranhamente brancos e quadrados, dando a impressão de uma criatura de outro mundo.

— Dr. Wesley Carver — disse Jared, fazendo uma reverência —, eu lhe apresento Waverly Marshall.

Então, era um homem. Waverly identificou o que havia de tão estranho nele: ele era muito, muito mais velho do que qualquer pessoa que ela já conheceria. A pessoa mais velha da Empyrean era capitão Jones, e ele tinha sessenta e cinco anos no momento do ataque. Quando a missão foi lançada, ninguém com mais de vinte e cinco obteve autorização para estar a bordo das naves. Pelo menos isso era o que todo mundo dizia. Para o bem da missão, a tripulação havia sido escolhida por sua excelente saúde, inteligência, habilidades e capacidade para a longevidade. No entanto, esta pessoa, este homem, poderia ter tanto oitenta quanto cem anos. Waverly não tinha experiência para avaliar.

Timidamente, Waverly entrou na sala. As paredes eram revestidas por centenas de livros encadernados com couro. Ela observou alguns títulos: *O príncipe*, de Maquiavel, *A arte da guerra*, de Sun Tzu, *Histórias*, de Heródoto, *Assim falou Zaratustra*, de Nietzsche.

— Você lê? — Perguntou o médico, com um sorriso.

Waverly parou diante da mesa, vigilante.

— Romances — disse ela, sem fôlego.

Ele passou a mão sobre os esparsos cabelos brancos e indicou a cadeira de couro estofada à esquerda de Waverly.

— Sente-se.

Waverly se abaixou para sentar. Olhou para trás, esperando ver Jared ali, em pé, mas ele havia silenciosamente abandonado a sala.

— Você devia experimentar Filosofia — disse o velho. — Nada excita mais a mente do que um pouco de lógica.

Waverly não respondeu. Sentia-se muito fora de seu ambiente. Não havia nada que essa pessoa decrépita pudesse fazer para machucá-la fisicamente, mas sentia medo.

— Você não é de conversa fiada — disse o homem, acenando com a cabeça em aprovação e apertando um botão na extremidade da mesa. — Deixe-me lhe oferecer algo para beber.

A porta se abriu atrás dela e Jared entrou carregando um serviço de chá de prata. Arabescos cobriam as xícaras em formas sinuosas de videiras. O bule parecia ser feito de porcelana antiga, e tinha pintada uma

cena de antigas ninfas de água à beira de uma piscina, e centauros esculpindo suas flechas.

— Período regencial, creio eu — informou o médico, olhando para ela. — Muito raro.

O guarda, se era isso que Jared era, serviu-lhe uma xícara de chá. Ela aceitou em silêncio e viu quando ele mergulhou um biscoito no chá do velho e o entregou a ele, antes de voltar e sair porta afora.

— Você tem apreço por coisas antigas da Terra, a julgar pelo que pudemos aprender com sua mãe — disse o velho. — Você gosta de romances históricos, não é mesmo?

Waverly se contorceu ao ver que essa pessoa sabia coisas sobre ela.

— Acho que sim.

— Não diga “acho”. Isso faz você parecer insossa. “Sim” ou “não” é melhor.

Waverly tomou um lento gole de chá e em seguida pousou a xícara e o pires em cima da mesa.

— Eu a chamei aqui, Waverly, porque você vem demonstrado coragem. Eu aprecio a coragem. É algo tão raro... A maioria das pessoas é uma tola pilha de nervos — ele estalou os lábios com desagrado. — Você é uma garota inteligente. Mas eu me pergunto se percebeu que a luz de Anne Mather está desaparecendo.

Isso chamou sua atenção. Waverly olhou para o homem e tentou interpretá-lo, mas seu sorriso, com um olho maior que o outro e os lábios brilhando de saliva, era inescrutável.

— Poucas pessoas sabem exercer o poder instintivamente — ele continuou, juntando as pontas dos dedos. — Eu vi essa qualidade em Anne, e, devo admitir, ela foi capaz de mantê-la por muito mais tempo do que eu previra. Mas, você — ele acomodou os cotovelos na cadeira, elevando os ombros —, você, Waverly, tem futuro.

Waverly sentiu a boca ficar seca; pegou a xícara de chá para molhar a língua.

— Eu vi como você tomou o controle da sala durante os serviços antes da fuga. Aquele discurso que você fez virou o jogo contra Anne em cerca de quatro minutos, você tem consciência disso? — Ele riu alegremente. — Ela teve de se defender desde então. Você dificultou as coisas, mas foi um golpe de mestre.

— Tudo o que fiz foi dizer à tripulação dela como ela atacou a *Empyrean*, e contar que ela estava mentindo para eles a respeito disso.

— Eu me pergunto se você satisfaria meu desejo, minha jovem.

— O que eu tenho que o senhor poderia querer? — Perguntou Waverly, envolvendo o corpo com o cardigã.

Ele se recostou na cadeira, estudando-a.

— Eu quero o que todo mundo quer: paz.

— Eu acho que todo mundo quer poder — retrucou Waverly.

Ele jogou a cabeça para trás. De início, Waverly achou que ele estava sufocando, mas seus olhos brilhavam, e ela percebeu que estava rindo — um som seco saía dele.

— Muito bem! Muito bem! — Disse ele, batendo palmas.

— O que o senhor quer de mim? — Repetiu ela, tentando não demonstrar sua apreensão.

Os olhos dele brilhavam como contas dentro do barro rachado. Lentamente, ele empurrou sua cadeira para longe da mesa, pegou uma bengala e começou a caminhar em direção a ela. Waverly se afastou dele.

— Santa Anne foi desacreditada. Certamente, você deve compreender a posição em que a colocou, isso para não falar do resto da tripulação. E dos anciãos da igreja.

— Que posição?

— Estamos vulneráveis agora. Sujeitos ao caos. À imprevisibilidade.

— E daí?

— A previsibilidade é o que garante a continuidade do comportamento civilizado. A imprevisibilidade é inimiga do progresso, da produtividade, da riqueza.

Waverly não sabia aonde ele queria chegar, mas alguma coisa no velho era estranhamente fascinante. Ele parecia totalmente à vontade naquela sala escura, cercado pelo que devia ser uma biblioteca de valor inestimável. Atrás dele estava pendurado um quadro de paisagem sombria — do século XIX, ela achava —, mostrando colinas sob um céu nublado.

— Eu acho que você pode ser a chave que nós estamos procurando para fazer o futuro mais... Sustentável — disse dr. Carver.

— “Nós” quem?

— Os anciãos da igreja. Também conhecidos como Conselho Central na Emyrean.

— O senhor é um deles?

— Sou — ele balançou a cabeça com humildade.

— E o que o senhor quer comigo?

— Ainda não ficou claro? — Perguntou o homem, divertido. — Nós queremos que você nos ajude a destruir Anne Mather.

A sala de repente parecia muito silenciosa, muito calma.

— O quê? — Sussurrou ela.

Ele riu ao ver a expressão de espanto no rosto de Waverly.

— Como uma das poucas fontes genéticas para nossa primeira geração de bebês, Waverly, para não falar de seu desempenho no dia da fuga, você tem certa autoridade moral. Eu quero usar essa autoridade e lhe conceder um fórum para contar sua história, expor as mentiras de Anne Mather.

Ela olhou para ele.

— Ela me mataria.

— Ela poderia tentar — admitiu ele.

— Por que eu correria esse risco? — Waverly questionou.

— Diga seu preço — disse ele, calmamente.

Waverly esfregou a têmpora com os dedos frios. A ideia de se colocar em mais perigo a deixava exausta. Ela queria desaparecer, tornar-se parte da paisagem, viver uma vida pequena, ajudar a mãe a ficar bem..

— Jared o chamou de dr. Carver. Que tipo de médico o senhor é?

— Sou neurologista, entre outras coisas.

— O senhor pode me dizer o que fizeram com minha mãe?

Ele inclinou a cabeça, interrogativo.

— Ela parece drogada, que passou por uma lavagem cerebral ou algo assim.

— Sua fala está prejudicada?

— Não.

— Ela sente tonturas? Tem dificuldade para andar? Seu rosto parece estranho? Caído?

— Não.

— Não parece um AVC, mas não posso descartar isso sem um exame.

— O senhor pode ir vê-la? — Perguntou Waverly, ansiosamente.

— Eu estou aposentado — disse ele. — Você devia levá-la à equipe médica comum daqui.

— Eu não posso confiar neles — respondeu Waverly.

Waverly se lembrou do médico que ela havia tomado como refém durante sua fracassada tentativa de resgatar os pais; o mesmo que havia drogado todas as meninas e retirado seus óvulos. Ela não queria vê-lo novamente.

— Tudo bem — concordou o velho, piscando lentamente e dando uma espécie de sorriso. — Eu ficaria feliz de examinar sua mãe.

Waverly se levantou da cadeira e ele ergueu as sobrancelhas.

— Você quer dizer agora?

— Por favor — disse Waverly, ciente de que estava implorando; mas não se importava.

O homem apertou um pequeno botão vermelho em cima da mesa e logo a porta se abriu. Jared apareceu empurrando uma cadeira de rodas. Com movimentos bem treinados, ele ajudou o velho a se sentar e, a seguir, colocou uma manta de crochê sobre seus joelhos. O médico apontou um dedo ossudo na direção do canto escuro e disse, secamente:

— Minha maleta.

Sem dizer nada, Jared pegou do chão a maleta preta do médico e a pendurou na cadeira do velho.

— Vá na frente, Waverly — disse Jared, e ela saiu pela porta com eles logo atrás.

Quando chegaram ao solitário apartamento de Waverly no corredor abandonado, Regina estava enrodilhada no sofá, sem sapatos, bebendo uma xícara de chá.

— Waverly — disse ela —, você trouxe companhia!

— Olá, sra. Marshall — disse o médico, jovialmente, da porta.

Jared empurrou a cadeira para dentro da sala, acenou educadamente com a cabeça a Waverly e saiu para ficar no corredor ao lado do guarda, que mal tomou conhecimento de sua presença.

— Eu sou médico e vim dar uma olhada em você.

Regina olhou para Waverly, confusa.

— Eu me sinto bem.

— É só rotina — ele acrescentou, levando sua cadeira de rodas mais perto até ficar em frente a ela, os joelhos quase se tocando.

— Siga meu dedo com os olhos, querida.

Regina obedientemente abandonou a xícara para dar-lhe toda sua atenção.

O médico fez Regina repetir várias frases depois dele, testou todos os seus reflexos e a fez lembrar longas listas de objetos. Testou a aritmética simples e lhe perguntou tudo sobre sua história. Waverly se sentou na poltrona, observando. Sua mãe parecia passar em cada teste com louvor, mas isso só deixava Waverly frustrada. Se o médico não descobrisse o que havia de errado, como poderia curá-la?

Quando por fim o médico se voltou para olhar para Waverly com espanto, ela se apressou a explicar.

— São suas emoções. Ela não se incomoda com nada.

— Como o quê? — Inquiriu o médico, visivelmente confuso.

Waverly se adiantou e pegou as mãos da mãe.

— Mamãe. Lembra que eu disse que a Empyrean foi destruída?

— Oh — disse Regina, fazendo uma expressão preocupada. — Ah, sim. Isso é terrível.

— Você não está chateada? — Perguntou Waverly.

— Claro, querida — disse Regina, não mais abalada do que se estivessem falando sobre um vestido rasgado. — É terrível.

Waverly olhou para o médico, que franziu a testa, perplexo.

— Regina — disse o velho, com autoridade —, fiquei muito triste ao saber que muitos amigos seus foram mortos.

— Ah, eu sei! — Regina respondeu, balançando a cabeça e pegando sua xícara de chá novamente. — Tem sido muito difícil.

Ela tomou um gole, sorrindo ansiosamente para sua filha, na esperança de agradar.

O velho fez mais uma dúzia de perguntas, uma mais provocante que a outra, sondando alguma resposta emocional. Por fim, ele gritou:

— Que tipo de mãe é você? Não se importa que a casa de sua filha tenha sido destruída? Você não deve amá-la. Alguém devia levá-la para longe de você.

— Oh, não! — Reagiu Regina, ficando enfim agitada. — Por favor, não leve Waverly embora de novo! — Ela começou a chorar e escondeu o rosto entre as mãos. — Por favor, eu me importo! Eu sei que me importo! É só que eu me sinto tão estranha!

Waverly se sentou ao lado de sua mãe no sofá, pôs um braço protetor sobre os ombros dela e olhou para o médico.

— Desculpe — disse ele —, mas, pelo menos, agora sabemos que ela ainda está em algum lugar lá dentro.

— O que há de errado com ela? — Gritou Waverly. — O que eles fizeram com ela?

O velho apoiou os dedos curvados sobre o castão de sua bengala.

— Eu não sei — disse ele, confuso. — Vou ter de pesquisar.

— O senhor faria isso? — Quis saber Waverly. — Talvez pudesse curá-la se descobrisse o que há de errado com ela!

— Tenho certeza de que há algum tipo de tratamento — ele assentiu.

Waverly deitou a cabeça no ombro trêmulo de sua mãe.

— Está tudo bem, mãe.

— Eu não tive a intenção de irritá-lo — sussurrou Regina.

— Você não o irritou — disse Waverly. — Ninguém está bravo com você.

— Jared — disse o doutor em direção à porta, sem se dar o trabalho de erguer a voz.

Imediatamente Jared voltou e tomou seu lugar atrás da cadeira de rodas. Enquanto era levado para fora, o velho levantou a sobrancelha:

— Lembre-se do que conversamos — disse, com firmeza. — Conto com sua ajuda.

Jared o posicionou de costas para a porta, de modo que o velho mantinha os olhos fixos em Waverly.

— Assim como você conta comigo — ele acrescentou.

Waverly olhou para sua confusa mãe, cujos olhos vagavam, e com um medo de gelar os ossos, entendeu exatamente que tipo de troca o médico queria.

# O REENCONTRO

Kieran entrou no *bunker* central com as mãos nos bolsos da calça, tentando controlar a ansiedade. Mather o havia chamado na noite anterior para informar que, após quatro dias de reclusão, ela finalmente reuniria todas as crianças sobreviventes da *Empyrean* para um café da manhã. A sala era brilhante, com arranjos florais e jarros de vidro com sucos de frutas. As crianças já estavam acomodadas nas fileiras de cadeiras de metal, dispostas em frente a uma pequena plataforma onde havia uma pequena bancada e um microfone. Será que Mather esperava que ele fizesse um discurso para as crianças da *Empyrean*? Será que as crianças esperavam isso? Seria possível, depois de ele ter falhado tão completamente com elas?

— Kieran! — Gritou uma voz esganiçada.

Um grupo de meninas correu até Kieran e se agarrou a suas mãos e roupas, olhando para ele com esperança.

— Minha mãe não está aqui! — Chorou Harmony Goia, pendurada na barra de sua camisa. — Onde ela está?

— Nem a minha — chorou Stephanie Horan, puxando ansiosamente um de seus cachos vermelhos. — Eles não me deixam procurá-la.

Ele olhava de um rostinho ao outro, confuso. Semanas antes, Anne Mather havia enviado uma lista completa de todos os pais mantidos em cativeiro na nave, o que significava que todos os que não estivessem na lista deveriam estar mortos. Como capitão interino, Kieran deveria ter informado as crianças, mas o que ele poderia ter feito com todo esse sofrimento? Agora ali estavam elas e suas completamente frustradas esperanças de encontrar os pais nessa nave. Ele podia ver os estragos da preocupação nos pequenos corpos. Stephanie havia puxado uma mecha de seu cabelo de forma tão implacável que havia provocado uma falha no couro cabeludo. A pequena Monica Reese estava chupando o polegar vermelho, inflamado. Teresa Pratt roera as cutículas até sangrar. Estavam todas pálidas, inquietas e muito magras.

O que Kieran poderia lhes dizer?

— Eu...

— Felicity! — Gritou Stephanie, correndo em direção à porta e esquecendo Kieran.

Ele ergueu os olhos e viu Felicity Wiggam indo em sua direção com um sorriso radiante no rosto. Kieran tentou pensar em algo para lhe dizer, mas ela já estava ajoelhada para beijar as crianças.

— Eu senti tanto a sua falta! — Disse ela a cada uma.

Elas a bombardearam com perguntas, e ela levantou as mãos em sinal de rendição.

— Uma de cada vez!

Quando ela por fim acalmou as meninas, foi até Kieran, pegou suas mãos e lhe deu um beijo no rosto.

Ela cheirava a sabonete de baunilha.

— Kieran, como você está?

— Eu...

Sua boca estava seca.

— Eu ouvi sobre a Emyrean — ela piscou, derramando lágrimas de seus grandes olhos azuis. — Não posso acreditar.

— Nem eu — disse ele em voz baixa.

— Felicity — Stephanie puxou seu vestido azul claro —, você viu minha mamãe?

Felicity se voltou para a menina e seu sorriso se apagou.

— Não, minha doce menina, não vi.

— Onde ela está? — A menina puxava violentamente seu cacho vermelho.

— Não vejo nenhum adulto aqui — respondeu Felicity, olhando ao redor da sala.

Em seguida, voltou-se para Kieran.

— Você viu meus pais?

Kieran abriu a boca para falar, mas não conseguiu. Nem foi preciso. Felicity viu tudo em sua expressão de dor. Ela congelou, e a cor abandonou seu rosto.

— Sinto muito — disse Kieran, por fim.

— Eu sabia — disse Felicity, engolindo diversas vezes, como se tivesse vontade de vomitar.

Ela puxou Kieran para longe das crianças pequenas, que a observavam com medo, e sussurrou:

— Há rumores de que a maioria dos adultos da Emyrean foi morta.

— Eles foram sugados para fora das câmaras de ar comprimido quando Mather atacou pela primeira vez — sussurrou ele, aliviado por ter alguém com quem se abrir. — Centenas deles, mas não sabíamos quais até obter a lista de cativos de Mather.

— Mas eles não sabem ainda — disse Felicity olhando para os pequenos rostos enquanto as crianças vagavam entre a mesa de sucos e as fileiras de cadeiras, desorientadas e sem rumo.

Mais crianças da Emyrean apareceram nos minutos seguintes. Houve muitos encontros lacrimosos entre amigos, as meninas entrelaçavam as mãos, os meninos davam tapinhas nas costas uns dos outros e as crianças mais velhas envolviam as menores em abraços amorosos. Quando Melissa Dickinson entrou na sala o clamor foi geral, e ela abriu os braços para uma onda de crianças. Quase tão pequena quanto as crianças de quem tomava conta, Melissa havia cuidado das mais novas na Emyrean, e todas a adoravam. Ela beijou cada uma no rosto, e, a seguir, conduziu-as a seus assentos. Os pequenos ainda pareciam preocupados, mas a voz suave e doce de Melissa os havia acalmado.

Waverly foi uma das últimas a chegar, e com ela a mãe de Kieran, de mãos-dadas com Regina Marshall. Elas haviam sido agradáveis uma com a outra na Empyrean, mas não próximas. Agora, as duas mulheres caminhavam juntas, falando baixinho, como melhores amigas. Waverly encontrou Kieran na multidão e ergueu a mão. Ele serpenteou entre as crianças para chegar até ela.

— Waverly!

Ele resistiu ao impulso de abraçá-la.

— Estão todos perguntando pelos pais — disse Waverly.

Seu rosto parecia cansado pela falta de sono e sua voz estava rouca e fraca.

— O que vamos dizer a eles? — Sussurrou ele.

Ela balançou a cabeça, parecendo uma menininha perdida.

— Diga a verdade — disse alguém, e Kieran se voltou e viu Felicity a seu lado.

Waverly correu para sua velha amiga e as duas garotas se abraçaram, escondendo o rosto no cabelo uma da outra.

— Por que você ficou aqui? — Perguntou Waverly. — Por que você não foi conosco quando fugimos?

— Você sabe por quê. Eu não queria voltar — sussurrou Felicity.

Kieran ficou imaginando do que ela estava falando, mas não era hora de perguntar.

— Oh, é Sarah!

Sarah Wheeler e Randy Ortega haviam acabado de entrar, acompanhados por dois guardas armados. Sarah viu Felicity e serpenteou entre a multidão para lhe dar um breve abraço.

— Todos nós sentimos a sua falta — disse ela, mas suas palavras foram cortadas.

— Kieran! — Gritou Jamie Peters, um menino loiro que havia corajosamente cuidado de seu irmão mais novo. — Onde estão os adultos? — Seu rosto se contorceu com intensa ansiedade, e ele puxou o cabelo com os dedos. — Onde está minha MÃE?

Todas as crianças se voltaram para olhar para Kieran. Estavam agoniados. Ele não podia fazê-los esperar mais. Caminhou até o púlpito com passos de chumbo. A sala silenciou quando ele tomou seu lugar e ligou o microfone.

— Olá, pessoal.

— Onde está minha mamãe! — Gritou uma menina que Kieran sabia que havia ficado órfã.

Várias outras crianças irromperam em lágrimas.

Kieran observou a plateia de rostos esperançosos desejando desesperadamente poder lhes dar o que queriam.

— Todas as mães amam vocês — conseguiu dizer —, assim como meu pai ainda me ama.

— Onde ela está? — Gritou um menino cuja mãe havia sido sugada para o espaço junto com o pai de Kieran.

— Ela está com meu pai — Kieran sufocou. — Ela está olhando lá de cima para você, agora.

O menino olhou ansiosamente para o teto.

— Não — Kieran começou, mas só conseguiu esconder o rosto nas mãos.

Ele tinha de ser forte para fazer isso, mas não conseguia levantar a cabeça para olhar para eles. Kieran sentiu uma mão suave em seu ombro e alguém o levou da bancada para se sentar na primeira fila. Quando ergueu os olhos, viu o braço de Felicity sobre si.

— Ouça — sussurrou ela.

— MAMÃE! — Gritou um menino.

Houve uma grande confusão e, de repente, uma cacofonia de choros e gritos enquanto as crianças corriam para a porta.

Entrando na sala estavam os cerca de quarenta tripulantes adultos sobreviventes da Emyrean. As crianças correram em direção a eles de braços estendidos, chorando conforme eram acolhidas em abraços apertados. Mães pegavam suas menininhas no colo e as giravam. Pais se ajoelhavam e abraçavam duas, três crianças de uma vez. Atrás deles estavam Anne Mather e vários guardas armados. A expressão lacrimosa de Mather era de tal alegria que Kieran teve de desviar os olhos. Ele não queria acreditar que ela era capaz de nada além de frieza calculista.

Ele sabia que tinha de reunir as crianças cujos pais não haviam aparecido, mas alguma coisa estava acontecendo. Regina Marshall havia se ajoelhado e, com a mão no braço de Jamie Peters, sussurrava em seu ouvido. Ele se desmanchou sobre ela, chorando lágrimas impotentes, e ela o envolveu nos braços. Essa cena se repetiu várias vezes por toda a sala conforme os órfãos recebiam a notícia da morte de seus pais, um por um, dada por um adulto amoroso.

Kieran olhou para Felicity, que estava chorando com seus olhos azuis injetados e as faces cor-de-rosa. Ele abriu os braços para ela e a abraçou enquanto ela chorava. Por cima do ombro, viu Waverly abraçando Serafina Mbewe, beijando suas bochechas marrons e rechonchudas. As pernas de Serafina estavam ao redor da cintura de Waverly, com os tornozelos cruzados, como se não quisesse nunca mais soltá-la. Waverly ergueu os olhos e empalideceu quando viu Kieran com os braços em volta de Felicity. Sentia-se envergonhada, mas não o suficiente para deixar de lado.

— Assassinos — murmurou alguém.

Foi Sarah Wheeler, com a mandíbula rígida de fúria. Seu pai e sua mãe, assim como os pais de Randy, não haviam sobrevivido. Randy chorava abertamente e sem constrangimento, e Sarah esfregava o volumoso ombro com uma ternura que Kieran nunca teria imaginado possível para ela. Mas quando um dos guardas armados de Mather caminhou para eles, Sarah fechou os olhos e gritou:

— Assassinos!

Felicity se afastou do abraço de Kieran para observar. O guarda, um homem alto de queixo duro e saliente, voltou-se para Sarah. O olhar que lhe lançou foi de arrepiar, e várias pessoas se afastaram um passo. Mas Sarah olhou para o homem com ódio nu e cru.

— Quantos pais vocês mataram?

O homem cerrou o punho e olhou para ela, desafiando-a a continuar.

— Quantos filhos vocês deixaram órfãos? — Gritou Sarah.

Mais pessoas se voltaram para apreciar a cena. Randy estendeu a mão para o ombro de Sarah, mas ela o afastou.

— Vocês são assassinos! — Gritou Sarah. Ela tremia da cabeça aos pés e as lágrimas escorriam por seu rosto. — Devíamos matar todos vocês!

Os olhos de Randy se arregalaram, mas ele ficou ao lado de Sarah, sussurrando em seu ouvido. Ela se afastou dele.

— Não me importo com o que ele fizer comigo! Deixe que me mate na frente de todos! Deixe-o mostrar o que é um assassino!

— Eu estou avisando...

O grande guarda ergueu o punho, esticando um dedo e apontando-o para o rosto de Sarah.

— Eu cuido disso, Tom — disse um guarda baixinho e atarracado pondo-se entre o grandão e Sarah.

Antes que o homem chamado Tom pudesse reagir, o guarda menor pegou Sarah pela cintura, como se ela não pesasse mais que uma boneca, e a levou à força para fora da sala. Ela chutou e arranhou suas mãos, mas ele não parava de sussurrar em seu ouvido, tentando acalmá-la. O guarda maior parecia irritado com a intromissão do outro, e fechou a mão no ombro de Randy para empurrá-lo para a frente e para fora.

— Mate-me! Vá em frente e me mate! Eu não me importo! — Gritava Sarah, no corredor. — Eu não posso viver aqui! Não posso! Não posso!

Kieran não podia mais vê-la, mas conseguia ouvir seus soluços. Ele nunca gostara de Sarah Wheeler, mas sentia sua dor.

— Kieran — disse alguém.

Ele se voltou e viu Harvard Stapleton a seu lado. Era o homem corajoso que havia corrido pela Emyrean com Kieran no dia do ataque inicial, quando tudo isso começara. Harvard parecia dez anos mais velho; tinha o cabelo acinzentado, a pele manchada e flácida e as costas curvadas.

— Você viu Samantha? — Ele indagou, com voz hesitante. — Eles disseram que todas as crianças estariam aqui, mas...

Ele olhou ao redor da sala com seus olhos cinza-esverdeados arregalados e perplexos.

— Harvard... — Disse Kieran.

Felicity estendeu a mão.

— Sr. Stapleton. O senhor foi sempre tão bom comigo.

— Você viu Samantha? — Perguntou ele de novo, parecendo um homem perdido no nevoeiro. — Não consigo encontrá-la.

Kieran abriu a boca para falar, mas Felicity balançou a cabeça.

— Sr. Stapleton, ela foi uma heroína. O senhor ficaria tão orgulhoso dela.

— Onde ela está? — Implorou ele.

— Ela deu a vida para que as meninas pudessem escapar.

Felicity fez uma pausa, endireitou a coluna e olhou-o bem nos olhos.

— Os guardas nos pegaram quando estávamos tentando escapar, e um deles atirou nela.

— Por favor, não me diga isso — o homem implorava.

— Sinto muito — sussurrou Felicity.

— Ela não pode ter morrido — lamentou ele, apertando os punhos contra os olhos e caindo no chão.

Kieran observava, sentindo-se inútil, enquanto Felicity se ajoelhava diante de Harvard com os braços nos ombros dele, sussurrando em seu ouvido que tudo ia ficar bem.

Mas não ia.

Kieran se lembrou de como era antes: um jovem seguro de que estava em uma missão divina, que Deus tinha tudo resolvido e determinado, que ele estava do lado do Bem e do Correto, e que não poderia falhar. Ele achava que a horrível lista de perdas inimagináveis devia ter algum propósito, mas agora sabia: não significava nada. Todos esses sermões que ele havia dado eram mentiras, mentiras que ele havia contado a si mesmo, porque não podia curar as famílias destruídas, as crianças órfãs, o futuro de todos alterado para sempre. Não havia nenhum significado. Era tudo sem sentido, miséria desnecessária e desperdício.

A escuridão fria se infiltrou. Ele não conseguia respirar. Seus joelhos dobraram e ele ajoelhou, apoiando-se em uma das mãos, observando os nós brancos de seus dedos enquanto a palma da mão pressionava o chão de metal gelado. O horror dos últimos meses se infiltrou em seu corpo. Ele não conseguia suportar.

Ele era um mentiroso.

Kieran sentiu sua garganta inchar e engoliu seco tentando pegar ar. Seu punho pressionava seu abdome.

Sentiu uma mão quente na nuca.

Uma mão quente puxando-o do chão.

Mãe.

# MAYA

Seth acordou em uma cama. Não em um catre duro na prisão, não em um leito úmido de samambaias: uma cama de verdade. A última vez que ele dormira em uma cama fora naquela noite, no apartamento de Waverly, quando ele estava fugindo de Kieran Alden, que o havia acusado de crimes que ele não cometera. Naquela noite, Seth sentia dor no corpo todo. Agora, a agonia se localizava principalmente na mão mutilada, que estava sobre seu peito envolta em uma grossa bandagem.

— Você acordou — disse alguém à sua esquerda.

Ele se voltou e viu a sombria silhueta de uma mulher miúda parada na porta iluminada.

— Você se importa que eu acenda as luzes?

As luzes piscaram, e quando Seth se sentou, deu-se conta de uma dor aguda na cabeça, que até então ele não havia percebido que estava lá. Ele mal se lembrava de chegar àquele lugar. O guarda que o resgatara no setor dos trópicos colocara-o em um carrinho de mercadorias e o cobrira de mangas e melões. Seth se lembrava que o carrinho havia rodado por um tempo que parecera longo, até que Maya sussurrara:

— Ei. Saia daí.

Tentando proteger a mão, Seth saíra da pilha de frutas e Maya o cobrira com uma jaqueta com capuz e o levava a seu apartamento, onde ele havia desabado na cama sem nem pensar quem eram essas pessoas ou o que fariam com ele.

Maya acendeu a luz e Seth protegeu os olhos com a mão boa.

— Você dormiu muito tempo. Está com fome?

Confuso, ele concordou com a cabeça e ela saiu apressada. Ele ouviu barulho de pratos batendo um no outro, sentiu o aroma suave de ovos e seu estômago roncou.

Seth olhou ao redor do pequeno quarto. As prateleiras de canto eram cheias de livros de poesia e antigas revistas amareladas da Terra, que ele imaginou que deviam ser bastante procuradas. O edredom listrado de azul em sua cama era recheado de penas quentes. Encostado na parede, ao pé da cama, havia um grande armário rústico com videiras e pequenas flores brancas pintadas nas laterais. Dava ao quarto uma sensação acolhedora, de lar.

Maya voltou segurando uma bandeja.

— Pronto — disse ela, colocando a bandeja no colo de Seth e sentando-se na cadeira ao lado da cama.

— Sei que vocês não têm gado leiteiro na Empyrean, mas espero que goste de queijo de vaca. Não é muito diferente do de cabra. E eu tenho uns rolinhos de canela da sra. Engols. Ela mora descendo o

corredor e é famosa por eles.

Os ovos tinham um cheiro cremoso e encorpado, e a panqueca era tão grande que as bordas caíam fora do prato.

— Obrigado — disse Seth.

Ele cavoucou os ovos, que estavam fofos e deliciosos, e tomou um pouco de suco, que achou ser uma mistura de laranja e cenoura. Ele sabia que estava comendo como um animal, mas estava faminto.

— Obrigado — disse ele novamente, quando conseguiu fazer uma pausa, constrangido.

Quando ele passou a comer mais devagar, Maya aproximou a cadeira da cama, dobrando as pernas embaixo do corpo.

— Por que você não veio a bordo com o resto das crianças?

Seth deixou o copo na bandeja.

— Primeiro, responda a algumas perguntas. Quem é você?

— Eu sou Maya Draperon — disse ela. — Prazer em conhecê-lo. E você é...

— Seth Ardvale — disse ele, e foi direto ao que realmente queria descobrir. — Você sabe alguma coisa sobre Waverly Marshall? Ela está bem?

— Você a conhece? — Perguntou Maya, passando a mão pelo ventre. — Ela é amiga sua?

— Sim — respondeu Seth, ansiosamente.

— Ela está a bordo — disse Maya. — Isso é tudo que eu sei. Sinto muito.

*Pelo menos ela está aqui, e viva,* disse Seth a si mesmo, mas isso foi pouco para conter sua preocupação.

— Minha vez — disse Maya, balançando a perna e fazendo a cadeira ranger. — Há rumores de que você causou as explosões na Empyrean.

Ele estava prestes a comer mais um bocado de ovos, mas parou o garfo no meio do caminho e o abaixou.

— Não — disse ele calmamente.

— Você não colocou as bombas?

— Quem espalhou esse boato? Kieran Alden?

— Eu não sei quem começou. A sra. Engols, a mulher que fez esses rolinhos de canela, disse que o “fugitivo” — Maya fez aspas com os dedos — era quem havia colocado as bombas.

De repente, Seth não queria mais a comida, e se recostou nos travesseiros.

— Não é verdade — disse ele. — As pessoas que colocaram as bombas vieram desta nave. Jacob Pauley e sua esposa.

À menção desses nomes, Maya suspirou, sacudindo a cabeça.

— Você os conhece? — Questionou Seth.

— Por um tempo, eles foram celebridades a bordo. Como você os conhece?

— Eu estava na cela com Jake e fingi ser seu amigo. Arranquei algumas informações dele.

Isso a fez ficar nervosa.

— Por que você estava na prisão?

— Eu tive um problema com... O estilo de liderança de Kieran.

— E ele o mandou para a prisão por isso? — Perguntou Maya com raiva, de repente do lado de Seth.

Ela era ingênua, mas ele gostou disso nela. Supôs que Maya era uma pessoa de confiança, pois era fiel a si mesma, e isso o fez querer lhe dizer a verdade.

— Eu não era nenhum santo — admitiu Seth. — Liderei um motim contra ele. Ele teve razões para fazer o que fez.

— Você fez alguma coisa violenta? — Indagou Maya, com cautela.

— Sim — disse Seth, calmamente; mas estendeu a mão para ela, fazendo com que os pratos na bandeja batessem um no outro.

— Maya, juro que não sou uma ameaça para você.

Ela estudou seu rosto.

— Está bem — disse ela, mas com hesitação.

Eles ouviram uma batidinha vinda da outra sala.

— Anthony está aqui — disse Maya. — Ele quer examinar melhor essa mão.

Anthony apareceu na porta atrás dela olhando cautelosamente para Seth através da armação metálica redonda de seus óculos. Ele era pequeno, como Seth lembrava, mas estava em boa forma, o que lhe dava um ar jovial, apesar das manchas cinzentas que atravessavam seu cabelo escuro e espesso.

— Tem certeza de que ele é de confiança? — Perguntou o homem a Maya, avaliando Seth com seus pequenos olhos escuros.

— Eu ia lhe perguntar a mesma coisa — disse Seth a ele.

— Sou o dr. Molinelli.

Ele atravessou a sala com passos firmes. Pegou a mão enfaixada de Seth e lentamente desenrolou a bandagem. Quando sua mão surgiu, Seth estremeceu com a visão. Seus dedos estavam azuis, retorcidos e inchados; irreconhecíveis. O ferimento em seu dedo mínimo estava vermelho e inchado, e a pele nas bordas, esbranquiçada. Maya olhou para a mão de Seth com um horror indisfarçado.

O médico balançou a cabeça.

— Desculpe, não consegui escapar mais cedo.

— Onde você estava? — Perguntou Maya, parecendo preocupada.

— Estava sendo interrogado.

— De novo? — Maya quis saber, subitamente assustada.

— Sobre ter sido feito refém.

Ele virou mais a mão de Seth e observou a palma, e tocou a ponta de cada dedo com muito cuidado.

— Eles queriam saber tudo sobre a menina.

— Waverly? — Arriscou Maya, olhando para Seth.

Seth ficou paralisado, examinando o rosto do médico.

— Acho que Mather queria que eu dissesse que ela é uma sociopata violenta — respondeu Anthony.

— E o que você disse? — Perguntou Maya.

— Eu disse que ela não é sociopata, mas... — Olhando inquieto para Seth, Anthony prosseguiu. — Ela é instável.

— Essa é sua opinião profissional? — Maya indagou.

— É minha opinião como o pobre coitado que ela quase matou — disse Anthony, com rispidez.

Houve uma pausa desconfortável, mas Maya continuou, calmamente:

— A pobre menina estava procurando a mãe. Ela estava desesperada.

— Ela não tinha que atirar em mim.

— Ela não atirou, você mesmo disse. Ela apontou para a parede acima de você.

— Ainda estou com raiva — disse Anthony bruscamente, e Maya fechou a boca.

— Onde está Waverly? — Perguntou Seth em meio a um gemido.

A dor quando Anthony tocava sua mão, mesmo com cuidado, estava deixando-o fraco.

— Eu não sei onde ela está agora — disse Anthony. — Ela é sua amiga?

— Se ela fosse — respondeu Seth —, isso mudaria seu jeito de tratar minha mão?

— Nem um pouco — respondeu Anthony, mas a agulha que retirou da maleta parecia excessivamente comprida.

Ele perfurou com ela um frasco com um líquido dentro e puxou uma enorme quantidade de medicamento.

— Para que isso? — Disse Seth, apreensivo.

— Você vai sentir uma picada.

Anthony enfiou a agulha no pulso de Seth, que soltou um grito de surpresa.

— Eu preferiria fazer isso em uma sala de cirurgia.

Seth observou o rosto do médico.

— Eu vou perder alguns dedos?

— Não se eu puder evitar.

— Que reconfortante.

— Você está fraco por desnutrição e exaustão, creio — sentenciou o homem friamente, enquanto seus olhos percorriam os ombros ossudos de Seth.

Seth não o contradisse. Ele deu um tapinha em sua mão.

— Sente isso?

Seth balançou a cabeça negativamente.

— Estou enjoada — disse Maya.

Ela ofereceu a Seth um sorriso de desculpas e saiu correndo da sala.

— Tudo bem. Vou endireitá-los.

Antes de Seth ter chance de falar, Anthony pegou seu dedo mínimo esmagado e o puxou para a posição correta. Seth instintivamente puxou a mão, mas Anthony agarrou seu pulso e endireitou também o dedo anular mais rápido do que Seth conseguiu reagir. Sua mão estava dormente, mas uma dor fantasma subiu por seu braço.

— Desculpe — disse Anthony, passando uma pomada laranja no ferimento no dedo mínimo de Seth. — Em uma sala de cirurgia eu poderia tê-lo anestesiado.

— Não foi tão ruim — respondeu Seth, debilmente.

— O corte é pequeno, mas está inflamado. Não vou arriscar. Rapidinho dou um jeito nisso.

De sua maleta Anthony pegou uma pequena agulha curva e um curto pedaço de fio preto. Trabalhando rapidamente, fez um único ponto na pele de Seth, fechando a ferida. Seth ficou surpreso porque não doeu nada. A seguir, Anthony imobilizou os dedos de Seth com uma tala, prendeu-os no lugar certo com esparadrapo e, por fim, enrolou a mão inteira, bem firme, com bandagem.

— Avise Maya se começar a sentir que fica apertado. Ela sabe onde me encontrar.

— Tudo bem — disse Seth.

Anthony pegou na maleta um frasquinho com pequenos comprimidos brancos e o entregou a Seth.

— É o antibiótico. Você precisa tomar um, duas vezes ao dia, junto com as refeições, até acabar.

— Obrigado.

— Isso é importante.

Ele semicerrou os olhos com firmeza por trás dos óculos.

— Há uma bactéria resistente a medicamentos circulando por aí. A infecção em seu dedo mínimo é pequena agora, mas, se crescer, você pode perdê-lo. Esses comprimidos vão manter a ferida fechada.

— Terminaram? — Indagou Maya na volta, dando um débil sorriso a Seth.

— Ele precisa de muita comida de qualidade e duas semanas de repouso — disse Anthony a ela. — Não é bom? — Perguntou a Seth.

— Sim — respondeu Seth, agradecido.

Meses na prisão haviam comprometido sua saúde. Estranho que ele precisasse ir até a nave inimiga para obter ajuda.

— Obrigado.

— Só estou fazendo meu trabalho — disse Anthony.

— Quero dizer... — Seth apontou para o joelho do homem, que se machucara para acobertar Seth. — Obrigado por isso.

— Ah, tudo bem... — Anthony abaixou a cabeça, envergonhado. — Volto amanhã para ver como está

essa mão.

— Até amanhã — sussurrou Maya no ouvido do homem.

Embora ele não fosse um homem alto, ela tinha que ficar na ponta dos pés para beijá-lo. Ele acenou para Seth e se foi.

— Ele é um bom rapaz — disse Maya, com um amplo e adorável sorriso.

Seus dentes eram amontoados, mas a imperfeição tornava seu sorriso doce e envolvente. Ela parecia estar avaliando alguma coisa; a seguir, parou resoluta, com a mão no grande armário de madeira que Seth já havia notado.

— Eu herdei este móvel de minha avó. Era de nossa casa ancestral em Massachusetts, no Underground Railroad, conhece?

— Eles a usavam para contrabandear escravos fugidos para o Canadá — disse Seth.

— Para isso, eles precisavam de móveis elaborados assim.

Ela abriu a porta do armário e empurrou o painel traseiro, que cedeu facilmente revelando um compartimento surpreendentemente espaçoso.

— Está vendo? É um fundo falso. Se ouvir alguém entrar no apartamento, entre aí, *ok*?

Seth a avaliou.

— Por que você está me ajudando?

Maya sentou na cadeira ao lado da cama, apoiando os cotovelos nos joelhos.

— Porque Anne Mather está procurando você. E eu não gosto de Anne Mather. Nem Anthony.

Seth balançou a cabeça, dando outra mordida do rolinho de canela.

— Por que não?

— Principalmente por causa do que ela fez para sua família.

— Por que você se preocuparia com o que ela fez conosco? — Seth olhou para ela. — Nós somos seus inimigos, não somos?

— Isso podia ser verdade antes de Waverly e o resto das meninas virem a bordo. Quando vimos como Anne Mather as explorou, as atitudes começaram a mudar.

— Ah, é? — Seth quis confirmar.

Ele olhou para Maya à procura de qualquer sinal de fingimento, mas ela parecia totalmente franca.

— Isso não os impediu de roubar seus óvulos.

— Na verdade, isso teve influência na mudança da mente das pessoas — disse ela. — Waverly e as outras meninas nos ajudaram a fazer nossos bebês. Nossas crianças virão delas.

— Certo — disse Seth, lentamente.

— Então, de certa forma, Waverly e as outras garotas são nossa família. O que significa que Anne Mather machucou nossa família.

Algo em sua voz alertou Seth.

— *Nossa família?*

Maya hesitou brevemente, alisando o tecido de sua túnica na cintura antes de por fim dizer:

— Eu estou grávida de um dos embriões de Waverly.

O copo na bandeja começou a chacoalhar e bater no prato de louça; ele estava tremendo. Seu olhar caiu para a cintura de Maya e ele viu que a túnica camuflava um pequeno volume. Empalideceu e empurrou a bandeja para longe de suas pernas. Maya se moveu rapidamente adiante para pegá-la.

— Por favor — pediu ele —, eu preciso ficar sozinho.

Ela parou curvada sobre ele, segurando a bandeja, com uma expressão de tristeza no rosto.

— Lamento — murmurou ela, e saiu.

Seth apertou a mão contra o peito. Ele queria tanto Waverly naquele momento, só para abraçá-la. Só para abraçá-la...

# O DUELO

Waverly mal dormira desde o terrível encontro com as crianças da Empyrean. O jeito como Serafina se agarrara a ela, com os braços e pernas em volta de seu corpo, partira seu coração. *Eu a decepcionei, dera-se conta. Eu era sua babá, devia ter tomado conta dela, mas estava ocupada demais com meus próprios problemas para pensar em Serafina.* Mais tarde, ela perguntara ao guarda do lado de fora de sua porta se poderia visitar Serafina e as outras crianças, mas ele recusara, e Waverly se arrastara para a cama sentindo-se derrotada.

Odiava-se ainda mais pelo ciúme mesquinho que a assombrava. O jeito como Kieran havia abraçado Felicity, com as mãos espalmadas no fim das costas dela, o rosto em seu abundante cabelo louro — era assim que ele sempre abraçara Waverly antes. Ele poderia ter procurado Waverly, passado os braços em volta dela e a abraçado, mas não o fez. Ele escolhera Felicity, e, apesar de Waverly saber que não tinha mais nenhum direito sobre ele, ainda doía. Diante da prova de que Kieran já a havia esquecido, uma saudade debilitante a dominara. Não saudades da Empyrean, embora sentisse falta de casa em todas as partes do corpo. Era saudade do passado, de como era antigamente, de sua mãe, e do Kieran que ela conhecera antes.

Durante os últimos dias ela caíra em depressão, escondida no quarto com a cabeça debaixo das cobertas. Sua mãe lhe levava bandejas de comida e as retirava quase intocadas. Waverly estava esperando.

Waverly sabia que Mather iria atrás dela. Estava no DNA daquela mulher invadir, intrometer-se, controlar. Assim, quando bateram na porta da frente, Waverly se endireitou na cama ouvindo sua mãe cumprimentar a santa pastora com a máxima deferência. Suspirando, Waverly pegou um casaco de lã preto que havia sido deixado em seu armário do quarto, junto com um guarda-roupa cheio das roupas simples e sombrias que as pessoas usavam nesta nave. Ela o vestiu e se olhou no espelho oval pendurado na porta do quarto. Não reconheceu a garota que surgiu daquela mancha apagada ali, de cabelo castanho molambento e olhos assustados. Muito magra, muito pálida, muito inconsistente. Fraca.

— Waverly! — Chamou sua mãe, da sala de estar.

Ela respirou fundo, percorreu o corredor e encontrou Anne Mather na porta, com dois homens armados atrás. Eles mantinham as armas sobre o peito e os olhos em Waverly.

— Olá — disse Mather.

Os movimentos rápidos de suas mãos traíam um nervosismo que Waverly nunca havia visto nela antes.

Waverly não retribuiu a saudação. Ficou em pé no meio da sala de estar com as mãos ao lado do corpo, esperando.

— Achei que você poderia me acompanhar em um chá com guloseimas.

— Acho que não posso recusar — replicou Waverly, olhando para os guardas.

— É claro que pode recusar — disse Mather. — Quero começar de novo com você. Isso significa que você está livre.

— Exceto pelo guarda postado à minha porta — acrescentou Waverly, olhando para o homem sarcástico e careca que ela passara a desprezar.

Mather retrucou:

— Exato. Eu preciso cuidar da segurança de minha tripulação.

— E de sua própria segurança.

— Sim — Mather elevou o queixo, desafiadoramente. — E então, você vem?

Uma pequena parte de Waverly estava curiosa por saber o que Mather tinha a lhe dizer. Por isso, deu um beijo em sua mãe e saiu pela porta, passando pelos homens armados em direção aos elevadores.

Mather a alcançou, inclinando-se, tentando acompanhar seu passo.

*Ela é baixinha*, notou Waverly. Ela nunca havia pensado a respeito da altura desta mulher. Mather sempre parecera estar além das considerações físicas, mas, agora, parecia pequena e fraca. Talvez o que o dr. Carver havia dito fosse verdade: a pastora estava perdendo o controle.

O escritório de Mather parecia diferente desde a última vez que Waverly estivera ali; mais bagunçado, como uma sala de guerra. Documentos estavam espalhados pela mesa e ela rapidamente os empilhou em um aparador no canto. Uma mulher levou uma bandeja com chá, biscoitos e conservas de frutas, e acenou com a cabeça quando a pastora agradeceu.

— Pegue o que quiser — ofereceu Mather, servindo-se de uma xícara de chá.

Waverly percebeu que era chá preto, em vez do de camomila que Mather sempre bebera antes. Ela recusou qualquer comida ou bebida e se sentou na cadeira macia do outro lado da mesa. Mather tomou um gole em sua delicada xícara.

— Sarah Wheeler está bem? — Perguntou Waverly.

Ela estava preocupada com Sarah desde que a amiga havia sido arrastada para fora do *bunker* central pelos capangas de Mather.

— E Randy Ortega?

— Sarah... Foi aquela que fez a cena na reunião da Empyrean?

— Seria mais correto dizer que foi aquela que sofreu um colapso nervoso.

Mather assentiu tristemente.

— A pobre menina passou por muita coisa. Ela está em tratamento para depressão, agora, junto com o amigo.

— Com remédios? — Questionou Waverly.

Era isso que haviam feito com sua mãe?

— Remédios leves — respondeu Mather. — Inofensivos.

— Onde eles estão?

— Vou ver isso para você — disse Mather, mas o falso olhar de preocupação em seu rosto fez Waverly pensar que a mulher sabia muito bem onde estava Sarah.

*Ela quer nos manter separadas*, pensou Waverly, com raiva.

— Muito bem, como está sua mãe?

— Ela está muito... Mudada — respondeu Waverly, com uma fúria silenciosa. — Eu sei que você a está drogando de alguma forma. Por que não me drogou também?

— Drogas? Não — Mather franziu o cenho, pensativa. — Seus pais fizeram greve de fome por semanas antes de nosso encontro. É provável que sua mãe esteja fraca por causa disso. Um período de redução de calorias pode ter efeito nocivo sobre o cérebro.

A maneira como Mather disse essa mentira óbvia foi o insulto final. Waverly olhou para ela com tanta raiva que achou que o revestimento líquido de seus olhos ferveria.

— Toc, toc — disse alguém à porta.

Waverly se voltou e viu o velho decrepito, dr. Carver, ali em pé, agarrando sua bengala com as mãos com uma força que parecia sobrenatural.

— Olá, doutor — reagiu Mather com reservada polidez, embora parecesse desconcertada.

— Esta é a famosa Waverly Marshall, presumo — disse o médico, olhando para Waverly de cima a baixo como se nunca a houvesse visto antes.

— Ainda não se conhecem? — Espantou-se Mather, inclinando a cabeça.

O doutor deu uns passos mancando, apoiando-se pesadamente em sua bengala lindamente esculpida na forma de duas serpentes entrelaçadas, uma branca e uma preta. Ele estendeu a mão nodosa.

— Eu sou o dr. Carver — ele se apresentou. — É um prazer finalmente conhecê-la pessoalmente.

Depois de brevemente se recuperar da surpresa, Waverly apertou a mão do velho.

— Olá.

— Ouvi que vocês duas iam se encontrar esta manhã, então passei por aqui, incapaz de controlar minha curiosidade.

Ele indicou com a mão que Waverly passasse para a outra cadeira. Seu jeito imperioso exigia cumprimento imediato, e ela se viu obedecendo. Ele se abaixou devagar na cadeira desocupada.

— Já ouvi falar muito sobre você, Waverly, e quis vir vê-la pessoalmente.

Seus olhos brilhavam como se estivesse se divertindo com uma piada particular com ela.

— Chá? — Ofereceu Mather, com uma cortesia comedida.

Ele balançou a cabeça.

— Meu velho estômago não aceita mais do que água com limão, atualmente — disse ele. — Obrigado.

— Estávamos falando sobre a greve de fome.

— Ah, sim — respondeu o homem, com um sorriso amável. — Sei que você perdeu o sono por isso, pastora!

— Mas, por fim, resolvemos — atalhou Mather, alegremente. — Quando eles souberam que nós estávamos em rota de encontro com a *Empyrean*, começaram a comer novamente. Graças a Deus.

Waverly notou o jeito como Mather observava com seus olhos cinzentos o frágil doutor. *Ela tem medo dele*, pensou.

— Então, Waverly — retomou o dr. Carver, dando um alegre tapinha no punho de sua bengala. — Está gostando da nova vida no seio de seu inimigo?

Waverly olhou para o velho sem ideia de como responder.

— Ora, vamos. Você deve ter pensado nesse assunto.

— Doutor — interrompeu Mather, tocando furtivamente uma caneta em sua mesa —, acho que avivar ressentimentos do passado não é o caminho certo para construir a confiança com Waverly.

— Ressentimentos? — Repetiu o velho, percorrendo com o olhar a tapeçaria pendurada na parede atrás Mather. — É assim que você interpreta?

A pastora olhou para ele, intimidada.

— Que palavra você usaria, Waverly? — Ele perguntou, em voz baixa. — Crimes de guerra?

— Atrocidades — sussurrou Waverly subitamente sufocando de raiva. — Monstruosidades.

Mather alisou seu jaleco com mãos trêmulas.

— Vamos, pastora — disse o velho —, você precisa aceitar seus erros para abraçar seu inimigo.

— Tudo bem — disse Mather baixinho, olhando para o velho primeiro e depois para Waverly. — O senhor está certo. O que eu fiz para vocês e suas famílias foi...

— Imperdoável — interrompeu o velho.

— Sim — concordou Mather, antes que Waverly pudesse dizer qualquer coisa.

— Então, como vamos prosseguir a partir daqui? — O velho perguntou a Waverly.

Mather abriu a boca para falar, mas o dr. Carver levantou a mão para silenciá-la; e, para espanto de Waverly, Mather obedeceu.

— Waverly? — Ele olhou para ela com expectativa. — O que você acha que tornaria a vida suportável para você e os demais refugiados da *Empyrean*?

— Que ela fosse a julgamento — disse Waverly, monocórdia, imaginando se ele tinha mesmo o poder de fazer isso acontecer.

Durante seu cativeiro nesta nave, ela achara que os anciãos da igreja estavam em dívida para com Mather pelo poder que tinham, mas estava começando a se perguntar se não seria o contrário.

— A pastora e todos os seus brutamontes teriam de ser punidos.

— Você quer dizer mandá-los para a prisão? — Perguntou ele. — Ou quis dizer que a pastora... Deveria ser executada?

Waverly encarou Mather, inabalável.

— Ouçam, agora — começou Mather, levantando a mão.

— Viu, pastora? — Concluiu o velho. — Sua ideia de que todos nós podemos viver nesta nave como uma grande família feliz talvez seja... — agitou sua garra no ar em busca de uma palavra — Irreal?

— Não — disse a pastora.

Todo o medo abandonou seu rosto e ela olhou para o dr. Carver com obstinação.

— Eu não acredito nisso. A paz é sempre a melhor alternativa.

— Isso é uma coisa muito estranha de se dizer — comentou o velho —, vindo da arquiteta do massacre da Empyrean.

— Foi o senhor que quis o encontro — Mather disparou contra ele.

Ele acenou com a mão lânguida.

— Eu queria uma reunião.

— O senhor sugeriu a nebulosa. Para surpreendê-los.

— Eu levantei muitas preocupações acerca de seus planos. Você nos garantiu que haveria uma perda mínima de vidas.

— As coisas não ocorreram como o esperado.

— Ah, sim. A névoa da batalha — riu ele —, invocada por muitos criminosos de guerra.

Waverly não podia acreditar no que ouvia. Ela observou o perfil do velho quando ele se recostou na cadeira interrogando Mather impiedosa e calmamente, observando cada espasmo e contorção da mulher, que se encolhia sob seu ataque.

— O que importa agora é o futuro — propôs Mather.

— Não para Waverly — retrucou o velho.

Ele se voltou para ela e ergueu o queixo, esperando.

— Você precisa responder pelo que fez — disse Waverly a Mather.

Mather também levantou o queixo.

— E quanto ao que sua tripulação fez conosco?

— Ah — o doutor ficava indo para a frente e para trás em sua cadeira, como se estivesse assistindo a um evento esportivo. — Continue.

— O capitão Jones e seus... Seus cientistas destruíram nossa fertilidade — disse Mather, com as forças restauradas.

— E eles pagaram com a vida por isso — disse Waverly. — O que mais você quer?

— O quê? — O médico olhou para Mather. — A menina não sabe?

Mather balançou a cabeça de forma quase imperceptível, mas o doutor a ignorou.

— O capitão está vivo, Waverly.

Waverly sentiu o fôlego ser arrancado de seu corpo. Quando olhou para Mather, viu-a olhando para o velho como se tramasse seu assassinato. Ele olhava de volta para ela, destemido.

Waverly por fim começou a acreditar pelo menos em parte no que o doutor lhe tinha dito. Ele queria mesmo derrubar Anne Mather. A julgar pela maneira como Mather olhava para ele e pelas gotas de suor que umedeciam os pequenos pelos sobre o lábio superior dela, ele já havia começado.

Waverly olhou para o velho homem sentado ao seu lado; observou seu olhar maléfico, a forma como seus dedos se cravavam como garras nos braços de madeira da cadeira. Gostando ou não, fosse quem fosse aquele homem, Waverly havia acabado de unir seu destino ao dele.

— Waverly — chamou o velho, enquanto se esforçava para se erguer da cadeira —, poderia me emprestar um braço?

Waverly se levantou, sentindo-se constrangida sob o olhar atento de Anne Mather, e pegou-lhe o cotovelo. Sob o tecido áspero da jaqueta, ela sentiu o braço surpreendentemente vivo e rígido.

— Até logo, Anne — disse ele, endireitando as costas e olhando para ela com ar triunfante.

— Até logo, Wesley — murmurou Mather.

Seu medo parecia ter desaparecido, e ela olhou para ele com um ódio que parecia enraizado em muito tempo e muitas experiências.

Waverly saiu com o velho, muito ciente da unha do polegar dele, grossa e descolorida, cravada na carne de seu cotovelo. Ele a conduziu em direção aos elevadores, levantando o dedo para os guardas armados que haviam começado a segui-los. Para a surpresa de Waverly, os homens voltaram e ficaram do lado de fora da porta do escritório de Mather.

O velho não disse nada. Parecia esperar que Waverly falasse.

— O senhor já descobriu algo sobre o estado de minha mãe? — Perguntou ela, por fim.

— Sim — Carver olhou para ela com seus trêmulos olhos vermelhos. — Pelo que compreendi, a maioria da tripulação da *Empyrean* foi quimicamente lobotomizada.

Com a mão livre, Waverly apertou seu suéter em redor do corpo com mais força.

— O que significa isso, exatamente?

— A lobotomia corta a ligação entre o córtex pré-frontal e o resto do cérebro.

— O quê? — Gritou ela, no momento em que passavam por um escritório de porta aberta.

Um ruivo sentado à mesa ergueu os olhos de seu *tablet*, irritado.

— Eu disse que foi feito quimicamente — ele levantou o dedo e apertou o botão para chamar do elevador. — Com medicamentos.

— Com drogas — disse ela, suavemente. — Então, é reversível?

— Eu conseguiria desenvolver um antídoto, com o incentivo adequado.

Waverly desejou poder retirar seu braço para longe dele.

— Por que Mather não fez isso comigo?

Carver sorriu com metade do rosto, de modo que parecia distorcido, como se ela o estivesse vendo através de um remoinho.

— Ela ainda pode fazer, suponho. A menos que você faça algo para impedi-la.

Waverly apertou a boca do estômago com a mão livre.

— Estou me sentindo mal.

— Eu não a culpo — disse o homem, fingindo simpatia, já que parecia estar se deliciando com tudo aquilo. — Vê, Waverly, por que quero pôr um fim a essas monstruosidades? Não vê o quanto precisamos de você?

A campainha do elevador tocou e as portas se abriram. De dentro saíram três risonhas mulheres grávidas, em macacões de fazendeiro.

— O senhor disse que pode conseguir fazer um antídoto? Para minha mãe e os outros?

Ele levantou uma sobrancelha.

— Depende.

— De quê?

— De você, Waverly. Anne Mather dificilmente me deixaria reanimar seu bando de pombos domesticados se permanecesse no poder. Mas se você nos der o testemunho de que necessitamos...

— *Ok* — disse ela, por fim. — Tudo bem, vou fazer isso.

— Ótimo.

Ele soltou o braço de Waverly, e quando ela entrou no elevador, sentiu o sangue correr nas pontas de seus dedos.

Ele bloqueou a porta do elevador com a bengala e chamou os guardas de Mather. Eles correram para atendê-lo e entraram no elevador com Waverly. O doutor deu as costas para ela antes que as portas do elevador se fechassem.

# O DEMÔNIO QUE VOCÊ CONHECE

Kieran havia acabado de fazer a barba, um ritual que ele continuava a realizar, embora parecesse fútil. Ainda se sentia assombrado pelo reencontro com as crianças da Empyrean; não conseguia dormir, odiando-se por ser incapaz de ajudar os órfãos. Como líder, ele era um completo fracasso. Enxaguou a lâmina de barbear na água fumegante e fechou a torneira. No silêncio, ouviu risadas provenientes da sala de estar. Alguém estava ali.

Ele abriu a porta do banheiro e encontrou sua mãe sentada com Felicity no grande sofá laranja, comendo biscoitos e bebendo suco de frutas. Felicity havia feito sua mãe rir, uma risadinha leve que ele não escutava havia meses. Felicity sorria de uma forma que fazia seu rosto brilhar. Quando ela o percebeu parado à porta, levantou-se.

— Kieran!

— Olá, Felicity — ele a cumprimentou, e tropeçou em seus próprios pés ao sair do banheiro.

Ele queria perguntar o que ela estava fazendo ali, mas não conseguia pensar em como fazê-lo sem parecer rude.

— Você se lembra daquela apresentação de dança que fizemos juntos quando éramos pequenos? —

Perguntou ela. — Acho que tínhamos...

Ela olhou para a mãe de Kieran, que completou:

— Não mais de sete anos.

— Estávamos dançando quadrilha e batemos a cabeça um no outro.

— Eu fiquei muito chateado — comentou Kieran, retraindo-se pela lembrança.

— Você me ajudou a levantar — disse Felicity, com os olhos brilhantes vagando pelo rosto dele. —

Você sempre foi um cavalheiro. Já naquela época.

— Ele é um bom menino — acrescentou Lena, sorrindo para seu filho.

Falar sobre os velhos tempos lhe fazia bem, Kieran podia notar. Seus olhos cor de âmbar brilhavam de uma forma que ele não via desde antes do ataque inicial, e ela parecia descontraída e à vontade na companhia de Felicity.

— Vou deixá-los a sós — ela anunciou, enquanto se levantava. — Sente-se, Kieran.

Kieran nunca se sentira tão estranho; tropeçou em direção ao sofá, plenamente ciente de que Felicity o observava. Os cílios dela eram loiros, ele notou ao se sentar ao lado dela. Ele nunca havia percebido. E as sobrancelhas eram um tom mais escuro do que o cabelo loiro claro. Sentiu o rosto queimar ao perceber que a estava encarando, e se voltou para servir um copo de suco. Tomou alguns goles para se

acalmar, mas praticamente nem sentiu o sabor.

Ele estava embaraçado por Felicity ver o ambiente opulento que Mather lhe havia fornecido. Uma grande vigia oval atrás do sofá onde ela estava sentada mostrava uma visão da galáxia, e a espaçosa sala de estar era ricamente decorada com pinturas e objetos de arte. Um grosso e antigo tapete persa descansava diagonalmente no chão, conduzindo os olhos em direção à cozinha brilhante e à sala de jantar. Seu próprio quarto era ainda pior, com lençóis de cetim, almofadas e um quadro original de Kandinsky pendurado na parede. Assim que ele havia visto o lugar, soubera que Mather o devia estar seduzindo com algum objetivo, e isso fizera com que se sentisse sujo por viver ali. Agora, vendo tudo através dos olhos de Felicity, ele se sentia ainda pior.

— A pastora Mather está me mandando falar com os sobreviventes da Empyrean — afirmou Felicity, ao identificar a pergunta nos olhos dele. — Sou uma espécie de embaixadora, acho.

— Ah — disse Kieran. — Porque você já está aqui há muito tempo.

— Eu fui “assimilada com êxito”, foi como ela falou — apontou Felicity, não sem amarga ironia.

Ela olhou para ele com preocupação franca.

— Como você está?

— Eu estou bem, é claro. Muito bem.

— Sério? — Ela levantou uma sobrancelha, movendo os olhos da boca tensa dele aos dedos que se remexiam.

Ele riu.

— Não fique tão cética.

— Não ficarei, se você me disser a verdade.

Ele se recostou nas almofadas do sofá. A candura dela arrancou sua fina camada de fingimento e toda a devastação da semana anterior caiu sobre ele. *Eu não estou bem. Como poderei um dia ficar bem de novo?* Ele não queria chorar na frente dela, mas não conseguiria falar sem chorar, por isso, não disse nada.

— Sinto muito, Kieran — sussurrou ela. — Por tudo.

— Você perdeu tudo também — ele conseguiu dizer.

— Eu tive mais tempo para me acostumar — respondeu ela, com um sorriso triste. — Eu sabia, quando saí do ônibus de fuga de Waverly tantos meses atrás, que provavelmente nunca mais veria minha família.

Ele a estudou. Ela baixou o rosto para que o cabelo dourado escondesse seu perfil, mas ele conseguia ver, na postura ponderada de Felicity, que ela sentia a perda de seu lar também.

— Por que você não voltou com Waverly?

Ela deu um suspiro longo e pesado.

— Nem sempre é fácil... — Ela parou e riu de si mesma, balançando a cabeça.

— O quê?

— Eu não sei o que isso vai parecer...

— Continue — incitou ele.

— Nem sempre é fácil — ela fez uma pausa e passou os dedos pelos cabelos — ter a aparência que tenho. Eu me destaco. Sempre. Meu cabelo, meus olhos. As pessoas comentam. E para uma pessoa tímida como eu, que não gosto de ser notada...

Kieran recordou que quando a feminilidade de Felicity estava começando a florescer, o capitão Jones havia entrado na aula de física para falar brevemente com o professor, e, ao sair, seus olhos vagaram sobre Felicity de uma forma que Kieran não havia entendido. Sob seu olhar malicioso, ela se escondeu atrás do cabelo, encurvando-se para ficar menor. Aliás, ela estava sentada do mesmo jeito, agora.

— Na Empyrean — disse ela, olhando para as mãos —, eu nem sempre conseguia escapar dos olhares, ou... — ela engoliu seco como se estivesse enjoada — Das mãos.

Ele queria tocá-la, pôr uma mão reconfortante em seu ombro, mas nada poderia ser mais inapropriado.

— Aqui — continuou ela, endireitando-se como se quisesse jogar fora as lembranças —, as pessoas ainda olham e comentam. Mas não sinto a coisa tão... — ela inspirou fundo e por fim olhou para ele — Predatória.

Ele podia ver seus cílios molhados.

— Felicity...

— Eu sempre me perguntei por que escolheram a mim, e não Waverly.

— Você não pode pensar assim — disse ele, e dessa vez tocou muito levemente o ombro dela.

— Você não é responsável por outra pessoa agir como um selvagem.

Ela sorriu.

— Você está certo. Eu sei disso. Só não consigo manter isso em mente o tempo todo, ainda.

Ele olhou para ela desejando saber quão longe as coisas haviam ido, quanto sofrera, mas ela falou tanto quanto quis, e pressioná-la não seria justo. Então, ele se sentou ao lado dela segurando seu copo de suco, olhando para as estrelas através da vigia.

— Eu também deveria transmitir um convite — retomou ela. — A pastora gostaria que você fosse visitá-la hoje, se concordar.

— Visitá-la? — Repetiu ele, com um riso nervoso.

— Ela disse que a escolha é sua — confirmou Felicity. — Ela me disse que seus guardas o acompanhariam até o escritório dela.

— Agora?

— Acho que sim — disse Felicity.

Ela parecia tão intrigada com o convite quanto ele.

— Devo ir?

— Qual é mesmo o ditado? Conheça seu inimigo.

Ele balançou a cabeça, confuso.

Ela deixou o copo de suco e se levantou. Já ia embora? Ele se levantou também.

— É melhor eu ir — anunciou ela, e se afastou. — Tenho muitas outras paradas para fazer.

— Está bem — disse ele, mas não queria que ela fosse embora. — Você vai voltar?

Ela sorriu e deu um único aceno de cabeça.

— Claro.

Ele a acompanhou até a porta, e quando se inclinou para abri-la para ela, sentiu em seu cabelo uma leve fragrância de pétalas de rosa. Ele a aspirou quando ela passou por ele e saiu pela porta.

O guarda do lado de fora da porta inclinou a cabeça em direção ao elevador:

— Pronto?

Kieran, com raiva, seguiu o homem até o elevador, olhando com ódio a parte de trás de sua cabeça careca. Será que estaria sempre cercado de homens armados?

— Obrigada por ter vindo tão rápido — recebeu-o Mather, levantando-se de sua cadeira enquanto ele hesitava do lado de fora do escritório.

Olhando de soslaio por cima do ombro para o guarda que o levou até ali, Kieran entrou na sala da mulher e aceitou a cadeira que ela lhe ofereceu. O guarda ficou do lado de fora da porta com a mão na coronha da arma. Mather alisou a túnica com as mãos, que flutuavam sobre o tecido como se procurassem um lugar seguro onde pousar. Por fim deixou-as, pondo os dedos entrelaçados, em cima da mesa à sua frente. *Ela parece uma vovozinha indefesa, pensou ele, mas não é.*

— Chá?

Antes que ele pudesse responder, ela serviu uma xícara fumegante e entregou a ele.

— Deve ser bom estar com sua mãe novamente.

— Não — respondeu ele, cortando o ar com a mão na frente do nariz. — Mamãe está agindo como uma louca, e eu quero saber o que há de errado com ela.

— Eu estava preocupada com isso — Mather franziu a testa, interessada. — Ela sofreu uma descompressão rápida e teve um sangramento no cérebro, nos lobos frontais. Os médicos advertiram que poderia haver efeitos duradouros, mas, como ela manteve todas as funções superiores, achamos que sairia ileso.

Kieran a estudou cuidadosamente procurando alguma brecha em sua armadura, mas ela encontrou seus olhos com algo que parecia simpatia real. Ele poderia não acreditar, se não houvesse pessoalmente visto isso acontecer com ela, naquele primeiro dia. Ele e sua mãe estavam no hangar quando a tripulação de Mather manipulou as enormes portas da câmara de ar comprimido para abrir e descomprimir aquela parte da nave. Kieran mal conseguira sobreviver, e viu sua mãe lutando para embarcar em um ônibus para escapar do vácuo do espaço.

— Então, o dano será permanente? — Perguntou ele, lutando contra as lágrimas.

— Vou mandar um médico dar uma olhada nela — respondeu Mather, suavemente. — Pode ser?

Determinado a não expressar gratidão, Kieran olhou pela vigia, para não precisar olhar para ela. Ele ainda podia ver a *Empyrean* dali, mas Mather devia ter virado a *New Horizon*, porque sua nave lar estava muito mais longe, agora, e a ferida gigante não mais sangrava gás e vapor de água. Então, estava tudo acabado. A *Empyrean* não tinha atmosfera. Pobres cabras, ovelhas e peixes. Pobres galinhas. Pobre Arthur. Pobre Sarek...

— Você não deveria ter enviado aquele lunático — disse ele a Mather, por entre os dentes cerrados.

Ele se lembrou do homem que destruíra sua casa — Jacob Pauley —, seu tamanho brutal, suas mãos calejadas, a expressão boba em seus olhos de porco.

— Eu não o enviei. Estava tudo caótico demais durante a fuga de *Waverly* para que eu pudesse pensar em qualquer tipo de plano.

— Então, por que ele estava em contato com você?

Ela pegou uma caneta e ficou brincando com a tampa, puxando-a e enroscando-a novamente.

— Acho que ele queria se gabar.

— Depois do jeito como nos atacou, por que eu deveria acreditar em qualquer coisa que você diga?

— Quando eu me tornei capitã, os anciãos da igreja apontaram que a nebulosa seria o único lugar que poderia chegar perto da *Empyrean*. Que escolhas nós tínhamos, Kieran? Estávamos em vias de extinção! O que você teria feito?

Kieran não queria ser envolvido nesse jogo.

— Quero que você avalie uma coisa — ela tocou o braço almofadado de sua cadeira, beliscando o tecido com uma unha oval. — Você foi líder da *Empyrean* por alguns meses, não foi?

— Sim — suspirou Kieran.

Por que ele não conseguia acordar deste pesadelo?

— Você próprio nunca se excedeu?

— Está perguntando se eu matei alguém? — Questionou ele, irritado.

— Contou alguma mentira? Comprometeu sua moral para se livrar de uma situação complicada?

Kieran tentou se manter impermeável ao que ela estava dizendo, mas sua mente voltou ao momento em que ele dissera à sua tripulação que Seth Ardvale havia se tornado traidor e estava trabalhando com o terrorista Jacob Pauley, uma declaração que Kieran sabia que era falsa. Ele estava mesmo em posição de julgar Anne Mather?

*Eu nunca matei ninguém, ele lembrou a si mesmo. Mas para ter mamãe de volta, inteira, com seu cérebro, eu mataria. Eu mataria esta mentirosa com minhas próprias mãos.*

— O que você quer? — cuspiu Kieran.

Ele se sentia em uma armadilha, mas não conseguia ver as paredes nem sentir as correntes, como se Mather, de alguma forma, houvesse conseguido que ele mesmo se trancasse ali dentro.

O sorriso desapareceu dos lábios dela.

— O que você quer dizer?

— Você não está tentando ser minha amiga porque está solitária. Há alguma razão para você se aproximar de mim.

Ela beliscou a ponta do dedo indicador enquanto o analisava.

— Muito bem, Kieran. A verdade é que eu perdi um pouco de credibilidade com meu povo. Eu lhes dei tudo o que queriam, mas o entusiasmo deles com a minha liderança desvaneceu.

— Eles a devem achar uma hipócrita — reagiu Kieran, rudemente.

— Talvez eu seja uma hipócrita. Está satisfeito? — Retrucou ela. — Eu quebrei a cabeça tentando pensar em uma maneira de unir nossas duas tripulações. Você foi líder em tempos perigosos, entende a necessidade de um propósito comum — ela balançou a cabeça para Kieran, desejando que ele concordasse. — Eu acredito que você e eu podemos trabalhar juntos para trazer paz ao nosso povo. Ambos temos o dever de assegurar que nossas duas tripulações vivam juntas em segurança. Você concorda com isso?

Ele não queria trabalhar com essa mulher desprezível. Mas haveria outra maneira de proteger a tripulação da Empyrean? Ele balançou a cabeça e se obrigou a dizer:

— Posso concordar em princípio.

— Quero que você me ajude a levar a paz a todos.

Ela parecia absolutamente séria.

A sala estava tão silenciosa que ele ouvia o ar em movimento através de suas narinas enquanto a estudava.

— Você espera que eu acredite que está me oferecendo poder nesta nave?

— Não de imediato — refutou ela, levantando a mão para acalmá-lo. — Para começar, por enquanto, estou lhe oferecendo influência. Sua influência será inevitável, na verdade.

— O que está dizendo?

— Quero que você compareça aos serviços religiosos deste domingo para que eu possa apresentá-lo à minha congregação. Mais tarde, você pode se tornar uma espécie de pastor júnior. E quando eu for deposta, ou... — ela balançou a mão de forma ameaçadora. — Você estará pronto para assumir como pastor, e espero que como capitão da New Horizon.

Por longos momentos tudo o que ele pôde fazer foi olhar para ela. Depois disse:

— Isso é alguma piada?

Ela sorriu com indulgência.

— Garanto que estou falando sério.

— Não vejo por que você quer a mim.

— Não vê? Depois do que Jacob Pauley e sua esposa fizeram com sua nave? A única maneira de

incorporar sua tripulação à nossa é dando a um representante dela uma posição de liderança aqui.

Kieran começou a balançar a cabeça. Isso era um truque. Tinha de ser. Ela colocou a palma da mão sobre a mesa entre eles.

— Kieran, pense nisso. Minha geração está envelhecendo. A geração dos seus pais está em guerra, com uma longa lista de queixas de ambos os lados — ela apontou o dedo para ele com urgência. — Mas a sua geração pode nos dar um recomeço. E, se ainda não notou, não há muitos de vocês. Diante de como você se saiu bem na Empyrean, você é a escolha lógica para levar esta tripulação adiante quando chegar a minha hora de sair.

Kieran olhou para a grande mesa de Mather, para o jeito do interfone descansando a um palmo de sua cadeira, para as tapeçarias artísticas penduradas atrás dela. Ele nunca se imaginou na cadeira do capitão da New Horizon. Seria Deus trabalhando por meio de Mather tentando alcançá-lo? E se o tempo todo o plano fosse unir as duas tripulações sob uma única bandeira de liderança? Ele descartava essas ideias. Esse tipo de pensamento já o havia posto em apuros antes.

— Nós vamos ter que fazer as coisas direito — dizia ela. — Os anciãos da igreja já não acreditam que um governo baseado na fé possa tranquilamente conduzir uma tripulação mista. Eles estão trabalhando ativamente para minimizar o poder político de qualquer pastor sobre esta embarcação — ela juntou as pontas dos dedos, olhando para ele por sobre as mãos em forma de campanário. — Estou certa de que eles querem impor o ateísmo. Não podemos deixá-los destruir nossa fé.

— O que seria destruir você também — apontou ele.

Ela assentiu com a cabeça, nem sequer tentando esconder o medo.

— Quero usar o que sobrou de minha liderança para moldar o caminho daqui para a frente. Apesar dos meus erros, acredito que eu sou a única pessoa que pode fazer isso — Mather levantou as sobrancelhas.

— Você vai se juntar a mim?

— E se eu não me juntar?

— Você e sua tripulação se tornarão uma minoria impotente.

— Então eu não tenho escolha, não é?

— Acostume-se. Quanto mais tempo um líder está no poder, menos opções ele tem. O que me diz? Podemos aprender a trabalhar juntos?

Kieran expirou longamente pelo nariz. Sentia-se como se estivesse prestes a pular de um penhasco.

— Tudo bem — respondeu ele baixinho, odiando a si mesmo. — Eu vou trabalhar com você.

— Obrigada — disse ela, visivelmente aliviada.

Sua estação de comunicação soltou um bipe, e ela leu uma pequena mensagem de alguém.

— Vou mandar um guarda escoltá-lo de volta — anunciou ela, levantando o dedo, indicando-lhe que saísse.

— Eu posso encontrar o caminho sozinho — respondeu Kieran, para testá-la.

Ela deu um sorriso forçado.

— Entrarei em contato com você mais tarde, então.

— Tudo bem — disse Kieran, e saiu pela porta, passando pelos guardas e descendo o corredor.

Ao passar pelo Comando Central a porta se abriu, revelando, por um breve momento, a cadeira vazia do capitão.

# ESPIÕES

Na Empyrean, Arthur Dietrich, agachado, escondido dentro de um duto de ventilação, observava o chefe da tripulação da New Horizon fazer seu trabalho. Arthur suava em bicas, por isso seus óculos ficavam deslizando pelo nariz. Ele os empurrou com os nós dos dedos, com medo de que o leve farfalhar da manga de sua camisa o denunciasse. Ele estava escondido ali quase o dia inteiro, e sua única proteção era uma frágil tela de ventilação. Estava com sede e com fome e suas costas doíam terrivelmente, mas ele não tinha ideia do que fariam se o pegassem, de modo que ficou onde estava.

Durante a maior parte da manhã, o Comando Central esteve movimentado, mas a maioria da tripulação havia partido para fazer a manutenção em várias partes da nave. Agora só havia um homem ali, Chris, o chefe da tripulação. Ele se sentou no antigo posto de Arthur, perto da cadeira do capitão, usando o velho monitor.

— A pressão no compartimento das coníferas ainda está caindo — Chris dizia, no microfone de seu fone de ouvido.

Tudo no homem era quadrado: seus ombros, sua cabeça, seu corte de cabelo, seu queixo, suas grandes mãos carnudas.

— Deve haver pelo menos mais um furo no anteparo.

— Meus sensores não o estão captando — respondeu uma mulher no sistema de comando.

Sua voz era abafada, como alguém falando de dentro de um OneMan.

— Tudo bem, Marcy. Vou precisar que você vá para fora procurar de lá.

— Não há câmara de ar comprimido entre aqui e lá fora. Eu teria de dar toda a volta pelos pomares, e depois pela incubadora.

— Eu sei — disse Chris. — Algumas dessas árvores podem ser as últimas de sua espécie no universo.

— Obrigada pelo sentimento de culpa, Chris.

— Disponha — ele respondeu antes de se recostar na cadeira, esfregando as palmas das mãos nos joelhos.

*Você está com sede, pensou Arthur em direção a ele. Você precisa ir ao banheiro! Você precisa sair! Vá!*

Mas Chris começou a ver as opções na tela de seu computador antes de levar o microfone ao queixo.

— Olá, Greg. Você já entrou?

Do outro lado se ouvia algo que parecia um grupo de crianças gemendo. Arthur abafou um suspiro.

Achava que ele e Sarek haviam tirado todas as crianças da Empyrean!

— Sim, Chris — um homem respondeu —, estamos dentro.

— Como eles estão?

— Magros. Temos alguns casos perdidos, mas a maioria parece bastante saudável.

Arthur pressionou o punho na boca para se manter calado.

— Você consegue ir para os celeiros e deixá-los pastar lá dentro?

Arthur reprimiu um suspiro de alívio. Não eram crianças chorando, e sim cabras e ovelhas! Ficou surpreso por ainda estarem vivas.

— Já estamos cuidando disso. Precisamos apenas consertar um buraco do tamanho de um punho no anteparo para pressurizar o corredor. Isso vai levar umas duas horas.

— Esses animais não parecem felizes. O sistema de água está funcionando?

— De gota em gota, Chris. E alguém deixou um monte de feno aqui. Acho que isso foi o que os manteve vivos por tanto tempo.

— Tudo bem. Ao trabalho.

— Sim, chefe — disse o outro homem e, após uma breve explosão de estática, a ligação foi cortada.

Chris ficou em silêncio por um longo tempo, digitando em um teclado, e começou a navegar por vídeos de diferentes vistas da nave, mas parou em uma tela e inclinou-se para um olhar mais atento. Arthur podia ver mais ou menos metade da tela sobre o ombro do homem, mas parecia o corredor do lado de fora da enfermaria. Não havia luz alguma dentro. A seguir, Chris mudou para uma imagem das leituras do sensor.

— Ei, Greg — disse ele em seu fone de ouvido —, onde você está?

— Estou atolado até os joelhos em titica de galinha, Chris.

— Você está dois níveis abaixo da enfermaria, certo?

— Isso.

— Detectou algum sinal de descompressão desse lado da nave? Qualquer furo?

— Não — disse Greg. — Tudo bem por aqui, por enquanto. Mas a enfermaria não mostrou sinais de vida, certo?

— Certo — respondeu Chris, pensativo, e olhou atentamente para a tela.

Arthur forçou seu cérebro. Será que Sarek havia evacuado a enfermaria? Tinha de ter evacuado!

— Quer que eu rastreie titica de galinha pelo caminho até lá, Chris? Porque quando eu digo até os joelhos é...

— Não — respondeu Chris, e passou por diversas imagens, todas mostrando estatísticas do andar da enfermaria. — Baixa prioridade. Vou colocar isso em nossa lista de coisas a fazer, *ok*?

— Sim, Chris. Coloque bem no fim.

Chris suspirou, esfregando a nuca, e a seguir, para grande alegria de Arthur, levantou-se da cadeira. Arthur ficou surpreso ao descobrir que, apesar de Chris ser largo e de aparência forte, era bem baixinho.

— Tenho que ver o que estão fazendo — murmurou Chris para si mesmo, dando tapinhas na barriga enquanto mancava para fora como um adulto que fica sentado por muito tempo.

Arthur ficou escutando por mais um minuto, mas estava muito sedento para esperar mais. Tirou a tela de ventilação de seu encaixe e se contorceu para descer ao chão do Comando Central.

Esconder-se naquele espaço apertado havia sido horrível, mas ele tivera sorte de conseguir entrar no duto antes que Chris e seus assistentes chegassem naquela manhã, mais cedo que o habitual. Arthur tivera tempo só de entrar no duto e fechar a grade atrás de si. E ali ficara sentado o dia todo.

As costas de Arthur reclamaram dolorosamente quando ele se esticou. Ele mal podia ficar em pé de tão retesado. Lembrou-se de seu pai: Hans Dietrich sempre fora um pouco encurvado por trabalhar até altas horas em seus vários projetos. Isso fez Arthur sentir uma pontada de culpa. *Papai provavelmente acha que estou morto. Mamãe...* Ele não se permitiu concluir o pensamento. O nome de sua mãe não estava na lista de sobreviventes na New Horizon, e não houve nenhum vídeo dela entre os comunicados da tripulação capturada da Emyrean. Provavelmente estava morta, mas ele não podia permitir que este pensamento entrasse em sua mente consciente.

Arthur sentia falta de seus pais em cada parte de si. Antes, sentia-se sufocado pela mãe, mas, agora, daria qualquer coisa para ter de volta seu amor incansável. Seu pai era ainda mais querido para ele. Ele deixava Arthur ficar acordado até tarde, lendo, para saciar seu interesse em escritores como Proust, Hawking e Goethe. Os dois passavam horas conversando sobre existencialismo, mecânica quântica ou os gregos antigos. O que Arthur aprendera em suas aulas havia sido nada comparado ao que absorvera diariamente de seu brilhante pai. Não havia ninguém na vida de Arthur com quem ele gostasse tanto de conversar quanto o pai. Ele tinha de levá-lo de volta. E talvez sua mãe ainda estivesse viva na New Horizon...

Ele se sentiu tentado a invadir o sistema para ver o que podia descobrir, mas não se atrevia a demorar. Ele estava ali para fazer uma coisa simples e sair, e era o que tinha de fazer. Do bolso, tirou um *walkie-talkie* e se ajoelhou debaixo da mesa que Chris havia usado. Era só questão de ligar o aparelho a uma fonte de energia, depois conectar o transmissor ao sinal de áudio que saía do computador. Uma vez no lugar, Sarek e Arthur seriam capazes de monitorar todas as comunicações de voz que passassem pelo Comando Central. Arthur estava terminando de passar fita isolante nos fios soltos quando ouviu a voz de Chris no corredor do lado de fora.

— Eu sei, George — Chris dizia—, mas a pastora quer garantir que protejamos esse equipamento primeiro.

Arthur se levantou para olhar para a tela de vídeo que monitorava o corredor. Chris estava segurando uma pequena bandeja de rações de emergência, em pé, do outro lado da porta.

Arthur começou a suar frio, assustado demais para se mexer.

Um segundo se passou, e outro, e Chris não abriu a porta. Ele estava distraído com a conversa.

Arthur subiu de volta ao seu antigo posto e digitou no teclado. O que poderia fazer? Rapidamente, abriu o *software* que controlava o sistema de alarme e acionou a sirene no *bunker* central. Na tela de vídeo ao lado da porta, Arthur viu Chris se assustar e sair para investigar.

Arthur colocou de volta na tela a imagem que Chris estava olhando, lançou-se como um dardo para a porta, correu o mais rápido que pôde para a escada de bombordo e disparou até o nível de habitação. Mergulhou no primeiro apartamento do lado esquerdo, onde derrubou Sarek no chão.

— Ei! — Gritou Sarek, embaixo dele, e bateu em Arthur com a palma da mão. — Onde você estava?

— Fiquei preso — respondeu Arthur, ajeitando os óculos no rosto enquanto tentava se levantar. — No Comando Central.

— Eles viram você?

— Não — disse Arthur, sem fôlego.

— O que aconteceu? — Perguntou Sarek, ao se levantar e seguir Arthur para a cozinha.

Arthur abriu a torneira e colocou os lábios diretos nela. Bebeu muito.

— Arthur — exclamou Sarek, batendo os pés contra o chão. — Conte-me!

Quando conseguiu se afastar da água, Arthur disse:

— Não se preocupe, está tudo bem.

— Conseguiu colocar?

— Sim. As cabras e as ovelhas estão vivas! — Comemorou Arthur. — Acho que a destruição não foi total, como havíamos pensado.

Um raro sorriso atravessou o rosto de Sarek.

Arthur se sentou à mesa da cozinha. Sarek foi até a geladeira, pegou um prato de pão sírio com homus, azeitonas, figos e tâmaras secos e pôs tudo na mesa. Arthur molhou o pão no homus e deu uma grande mordida. Delicioso. Ele havia trabalhado com Sarek por meses no Comando Central e nunca soubera o excelente cozinheiro que ele era.

— Alguma notícia de nossas famílias? — Perguntou Sarek.

— Não tive tempo — disse Arthur, distraidamente. — Você evacuou a enfermaria?

Sarek olhou-o inexpressivamente.

— Sim. Quer dizer, eu os mandei evacuar.

— E eles disseram alguma coisa?

— Sim — respondeu Sarek, parecendo um pouco horrorizado. — Tobin falou que eu devia estar brincando.

— E você respondeu...

— Eu disse que não estava, que ele precisava tirar todo o mundo de lá.

— E tiraram?

O rosto de Sarek era inexpressivo.

— É que os sensores não estão mostrando vida lá — continuou Arthur.

Sarek baixou as sobrancelhas.

— Mas esse lado inteiro da nave é pressurizado. Deve estar tudo bem.

— Eu sei.

Os dois garotos se entreolharam, pensando.

— Onde estão as equipes de manutenção, agora? — Perguntou Arthur a seu amigo.

Sarek colocou o fone de ouvido e sintonizou com o sinal de áudio que Arthur havia acabado de estabelecer. Teve de ouvir durante vários minutos antes de por fim poder dizer:

— A maioria está com os animais. Alguns estão no compartimento das coníferas... Em nenhum lugar perto da enfermaria — Sarek se levantou. — Vamos dar uma olhada.

Os dois garotos espiaram no corredor, e, sem encontrar ninguém, correram para a escada central e começaram a subir para a enfermaria.

Eles haviam escolhido este apartamento por causa da proximidade com a escada, e porque não havia nenhuma câmera de vigilância na porta, de modo que podiam ir e vir sem medo de ser detectados. A nave parecia enorme, deserta e apavorante. Arthur não gostava de andar pelos corredores vazios, ouvindo os ecos estranhos que saíam gemendo das máquinas das equipes de manutenção.

Ficar para trás havia sido ideia de Arthur. Ele fora ao Comando Central em busca de Sarek quando os últimos ônibus de fuga estavam saindo. Encontrara o amigo olhando com receio para seu monitor de vídeo: quatro ônibus espaciais da New Horizon estavam indo para a Empyrean.

— O que eles querem? — Perguntara Arthur. — Devemos saudá-los?

Sarek não respondera; também não se movera em direção ao seu sistema de comunicação. Os dois garotos simplesmente observaram, impotentes, enquanto os ônibus atracavam nem trinta minutos depois de a última criança da Empyrean ter abandonado a nave.

— Vamos embora antes que nos peguem — disse Sarek. — Eu não quero falar com eles.

— Eu quero saber o que eles estão fazendo — insistira Arthur.

Os dois garotos haviam ficado no Comando Central enquanto puderam, observando os movimentos da tripulação pelo sistema de vigilância. Quando a equipe começou a se aproximar do Comando Central, os dois rapazes se retiraram para esse apartamento. Todos os dias Arthur e Sarek falavam de ir à New Horizon, mas sempre havia um novo reparo sendo feito, alguma coisa para mantê-los ali, observando a equipe de resgate, como fantasmas que protegem uma casa antiga.

Durante todo esse tempo, nem uma vez ocorreu a nenhum dos dois que talvez houvesse outros sobreviventes a bordo da Empyrean. E a enfermaria teria sido o primeiro lugar para procurar.

Arthur se criticou por esse descuido quando eles cautelosamente entraram no corredor do lado de fora da enfermaria. Uma câmera de vigilância apontava para além deles, diretamente para as portas da enfermaria.

— O que vamos fazer? — Indagou Sarek.

— Levante-me — respondeu Arthur.

Sarek entrelaçou os dedos para fazer um degrau para Arthur, que se esticou até a câmera e arrancou os fios de trás. A luz se apagou. Ele esperava que ninguém notasse, mas, se alguém percebesse, provavelmente pensaria que era o mesmo problema que havia deixado a enfermaria às escuras antes. Agora, os dois rapazes poderiam se aproximar sem medo de ser detectados. As janelas de vidro embutidas nas portas estavam completamente escuras, e parecia que todo o complexo de salas estava sem energia elétrica. Mas, à medida que se aproximavam, Arthur pensou ter visto certos grânulos na escuridão.

— Cortinas — disse Sarek, com admiração. — Alguém pendurou tecidos para bloquear a luz.

— Assim, pareceria escuro para a câmera de vigilância — completou Arthur.

Ele reconheceu o tecido por causa de sua recente estadia na enfermaria.

— É uma das cortinas que eles penduram em volta das camas para bloquear a luz para que os pacientes possam dormir.

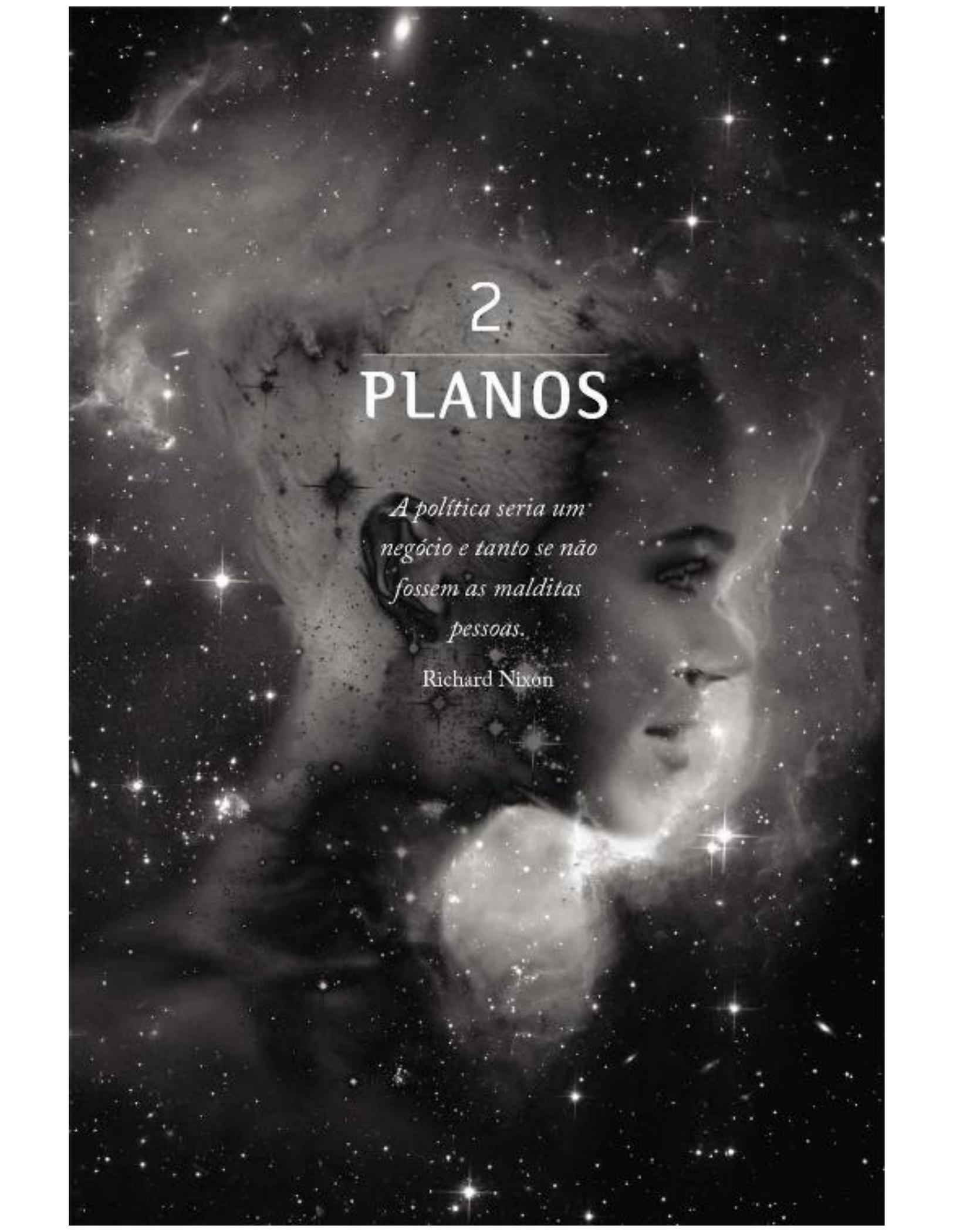
— O que vamos fazer? — Perguntou Sarek, perplexo.

Arthur deu de ombros e bateu na porta.

Quase imediatamente, Tobin Ames, o menino de quatorze anos de idade que cuidava da enfermaria, abriu a porta.

— Que diabos vocês estão fazendo?



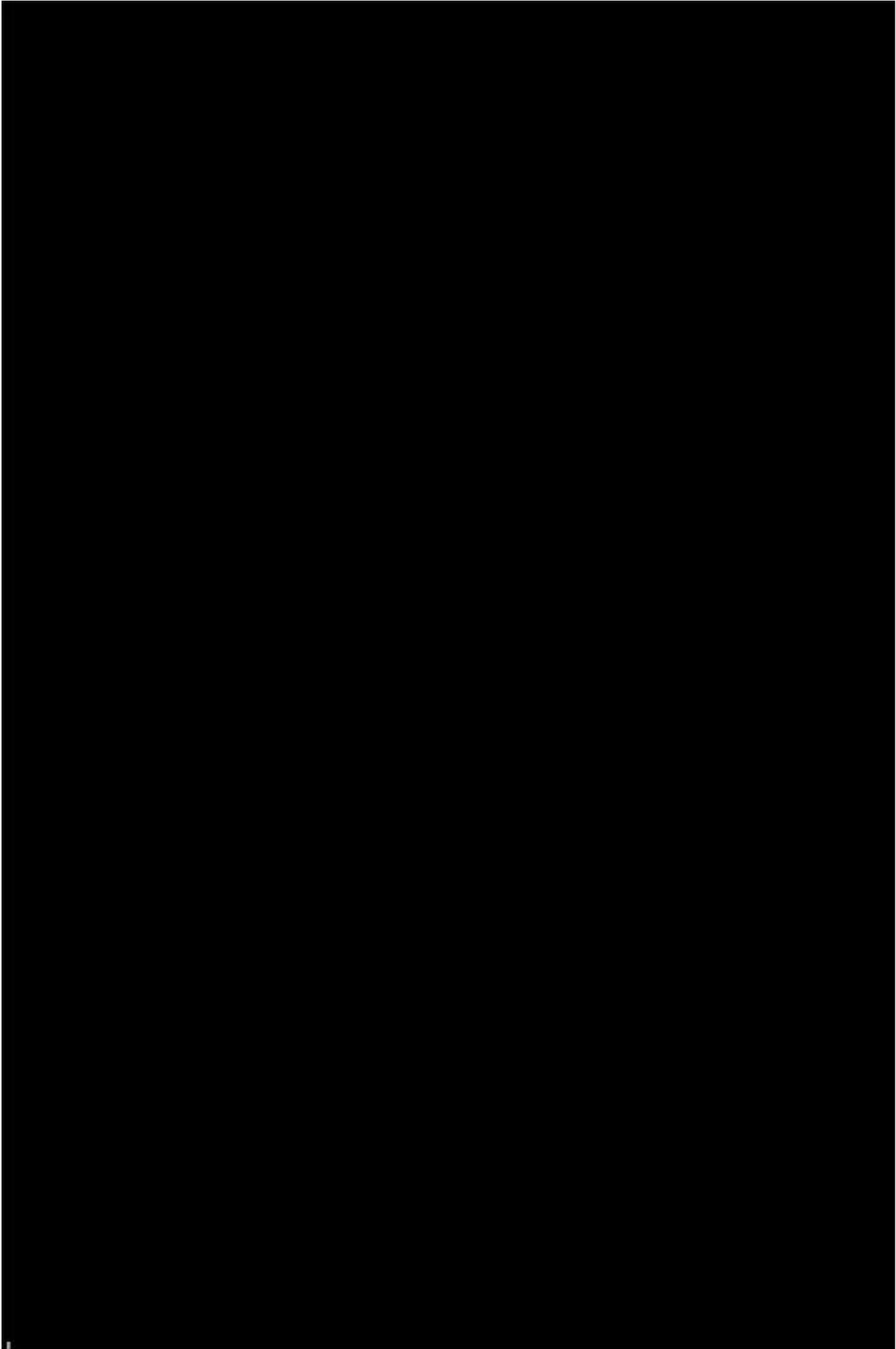


2

# PLANOS

*A política seria um  
negócio e tanto se não  
fossem as malditas  
pessoas.*

Richard Nixon



# OS ANCIÃOS

Waverly passava os dias em animação suspensa, tentando ler, tricotar, cozinhar... Disposta a fazer o tempo passar mais rápido. Cada dia era preenchido com conversas arrastadas com sua mãe, na tentativa de fazê-la ver quão desesperada era a situação delas, mas em troca Waverly só recebia comentários como: “Todos parecem tão bons...”; “Tenho certeza de que ele não é tão ruim quanto você pensa...”. Waverly por fim desistiu e deixou sua mãe em seu mundo abafado e seguro. Isso tornou a vida do dia a dia tranquila, mas fez Waverly se sentir ainda mais sozinha e mais preocupada por talvez nunca ter sua verdadeira mãe de volta. E se o médico não conseguisse encontrar uma maneira de curá-la?

E onde estava Seth? Se ele realmente se importava com ela, como pôde tê-la deixado sozinha desse jeito? Quando Kieran era seu namorado, ele nunca teria saído de perto se achasse que ela estava em perigo. Mas Waverly tinha se certificado de nunca mais poder contar com ele de novo, não tinha? Ela praticamente se tornara sua inimiga, mostrando-lhe somente dúvida, desconfiança e críticas desde que voltara da New Horizon. E por quê? Porque ele havia usado a religião para dar conforto às crianças desprovidas da Empyrean? Isso era assim tão terrível? Kieran era uma boa pessoa, uma das melhores que ela já havia conhecido. Ela o tratara como lixo, e agora não tinha ninguém.

Ela não conseguia nem sonhar com o passado ou com Seth. Em vez de conforto, o sono lhe trazia pesadelos de sangue e vingança. Ela matava Anne Mather de tantas formas, tão horrivelmente, que acordava no meio da noite, e seus sentimentos eram uma mistura de horror com uma alegria perturbadora, que a fazia se perguntar se estava perdendo a cabeça.

Waverly passava mais e mais tempo em seu quarto, em um estado sombrio, imóvel e silencioso sob seus cobertores. Era onde estava quando ouviu uma batida na porta da frente. Ela foi até a sala para ver quem havia chegado e encontrou o belo assistente do dr. Carver conversando com sua mãe.

— Lembra-se de mim? — Perguntou ele, ao entrar cuidadosamente na sala de estar.

— Olá, Jared — disse ela, questionando-se por que ele a fazia sentir-se tímida.

— Quer dar uma volta?

Ele fez um movimento com o braço em direção à porta e sorriu enquanto ela silenciosamente estendeu a mão e pegou o cardigã preto que deixava pendurado ao lado do batente. O guarda flácido e sarcástico que ficava perpetuamente do lado de fora de seu apartamento olhou para Jared com apreensão, mas não fez nenhum movimento para impedi-lo de levar Waverly.

— Por que ele está me deixando sair? — perguntou ela, quando ele já não podia ouvi-los.

— Ele não pode interferir nas ações dos anciãos da igreja — disse Jared.

— Aonde vamos?

— O doutor assentou as bases; agora, ele quer que você conheça seus colegas.

As portas do elevador se abriram e Waverly entrou com Jared, cuidadosamente deixando bastante distância entre eles. Ele cheirava à terra, como solo rico e sálvia, uma fragrância primitiva e máscula.

— Você sabe algo sobre meus amigos que foram levados do encontro da Empyrean? Eles estão bem?

— Vou ver o que posso descobrir — disse Jared, conspiratório —, pode ser?

— Obrigada — disse Waverly.

As portas do elevador se abriram no nível administrativo da nave e Jared levou Waverly pelo corredor até a sala do Conselho Central. A sala era exatamente como a Câmara do Conselho na Empyrean, apesar de cheia de ícones religiosos. A maioria deles era cristã, mas Waverly reconheceu a lua crescente e a estrela muçulmanas, um Buda sorridente na prateleira embaixo do grande domo de janelas e um Shiva sentado no aparador ao lado da porta, de pernas cruzadas e muitos braços esticados como um leque em volta da cabeça.

— Waverly — chamou o dr. Carver, acenando de seu lugar à cabeceira da mesa em volta da qual se sentavam outras cinco pessoas que pareciam quase tão idosas quanto ele.

Ela assentiu, inquieta por subitamente ver-se de frente para uma plateia.

— Todos vocês — disse dr. Carver —, por favor, apresentem-se.

Uma mulher pequena e murcha ergueu o queixo como se esperasse ser admirada e disse:

— Miranda Koch.

Ela tocou um colar de contas brancas ao redor do pescoço. Ao lado dela estava outra mulher, muito maior e mais gorda, com muito ruge nas bochechas inchadas. Ela sorriu para Waverly e levantou a mão, agitando dezenas de pulseiras de ouro em volta do pulso.

— Eu sou Selma Walton. Bem-vinda.

Do outro lado da mesa sentavam-se dois homens idênticos, desde o cabelo artificialmente marrom até o nariz torto, e os ossos dos ombros angulares espetando seus casacos cinza. *Gêmeos*, notou Waverly. Ela havia ouvido falar de gêmeos, mas nunca os vira antes. Eles a viram encará-los e corou, envergonhada por ser pega olhando para os dois. Um deles preguiçosamente levantou um dedo e disse:

— Wilbur Murdoch.

E seu irmão murmurou:

— Raymond.

Ao lado deles Waverly reconheceu Deacon Maddox, a figura encurvada que sempre se sentava no palco com Anne Mather durante os serviços. Agora ele estava sentado completamente imóvel, de olhos fechados. Waverly achou que ele devia estar dormindo, pois não fez nenhum movimento para se apresentar.

— Na Empyrean, o Conselho tem sete membros — murmurou Waverly para a sala.

— Eu sou o número sete — disse Jared, sorrindo com bom humor. — Não pareço digno?

Waverly retribuiu o sorriso, e, de repente, não se sentiu tão sozinha.

— Senhoras e senhores — chamou o dr. Carver, cerimonioso —, apresento a vocês a chave para derrubar Anne Mather. Depois disso, poderemos colocar qualquer um que nos agrade na cadeira do capitão. Jared, por exemplo.

Jared humildemente baixou a cabeça.

— O capitão não é escolhido democraticamente? — Perguntou Waverly, em voz baixa.

— Sim, e será — disse o médico olhando ao redor da sala para obter apoio. — A maioria das pessoas quer um líder para fazê-la se sentir segura, oferecer-lhe uma visão, fazê-la orgulhosa de quem é. Eu posso mostrar a Jared como conseguir isso, da mesma forma que mostrei a Anne. A tripulação vai amá-lo, e, por isso, vai escolhê-lo. Afinal, é assim que funciona a democracia.

— Isso é apenas um artifício — argumentou Waverly, ciente de que o estava desafiando e com um pouco de medo do que ele faria. — Não seria real.

— Um pouco de artifício é necessário — rebateu o dr. Carver. — As pessoas precisam de líderes.

— Talvez sejam os líderes que precisem de seguidores — respondeu Waverly.

O doutor riu, mas a Waverly não pareceu um riso sincero. Os demais anciãos o observavam; nenhum deles parecia partilhar da piada.

— Líderes e seguidores precisam um do outro — disse ele, por fim, enxugando o canto do olho com a manga. — Mas comecemos do começo. Precisamos de seu testemunho.

Waverly respirou fundo. A simples menção da palavra fez seu coração palpitar, e as pontas de seus dedos tremiam quando ela os apertou debaixo da mesa.

O médico a estudou.

— Não me diga que sua determinação está fraquejando.

— Eu não a culpo por hesitar — interveio Selma, afastando de Waverly o olhar do doutor. — Você quer usar essa menina para dar o golpe final em Anne.

— Tem de ser ela. Ninguém mais tem a autoridade moral de Waverly — disse o velho.

— Eu vou fazer isso — disse Waverly calmamente. — Eu mataria Mather pessoalmente, se pudesse.

Sete pares de olhos se voltaram para ela.

O dr. Carver cuidadosamente alisou o lábio superior.

— Se chamarmos as transgressões de Anne Mather de crimes contra a humanidade, ela estará sujeita a *impeachment*.

A mesa ficou em silêncio enquanto o Conselho considerava a proposta.

— O que significa isso? — Perguntou Waverly.

— Significa que os anciãos da igreja comporiam seu júri — disse Selma, calmamente.

Ela agora olhava para o médico com uma expressão insondável.

— Não precisaríamos que a Justiça da Paz se envolvesse.

O doutor ergueu as sobrancelhas e olhou ao redor da mesa.

— Wesley — chamou a pequena Miranda, sacudindo o colar de contas. — Você está propondo que manipulemos o julgamento?

— Manipular? — Ele bateu com a bengala no chão. — Nós sabemos que ela é culpada!

— Houve circunstâncias atenuantes... — começou Deacon Maddox, preguiçosamente abrindo os olhos. — Você sabe disso, Wesley.

— Ela estragou tudo, Maddox! — O doutor levantou tanto a voz que o som reverberou contra a cúpula de vidro acima de sua cabeça. — Não nos enganemos mais! Essa mulher virou um monstro e precisa ser deposta!

A mesa ficou em silêncio, tão quieta que Waverly podia ouvir o ar passando pela garganta dos gêmeos quando eles respiravam.

— É perigoso — disse Selma, em advertência, e Waverly percebeu que a mulher gorda estava se dirigindo a ela. — Você entende isso, não é?

— Você viu como ela virou a congregação contra Anne no dia de sua fuga — insistiu o dr. Carver. — Esta menina é formidável.

— Você está preparada para isso, menina? — Pela primeira vez, Deacon Maddox parecia totalmente presente e desperto. — Está pronta para enfrentar Anne Mather?

Waverly olhou para ele para que pudesse ver que ela era tudo, menos uma menina. Ele desviou o olhar, erguendo as sobrancelhas, escondendo uma mão cheia de veias debaixo da outra. E então, ela se levantou.

— Destruir Anne Mather é a única coisa que vai tornar a vida nesta nave tolerável para mim.

— Huh.

O som provinha de Selma, algo entre uma risada confusa e uma exclamação de surpresa.

— Obrigada, querida — disse o dr. Carver, e deu um tapinha no pulso de Waverly.

Ela ficou olhando para ele até que entendeu que estava sendo dispensada. Jared se levantara também, e acenou para ela de forma respeitosa, estendendo a mão para levá-la para fora da sala.

Quando a porta da sala do Conselho se fechou atrás deles, ele se voltou para ela com um sorriso.

— Quer dar uma volta? — Convidou ele.

— Você não precisa voltar para a reunião?

— O dr. Carver me atualizará depois. E ele quer que você faça um pouco de exercício — Jared levantou no ar um dedo curvado. — “Ela precisa de exercício e de distância mental de seu cativeiro” — disse, em uma imitação quase perfeita do velho.

Waverly riu.

Ele descansou seus olhos nela, aqueles olhos azuis-escuros tão inquietantes, pegou-a pelo cotovelo e a conduziu suavemente. Ela se afastou. Cada vez que ele a tocava ou observava, ela queria Seth, sentia ainda mais sua falta. Onde ele estava?

*Eu devia esquecê-lo. Ele obviamente se esqueceu de mim. Assim como Kieran.*

— Aonde você gostaria de ir? — Jared lhe perguntou.

— Tanto faz — disse ela honestamente.

Ele estendeu a palma da mão indicando que escolhesse a direção, então ela seguiu pelo corredor. Ela caminhava lentamente, sem saber se acompanhava o ritmo dele ou era ele que seguia o dela. Ela não olhava para Jared, mas estava intensamente consciente de sua presença e de seu cheiro. Solo, sálvia e algo mais; cardamomo e alho, talvez.

Eles pegaram a escada e desceram vários lances em silêncio. Quando ele abriu a porta para ela, Waverly descobriu que a levava para os jardins familiares, uma área fabulosamente exuberante e bem conservada. Caminharam entre as fileiras de enormes couves, abobrinhas excessivamente crescidas, abóboras tão grandes que ela poderia se sentar nelas, tomateiros pesados com seus ricos frutos vermelhos. Ele virou à esquerda, passando por fileiras perfeitamente retas de pés de milho uniformes, depois parou junto de uma grande treliça em arco cheia de trepadeiras roxas e madressilvas cor-de-rosa. Uma pequena trilha ia da treliça a um pequeno banco de pedra, no qual ele se sentou. Jared deu um tapinha ao seu lado no banco e Waverly se sentou, inclinando-se para longe, porque o calor do corpo dele a deixava desconfortável.

— Você gosta? — Perguntou Jared, indicando com a mão as ervas e flores que cresciam em canteiros ao redor deles.

As cores haviam sido perfeitamente organizadas: lavandas perfumadas ao lado da sálvia verde-pálido, açafreão dourado emoldurado por camomila branca.

— Você plantou este jardim? — Indagou Waverly.

— Venho trabalhando nele a vida inteira.

— É... — Ela tentou encontrar a palavra certa, uma que não fosse muito generosa — Bacana.

— Bacana? — Repetiu ele, comicamente indignado. — Décadas da minha vida se resumem a “bacana”?

— O que você quer que eu diga?

— É uma obra de arte! — Jared ergueu as mãos teatralmente. — Você é cega?

— Tudo bem, Jared — disse ela, condescendente —, é uma obra de arte.

— Melhor assim — assentiu ele, olhando para ela com raiva fingida.

Ele era engraçado, ela tinha que lhe dar esse crédito.

— Você plantou muitas ervas. É para o processamento de plantas?

— Ah, não. Essas são para mim. Eu as seco em casa, não as compartilho.

— Nunca? Nem mesmo um pouquinho de tomilho?

— Não tenho tomilho de sobra.

Ela olhou para o enorme canteiro de ervas que cresciam em um nó emaranhado.

— Você deve tomar bastante sopa.

— Tomo. Eu tomo muita sopa — Jared olhou para ela de soslaio, com desconfiança fingida. — Não que isso seja da sua conta.

Ela estava rindo de novo. Como ele fazia isso? Ela estava presa, miserável, havia perdido tudo, mas este estranho homem a estava animando. Ela odiava a si mesma por relaxar, mas não podia evitar. *Eu não posso ser infeliz o tempo todo, ou vou morrer.*

*Talvez ele saiba disso*, pensou Waverly. Ela o olhou de soslaio. Seu nariz era estreito e reto, exceto na ponta, que era um pouco inchada, mas era um belo nariz; um nariz amigável. Sua pele era bastante suave para alguém que deveria estar na casa dos quarenta, e ela queria perguntar sua idade, mas segurou a língua. Seu cabelo ainda era cheio, apesar de estar salpicado aqui e ali de manchas cinzas.

Ele se voltou para ela, mas Waverly desviou o olhar rapidamente.

— Você deve ter perguntas — disse Jared. — Sobre o doutor.

— Por que você trabalha para ele? — Quis saber Waverly.

— Ele é meu pai, mais ou menos.

Jared balançou os pés casualmente, em uma atitude completamente diferente da rígida disciplina que mostrava perto do dr. Carver.

— Ele me pegou quando eu era apenas um garoto. Minha mãe... Ela não ficou bem depois do lançamento. Ser tirada da Terra para nunca mais voltar fez que ela... — Ele girou o dedo perto da têmpora. — Muitas pessoas foram afetadas dessa maneira, no início. A maioria melhorou. Mas algumas delas, como minha mãe, não.

Ele ficou em silêncio por um momento, como se estivesse preso em uma lembrança.

— O dr. Carver disse que gostava do jeito como eu brincava com as outras crianças. Acho que eu parecia esperto. Ou autossuficiente. Desse modo, ele assumiu responsabilidade por mim.

— Ele o criou? — Perguntou Waverly.

Ela não podia imaginar aquele velho astuto amando ninguém, nem mesmo uma criança.

— Não de uma forma tradicional. Ele me levou para casa, cuidou da minha educação, contratou mulheres para cuidarem de mim. Eu fui criado por um monte de gente.

— Isso parece... Difícil — respondeu Waverly, lembrando-se da própria mãe e de como ela era: totalmente confiável, sempre ao lado de Waverly e absolutamente amorosa.

Waverly não sabia em que poderia ter se transformado se não houvesse recebido esse tipo de amor quando criança.

Mas Jared balançou a cabeça.

— Eu recebi muita atenção, de todos os tipos de pessoas.

— E isso graças ao dr. Carver?

— Sim. E eu lhe serei eternamente grato.

Ela cavou com o calcanhar o solo macio do jardim, apreciando o cheiro perfumado do barro e as raízes macias.

— Você se lembra da Terra? — Indagou Waverly, como um jeito indireto de saber sua idade.

— Não. Minha mãe estava grávida de mim quando embarcou na New Horizon. Eu nasci alguns meses depois, na missão. Então, não sou tão velho — disse ele, com um sorriso.

— Bem.. — Waverly sorriu enquanto calculava —, você tem mais que o dobro da minha idade.

— Obrigado pela lembrança — ele riu.

— Disponha.

Waverly pensou que também deveria se lembrar disso, porque se sentia culpada falando com esse homem bonito, rindo de suas piadas, sem ter ideia de onde estava Seth, ou se estava seguro.

Por que ela deveria se sentir culpada? Alguma parte dela era leal a Seth? Por que ela deveria ser leal depois do modo como ele a abandonara?

Mas, mesmo se quisesse esquecer Seth, não poderia. Apesar de sua raiva, no fundo ela sabia que ele havia se afastado para que, quando ela precisasse de ajuda, ele pudesse fazer alguma coisa. Se estivesse sob o controle de Anne Mather ou do dr. Carver, Seth estaria tão impotente quanto ela. E Seth se preocupava com ela. Ela sabia que sim. O jeito como ele a beijara, como se precisasse tanto dela, comunicara tudo o que ele sentia com uma abertura que não poderia ser mal-entendida. Nem Kieran jamais a beijara daquela maneira.

Mas Waverly mantinha esses pensamentos bem presos no fundo da mente, porque, se ela se permitisse sentir que Seth lhe tinha carinho, se tomasse consciência do próprio carinho por ele, sentiria falta dele.

Ela teria de se preocupar com ele. Ficaria doente de preocupação.

Ela passou a mão pelo estômago e engoliu seu mal-estar. *Por favor, por favor, por favor, permita que ele esteja bem.*

*Se ele não estiver..*

— Sua mãe deve estar se perguntando o que aconteceu com você — disse Jared, por fim.

Ele se levantou e estendeu a mão para ajudá-la.

Waverly escolheu o caminho entre as fileiras de manjeriço e sálvia, buscando em sua mente um assunto de conversa. O tabaco à frente exalava um aroma inebriante, fazendo-a se lembrar do cachimbo que o capitão Jones muitas vezes segurava entre os dentes.

— O dr. Carver disse que o capitão Jones está vivo.

— Não se preocupe, ele está sendo bem tratado — disse Jared, mas colocou a mão na testa, envergonhado.

— Ah, desculpe. Esqueci que você não é a maior fã dele.

Ele abriu a porta para ela em uma grande exibição de cortesia.

— Tenho certeza de que você não quer falar de tudo isso.

— Tudo isso o quê? — Perguntou ela, parando no patamar.

Ele tocou o ombro dela levemente quando começaram a subir as escadas.

— O negócio com seu pai, e... — Ele fez uma pausa. — De como ele morreu.

— Como você sabe sobre meu pai? — Questionou ela, bruscamente.

Ele parou de subir as escadas e a encarou, surpreso.

— O doutor mencionou isso ontem comigo.

— O que ele disse? — Sua voz ecoou pela escada de metal infinita. — Diga-me as palavras exatas que ele usou.

— Ele disse que seu pai foi executado.

Ela agarrou o pulso dele.

— O quê?

Ele pestanejou, surpreso. Seus olhos pareciam negros na penumbra da escada. Era como se ele tivesse duas faces: uma de olhos azuis e amigáveis, e uma de olhos negros e misteriosos.

— Você não sabia? — Perguntou Jared.

— Por quem? Por quê? — Gritou ela.

— Capitão Jones — disse Jared, erguendo as mãos para acalmá-la. — Você está dizendo que não sabia disso?

— Eles disseram que foi um acidente — respondeu Waverly.

Jared balançou a cabeça, deixando cair as mãos ao lado do corpo.

— Não foi um acidente.

— Então, meu pai foi assassinado.

Ela fechou as mãos em punhos.

— Ele foi executado pelo que fez — disse Jared, parecendo confuso.

Waverly sentia sua pulsação dentro dos ouvidos ao sussurrar:

— O quê?

Ele olhou para ela por um longo momento antes de dizer:

— Foi seu pai que enviou a fórmula adulterada para a equipe médica daqui. Ele e mais dois.

As pernas de Waverly cederam e ela se abaixou até sentar nos degraus da escada.

— Galen Marshall foi o arquiteto da coisa toda — completou Jared suavemente, com a mão no ombro dela. — Ele criou o veneno que esterilizou nossas mulheres.

A visão de Waverly ficou turva. Ela abaixou a cabeça entre os joelhos, ofegante. Ela sentiu as mãos fortes sobre seus ombros e o hálito quente de Jared quando ele falou em seu ouvido, entremeando as palavras com grande pesar:

— Desculpe, eu pensei que você soubesse.

# CONGREGAÇÃO

Kieran e sua mãe chegaram cedo aos serviços, conforme Mather havia pedido. Ele ficou surpreso ao ver uma longa fila de pessoas esperando para entrar no grande celeiro onde eram realizadas as cerimônias. Kieran só soube por que estava demorando tanto ao chegar à frente da fila, quando dois guardas armados o revistaram e passaram um sofisticado bastão de detecção sobre seu corpo em busca de armas, antes de deixá-lo entrar.

O celeiro era enorme, um dos maiores compartimentos da nave. À esquerda de Kieran, um macio tapete de húmus havia sido colocado no chão, e havia centenas de filas de cadeiras de frente para um palco coberto com enormes pedaços de tecido bordado com cenas de uma celebração de colheita. O cenário era esplêndido, Kieran tinha de admitir, e o aposento enorme, com seu teto alto, tinha um ar imponente, como as catedrais da Velha Terra que ele havia visto nos livros de História. À sua direita, por trás da última fileira de cadeiras, começava o milhoal. Talos altos subiam em direção às luzes em sulcos limpos que se estendiam do palco até que as fileiras se encontravam no ponto de fuga, muito longe nos anteparos centrais. A bela sala espaçosa tornava impossível não pensar em eternidade. Tal efeito nunca poderia ser alcançado no pequeno auditório, com seu teto baixo e paredes cinzentas.

Kieran e sua mãe se sentaram na primeira fila, onde os guardas os colocaram, e ele olhou de soslaio para ela para se certificar de que estava bem. Mather havia sido fiel à própria palavra e mandara um médico para examinar Lena. A dra. Jansen, uma mulher de meia-idade com um coque de cabelos grisalhos na nuca, fizera uma série de testes neurológicos, mas sua opinião havia sido irritantemente evasiva.

— Eu não encontrei nenhum sinal do trauma original, mas os efeitos da descompressão podem ser imprevisíveis — ela sorria tristemente para Kieran. — Desculpe, não posso lhe dizer mais nada além disso.

*Mamãe ainda está viva*, lembrou ele a si mesmo, olhando o perfil de Lena enquanto ela observava a espetacular igreja de Anne Mather. *Eu deveria ser grato por isso.*

Anne Mather, usando brilhantes vestimentas brancas, subiu os degraus em direção ao palco. Ela usava sobre os ombros um manto colorido bordado que brilhava quando ela se movia. Um foco de luz acariciou seu rosto e ela cintilou com um brilho sobrenatural, parecendo ao mesmo tempo bela e terrível. A iluminação, a roupa, e até mesmo a maneira coreografada de Mather se movimentar — tudo conspirava para criar uma atmosfera perfeitamente trabalhada. Esse era o nível de teatralidade que Kieran tentara em

seus serviços, mas nunca alcançara.

Lentamente, o zumbido da multidão diminuiu sob o olhar amoroso de Mather, e o coro deu início a um hino cadenciado acompanhado por violões tocados sem esforço. As luzes sobre o palco desapareceram, deixando um único fecho em formato de cone sobre Mather, que levantou os braços, imitando um abraço na multidão. Ela gritou, com voz de clarim:

— Que a paz esteja convosco!

— Que a paz esteja convosco! — Repetiu a multidão.

A música desapareceu.

— Bem-vindos todos a este 2.331º domingo de nossa missão rumo à Nova Terra. Temos conosco nesta celebração vários novos membros da tripulação. Aidan Johnson nasceu na quarta-feira, é um lindo menino de quatro quilos e duzentos!

Kieran estava chocado. Havia passado tempo suficiente para que os óvulos das garotas da Empyrean se transformassem em bebês? Ele fez as contas e percebeu que mais de dez meses tinham se passado desde o primeiro ataque da New Horizon. No meio da congregação, ele viu um casal orgulhosamente curvado sobre um pequeno pacote de pernas e braços que se contorciam. A multidão irrompeu em aplausos e o casal sorriu, radiante.

— Também estão conosco alguns jovens que fizeram a difícil viagem da Empyrean para se juntar à nossa tripulação. Vocês poderiam se levantar quando eu citar os seus nomes, por favor, crianças?

Anne Mather chamou nome após nome das crianças que sobreviveram à explosão da Empyrean, e cada uma delas se levantou, olhando ao redor, hesitante. Kieran desejou poder reuni-las e protegê-las de alguma forma.

— ... E Kieran Alden! — Chamou Mather, com as mãos estendidas acima da cabeça.

Kieran se levantou de cabeça baixa enquanto Mather também aplaudia.

— Este jovem notável, liderando uma tripulação de crianças, conseguiu manter a Empyrean em curso e, ao mesmo tempo, cultivar as colheitas e cuidar do gado com um nível de profissionalismo verdadeiramente incrível. Kieran, por favor, aceite as nossas mais calorosas boas-vindas!

Odiando a si mesmo, Kieran voltou-se para acenar para a congregação. A multidão se levantou instantaneamente, e os mais próximos a ele lhe deram tapinhas nas costas, empurrando-o e dizendo: “Bom trabalho!”, “Maravilhoso!” e “Bem-vindo a bordo!”.

Kieran assentia; ficou ainda mais desconfortável quando viu os rostos familiares das crianças da Empyrean na multidão, algumas batendo palmas, outras olhando confusas para ele.

— Kieran, venha até aqui — convidou Mather. — As pessoas querem vê-lo.

Ela fez um gesto para que ele subisse a escada e se juntasse a ela atrás do púlpito. Uma vez ao seu lado, ele viu em pé, na lateral, o grande guarda que o havia revistado, com as mãos em volta de um rifle, observando os limites do milharal com um olhar sombrio. Do que ele tinha medo?

— Por que não dá um “rápido olá”? — Propôs Mather, oferecendo o microfone a Kieran.

Kieran tentou negar, mas a multidão se aquietou na expectativa de que ele falasse.

— Obrigado — disse Kieran ao microfone.

Mather ergueu as sobrancelhas, acenando com a cabeça. Claramente ela sentiu o entusiasmo de sua congregação e queria que Kieran tirasse proveito disso.

— Ahn... — Ele olhou para as crianças da Emyrean, que o observavam à espera de um raio de esperança. — Vejo que minha tripulação e eu encontramos um porto seguro.

Sua voz era trêmula, mas ninguém parecia notar. Várias pessoas na fila da frente sorriram para ele.

— Nós perdemos tudo — continuou ele.

Ele viu os loiros irmãos Peter sentados com um casal de aparência austera. Os meninos olharam para ele como se esperassem alguma mensagem secreta. Ele sentiu Mather se mexer desconfortavelmente atrás dele. Isso era mais do que “um rápido olá”, mas ela não poderia impedi-lo; não se quisesse manter a ilusão de uma frente unida.

— Às famílias que aceitaram nossas crianças órfãs, agradeço gentilmente. E peço que façam seu melhor para tratar essas crianças com compaixão e compreensão. A perda de nossos pais foi — sua voz falhou — devastadora. Se alguns forem difíceis, ou sentirem raiva, por favor, respondam com amor e paciência.

Ele olhou para o casal austero com os irmãos Peter. O rosto da mulher era duro, mas o homem o escutava; então, falou diretamente para ele.

— Seja gentil, mesmo quando for difícil lidar com algumas crianças. Essa é a única maneira de vivermos juntos nesta nave como uma tripulação.

O homem acenou e Kieran viu várias outras pessoas concordando com a cabeça por todo o público. As crianças da Emyrean ouviam Kieran em silêncio, à espera de uma mensagem só para elas. Ele viu a mão de Mather se esticando para pegar o microfone e deu um quarto de volta para longe dela.

A inspiração veio e Kieran foi fundo, sem se preocupar com as consequências.

— E a vocês, crianças da Emyrean: estamos dando um jeito para que vejam seus amigos e se divirtam. Logo vocês se verão muito mais. O que acham disso?

Uma grande alegria explodiu e dezenas de pequenos punhos socavam o ar. Ele se voltou para ver o sorriso apertado de Mather.

— Nós devíamos ter discutido isso — disse ela.

— Você disse que eu teria influência — respondeu ele, ao lhe entregar o microfone.

Ele esperava que ela ficasse furiosa, mas Mather olhou para sua congregação e viu como as crianças estavam felizes.

— Não, você está certo — concordou ela. — Elas precisam disso. Vamos pensar em alguma coisa.

Surpreso, Kieran voltou ao seu lugar.

— Maravilhoso, querido — disse sua mãe, esfregando suas costas como se ele fosse o protagonista do

musical da escola.

A seguir, voltou-se para ouvir Anne Mather, que estava no púlpito sorrindo para seu povo.

— Ame seu inimigo — disse Mather ao microfone, e esperou que sua congregação pensasse nessas palavras familiares. — De todas as escrituras cristãs, este é, talvez, o princípio mais difícil de se colocar em prática.

Kieran se contorcia na cadeira, lembrando-se de repente de quem eram essas pessoas e o que haviam feito com sua família. Por que ela tinha de despertar essas emoções agora? Mather sorriu aquele seu sorriso implacável e perguntou:

— Como Jesus pode esperar que amemos aqueles que nos causam mal?

A sala era de um silêncio mortal.

— Vejam — continuou ela, inclinando a cabeça —, Jesus queria mais do que criar uma religião que abraçasse a natureza amorosa de Deus.

Ela mudou sua postura, cuidadosamente pondo as mãos em cada lado do púlpito, e olhou para seu povo, porque isso é o que eles eram, a julgar pela forma como olhavam para ela, expectantes, ansiando por sua orientação, ansiosos para ouvir seu próximo pensamento. Eles eram dela: corpo, mente e alma.

— Pensem nisso. Se todos nós amássemos nossos inimigos, não viveríamos em um mundo maravilhoso?

Ela deixou essas palavras pairando no ar, flutuando como a neve macia. Seu tom mudou para um alerta:

— Mas vocês e eu sabemos que, mesmo que desejemos a paz, a guerra ainda pode cair sobre nossas cabeças. De fato, a guerra pelo futuro já começou.

A sala estava silenciosa mas agora Kieran achava que todo o mundo devia estar prendendo a respiração.

— Há alguns nesta nave que odeiam nosso modo de vida. Eles destruíram a Empyrean e agora estão vindo atrás de nós — Mather ergueu o queixo e entoou. — *Bendito seja o Senhor, minha rocha, que adestra minhas mãos para a guerra e meus dedos para a batalha.* Muitos do povo escolhido de Deus foram chamados para defender sua fé, e conosco pode não ser diferente. Os lobos estão circulando, meus amigos, e eles se chamam anciãos da igreja. Olhem ao seu redor! Vocês veem algum deles aqui?

A tensão na sala cresceu e Kieran ouviu murmúrios correndo pela multidão conforme as pessoas olhavam ao redor.

— Eles estão vindo. Eles estão vindo para me depor, para despir esta sala de suas vestes e passar o arado sobre nossa igreja! Eu pergunto a vocês, irmãos e irmãs: vocês vão ficar comigo se formos atacados?

Kieran ouviu o ranger das cadeiras e as pessoas já estavam em pé, parecendo determinadas.

— Vocês vão depor a pá e pegar a espada se as forças das trevas ameaçarem nos engolir?

Várias outras pessoas se levantaram. Kieran sentiu um nó no estômago e sua pulsação se acelerar. O que era aquilo?

— Nós não seremos silenciados!

A voz de Mather navegou sobre a cabeça de sua congregação, eletrizando o ar. Sua tripulação respondeu com punhos erguidos:

— Nós vamos defender nossa fé e vamos ser vitoriosos, pois estamos do lado do Senhor! E as gerações futuras vão nos lembrar como a grande geração, os fundadores leais de nossa casa na Nova Terra, para todo o sempre!

— Amém! — Respondeu a congregação, e explodiu em uma cacofonia de vivas, aplaudindo e batendo os pés com força contra o chão.

Kieran teve de lutar contra o instinto de esconder a cabeça. A maioria das pessoas olhava fixo para Mather, mas uma mulher à sua direita olhava para ele com os olhos apertados.

Mather mantinha as mãos acima da cabeça, bebendo da adulação de seu povo. Kieran reconheceu a luz em seus olhos. *Eu senti essa euforia*, pensou ele consigo mesmo, enojado. *Depois de um sermão bem-sucedido, eu me sentia como ela agora. Como um deus.*

Ele nunca mais queria se sentir assim.

Após os serviços, Kieran ficou parado ao lado de sua mãe olhando para o chão, repassando o sermão de Mather na cabeça, impressionado com as contradições que ninguém mais parecia notar. Ele pulou quando sentiu uma mão em seu ombro e ergueu os olhos. Viu Felicity Wiggam sorrindo para ele. Ela usava um lenço escuro por cima do cabelo amarelo brilhante — devia ser por isso que ele não a vira no meio da multidão. Sua pele era cremosa e seu rosto cor de fogo, destacando seus olhos pálidos.

— Como está você? — Perguntou Felicity.

Ele acenou com a cabeça:

— Tudo bem, acho. E você?

— Estou indo bem — respondeu ela, olhando furtivamente ao redor. — O que você achou do sermão?

— Ela é uma oradora hábil — disse Kieran, honestamente.

— Sim — disse Felicity com cuidado, e se inclinou para sussurrar:

— Mas estou cansada de guerra.

— Eu também — concordou Kieran.

Admitir isso fez crescer uma onda de sonolência sobre ele. Se pudesse se esconder debaixo das cobertas de sua cama quentinha...

— Eu ainda estou tentando entender como ela pôde dizer “ame seu inimigo” e, um segundo depois, estimular um grito de guerra.

Felicity apenas olhou para ele com seus olhos azuis. Ela estava com medo, dava para ver. Ele teve o súbito e irresistível desejo de conhecê-la, de saber cada parte de seu passado e de suas esperanças, de ver o mundo como ela o via. Seu olhar correu para seus dedos longos e afilados e ele notou um anel na mão esquerda, onde se usaria uma aliança.

— Você se... — Começou ele, surpreso.

— Se eu me casei? — Riu ela, e ergueu o anel para que ele olhasse.

O engaste continha uma pedra azul que brilhava sob as luzes.

— Eu estou noiva.

Ele se esforçou para esconder o choque.

— De quem?

Ela se voltou e apontou para um grupo de homens que riam. Um homem pequeno e bonito, de braços peludos, acenou para Felicity, e ela sorriu.

— O nome dele é Avery — disse ela, e colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Ele me pediu em casamento há poucos dias. Ele está fazendo a ronda, contando para todo o mundo.

— Mas ele é tão... — Kieran balançou a cabeça.

— Velho? — Ela deu de ombros. — Eu queria ter minha família. E não há ninguém de nossa idade disponível.

— E eu? — Kieran deixou escapar, antes de poder pensar em como isso poderia soar.

Ela riu nervosa, balançando a cabeça como se ele houvesse feito uma piada inapropriada.

— Você está com Waverly.

Kieran olhou para ela de boca aberta, sem saber o que dizer.

Felicity leu sua expressão.

— Vocês terminaram?

Ele balançou a cabeça de leve, constrangido.

— Querida — Avery estendeu a mão para Felicity.

Ela hesitou, olhando para Kieran, obviamente lendo tudo o que ele estava sentindo, murchando diante de seus olhos. Ela viu seu constrangimento, e, fingindo gentilmente não perceber, voltou-se e se foi com o noivo, deixando que o homem a envolvesse com seus braços e pressionasse o nariz em sua nuvem de cabelos pálidos. Ela olhou por cima do ombro para Kieran e levantou a mão para se despedir.

Ele acenou com a cabeça.

Estavam longe um do outro, e o momento passara.

# O PRÓXIMO

Seth se sentou na cama vestindo uma bermuda preta e uma túnica folgada, roupas que ele havia tomado emprestadas de Anthony. Nos pés, usava alpargatas de pele de cabra que rangiam cada vez que ele flexionava os dedos dos pés. Esta noite seu destino seria decidido. Ele passara duas semanas sob os cuidados de Maya, e agora estava forte o suficiente para ser transferido. Naquela manhã, Maya lhe havia dito que haveria uma “discussão familiar” sobre onde ele deveria ir. Sentia seu estômago oscilante e forçou-se a respirar fundo para diminuir o ritmo de seu coração inquieto. Ele pensava que podia confiar em Maya, mas sabia que Anthony faria qualquer coisa para protegê-la, inclusive entregar Seth.

Logo Maya apareceu na porta de seu quarto.

— Pronto? — Perguntou ela.

Ele se levantou, sentindo-se instável em pé, e entrou na sala. Surpreendeu-se ao ver vários estranhos sentados em cadeiras que pareciam macias, forradas com estampas africanas coloridas.

— Este é Seth — anunciou Maya para a sala em geral, dando-lhe um tapinha no ombro.

Anthony se levantou de uma poltrona azul amarrotada e, sem cerimônia, começou a desenrolar a gaze da mão de Seth.

— Só vou dar uma olhada. Como se sente?

— Dolorido — respondeu Seth, com um olhar incerto ao redor.

Ele não gostava de ser examinado na frente de estranhos, mas os demais estavam concentrados em conversas tranquilas e nem olharam para ele.

— Os ossos parecem bem — disse Anthony, virando a mão de Seth. — Mas a ferida está vermelha — ele tocou os dedos de Seth suavemente. — Acho que vou entrar com antibióticos mais fortes.

— Devo me preocupar?

— Não — disse o médico. — Vou pegar o remédio.

Anthony enfaixou a mão de Seth novamente com gaze e esparadrapo novos. O curativo ficou firme e reconfortante.

Seth se sentou em uma dura cadeira de madeira e olhou para os rostos da “família” de Maya. Demorou um pouco para reconhecer o guarda de peito estufado que o ajudara a sair do compartimento dos trópicos naquele primeiro dia. Ele ocupava a cadeira inteira com seu corpo atarracado. Com os olhos castanho-claros em Seth, ele levantou a mão em saudação.

— Eu sou Don.

— Obrigado por, ãhn...

Don fez um gesto com a mão.

— Sem problemas.

— Esta é Selma Walton — disse Maya, segurando a mão de uma velha gorda.

Ela era, talvez, a pessoa mais velha que Seth já havia visto, com um pescoço flácido e antebraços grossos cobertos de pulseiras de ouro reluzente.

— Seth — Selma abriu um sorriso iluminando —, bem-vindo.

— E esta é Amanda.

Maya apontou para uma mulher muito alta sentada encurvada em uma cadeira no canto. Ela estava enrolada em um xale de cores vivas e sorriu calorosamente.

— Maya disse que você conhece Waverly — disse Amanda.

— Eu a ajudei a fugir, junto com outra mulher chamada Jessica Eaton.

— Jessica ainda está... — Começou Maya, olhando para Don.

— Ainda está na prisão — completou Don, calmamente.

Seth esperava que isso fosse uma resposta decepcionante, mas todos na sala pareciam aliviados, e ele percebeu que temiam que ela estivesse morta. Isso, mais do que qualquer coisa que haviam dito, mostrou-lhe o grande risco que eles estavam correndo ao ajudá-lo.

— Já teve notícias de Chris? — Perguntou Anthony a Don.

— Ainda não — disse Don, mexendo-se desconfortavelmente na cadeira.

— Quem é Chris? — Quis saber Seth.

— É irmão de Don — respondeu a mulher alta. — Ninguém o vê há mais de duas semanas.

— Tenho uma ideia de onde ele possa estar — disse Don, e todos olharam em sua direção, mas ele não parecia disposto a dizer mais nada.

Maya pegou um grande bule de barro.

— Alguém quer um Darjeeling?

Sem esperar resposta, ela serviu o chá a cada pessoa, entregando pequenos copos em forma de ovo a seus convidados. Amanda bebericava distraidamente enquanto Selma captava o aroma com as mãos cruzadas sobre a xícara quente.

— Uma verdadeira delícia, Maya.

— Maya sempre recebe o melhor material — disse Don a Seth, fingindo indignação.

— Ela é encantadora — interveio Anthony, fazendo um gesto amoroso. — E as pessoas lhe dão coisas.

— É porque eu sou irresistível — acrescentou Maya, entregando o chá a Seth antes de desabar em um pufe soltando um grunhido.

— Cuidado — alertou Anthony —, não vá chacoalhar e soltar esse bebê.

— Anthony — disse Maya, advertindo-o.

— Eu tenho uma pergunta sobre isso — disse Seth.

A julgar pelo jeito como todos se voltaram juntos para olhá-lo, ficaram surpresos ao ouvi-lo abrir a boca.

— Waverly deixou esta nave há meses, mas você não pode estar grávida de tanto tempo.

Maya levou a mão à barriga.

— Este bebê veio de um embrião congelado.

Seth continuou:

— Quantos bebês vieram de Waverly, então?

Anthony olhou firme para ele.

— Nós conseguimos dividir vários embriões. Dela, creio, temos um total de trinta e dois. O total de todas as garotas juntas é de cerca de 180, sem contar os óvulos que Felicity Wiggam foi tão generosa de oferecer. Só podemos esperar que todos cheguem a bom termo.

Seth ficou chocado com o número.

— Antes de pegar seus óvulos, algum de vocês pensou em perguntar a Waverly como ela se sentia?

Amanda baixou a cabeça, lançando um olhar culpado a Maya, mas não disse nada.

Anthony fez um gesto no ar com sua mão de ossos finos.

— Anne Mather disse que Waverly e as outras meninas haviam dado seu consentimento. Acredite, eu gostaria de ter falado com as meninas antes de pegar seus óvulos, *ok*? Eu perco o sono por causa disso.

Seth estudou Anthony, que empurrou seus óculos pequenos e redondos até a ponta estreita de seu nariz. O homem parecia estar dizendo a verdade, mas Seth ainda não conseguia perdoar o que ele havia feito com Waverly.

— Se isso o incomoda tanto, por que você ainda está usando os embriões?

— Acha que devemos deixá-los morrer? — Interveio Maya, com um jeito muito mais tímido e hesitante do que o habitual, o que demonstrou que seus sentimentos eram mistos. — E quanto aos direitos dos homens que doaram seu esperma? Eles não querem que os embriões de seus filhos sejam destruídos.

— Onde está Waverly? — Perguntou Seth. — Algum de vocês sabe?

— Eu a vi — disse Selma —, mas não sei onde a estão mantendo. Posso dizer que ela é bem arrojada, e parece bem.

— Como foi que a viu? — Questionou Seth. — Você pode me levar até ela?

— Impossível. Os anciãos da igreja estão considerando tomar o depoimento dela. Enquanto ela não gravar o depoimento, será mantida isolada.

Seth não gostou disso.

— Você pode mandar uma mensagem a ela?

— Eu nem sei onde eles a estão mantendo — respondeu Selma. — Don, você pode tentar descobrir?

Don assentiu respeitosamente para a mulher, que parecia ter o tipo de autoridade derivada

principalmente de uma personalidade forte.

Seth olhou ao redor da sala, para cada rosto aflito, e decidiu que gostava dessas pessoas. Instintivamente, confiava nelas. Se quisesse ajudar Waverly e as outras crianças, precisaria da ajuda deles.

— Ouçam — disse Seth, e se levantou para obter a total atenção de todos. — Maya não me falou nada, mas eu sei quem vocês são. Vocês fazem parte de uma organização de resistência, e eu quero participar.

As bochechas de Amanda se inflaram.

— Resistência! Isso é divertido.

As outras pessoas na sala riram.

— Isso não é uma piada — afirmou Seth, e a sala se aquietou.

— Vocês são a resistência. Mesmo que não tenham feito nada ainda, isso é o que vocês são.

Os olhos de Maya brilharam com ternura ao olhar para Seth.

— Anne Mather e seus amigos mataram nossa tripulação, destruíram nossa nave, roubaram nossas garotas e as usaram horripelantemente. Isto é um governo que vocês apoiam?

— Acho que todo mundo aqui concorda com você, Seth, mas, o que propõe que façamos? — perguntou Amanda, e colocou a pequena xícara de chá sobre a mesa lateral. — Anne ainda tem muitos seguidores leais.

— Será que eles sabem a verdade sobre ela? — Questionou Seth.

— Eles sabem tudo o que nós sabemos — disse Anthony, e ajeitou os óculos no nariz —, mas parecemos ser os únicos a ver problema no que está acontecendo.

— Não é verdade — discordou Seth, surpreendendo-se com a própria certeza. — Os outros veem problema nisso, sim. No fundo da mente isso deve preocupá-los. O que necessitam é alguém que traga isso tudo à tona.

— E como faria isso? — Indagou Selma, com um sorriso.

— Colocando em palavras — respondeu Seth.

Ele pensara nisso enquanto estava se recuperando, sob os cuidados de Maya. A única maneira de pegar Anne Mather era fomentando a rebelião, e toda rebelião da História havia sido baseada na escolha de alguns *slogans*.

— Vamos dar a eles um grito de guerra.

— Articular isso para eles — completou Maya, balançando a cabeça enquanto colocava uma perna debaixo do corpo, ajeitando uma manta de crochê amarela sobre os joelhos. — Estruturar.

— Isso é o que temos de fazer — confirmou Seth. — Certo?

Convencê-los.

Os adultos se entreolharam, preocupados.

Seth se sentou na cadeira de madeira e pegou sua xícara, olhando pensativamente para a superfície

espelhada do chá preto.

— Na Empyrean, as crianças desenhavam grafites quando não estavam felizes com Kieran Alden.

— Como desenhos animados? — Perguntou Amanda.

De todos eles, ela parecia a mais interessada.

— Isso — disse Seth. — Palavras de ordem, esse tipo de coisa.

— Como é que vamos fazer isso sem ser pegos? — Questionou Anthony, parecendo irritado com a ideia.

— As crianças sempre usavam casacos com capuz para se esconder das câmeras — informou Seth.

De repente, a sala irrompeu ao som de dedos que batiam na porta. Seth ficou tenso, e uma pontada de dor latejou em sua mão.

— Maya? — Chamou uma voz rouca. — Abra!

— É Thomas — sussurrou Maya.

— Esconda-se — cochichou Selma, enxotando Seth da sala. — Don! Venha comigo.

Selma e Don entraram furtivamente no quarto onde Seth ficara. Selma assobiou e tentou chamá-lo, mas ele sabia que os três nunca caberiam dentro do guarda-roupa. Por isso, ele se escondeu no quarto de Maya pouco antes de ouvir a porta ser arrombada e botas pesadas pisarem na sala. Seth mergulhou no armário do quarto principal e fechou a porta atrás de si.

— Isto é uma reunião? — Disse uma voz estentórea.

— Somos apenas amigos reunidos para tomar chá, Thomas — respondeu Maya, corajosamente. — Há algo de errado nisso?

Houve uma pausa; em seguida, Thomas disse:

— Conte seis xícaras de chá, aqui.

— Alguns dos convidados foram embora há alguns minutos — disse Maya, rapidamente.

— Faça uma busca — ordenou Thomas a alguém.

Com a mão boa, Seth puxou os painéis no fundo do armário de Maya, criando um espaço grande o suficiente para poder rastejar para a passagem estreita atrás da parede. Ele se esgueirou, perseguido pelos sons do quarto dela, que estava sendo vasculhado, e fechou o painel justo quando ouviu a porta do armário se abrir e os cabides sendo arrastados ao longo da arara.

— Não há ninguém aqui! — Gritou o guarda.

Outro guarda gritou a mesma coisa no outro quarto, onde Selma e Don haviam se escondido. Seth suspirou longa e lentamente, encostado na tubulação que o cercava. Achou que poderia desmaiar de medo.

— Você está escondendo o fugitivo aqui, Maya? — Inquiriu Thomas, na sala de estar.

Houve uma pausa antes de Maya se recuperar o suficiente para dizer:

— Não!

— Você tem pegado muito mais comida nas lojas que o habitual.

— Eu estou grávida — disse ela. — Preciso comer por dois.

— Levante-se — instruiu Thomas a Anthony.

— O que está fazendo? — Gritou Maya.

— Anthony vem conosco agora.

— Para quê? Ele não fez nada de errado!

— Maya — disse Anthony, em tom de advertência.

— Quando foi que isso começou? — Gritou ela. — Quando foi que nós nos tornamos uma sociedade na qual guardas entram nas casas das pessoas sem pedir licença e levam embora quem bem entendem?

— O que está fazendo? — Gritou Anthony, se debatendo.

— Ela vem conosco.

— Maya não fez nada! — Protestou Anthony.

— Então, ela não tem com que se preocupar.

— T-Thomas... — Gaguejou Amanda —, Maya está g-grávida. Você não pode...

— Cale-se de uma vez, Amanda — reagiu Thomas.

Seth ouviu botas pesadas deixando o apartamento. Cada célula de seu corpo queria, precisava saber o que havia acontecido. Mas, se voltasse para aquela sala, poderia fazer com que todos acabassem mortos. Então, o mais silenciosamente que pôde, rastejou pela passagem estreita que serpenteava por trás dos apartamentos, tropeçando em caixas elétricas e se espremendo entre encanamentos e tubulações, com o coração na boca, sem ideia de para onde ir.

# A AUDIÊNCIA

— Mãe — chamou Waverly, e bateu na porta do quarto dela.

Enfiou a cabeça pela porta e a encontrou deitada na cama com uma toalha de rosto sobre os olhos.

— Está com dor de cabeça de novo?

— Esta não é tão ruim — disse Regina, acenando para a filha.

No quarto escuro, com o cheiro familiar de sua mãe, Waverly não resistiu e se deitou ao lado dela, apoiando a cabeça em seu ombro. Regina sempre sofrera de enxaquecas, e essa cena familiar era quase como estar em casa. Lágrimas se acumularam nos cantos dos olhos de Waverly quando ela se entregou às sensações de seu lar perdido, de sua mãe perdida.

Ultimamente Waverly se sentia mais distante do que nunca de sua antiga vida, depois que Jared lhe havia contado sobre seu pai e seu suposto papel na esterilização da tripulação da New Horizon. Ela não acreditara. Não podia ser verdade em relação ao homem cuja pulsação quente tantas vezes a embalara para dormir.

— Você está quieta — observou Regina, e apertou o abraço nos ombros de Waverly. — Tudo bem?

— Eu ouvi uma coisa sobre papai — respondeu Waverly. Ela não havia planejado perguntar, simplesmente saiu. — Sobre a fitoluteína.

Ela sentiu o corpo de sua mãe se retesar.

— Seu pai desenvolveu a fórmula da fitoluteína. Ele foi um herói, salvou a missão.

Waverly só pôde sussurrar:

— Alguém me disse que foi papai quem envenenou as mulheres na New Horizon e as deixou estéreis.

— Seja lá o que for que o capitão Jones está dizendo agora, é para salvar a própria pele — afirmou Regina bruscamente, e uma raiva palpável borbulhava nela, tão diferente da mulher apagada e distante das últimas semanas.

“Ela está demonstrando emoção real!”, notou Waverly. “Será que a estou acordando?” Ela pegou a mão de sua mãe, mas Regina se afastou.

— Então, você está dizendo que o capitão culpou papai por isso, e depois o matou para silenciá-lo?

— Foi por isso que a mãe de Seth e o dr. McAvoy tiveram de ser mortos também, entende? Se o capitão queria culpar seu pai por tudo, precisava se livrar das testemunhas.

— Mas, então, ele acobertou a coisa toda — concluiu Waverly.

Alguma coisa em relação a isso ainda a incomodava.

— Ninguém na Empyrean sabia que a tripulação da New Horizon era infértil. Então, para que culpar papai? E como o capitão Jones conseguiu que você ficasse de boca fechada?

De alguma forma, esta foi a pergunta que mais assustou Regina. Ela se levantou da cama, empurrando Waverly, e começou a andar pelo quarto.

— Mãe?! — Insistiu Waverly, perplexa.

— Alguém bateu na porta? — Disse Regina, que saiu correndo quando alguém bateu na porta da frente pela segunda vez.

— Oh, Waverly — chamou ela, da sala —, veja quem veio nos visitar!

Waverly gemeu. Só podia ser alguém fazendo mais exigências, exercendo mais pressão. Ela cobriu a cabeça com o travesseiro de sua mãe, mas logo ouviu uma voz familiar.

— Ela está bem?

*Felicity Wiggam? Eles a deixaram vir?* Waverly se arrastou para fora da cama e foi até a sala, apertando os olhos por causa das luzes brilhantes. Felicity deu um abraço em Waverly.

— Como você está? — Perguntou Felicity, acariciando as costas de Waverly.

— Um homem bonito veio procurá-la — contou Regina, provocando, mas, quando viu a expressão de Waverly, tirou o sorriso do rosto. — Mas tenho certeza de que Kieran virá vê-la quando...

— Mãe — interrompeu Waverly.

Ela não poderia suportar mais uma exibição de delírios de sua mãe.

— Felicity e eu vamos para o meu quarto, *ok*?

— Ah, claro — concordou Regina, mas parecia sentida. — Vocês duas têm muito que conversar.

As duas velhas amigas se sentaram no colchão macio de Waverly em silêncio, até que Felicity se aventurou:

— Eu vi Kieran há poucos dias.

Waverly teve um sobressalto.

— Ele está bem?

— Fisicamente, sim — respondeu Felicity, devagar. — Emocionalmente, está como seria de se esperar. Mas está seguro.

— Por enquanto, pelo menos — ponderou Waverly, imaginando se sua velha amiga achava que ela e Kieran ainda estavam juntos, e sem saber se queria que ela soubesse a verdade.

— Tenho certeza de que ele está preocupado com você — disse Felicity, com um sorriso forçado.

*Tenho certeza de que...* Obviamente, Kieran não havia manifestado esse sentimento.

Waverly não queria falar sobre isso.

— Você parece estar bem, aqui — Waverly comentou.

— Eu conheci uma pessoa — Felicity recatadamente colocou o cabelo atrás da orelha, e Waverly notou um anel em seu dedo. — Ele é um pouco mais velho, mas é gentil e doce.

Waverly estudou a amiga.

— Estou feliz por você.

— Eu também — disse Felicity, mas com a testa franzida e os olhos fugidios, parecia, na melhor das hipóteses, confusa. — Eu precisava me sentir parte de algo, quando partimos. E Avery estava disposto a ir devagar.

— Parece legal — respondeu Waverly, optando por ignorar as óbvias dúvidas de sua amiga.

— Ele me ajudou a me adaptar à vida aqui. Foi por isso que eu disse à pastora que você e Kieran precisam um do outro.

— Você disse isso a ela?

Waverly estudou a amiga. Será que Felicity tinha alguma influência sobre Mather?

Felicity sorriu.

— Não seja tão desconfiada. Ela só fala comigo porque quer que eu fale com todos os sobreviventes sobre coisas suaves, para tentar levar todos a cooperar.

— Você já viu os outros? E Sarah?

— Eu não a vi — afirmou Felicity, com seus olhos azuis apreensivos. — Você e Kieran são as únicas crianças mais velhas de quem posso me aproximar. Também não consigo descobrir nada.

— Mas poderia?

— Vou tentar, mas acho que a pastora não confia muito mais em mim do que em qualquer um de vocês — e, percebendo o olhar interrogativo de Waverly, completou: — Acho que ela sabe que eu não sou sua defensora mais entusiasmada.

Waverly levou um dedo aos lábios e apontou para o ar para indicar que a conversa podia não ser privada, mas Felicity fez um gesto despreocupado.

— Eu não sou nenhuma insurgente — prosseguiu Felicity, dando um sorriso tímido. — Você me conhece. Não sou corajosa o suficiente para isso.

Houve um silêncio constrangedor entre as duas meninas, por lembrarem a falta de vontade de Felicity de ajudar Waverly a fugir da New Horizon. Felicity correu a vista ao redor, mas parecia incapaz de fazer contato visual. Retomou:

— Eu fiquei aqui, em parte, porque eu não achava que você conseguiria voltar à Emyrean. Achei que você e as outras meninas estavam em uma missão suicida.

— Quase isso.

— Tenho arrependimentos.

Toda a pretensão de Felicity se foi, e ela olhou de igual para igual para Waverly, como não fazia desde que ambas eram muito jovens. Havia algo diferente nela, notou Waverly.

— Desculpe por eu não tê-la ajudado. Não fui uma boa amiga.

Felicity pegou a mão de Waverly, mas foi interrompida por uma leve batida na porta.

— Eu fiz um pouco de leite com chocolate — disse Regina, enquanto colocava uma pequena bandeja na mesa. — Achei que vocês iam gostar.

Felicity se levantou.

— Eu gostaria de poder ficar, mas tenho um monte de gente para ver — ela puxou Regina para abraçá-la e lhe deu um beijo no rosto. — Foi bom ver vocês.

Regina retribuiu o abraço e respondeu:

— Sua mãe ficaria orgulhosa de ver como você se tornou forte.

— Acabei de dizer a Waverly como me sinto fraca, às vezes — comentou Felicity.

Waverly olhava para ela, silenciosamente concordando com a mãe. Felicity parecia mais consistente, mais sólida. Avery deveria estar fazendo bem a ela.

*Ou talvez ela só precisasse de tempo para se curar*, pensou Waverly, enquanto observava sua amiga se afastar dos braços de sua mãe e sair pela porta.

Waverly olhou para o próprio reflexo no espelho sobre a cômoda; estava pálida, assustada.

— Tenho arrependimentos — sussurrou.

Por alguns minutos, ela se deixou observar a pessoa derrotada em que se transformara. Permitiu-se odiá-la.

Outra batida se ouviu na porta da frente e Waverly foi para a sala de estar atender, pensando que Felicity devia ter esquecido alguma coisa. Quando abriu a porta, uma mão se estendeu para dentro e a puxou para fora.

— Que é isso! — Gritou ela.

Encontrou-se olhando nos olhos azuis-escuros de Jared.

— Aconteceu uma coisa — afirmou ele. — Precisamos tomar seu depoimento agora.

Waverly pisou em algo macio e olhou para baixo; viu o guarda no chão, inconsciente, roncando pelo nariz que sangrava.

Jared levou a mão à cintura e pegou um pequeno objeto que Waverly não reconheceu.

— O que é isso?

— Uma arma — respondeu Jared. — Antiga. O doutor é louco por coisas velhas.

Do bolso do paletó ele tirou uma faca grande, segurando-a na outra mão. O jeito como se movimentava fez Waverly lembrar vídeos que havia visto a respeito da Velha Terra — extintos gatos gigantes que espreitavam a selva.

Jared gesticulou para Waverly com a faca.

— Fique bem atrás de mim.

Ele correu para o acesso à escada. Sua rapidez pegou Waverly de surpresa, e ela se apressou para alcançá-lo. Ele lhe lançou um olhar de censura e murmurou as palavras *fique perto*. Jared lentamente abriu a porta para a escada. Waverly o seguia tão de perto que podia sentir a umidade da camisa dele em

seu rosto.

— Vamos lá — comandou Jared.

Ele começou a puxá-la para a escada, mas Waverly se soltou da mão dele.

— Espere! E mamãe? — Questionou ela.

— Ela não sabe de nada, está mais segura aqui — respondeu ele, e a empurrou para a frente. —

Depressa!

Ela hesitou, mas a maneira assustada de Jared olhando ao redor a convenceu de que não tinha escolha a não ser confiar nele. Ela subiu correndo dois degraus de cada vez, com Jared logo atrás.

— O que está acontecendo?

— Mather descobriu os planos do doutor de levá-la a julgamento. Ela está reunindo testemunhas.

— Testemunhas? — Murmurou Waverly, já sem fôlego.

— Pessoas que falem contra você.

Ele a pegou pelo braço e a puxou de volta, com os olhos fixos em um ponto acima deles, pressentindo o perigo. Waverly parou, olhando para o rosto dele, tentando respirar calmamente.

O patamar da escada parecia vazio, mas o silêncio era ameaçador. Waverly se retesou quando uma forma escura caiu sobre Jared do patamar de cima. Um som percussivo explodiu tudo ao seu redor. De repente, ela estava no canto da escada, protegendo a cabeça com os braços, e Jared se voltou bruscamente para cima dela, fazendo-a bater o ombro dolorido na parede. Ela não conseguia ver nada, mas ouviu Jared grunhir ao sair de cima dela.

Quando conseguiu olhar em volta, Waverly viu um homem grisalho sentado na escada, com a mão em volta do antebraço, que sangrava. Havia tanto sangue que por um momento Waverly não conseguia enxergar mais nada.

— Waverly! — Gritou Jared.

Ele estava lutando com um segundo homem.

De onde ele havia saído? O homem tinha um rosto vermelho, gemia, e o suor pingava de seu queixo. Jared tentou tirar a arma dele. Um tiro explodiu no ar e Waverly se abaixou. Jared puxou o cano da arma para cima, e um segundo tiro ricocheteou nas escadas. Jared bateu a testa no nariz do homem, estourando-lhe o rosto e transformando-o em uma massa de sangue.

— Atrás de você! — Jared conseguiu dizer a Waverly, enquanto imobilizava o homem no chão.

Waverly se voltou a tempo de ver um terceiro homem, que subia as escadas em sua direção, apontando uma arma para seu rosto. Outro tiro explodiu em seus ouvidos e o homem caiu no patamar, demorando apenas um instante para rolar escada abaixo.

Movendo-se lentamente, como se estivesse em um pesadelo, Waverly se apalpou em busca de buracos de bala.

— Ele não conseguiu atirar — tranquilizou-a Jared, guardando a arma na cintura.

O homem com quem ele estava lutando jazia a seus pés, aturdido. Jared pisou no rosto dele e puxou a arma de suas mãos. A seguir, empurrou Waverly escada acima.

— Eles estão a caminho — disse ele, sem fôlego. — Rápido.

Ela não sabia quantos lances mais subiram. Subia as escadas mal consciente de seu entorno. Seus ouvidos zumbiam por causa dos tiros e ela se sentia fraca, em choque.

Ela olhou para as costas encharcadas de suor de Jared quando ele a puxou para pô-la a seu lado.

Ela não sabia quem ele era ou do que era capaz. Não admirava que o guarda do lado de fora de sua porta tivesse medo dele.

Quando por fim chegaram à porta que ele queria, Jared a abriu, espiou, e então empurrou Waverly para o outro lado do corredor, passando outra porta. De repente, ela estava parada na frente dos anciãos da igreja. Eles estavam sentados em volta de uma mesa dobrável em uma sala comum.

Selma se levantou, horrorizada ao ver seu estado.

— O que aconteceu com esta garota?

Waverly olhou para baixo e descobriu que tinha respingos de sangue nos braços e no peito.

— Oh, meu Deus! — Disse, e esfregou a pele, espalhando o viscoso líquido vermelho.

— Jared? — O dr. Carver fechou a mão em punho sobre a mesa e tentou se levantar, mas suas pernas falharam.

— As coisas não correram muito bem — informou Jared, antes de desabar em uma cadeira ao lado da porta. — Tive de atirar em um guarda.

— Inaceitável! — O velho bateu a bengala no chão.

— Jared salvou a minha vida — interveio Waverly.

Isso amoleceu o velho médico, mas ele ainda fez bico.

— Estamos seguros aqui? — Perguntou Waverly, desorientada pelo contraste entre essa sala pacífica e a violência na escada.

— Não se preocupe — respondeu o doutor. — Sua rota para esta sala não pode ser monitorada pela vigilância. Nós planejamos tudo cuidadosamente.

— Você sabe por que está aqui? — Indagou Miranda, tocando um longo colar de pérolas que repousava sobre as dobras de uma elegante blusa de seda.

— Para testemunhar — disse Waverly, afundando em uma cadeira dobrável, com as mãos nas têmporas, pressionando-as, tentando se controlar. — Mas os homens de Mather acabaram de tentar...

— Pegá-la para impedi-la de falar — interrompeu o doutor. — Quando gravarmos seu depoimento, você estará segura novamente.

— Mather só vai ficar mais irritada. Ela virá atrás de mim — Waverly sentiu o pânico crescente em seu peito —, ou de minha mãe.

— Não — retrucou o doutor, levantando uma mão ossuda. — Depois que você depuser, ela não poderá

lhe fazer nada sem admitir culpa. Você estará sob a proteção dos anciãos da igreja como principal testemunha, e quem tentar lhe fazer mal será acusado de interferir em nossa investigação, e poderá ser preso apenas com base nisso. Até mesmo Anne Mather. Quando terminarmos aqui, você vai voltar para sua vida com sua mãe. Mas, se não testemunhar — ele inclinou a mão com a palma para cima —, não poderei protegê-la contra Mather.

*Não pode, pensou Waverly, ou não quer?* Ela não confiava no doutor nem em seus colegas. Não tinha certeza nem de confiar em Jared. Mas que escolha tinha? Se não cooperasse com estas pessoas, não haveria ninguém na nave para protegê-la e nem ela a sua mãe.

— Tudo bem — sussurrou ela.

— Comece a gravar — indicou o dr. Carver, levantando um dedo do punho da bengala.

Jared foi mancando até um equipamento no canto da sala. Waverly viu uma luz piscando acima dela e percebeu que uma câmera havia sido ligada.

— Waverly — disse Selma, batendo suas muitas pulseiras de ouro na mesa ao apoiar os cotovelos —, precisamos que nos diga tudo que lembra sobre o primeiro ataque à *Empyrean*.

Waverly assentiu e começou.

No começo, falar sobre aquele dia foi difícil. Ela odiava reviver o horror dos pais de seus amigos sendo baleados na sua frente, odiava lembrar-se de como ela e as outras meninas haviam sido levadas para a *New Horizon*, e todas as mentiras que Anne Mather lhes tinha dito tentando fazê-las acreditar que haviam sido resgatadas e não sequestradas. Quanto mais Waverly falava, mais irritada ficava. Os anciãos fizeram perguntas mais e mais detalhadas sobre quem puxara os gatilhos, quem matara quem, se ela havia visto Anne Mather mandar alguém atirar.

Eles não paravam de insistir.

— Tem certeza de que você só viu Anne Mather depois do tiroteio no hangar? — Perguntou Selma. — Você poderia tê-la ouvido ordenar a alguém que atirasse?

— Só vi o rosto dela quando estávamos longe da *Empyrean*.

Houve um silêncio desapontado. Os anciãos se entreolharam, preocupados.

— Pense, Waverly — instigou o dr. Carver.

Waverly se voltou para ele; o velho ergueu as sobrancelhas:

— Lembre-se, esta é sua chance de mostrar que Mather é uma criminosa de guerra.

Será que ele queria que ela mentisse?

— Eu... — Waverly parou.

Se mentisse, será que Mather poderia mandá-la para a prisão por perjúrio? Era melhor não lhe dar um pretexto.

— Eu não a vi durante a luta.

O médico olhou para ela fervendo de raiva.

— Isso é muito ruim — disse ele, lentamente.

— Mas ela fez muito mais — continuou Waverly. — Ela pegou nossos óvulos sem nosso consentimento.

— Vamos a isso — disse o médico, girando o dedo com impaciência. — Como vocês souberam que ela havia tirado seus óvulos?

— Foi depois de eu ser baleada.

— Você levou um tiro? — Perguntou Deacon Maddox, abrindo os olhos. — Quando?

— Quando eu estava tentando ver minha mãe, no compartimento de armazenagem.

— Eu entrevistei o guarda — interveio Jared. — Ele alegou que pensou que Waverly era uma prisioneira que havia fugido. Disse que não tinha ideia de que ela fosse uma das garotas.

— Isso é plausível — comentou Selma, pensativa. — E não há nenhuma maneira de atribuir isso à pastora, visto que ela não estava lá — disse a pequena mulher, parecendo aborrecida. — A ordem de pegar os óvulos certamente partiu dela.

Waverly contou a eles que acordou, após ser baleada, e descobriu que seus óvulos haviam sido colhidos para ajudar a criar a próxima geração de tripulantes da New Horizon. Todo o Conselho, as mulheres especialmente, ouvia-a com simpatia, mas, no final da história, o médico bateu sua bengala na beira da mesa, parecendo irritado.

— Waverly, você testemunhou Mather ordenar que se colhessem os óvulos?

Waverly balançou a cabeça.

— Tudo deve ter acontecido enquanto eu estava inconsciente.

— Pense — insistiu o velho.

Ela quebrou a cabeça, mas não conseguiu pensar em nenhuma prova clara de que as ordens de colher os óvulos haviam partido de Mather.

— Mas ela se justificou, depois. Ela me disse que eu tinha muita sorte por estar ajudando a missão doando meus óvulos.

— Ela vai dizer que não percebeu que Waverly não havia dado consentimento — murmurou a mulher miúda, Miranda. — Ela vai culpar os médicos.

— Portanto, não há prova de que os médicos estavam agindo sob suas ordens? — Questionou Selma, claramente desanimada. — Nenhuma?

Waverly baixou os olhos e notou que estava pressionando as palmas das mãos na mesa de plástico frio. Quando as levantou, seus dedos suados deixaram um esboço indistinto, que desapareceu.

— Vocês não podem perguntar aos médicos?

Selma olhou para o dr. Carver.

— Ela não sabe?

— Mather está mantendo o dr. Molinelli, que foi quem atendeu você, sob custódia — esclareceu o dr. Carver. — Ele foi preso ontem à noite, junto com alguns conhecidos adversários de Anne Mather. Ela os

está mantendo na prisão e não conseguimos acesso a eles.

— Como ela pode escapar disso? — Waverly bateu seu punho na mesa.

— Ela tem muito poder — afirmou o dr. Carver. — Isso é o que venho tentando lhe dizer. A situação fica mais grave a cada momento.

— Por isso, querida — disse Miranda, esfregando as correntes de ouro reluzente que cobriam sua garganta —, se você não puder nos fornecer nada que prove que Anne Mather é uma criminosa de guerra, receio que haja muito pouco que possamos fazer para protegê-la. Ou para proteger qualquer um.

Eles queriam pegar Anne Mather. Todos eles. Queriam muito.

— É meu pescoço que está em jogo — respondeu Waverly, lentamente.

— Pode se fazer de mártir quanto quiser, querida — disse a velha pequena, com um sorriso de escárnio. — Nós só precisamos do seu testemunho.

Quem essas pessoas pensavam que eram, para usá-la desse jeito?

Waverly olhou rosto por rosto, todos olhando para ela, impermeáveis, sem demonstrar um pinga de preocupação com sua situação; todos exceto Selma, de dentes manchados, que demonstrou apreensão em seu lábio inferior enquanto observava Waverly. *Pelo menos um deles é humano*, pensou Waverly com tristeza.

— E então? — Instou o dr. Carver.

— Eu não sou mártir — afirmou Waverly, com os olhos semicerrados. *Se eles vão me usar*, decidiu, *vou usá-los também*. — Eu quero algo em troca.

— Nós já fizemos um acordo — disse o dr. Carver, ameaçadoramente.

— Então, o senhor encontrou um antídoto?

— Antídoto para quê? — Perguntou Selma, com surpresa.

— Selma — retrucou o médico, irritado —, deixe que eu cuide disso.

A velha olhou com raiva para ele, mas fechou a boca.

— Ainda estou trabalhando nisso, Waverly — prosseguiu o dr. Carver. — Preciso de mais tempo.

— Então, vou aperfeiçoar nosso acordo. Quero saber o que aconteceu com Sarah Wheeler e Randy Ortega. Eu quero falar com eles.

— Isso pode ser arranjado — o dr. Carver começou, mas Waverly o cortou.

— E quero falar com o capitão Jones. A sós.

Olhares voaram ao redor da sala, de olhos injetados a olhos injetados.

— Por quê? — Questionou, por fim, o doutor.

— Eu tenho minhas razões.

— Isso pode ser difícil — ponderou Deacon Maddox.

— Mas não impossível — interveio Jared, mas recebeu um olhar furioso de seu... Patrão? Pai?

Jared afundou em sua cadeira com raiva, mas intimidado.

— Ele está mudado — avisou Miranda. — Não vai ser útil para qualquer coisa que você possa ter planejado.

— Este julgamento — Waverly levantou os braços para indicar o Conselho e o que eles estavam prestes a fazer — é meu único plano.

— Você vai nos dar o que estamos procurando — perguntou o dr. Carver, apontando com o queixo para ela —, se prometermos deixá-la ver o capitão?

— Eu vou dizer o que querem que eu diga — afirmou Waverly, calmamente.

Anne Mather era absolutamente culpada. Waverly sabia por experiência própria, e não se importava com o que tivesse que fazer para convencer o resto da tripulação, mesmo que isso significasse deturpar a verdade. *Já que não posso matá-la com minhas próprias mãos*, pensou Waverly, amargamente, *vou ter que me contentar com isso*.

O médico olhou para Jared.

— Você pode arranjar isso?

Jared assentiu.

— Você vai ver seu capitão — garantiu o velho. — E seus amiguinhos.

— Ok, então — disse Waverly, com um sorriso triste. — Vou lhes dar o que querem.

O dr. Carver sorriu.

— Jared, apague o que gravamos até agora e comece a gravação de novo — comandou ele, com um dedo levantado.

Com um suspiro triste, Jared foi mancando até o equipamento e fez conforme lhe havia sido dito.

# AGITADOR

Seth se agachou no esconderijo apertado do armário do zelador. Ele estava se arriscando ali, mas na passagem da manutenção por trás dos apartamentos não havia espaço suficiente nem para virar a cabeça, que dirá para aplicar um estêncil. Ele arrancou outra letra do papelão que havia rasgado de uma caixa de produtos de limpeza. Era difícil só com uma mão e sem ferramenta melhor do que uma faca de cozinha cega que ele conseguira roubar do apartamento de alguém na noite anterior; mas valera a pena; o estêncil lhe permitiria pintar seu grafite muito mais rapidamente.

Desde a noite em que Thomas invadira a casa de Maya, Seth estava escondido nessa passagem apertada, entrando nos apartamentos quando ninguém estava em casa, só por alguns minutos, para roubar roupas e alimentos. Uma vez por dia ele corria pelos corredores para pintar grafites nas paredes, antes de correr de volta para o armário do zelador, sempre pronto a desaparecer por trás do painel da parede se fosse necessário. Como na Empyrean, não havia nenhuma câmera apontada para a porta do armário, mas, quando estava nos corredores, ficava exposto. Ele escrevia rapidamente suas mensagens, permanecendo por apenas uns trinta segundos no corredor antes de correr de volta para seu esconderijo. Se demorasse mais, certamente seria registrado pelo sistema de vigilância; mas, ainda assim, era só uma questão de tempo até que eles o pegassem. Ele já havia se arriscado bastante.

Ele sequer sabia quanto tempo passara escondido ali atrás; não tinha relógio nem havia luzes no corredor para ajudá-lo a medir a passagem do tempo. A julgar pelo efeito em seu corpo, devia estar se escondendo havia pelo menos uma semana. Suas costas doíam terrivelmente por ficar espremido no meio da tubulação, mas a dor não era nada em comparação à agonia de sua mão. Sua atadura de gaze já estava cinza de poeira e sujeira, e Seth estava tentado a desenrolá-la para ver se a ferida de seu dedo havia piorado, mas não se atreveu. Queria de alguma forma conseguir chegar a Anthony para pedir mais antibióticos, mas seria muito perigoso; não só para Seth, mas para todos os outros também. Embora ardesse de vontade de saber se Maya estava bem, ele sabia que nunca poderia contatá-la novamente, ou a seus amigos.

Ele ergueu o estêncil para olhá-lo contra o fino fecho de luz que brilhava ao redor da porta. Seth teve a ideia de fazer o grafite desse jeito quando entrou no apartamento de um fabricante de maquetes. O apartamento era cheio de pequenos trens, aviões, fragatas e naves de guerra, e o sujeito que morava ali tinha potes de tinta por todo lado. Seth pegara um grande frasco de tinta preta e um pincel largo, e esperava que o homem não desse pela falta. Pegara também um pedaço de pão e uma grande jaqueta com

capuz e se esgueirara de volta ao corredor. Conseguira fazer tudo isso em menos de cinco minutos, mas cada segundo que passava no apartamento de alguém era mais um segundo no qual sua vida estava em jogo.

Ele criara regras para proteger a si mesmo de ser impulsivo. Antes de entrar em qualquer apartamento, ele ouvia por trás das paredes do armário, forçando as orelhas à procura de qualquer som. Mesmo quando estavam sozinhas em casa, as pessoas faziam algum barulho. A maioria falava sozinha, cantava, assobiava. Quando encontrava um apartamento silencioso, esperava um longo tempo e, se não ouvisse nada, lentamente abria os painéis dos fundos e entrava no armário. Lá ficava agachado, olhando por uma fresta da porta até ter certeza de que não havia ninguém em casa.

*Meus dias estão contados por fazer isso*, disse a si mesmo. E era verdade. Mais cedo ou mais tarde, ele iria cruzar com alguém. Ou o pessoal de Mather simplesmente descobriria onde ele estava.

Por isso era importante fazer o máximo de grafites que pudesse.

Ele quase terminara o estêncil. Quando acabasse, bastaria pressioná-lo na parede e passar o pincel sobre ele rapidamente, deixando para trás as letras que tivesse recortado. ASSASSINATO EM NOSSO NOME era o *slogan* que havia escolhido. Imaginou que poderia causar sentimento de culpa na tripulação, fazê-los pensar em como eles haviam criado suas famílias à custa de tantas outras pessoas.

Seu estômago roncou. Lembrou-se do delicioso aroma de frango assado que havia sentido na noite anterior, na outra ponta do corredor. Era um aroma salgado, de alho, gorduroso, e sua boca ficara cheia d'água. Era disto que ele precisava: de uma boa proteína. Ele ouvira apenas duas vozes abafadas conversando no apartamento enquanto comiam o frango; um homem e uma mulher. Duas pessoas não poderiam ter comido a ave toda em uma noite. Valia a pena conferir.

Este era um momento particularmente tranquilo a bordo da nave, de modo que ele dobrou o estêncil e começou a se espremer em direção ao apartamento. Sentiu uma câibra entre as omoplatas enquanto seguia seu caminho, e seus quadris doíam por ele precisar levantar as pernas passá-las por cima dos encanamentos de vasos sanitários e pias. Por duas vezes ele bateu o pé na parede e ficou paralisado, ouvindo, mas não escutou ninguém.

Quando por fim chegou ao apartamento, ainda podia sentir no ar o cheiro persistente de frango e alho. Esperou o máximo que pôde, escutando o silêncio. Em seguida, com a mão boa, enfiou as unhas na ranhura nos painéis e cuidadosamente os abriu. Enfiou a cabeça no armário, perfeitamente arrumado com roupas de uma cor sombria, e esperou. Nem um pio de ninguém.

Rapidamente cambaleou para o apartamento. Cheirava a frango, alho, casca de limão e a algo químico que ele não conseguia identificar. Correu até a cozinha e abriu a geladeira. O frango estava bem ali no meio, e ainda havia tanta carne, com uma cara deliciosa, que ele gemeu. Seth sabia que devia pegar uma pequena quantidade para que ninguém sentisse falta, mas não se conteve. Pegou a ave toda, uma garrafa de algo que parecia suco de laranja, um pedaço de pão, embrulhou tudo em um pano de prato que

encontrou e se voltou para ir embora.

Quando entrou novamente na sala de estar, um par de olhos profundos e familiares o perscrutou do sofá. Ele ficou paralisado, piscando diante da irrealidade daquilo.

Waverly. Era a imagem perfeita dela; aqueles olhos castanhos luminosos, os dedos fortes, seu pescoço longo. Ela olhava para ele de um quadro pendurado na parede.

— Como? — Deixou escapar, em voz alta.

— Quem diabos é você? — Gritou alguém.

Seth se voltou. Ele estava cara a cara com um pequeno homem que segurava algo que parecia ser um violão com as cordas de metal soltas rodopiando, tremendo.

— Como foi que você entrou aqui? — Perguntou o homem, olhando para a porta da frente trancada.

— Desculpe — Disse Seth, com a voz sufocada.

O homem era menor que Seth, e magro, mas o violão parecia forte o suficiente para causar sérios danos. E, com a mão daquele jeito, estava tudo acabado. A não ser que...

— Por que você tem um quadro de Waverly?

O homem inclinou a cabeça.

— Você conhece Waverly?

Ele agitou levemente o violão, como se avaliasse seu potencial como um porrete.

— Sim. Ela é minha... — Começou Seth, mas não sabia que palavra estava procurando.

— Ela está bem? — Perguntou o homem.

Ele estava começando a relaxar um pouco.

— Eu ia lhe perguntar a mesma coisa.

— Sente-se. E mantenha as mãos onde eu possa vê-las.

Envergonhado por ter sido pego roubando, Seth ergueu o frango para mostrar que carregava apenas comida, não armas. Foi lentamente em direção ao sofá, mantendo as mãos e o pacote engordurado no colo enquanto estava sentado.

Os dois se entreolharam. Nenhum dos dois fez qualquer movimento ou som.

— Você é o fugitivo — disse o homem por fim.

— Sim — confirmou Seth.

— Eu deveria denunciá-lo.

— E por que não denuncia?

— Eu deveria — repetiu o homem.

De repente, a porta da frente se abriu e entrou uma mulher alta, de meia-idade, com um bebê enrolado em uma faixa de tecido ao redor de sua cintura. Ela parou abruptamente.

— Seth!

— Amanda — Gritou Seth.

Era a amiga alta de Maya, a que havia dito que ajudara Waverly a fugir. As peças do quebra-cabeça se encaixaram, e Seth suspirou de alívio.

— Onde você estava? — Sussurrou ela, ao fechar a porta atrás de si.

— Escondido.

Seth se voltou e viu que o homem novamente segurava o violão como um taco, mantendo o olho em Seth enquanto perguntava à sua mulher:

— Como você conhece esse garoto?

— Ele estava com Maya — Amanda percebeu frango no colo de Seth. — Você está com fome...

Seth mexeu no frango em seu colo, engolindo seco.

— Desculpe.

— Não se desculpe — respondeu Amanda. — Josiah, abaixe isso. Está tudo bem.

Relutante, o marido abaixou a arma.

— Maya está bem? — Perguntou Seth.

O casal trocou um olhar e Amanda disse:

— Eu não consegui descobrir nada.

— Por que eles não prenderam você?

— Anne cuidava de mim quando eu era pequena. Ela gosta muito de mim — disse Amanda —, e por isso, tolera meu mau comportamento.

— Até certo ponto — rosnou Josiah.

O casal observou Seth e a seguir trocou olhares; eles pareciam manter uma conversa inteira em um piscar de olhos.

Por fim, Josiah falou.

— Nós não podemos ajudá-lo.

Amanda não parecia tão certa quanto seu marido, mas segurou o bebê mais perto do peito e olhou para o pequeno rosto. Seth podia ouvir os barulhinhos do bebê sugando sua mãozinha.

— Tudo que peço é que vocês finjam que nunca me viram — disse Seth ao casal.

— Como foi que você entrou aqui? — Perguntou Josiah novamente.

Seth fez uma pausa, olhou para ele e disse:

— Não posso contar.

— Não foi pela porta da frente — afirmou Josiah lentamente.

Seth simplesmente olhou para ele sem revelar nada.

— Eu ouvi alguma coisa no quarto principal — comentou ele. — Pensei que Amanda havia voltado para casa.

— As tubulações dos fundos? — Perguntou Amanda.

— Não — disse Josiah. — Ninguém poderia caber ali atrás.

— É apertado — concordou Seth —, mas eu sou magro.

Josiah foi até o quarto do casal. Seth podia ouvi-lo afastar a roupa no armário e retirar o painel traseiro para olhar. Ele voltou sacudindo a cabeça.

— Tem razão. O espaço mal é suficiente para que alguém se esprema lá dentro. Duvido que entrem ali, mas vão acabar descobrindo você, mais cedo ou mais tarde.

— Eu sei — concordou Seth, com o coração apertado. Ele não deveria ter ido ali. — Só estou tentando ficar fora da prisão o máximo que puder.

— Há um apartamento desocupado — interveio Amanda, apressada, apontando. — Por aqui, três portas para lá.

— Amanda — repreendeu Josiah, em voz baixa.

— Ok — disse Seth, se levantando.

— Não volte aqui novamente — avisou Josiah, com raiva, apertando os lábios contra os dentes.

— Não voltarei.

Seth colocou o frango debaixo do braço de novo e se levantou para sair.

Amanda se levantou também.

— Vou deixar um pouco de comida para você no armário — informou ela a Seth. — Todos os dias.

— É muito arriscado — Josiah alertou a esposa.

— Ele ainda está em fase de crescimento — disse Amanda.

— Ele já é alto o suficiente — retrucou o baixinho, ressentido.

Seth quase riu.

— Já temos um filho para cuidar — acrescentou Josiah, mais suavemente.

Eles olharam um para o outro. Seth os observava. Amanda era suave e dócil, dava para ver. Suas unhas estavam manchadas de pigmentos azuis e verdes. Seth descobriu que ela era a artista que havia pintado o retrato de Waverly, e sua tinta devia ser o cheiro de produto químico que ele havia detectado. Ela olhou suplicante para o marido, e Seth gostou dela por isso. O bebê que ela segurava fez um suave arrulho. Seu rostinho era amassado, e ele pressionava os punhos gorduchos contra a pequena boca, cujos lábios de rubi se curvavam perfeitamente em torno dos dedos gordinhos.

Ele reconheceu o formato do rosto, os olhos, os lábios, a ponta dos dedos.

— Esse bebê é... — Seth apontou para a criança e, a seguir, olhou para o retrato de Waverly novamente.

Amanda olhou para Seth com uma expressão ilegível. A seguir, relaxou e por fim disse:

— Nossa filha veio de Waverly. É por isso que eu quero ajudá-lo.

Seth olhou para a criança, sua boca macia, enquanto ela sugava seus dedinhos roliços. Ele indicou o pacote de comida que segurava.

— Você já fez o suficiente.

— Você precisa de ajuda — Amanda insistiu.

— Você precisa ficar em segurança — Seth indicou o bebê que ela segurava.

O bebê de Waverly.

Amanda olhou para a criança, estudando seu rostinho com uma atenção que fez Seth sentir saudades da própria mãe, de quem mal se lembrava. Com seu dedo anelar, mal tocando-o, a mulher acariciou uma mecha fina de cabelo castanho que descansava na testa do bebê e sussurrou.

— Tudo bem — Ela olhou para as mãos de Seth, que estavam manchadas de tinta, e entendeu. — Você é o grafiteiro! Eu bem que achava, mesmo.

Seth não disse nada.

— Eles limpam sua pintura muito facilmente. É só dar uma boa esfregada. Nenhuma permanece mais do que uma noite.

— Mas as pessoas veem, certo?

— Você devia usar uma pátina metálica — sugeriu ela, com um brilho malicioso.

— Amanda! — Alertou seu marido.

— Eu tenho um pouco. Eu passei por uma fase de esculturas de metal. Isso vai oxidar as paredes de metal e deixá-las pretas. Eles não vão conseguir apagar.

Em sua excitação, ela se levantou correndo do sofá e foi para o quarto dos fundos, segurando o bebê apoiado em seu ombro com a mão protetora em sua cabecinha. Josiah olhou com raiva para o chão, com a mão fechada em volta do braço do violão. Ela voltou rapidamente carregando uma latinha de metal na mão e entregou-a a Seth.

— Vai durar, se você a usar com moderação. Uma camada fina é suficiente.

— Obrigado!

Seth pegou a lata.

— E se ele for preso? — Josiah se irritou.

— Eu vou dizer que roubei — afirmou Seth.

Levantou-se para sair, mas, com um lampejo, voltou-se para Amanda.

— Você descobriu onde Waverly está?

— Ah! Sim — Amanda sorriu. — Ela está com a mãe, graças a Deus. Eles as estão mantendo um nível acima de nós, em uma ala de apartamentos desocupados.

Seth assentiu, grato por finalmente ter uma pista.

— Eu não quero ver sua cara novamente — disse Josiah, com os punhos e a mandíbula fechados, fervendo de raiva.

— Não vai — garantiu Seth, olhando-o nos olhos para mostrar que falava sério.

— Agora, vá — disse Josiah. — Do jeito que veio.

Seth se levantou e voltou para o armário do quarto.

Ele podia ouvir o casal discutindo baixinho enquanto se esgueirava pelo corredor em direção ao

apartamento vago que Amanda havia mencionado.

Seth o invadiu pelos painéis do fundo do armário vazio e saiu em um quarto com apenas uma cama e uma cômoda. Agachou-se no chão e comeu até o último pedaço de carne, pele e cartilagem do frango, seguido de todo o pão e a garrafa inteira de suco. Com a barriga cheia, de repente se sentiu exausto. Arrastou-se para o colchão nu e se deitou, relaxando cada junta do corpo. Era muito melhor do que o piso de um armário de zelador.

*Só vou dormir um pouco, disse a si mesmo, e quando acordar, vou encontrar Waverly.*

# O CAPITÃO

Waverly não esperava que o velho a deixasse ver o capitão Jones. No entanto, ali estava ela, a caminho da prisão, em pé no elevador, tendo Jared de um lado e um dos guardas de Mather do outro. Após a violência que ela testemunhara a caminho do depoimento, estava espantada por deixarem que Jared e ela andassem pelos corredores.

Pedaços selecionados de seu depoimento haviam sido liberados para a tripulação apenas alguns minutos depois de ela haver terminado. O doutor havia chamado Anne Mather para informar-lhe que Waverly era agora uma testemunha protegida dos anciãos da igreja, e Mather aceitara a notícia com uma única frase gélida:

— Que assim seja.

Jared havia escoltado Waverly de volta a seu apartamento, onde um guarda mais magro e mais disciplinado se postava do lado de fora da porta, e todos retomaram a vida como se a violência de antes do depoimento nunca houvesse acontecido. Os dias se passaram na mesma monotonia a que ela se acostumara, até que Jared apareceu em sua porta nesta manhã para buscá-la. O guarda de Mather os deixara sair sem comentários. Alguns membros da tripulação da *New Horizon* por quem passaram no corredor lançaram-lhe olhares venenosos, mas a maioria fingia não vê-la. Em sua mente, o dia do depoimento assumira uma qualidade de sonho, como se Jared não houvesse surrado aqueles homens na frente dela, e como se ela não houvesse testemunhado aquilo. Os únicos vestígios remanescentes do incidente eram os pesadelos febris, que desapareciam no momento em que ela abria os olhos.

E, para aumentar a irrealidade, Waverly estava prestes a falar com o homem que matara seu pai e cujas políticas levaram à destruição de tudo o que ela já havia amado. As portas do elevador se abriram e ela e Jared saíram. Caminharam pelo longo corredor em direção ao balcão de acesso à ponte. Agora que estava prestes a ver o capitão Jones, Waverly se deu conta de que não tinha ideia do que dizer.

Jared e ela pararam em frente ao balcão, e o guarda rechonchudo sentado atrás olhou para eles como se os estivesse esperando. Indicou, com uma mão lânguida:

— Vinte minutos — disse ele, por cima do ombro.

— Vigilância? — Perguntou Jared, olhando para a câmera acima.

— Maldita coisa — respondeu o guarda, com um sorriso. — Parou de funcionar minutos atrás.

— Obrigado — disse Jared.

A prisão tinha um cheiro rançoso de comida e suor humano velho.

Jared levou-a para a primeira cela à esquerda. Waverly olhou em volta e suspirou.

Em pé, acorrentado a um canto, estava um homem esquelético, curvado, que não poderia ser o capitão Jones.

Mas era.

O capitão sempre fora barrigudo e robusto, mas o estômago desse homem era côncavo, e seus pulsos, ossudos e de aparência frágil. Sua barba estava completamente branca e seu cabelo havia crescido por cima dos ombros. Suas mãos tremiam pela paralisia, e ele estalava os lábios como se estivesse com uma sede terrível. Seus olhos dançavam pela cela como se esperasse que algum animal pulasse em cima dele, mas, quando pousaram em Waverly, ele pestanejou como se estivesse acordando.

— Capitão? — Perguntou ela, timidamente.

Sentiu o erro de tratá-lo por seu título formal. Chamá-lo de mentiroso ou assassino seria mais adequado. Mas ele era tão patético que ela não encontrava dentro de si a fagulha para atacá-lo.

— Waverly Marshall — disse o homem.

Até sua voz havia perdido peso, tornando-se rala e enfraquecida.

— Meu Deus, que bom vê-la.

Seus joelhos bateram e as correntes em volta dos tornozelos tremeram e estalaram. Lentamente, o capitão se aproximou dela e se sentou na ponta do catre.

— Eles não me contaram por que estavam me acorrentando — disse ele, com um riso nervoso. — Pensei que minha hora finalmente havia chegado. Eu nunca pensei que poderia receber uma visita! Como você está? — Perguntou o capitão, ansioso. — Como estão as outras crianças?

— Tudo bem — respondeu ela, meiga e hesitante.

— Nós estávamos tão preocupados com eles...

Ele parecia estar contendo as lágrimas.

— Nós? — Perguntou Waverly, em um sussurro.

O capitão se recompôs o suficiente para olhar para Jared, que saiu para lhes dar privacidade.

— Gunther Dietrich e Kahlil Hassan — cochichou o capitão. — Tenho certeza de que eles estão aqui. Eles ainda estão resistindo ao acordo.

— Acordo? — Waverly balançou a cabeça.

— Eles recusaram os comprimidos.

O capitão olhou ao redor furtivamente, depois se inclinou para perto. Sua respiração era insuportavelmente malcheirosa.

— Sua mãe aceitou para poder ficar com você. Quase todos os pais aceitaram o acordo.

— Eles disseram se os comprimidos causariam danos permanentes? — Perguntou Waverly, ao se sentar na cama ao lado dele, reprimindo as lágrimas. — Ou que tipo de droga era?

— Eu não sei o que é — disse o capitão —, só sei que é ruim. Ruim — repetiu. — É muito difícil ficar

aqui, sem poder ver ninguém ou saber o que está acontecendo.

— Eu... — Começou Waverly, mas ele a interrompeu.

— E seus pais? — Indagou ele, lançando-se em direção a ela, segurando sua mão.

Ela se afastou, arrastando-se para a beira da cama.

— Como eles estão?

— Meus pais? — Waverly balançou a cabeça, e, por fim, a raiva veio à tona. — Você quer dizer meu pai? Aquele que você matou há doze anos?

O rosto do capitão se decompôs.

— Galen — disse ele, como se acabasse de saber que seu amigo havia morrido. — Oh, Galen...

Será que estava senil?

— Você o mandou para fora da câmara de ar comprimido com a mãe de Seth e o dr. McAvoy! — Waverly apontou-lhe o dedo, e ele protegeu os olhos. — Você os matou para encobrir o que fez!

O capitão observou a pele enrugada da palma de suas mãos como se estivesse tentando recordar do que ela estava falando.

— Sinto muito — murmurou ele, por fim. — Diga à sua mãe que eu sinto muito.

— Por matar o marido dela? — Waverly cuspiu nele. — Você *sente muito*?

— Eu não podia deixá-lo escapar — reagiu o capitão. — Não depois do que ele havia feito!

— Você o matou para se proteger — disse Waverly.

Ela se levantou com as mãos esticadas em direção ao rosto do capitão, como se fosse arranhá-lo, mas se afastou até que sentiu o metal frio das barras de ferro contra seu quadril.

— Diga-me por quê! — O desespero em sua voz a alarmou, e ela começou a chorar. — Por que teve de ser meu pai?

Ele pestanejou, olhando para ela.

— Nós não podemos escolher nossos pais, querida — disse ele.

Ele estendeu a mão para ela, mas as correntes em torno de seus pulsos o detiveram.

— Você deve se lembrar dele como seu pai. Tente esquecer o que ele fez.

— Esquecer? Ele descobriu a fitoluteína!

O capitão olhou para ela, leu sua expressão e assentiu enfaticamente.

— Isso mesmo. Ele foi um herói. Isso mesmo.

— E você o matou.

Ele acenou com a cabeça.

— Certo. Certo.

Ela balançou a cabeça, desconcertada. Esperava alguma defesa, alguma racionalização, ou mais mentiras. Isso... Não fazia sentido.

— O que você está escondendo de mim? — Ela questionou, lentamente.

Ele agitou as mãos paralisadas no ar.

— Pergunte à sua mãe. Não sou eu que devo contar.

— Diga-me o que aconteceu! — Waverly voou para cima do capitão, mas uma mão firme se fechou em torno de seu braço.

Jared devia estar ouvindo do outro lado da porta, e agora ele a segurava, dobrando-se sobre ela até que Waverly deixou cair as mãos e por fim se acalmou.

— Eu quero saber a verdade.

O homem decrépito e arruinado olhou para ela com pena.

— Sinto muito, criança. Você nunca deveria saber.

— O que quer dizer? — Sussurrou ela.

— Sua mãe e eu só mentimos para protegê-la.

— Do que você está falando?

Ele a observou por baixo de suas densas sobrancelhas brancas, e a seguir estendeu a mão para seu ombro.

— Suponho que você acabaria descobrindo, mais cedo ou mais tarde — disse ele, melancolicamente.

— Nós tentamos.

— Por favor — Waverly respirava pesado, sem forças para fazer a voz sair. — Conte-me.

Ele se arrastou de volta para o canto, mudando seu peso de um pé para o outro numa espécie de dança nervosa.

— Pergunte à sua mãe, Waverly. Pergunte a ela.

— O tempo acabou — disse Jared em seu ouvido, e ela percebeu que ele a estava segurando de novo.

— Precisamos ir, ou Mather vai descobrir que estivemos aqui.

Waverly deixou Jared puxá-la para fora da cela, mas seu olhar não abandonava os olhos confusos e errantes do capitão Jones.

Jared a levou de volta ao elevador e apertou o botão; ela não se importava com o lugar para onde estavam indo. Por que imaginara que ver o capitão lhe traria qualquer coisa além de arrependimento? Quando foi que ela conseguiu o que quis, desde que essa fase horrível de sua vida havia começado?

Aturdida pela decepção e tristeza, ela seguiu Jared para fora do elevador por um corredor no nível central da nave. Ele parecia entender que ela não queria conversar, e não forçou. Em silêncio, caminharam de volta ao apartamento dela. Waverly via seus pés darem um passo depois do outro, quase sem saber aonde estava indo, até que chegou à própria porta.

— O que é isso? — Ouviu Jared dizer, bruscamente.

Ela ergueu os olhos e viu que ele se dirigia ao guarda à sua porta — o rechonchudo estava de volta, recuperado de sua luta com Jared, exceto por um hematoma na testa. Com um sorriso insolente no rosto, ele mantinha as mãos atrás das costas, o peito cheio de orgulho presunçoso. À sua direita, acima de seu

ombro, havia um retrato de Waverly. Era um desenho em preto e branco dela, com traços grossos e sombras escuras, e embaixo, em enormes letras pretas, uma única palavra: MENTIROSA.

Waverly sentiu o medo no estômago. Torceu as mãos, apertando os dedos para acalmar o tremor.

— O que é isso?

— Você não deveria ver isso — respondeu Jared, balançando a cabeça com raiva e arrancando aquilo da parede.

Ele lançou um olhar furioso para o guarda, cuja expressão era de confusão. Jared ia rasgar o desenho ao meio, mas Waverly o tomou de suas mãos para ver mais de perto. Não era um desenho. Era uma cópia impressa.

— Quantos há desses?

— Ah... — Jared disse, com voz abafada.

— Jared!

Ele suspirou com pesar.

— Estão pendurados por toda a nave. Sinto muito lhe dizer isso.

— Foi Mather?

— Acho que sim. A pastora ordenou publicamente que fossem retirados, mas continuam aparecendo. Acho que ela está tentando criar a ilusão de uma condenação popular contra você.

— As pessoas odeiam você — disse o guarda a Waverly, com um sorriso feio.

Jared enfiou o dedo no rosto do homem.

— Cale-se!

O rosto do guarda ficou branco de medo e ele olhou para a parede à sua frente.

Jared a empurrou para dentro do apartamento, levou-a para o quarto e fechou a porta. Ela se sentou ao pé da cama, com as pernas instáveis demais para sustentá-la.

— Algumas pessoas acreditam em mim, não é? — Sua voz era fraca.

— Sim — assentiu Jared, com um aceno de cabeça —, mas... Mather está acusando você, eu, o doutor e os demais anciãos de tentativa de motim.

— Motim — sussurrou Waverly. Isso poderia levar à pena de morte, ela sabia. — E quanto ao julgamento?

— Vai haver uma audiência — disse Jared, com um sorriso de desculpas —, diante de toda a tripulação.

— Eu vou ter que testemunhar?

— Esperamos que seu testemunho em vídeo seja suficiente, porque...

Ele parou de falar.

— Porque... — instou ela.

— O cão de ataque de Mather é muito bom em arrasar testemunhas.

Waverly se lembrou do grandalhão com uma insígnia de pomba no ombro. A ideia de estar diante dele em um interrogatório fez seu sangue gelar.

— Fique alerta — disse Jared a Waverly, quando abriu a porta do quarto. — Não fale com ninguém. Ninguém mesmo. Esta é uma recomendação direta do doutor — ele inclinou a cabeça para fazer contato visual com ela. — A segurança de todos os anciãos está em suas mãos, compreende?

Waverly balançou a cabeça, rompendo o contato visual rapidamente, sabendo que estava dando a impressão de que sua determinação estava enfraquecendo, mas incapaz de evitar. *Eu não sou mais forte*, percebeu, quando ele fechou a porta atrás de si. *Estou começando a ser nada*.

# CONJUGAL

Kieran observava, irritado, como Mather pegava uma xícara na bandeja de chá que sua mãe preparara e se servia, sentindo-se perfeitamente em casa no apartamento dele. Ela apareceu assim que ele e sua mãe recolheram a louça do jantar, sem se desculpar pela hora avançada. Agora ela juntava os dedos em volta da porcelana quente, levando o nariz ao vapor, inspirando-o antes de dizer:

— Aconteceu algo. Os anciãos da igreja... Que piada chamá-los assim, depois do que eles fizeram... —

Caçoou.

— O quê?

— Eles estão usando Waverly contra nós.

Nós. Internamente, Kieran se encolheu, mas era fundamental que Mather lhe contasse tudo, de modo que ergueu as sobrancelhas em uma demonstração de interesse.

— Eles soltaram um vídeo de uma entrevista com ela que causou uma grande celeuma entre minha tripulação.

Mather girou um monitor em direção a Kieran e clicou um botão com o dedo indicador. O rosto de Waverly apareceu na tela. Suas bochechas estavam coradas, o cabelo desgrenhado, e ela parecia confusa e exausta.

A voz vinha de fora da câmera:

— *Você diz que ouviu Anne Mather dar a ordem de começar a atirar na tripulação da Empyrean quando eles tentavam salvar as meninas?*

O alto-falante parecia fraco, mas o tom era forte e raivoso.

Waverly assentiu.

— *Ela estava dentro do ônibus espacial, atrás da tripulação, e ficava gritando: “Atirem para matar!”*.

Kieran detectou algo estranho no tom monótono de Waverly.

— *Você a viu dando ordens para matar pessoas?* — Perguntou o entrevistador.

— *Sim* — disse Waverly, com firmeza.

Mather desligou furiosamente o terminal. Suas bochechas queimavam em um rosa brilhante e sua respiração era irregular e instável.

— Ela está mentindo, Kieran. Nada disso é verdade. Eu tenho uma gravação de áudio das transmissões que fiz para minha tripulação pelos fones de ouvido durante o tiroteio.

Mather tocou alguns comandos no aparelho e sua voz saiu dos alto-falantes.

— *Por favor! Subam a bordo! Parem de atirar e subam a bordo!*

No fundo da gravação ouviam-se tiros e pessoas gritando ou chorando de dor. Muito fraca, Kieran ouviu a própria voz em pânico:

— *Waverly! Waverly!*

Ele se lembrava de tudo, cada tiro, cada grito, os próprios berros implorando a Waverly que não entrasse no ônibus inimigo. Ele tremia com o realismo daquilo tudo.

— Kieran — disse Mather, e esperou até que ele conseguisse olhar para seu rosto. — Eu vou liberar isso ao público, e vai ajudar; mas, como você deve saber, o testemunho de Waverly pode ser bastante prejudicial contra mim.

— E o que eu tenho a ver com isso?

— É sua voz na gravação, chamando Waverly. Eu sei disso. Você poderia me ajudar a provar que esta gravação é real.

— Eu... — Gaguejou Kieran. — Eu não me lembro desse dia.

Mather o observou por um longo e desconfortável período, deixando claro que ela enxergava através de sua mentira.

— Então você poderia pelo menos falar com Waverly? Fazê-la se retratar pelo falso testemunho? Eu sei que vocês não estão mais juntos...

— Como você sabe? — Questionou Kieran, desconfiado.

— É óbvio. Desculpe, mas nenhum dos dois pediu para ver o outro. É evidente que vocês terminaram, mas... — Ela se inclinou para ele e seus olhos traíam uma ansiedade profundamente enterrada — Vocês já foram muito próximos. Você poderia influenciá-la.

Kieran fechou o punho, suando, cravando suas unhas roídas na palma da mão.

— Pense no futuro, Kieran. Nós temos somente uma nave — Mather levantou um dedo. — Temos somente uma chance de fazê-la chegar à Nova Terra. Se esta tripulação irromper em uma guerra civil, nós não vamos sobreviver.

Ele a odiou naquele momento porque sabia que ela estava certa. A sobrevivência de todos dependia da paz. Kieran achava que as mentiras de Waverly só levariam a mais violência.

— Acompanhe-me até a porta — disse Mather, levantando-se da frente do computador.

Ele riu, espantado com sua presunção, mas a seguiu. Era difícil abandonar certas regras do decoro, especialmente perto de uma pessoa como ela, que parecia uma vovozinha aflita.

— Kieran, noto que você está dilacerado em função de seus sentimentos por Waverly. E eu entendo. Mas se ela cometer perjúrio e depois eu provar que está mentindo, Waverly será acusada de tentativa de motim.

Kieran observou Mather com profunda ansiedade. *Ela está dando a entender que Waverly pode ser*

*executada por isso.*

— Não há outra opção — continuou Mather, lentamente. — Se você lhe disser que pretende testemunhar que ela está mentindo, isso seria um bom motivo para que Waverly retirasse o testemunho agora, antes que eu seja forçada a tomar medidas legais contra ela.

Eles chegaram à porta. Mather se voltou para esperar sua resposta. Kieran nunca poderia fazer isso. Ele se odiaria para sempre.

Mather notou sua hesitação.

— E se convencer Waverly a se retratar, eu não terei de pôr você no banco das testemunhas.

Ele notou a armadilha que ela estava montando: se ele mentisse para proteger Waverly, poderia ser acusado de tentativa de motim também.

— Ou você pode simplesmente se retirar — argumentou ele, calmamente, na esperança de que ainda houvesse um pingão de decência nela — e salvar a todos ao se aposentar.

— Você acha que é tão simples? Eu tenho um núcleo forte e leal de seguidores — Mather apertou a mandíbula ao olhar para Kieran. — Muitos deles morreriam por mim.

— Você os deixaria começar uma guerra civil? Comprometeria a missão para se defender?

Isso a deixou irada, e ela projetou o queixo para ele; mas, quando falou, suas palavras eram lentas e frias.

— Eu tive de escolher entre assumir a dor pessoal por escolhas difíceis ou deixar que minhas ovelhas sofressem a angústia de saber que sua felicidade dependia da destruição de outras pessoas. Pode não parecer, Kieran, mas tudo o que eu fiz foi um sacrifício pessoal.

— Ah, então você é uma mártir.

— Isso mesmo — disse ela, e seus olhos cinzentos piscaram em advertência. — E a única coisa mais perigosa do que um santo vivo é um santo morto.

Kieran foi pego de surpresa e recordou o fervor da congregação dela, o modo como haviam aceitado o grito de guerra ante a mera sugestão de que sua fé estava sendo ameaçada. Estremeceu.

Se a profeta da congregação morresse, talvez eles nunca parassem de lutar.

— Você vai falar com ela, Kieran? Tentar convencê-la? — Mather incitou. — Isso só pode acabar em sangue.

— Sim — murmurou ele, por fim —, eu vou falar com ela.

Mather sorriu para ele, abriu a porta e deu um passo para o lado, revelando Waverly parada no corredor, parecendo atordoada. Ela estava magra e pálida, parada atrás de Mather, e sua expressão era de desconfiança. Dois homens armados estavam um de cada lado dela, e o grandão com a insígnia de pomba no ombro a segurava pelo braço, parecendo um gigante. Quando Waverly trocou seu peso de perna, ele a encarou com um olhar ameaçador inconfundível, e em um momento de pânico Kieran teve medo de que homem quebrasse o braço de Waverly.

*Ele poderia, pensou Kieran. Poderia quebrar seus ossos com um movimento de pulso.*

— Venha, Waverly — disse Mather. — Você está entre amigos, aqui.

O homem soltou seu braço e Waverly entrou no apartamento, olhando ao redor furtivamente.

— Você pode esperar por Waverly aqui no corredor, não pode, Thomas? — Perguntou Mather.

Com um aceno de cabeça, ele se postou do lado de fora da porta, de costas para a parede do corredor.

Mather o seguiu e fechou a porta atrás de si. Ela sabia que não devia sequer trocar um olhar com Kieran para não revelar o verdadeiro propósito do encontro.

Kieran se sentia bajulador, sorrateiro e errado.

Ele se voltou e viu sua mãe liberando Waverly de um abraço caloroso. Em certa época, Waverly e Lena haviam sido bem próximas e pertenciam ao mesmo clube do livro. Elas riam juntas de um ou outro romance espirituoso, de certas passagens, e seus olhos brilhavam ao imaginar os pastos verdes da Inglaterra pré-industrial.

— Posso trazer alguns biscoitos para vocês dois? — Ofereceu Lena a Kieran.

Waverly negou com a cabeça, mas Kieran disse:

— Sim. De gengibre, por favor. Obrigado, mãe.

— É para já — respondeu Lena, e correu para a cozinha.

Waverly olhou para Kieran, esperando, até que ele a chamou a seu quarto e fechou a porta.

— Como você conseguiu que isto acontecesse? — Perguntou Waverly, com a voz tremendo de pânico mal reprimido.

O fato de Mather ir buscá-la com guardas armados a assustara demais.

— Foi ideia de Mather — afirmou ele.

Waverly parecia atordoada; sentou-se lentamente na cama. Passou a mão pela colcha de seda e pelos lençóis de cetim, e Kieran se sentiu mais uma vez envergonhado por seu ambiente opulento. Sentou-se ao pé da cama, deixando bastante espaço entre os dois. Eles se olharam, cada um esperando que o outro começasse.

Quando Waverly começou a falar, as palavras saíram em torrente. Ela falou sobre os anciãos da igreja, liderados por um velho médico, que a estavam usando para um jogo de poder contra Anne Mather. Mencionou um homem mais jovem que também fazia parte do Conselho, e como ele parecia amigável, mas ela não tinha certeza de que podia confiar nele. E a seguir, após hesitar por um momento e olhando para a porta do quarto, sussurrou:

— Sua mãe parece meio alheia.

— É por causa da síndrome de descompressão — respondeu ele.

Waverly balançou a cabeça.

— Isso é mentira. Mather deu a todos os pais algum tipo de droga para torná-los dóceis.

Ele sentiu o ar desaparecer de seus pulmões. Passou-se quase um minuto inteiro até ele conseguir falar.

— Como você sabe?

— O dr. Carver me contou. Ele está trabalhando em uma cura e...

Ela parou no meio da frase e correu os olhos pela sala à procura de algum dispositivo de escuta. Foi o que Kieran imaginou.

Ele pegou um *tablet* na mesa e digitou nele: *Desde que não enviemos a mensagem, isto deve ser seguro.*

Ela pegou o *tablet* dele e digitou: *O dr. Carver é neurologista. Ele disse que pode conseguir curar nossos pais.*

O coração de Kieran deu um salto. *Ele nos daria a cura se você não testemunhasse contra Mather?*

*Acho que não,* digitou Waverly.

Era por isso que ela estava dando um falso testemunho. Se ele pudesse ter a própria mãe de volta, cometeria perjúrio também. Ele queria acreditar que havia uma cura, mas tinha dúvidas, e podia ver que ela também. Só um ser humano realmente desprezível forçaria uma menina a dar falso testemunho antes de ajudar sua mãe que tinha danos cerebrais. Se esse médico era capaz desse tipo de chantagem, certamente era capaz de mentir sobre uma cura.

Mas Kieran suspeitava que Waverly deveria saber disso. Ela estava disposta a correr o risco de ser executada só por uma tênue esperança de que um velho odioso pudesse ajudar sua mãe. Nesse momento, Kieran a amou novamente.

Waverly desabou de lado na cama dele. Ele observou seu cabelo castanho abundante cair em volta de seu rosto e se lembrou dele em suas mãos quando a beijava.

— Estou tão cansada — disse ela, com um gemido. — Este lugar me deixa cansada.

— Eu também — murmurou Kieran.

Ele se perguntou se devia dizer a ela o que Mather havia dito sobre torná-lo capitão. Mas e se Waverly o interpretasse mal?

— Você já viu alguém? — Perguntou ela. — Felicity?

— Ela vai se casar — respondeu Kieran, sem conseguir esconder o anseio na voz.

E, pelo jeito inquiridor como Waverly olhava para ele, Kieran sabia que ela havia notado. Perguntou:

— Você sabia?

— Ela mencionou alguma coisa. Você está — a voz de Waverly estremeceu — interessado nela?

— Não — Kieran disse, balançando a cabeça.

Mas Waverly viu. Soube. Ela sempre conseguira destrancar seus segredos só de olhar para ele.

Ela sorriu para Kieran, triste e melancolicamente. Ou era imaginação dele? Será que ela queria voltar, depois de tudo? Ele achava que essa porta estava fechada para sempre. No silêncio tenso, parte dele queria puxá-la para si, mas alguma coisa o deteve.

— Sabe... — Waverly estava deitada de costas, com os olhos sonhadores no teto. — Naquele dia, antes

de você ir embora para vir para esta nave negociar com Mather, eu não sabia se o veria de novo... Desculpe — a voz dela parecia pequena, e quando ele olhou para Waverly, ela parecia encolhida. — Eu estava errada sobre muitas coisas na Empyrean. Acho que esqueci quem você é.

— E quem sou eu? — Perguntou ele com um aceno de cabeça. — Nesta nave, eu não sei mais.

Waverly olhou para Kieran como se esperasse que ele dissesse mais alguma coisa, mas ele só conseguia olhar de volta para ela. Se não podia contar a ela os planos de Mather, o que poderia lhe dizer? Por fim, ela baixou os olhos, visivelmente desapontada.

Se Mather estava ouvindo, e ele achava que estava, ele não deveria tentar falar com Waverly, como ela pedira? Não importava o que acontecesse, ele precisava fazer parecer que estava do lado de Mather, pelo menos até Waverly conseguir obter a cura do médico, se houvesse uma.

— Waverly — Kieran se ajoelhou no chão em frente a ela. — Eu preciso falar com você sobre uma coisa.

— O quê?

Ela virou o rosto para o outro lado, deixando-o na sombra.

Kieran pegou o *tablet* e digitou: *Mather pode estar ouvindo. O que vou falar é encenação, entendeu?*

Ela se sentou bem quieta, preparando-se.

— Mather disse que você mentiu quando testemunhou para os anciãos da igreja — disse Kieran.

Ele respirou fundo, colocou sua mão sobre a dela com firmeza, desejando que Waverly sentisse sua amizade através daquele toque.

— Você mentiu?

O rosto dela assumiu uma expressão de raiva tão rápida e intensa que ele instintivamente se afastou.

— Você e Mather armaram isto? Você devia me fazer desistir de testemunhar?

Ela olhou ao redor da sala como se já estivesse atrás das grades.

Kieran balançou a cabeça lentamente e murmurou a palavra *finja*.

— Acho que você vai cair em uma armadilha — disse ele, em voz alta. — Porque, se estiver mentindo, vai dar razão a Mather para ir atrás de você.

— Eu não estou mentindo — retrucou ela, firmemente; pegou o *tablet* e digitou: *Mather está fraca, agora. Esta é a nossa única chance de derrubá-la.*

Kieran mordeu o lábio e digitou: *Ela é mais forte do que você pensa. Seus seguidores são fanáticos.*

— Eu só quero que você tenha cuidado.

Waverly se levantou abruptamente e grunhiu:

— Eu não acredito que confiei em você.

Kieran não sabia se ela estava representando ou se estava realmente ofendida. Ela marchou para fora do quarto, mas assomou a cabeça na cozinha, onde Lena ainda estava medindo os ingredientes para os biscoitos. Kieran viu uma imensa quantidade de farinha branca na tigela, o suficiente para uma dúzia de

fornadas.

Waverly olhou para Kieran com tristeza. Ele deu um passo em sua direção, mas ela já estava caminhando para a porta da frente. Ela a fechou atrás de si sem olhar para trás.

Kieran voltou para seu quarto para se deitar. Pensou: *Eu cometi erros na Empyrean também.* Era isso que Waverly esperava que ele dissesse quando ela própria pedira desculpas: *Eu estava errado também. Desculpe.*

Ele devia ter dito isso, mas não disse.

# DÚVIDA

Seth estava estendido no colchão, lentamente emergindo do sono, quando deu um pulo, acordando de sobressalto. Ele pretendia dormir somente algumas horas antes de sair para procurar Waverly, mas tinha certeza de que havia dormido muito mais do que isso.

Vestiu o moletom com capuz, pôs no ombro sua mochila com material de pintura e a nova lata de tinta metálica e se espremeu na tubulação atrás do apartamento, serpenteando pelos encanamentos e pela fiação elétrica até chegar ao armário da manutenção. Ficou ouvindo por um longo tempo na porta antes de se atrever a abri-la. Encontrando o corredor vazio, Seth correu pela escada central, subiu um andar e entrou no armário da manutenção no fim do corredor.

O *design* desta nave era idêntico ao da *Empyrean*, por isso, não deveria haver câmeras ao longo de toda a sua rota. Ninguém sabia que ele estava ali.

Ele se espremeu pelo corredor atrás dos apartamentos, fazendo uma pausa para ouvir a cada poucos metros, até que escutou alguém cantando baixinho. Não era a voz de Waverly, mas poderia ser sua mãe. Ele já ia entrar quando notou os inconfundíveis fios vermelho, amarelo e branco das câmeras serpenteando para dentro do sistema de comunicação através da parede atrás da cozinha. Então, eles estavam espionando. Com raiva, Seth os puxou e deixou-os balançando soltos, e seguiu para o armário do quarto principal. Esperou até que ouviu a pessoa ir para a cozinha, e a seguir, esgueirou-se pelo corredor até o quarto menor e se fechou lá dentro.

Uma rápida olhada ao redor mostrou que esse definitivamente era o quarto de Waverly. Havia romances históricos na mesa de cabeceira e a camisola jogada na cadeira cheirava a ela. Ele até encontrou uma foto dela na mesa, uma fotocópia ruim, e debaixo de seu rosto estava escrito MENTIROSA em grossas letras pretas. Ele franziu a testa, preocupado. Precisava perguntar a ela sobre isso.

Ele não tinha nada a fazer, a não ser se deitar na cama dela e esperá-la.

Só uma hora se passou até que Seth ouviu Waverly entrar no apartamento. Ela disse algo gentil para a mãe com seu tom de voz doce e amoroso. Ele ouviu seus passos pelo corredor e a porta se abriu; lá estava ela, em pé na soleira da porta, olhando para ele. Seth a surpreendeu. E ela o surpreendeu também; estava tão bonita que, por um momento, ele não conseguiu respirar.

— O que está fazendo aqui? — Sussurrou ela por fim.

Valeu a pena se esgueirar por aí, esconder-se, e até mesmo enfrentar tantas dores, só para ver o rosto dela.

— Surpresa? — Sussurrou ele de volta.

Waverly fechou a porta atrás de si, mas não parecia feliz em vê-lo. Ela ficou em pé, de costas para a parede, olhando, balançando a cabeça. Ela estava magra, muito magrinha, e seus olhos tinham um olhar assustado que o fez pensar que ela deveria estar assustada demais para conseguir dormir à noite.

— Quando descobri onde procurá-la, não foi tão difícil — disse ele, mas desejou não ter dito. Parecia estar se gabando. — Eu queria ver você.

— Onde diabos você estava? — Questionou ela, ríspida.

Ele ficou chocado com a raiva dela.

— Eu estava escondido — respondeu ele, detestando como eram pequenas suas palavras.

Pequeno. Era assim que ele parecia quando tentava se explicar para seu pai no início de um interrogatório. Seth sempre sabia como acabariam as conversas com o pai: com palavras cruéis e punhos cerrados e, depois, sendo trancado em um armário escuro por horas. Essas punições nunca o assustaram como deveriam; só o enfureciam. Agora, olhando para Waverly, para o brilho vermelho de seus lábios, os olhos cor-de-rosa por causa das veias, ele não tinha ideia de como essa conversa acabaria. Isso sim o deixou assustado.

— Eu estive procurando você — continuou ele.

— Para quê? — Ela cruzou os braços sobre o peito, batendo o calcanhar no chão com um movimento exagerado que sacudiu todo o seu corpo. — Para me resgatar? Não há para onde ir.

Ouviu-se uma batida na porta.

— Waverly? — Chamou sua mãe. — Tudo bem aí?

— Só estou assistindo a um vídeo — disse Waverly pela porta fechada, com os olhos ainda em Seth.

— *Ok* — respondeu sua mãe, em dúvida, mas se afastou.

Seth estava começando a notar que chegar ali havia sido a parte mais fácil. Conseguir que Waverly o perdoasse seria outra história.

— O que você quer? — Sussurrou Waverly, com os olhos em brasa.

— Eu só...

Ele não tinha qualquer esperança tangível; só precisava vê-la, ouvir sua voz, estar perto dela. Ele pensara nela todo esse tempo, sentindo sua falta, querendo-a. Arriscara-se muito tentando chegar até ali. A raiva queimava dentro de Seth.

— Eu estava tentando ajudar, descobrir coisas. Você deveria ser grata.

— Grata? Sua presença me coloca em perigo — cochichou ela. — Eles têm câmeras de vigilância neste apartamento. Podem estar nos observando agora.

— Eu arranquei os fios das câmeras antes de entrar. Não há sinal de vídeo entrando ou saindo deste apartamento. Pode me agradecer, agora.

— Então, eles virão para consertar.

Ela transferiu o peso do corpo para a outra perna, olhando ao redor do quarto quase em pânico.

— Você sempre se achou muito mais esperto que Kieran! Ele nunca seria tão estúpido.

Seth sentiu como se houvesse levado um soco no peito. Levantou-se.

— Bem, a princesa Waverly não me quer por aqui — anunciou ele, odiando as palavras assim que as pronunciou, mas a mágoa o dominava, entortando tudo. — Vou indo.

— Não me chame assim de novo — ela deu um passo para bloquear a saída dele; tinha os olhos apertados e o lábio inferior trêmulo. — Você precisa aprender a lutar sem incendiar as pontes atrás de si conforme avança.

— Senão o quê? — Desafiou ele, e que Deus o ajudasse, pois ele zombara dela com desdém, sabendo muito bem que estava cometendo um erro, mas incapaz de controlar sua dor e sua raiva.

— Senão, vai ficar sozinho para sempre — retrucou ela, com a voz retumbante.

O quarto era pequeno o suficiente para que ele tivesse a noção exata de quão mais alto era do que ela. Ele olhou para Waverly pelo tempo de um batimento cardíaco, dois, três...

As táticas antigas, os jogos de poder, o sarcasmo e os xingamentos, todos esses velhos truques que ele aprendera com o pai não funcionariam com Waverly. Ele queria ser o *freak* em que seu pai o transformara, ou queria ficar com ela?

A velha raiva cedeu.

*Você está certa*, ele devia dizer. Ele sabia. Tentou abrir a boca; apertou os punhos, tentou falar, mas...

Um longo momento se passou, tempo suficiente para que Seth visse o terrível erro que havia cometido ao abandoná-la para enfrentar sozinha aquelas pessoas. E ele realmente disse que ela deveria ser grata? Agora, que escolha ele tinha a não ser ficar escondido e se afastar dela? Talvez para sempre.

Ela levou a mão à testa e ele pôde ver as pontas de seus dedos tremendo. Ela estava com medo. Aterrorizada, percebeu ele.

— O que eles fizeram com você? — Indagou ele, dando-se conta de que era isso que devia ter perguntado em primeiro lugar.

Ele pegou a foto dela que havia encontrado e a ergueu.

— O que é isso?

— Nada — disse ela, arrancando o papel da mão dele, amassando-o e jogando-o no lixo.

Seth achou ter visto lágrimas se formando, mas quando ela olhou para ele, seus olhos eram gelados.

— Você traçou seu destino quando decidiu vir sozinho. Agora, tem que ficar escondido, e eu...

— Waverly — sussurrou Seth sentindo a garganta inchada e apertada.

*Abrace-a*, disse a si mesmo. *Peça desculpas*.

Ele deu um passo em direção a ela; ela deu um passo atrás. Ele não conseguia encontrar a voz para pedir desculpas, por isso, fez a única coisa em que pôde pensar. Puxou-a para si, aninhou a cabeça dela em seu peito e segurou-a, segurou-a, segurou-a, ambos balançando para a frente e para trás. O corpo dela

era como uma corda esticada quase ao ponto da ruptura, mas, aos poucos, ele sentiu os músculos dela relaxando e, lentamente, Waverly se derreteu contra ele. Ela engoliu seco e ele sentiu as lágrimas encharcando sua camisa.

— Waverly — sussurrou novamente.

Ouviu-se uma batida na porta da frente e os dois se surpreenderam. Ela se afastou dele parecendo mais assustada do que nunca.

— Olá! — Cumprimentou a mãe dela, e uma sedosa voz masculina respondeu.

Mas Seth não conseguiu ouvir as palavras.

— Você precisa ir — alertou Waverly. — Agora!

Waverly saiu, fazendo sinal para que ele desaparecesse pelo armário do quarto principal. Ele ficou só o tempo necessário para pegar o papel amassado que ela havia jogado fora e enfiá-lo no bolso do moletom. Então, entrou no armário do quarto da mãe de Waverly, onde havia deixado os painéis soltos, e saiu para o corredor.

Ele não gostou do jeito como ela pulou ao ouvir a batida na porta. Precisava saber quem a assustava daquele jeito. Sem se preocupar com o barulho, arrastou-se freneticamente entre encanamentos e tubulações até que tombou de volta no armário da manutenção, derrubando um frasco de um líquido amarelo. Tinha um cheiro forte de amônia, mas ele mal notou.

— Eu vou ficar bem — ouviu a mãe de Waverly dizendo a alguém no corredor. — Divirta-se — disse ela.

Divertir-se?

— Está bem — respondeu Waverly.

Seth pegou a mochila com material que havia deixado na prateleira e rapidamente a colocou no ombro. Não se atreveu a abrir a porta ainda, de modo que pressionou a orelha no metal gelado para ouvir.

— O que houve? — Perguntou Waverly ao homem que fora buscá-la.

— Alguma coisa aconteceu — anunciou o homem, com urgência. — O doutor quer vê-la imediatamente.

Seu coração batia forte. Sabia que deveria ficar escondido, mas, sem poder se conter, Seth abriu a porta do armário e deu um passo para o corredor. O armário ficava no canto interno do corredor, assim, de costas para a porta, ele podia espreitar pela esquina e ver a porta da frente do apartamento de Waverly.

Algumas portas adiante havia um guarda a postos, atento; era a imagem da disciplina militar. Waverly saiu do apartamento com um homem esbelto de uns quarenta e poucos anos e foi com ele até o elevador. O homem apertou o botão e Waverly nervosamente tocou a bainha de seu suéter, mexendo nos pontos como se estivesse tentando fazer um buraco. Ela estava de perfil para Seth; esfregou o olho com a junta do dedo indicador, parecendo estressada e preocupantemente exausta. Com todo seu coração Seth desejava poder lhe dizer que voltaria, que não a havia abandonado.

O homem estendeu a mão, que se apoiou em torno dos ombros de Waverly e lhe deu um aperto suave.

Ele sussurrou algo no ouvido dela e ela sorriu, balançando a cabeça e mexendo em uma mecha de cabelo. O sangue subiu ao rosto de Seth e ele apertou o punho contra a coxa. O homem manteve a mão no ombro de Waverly até que a campainha do elevador soou, as portas se abriram e eles entraram.

Tudo o que Seth podia fazer era lidar com suas ilusões frustradas ao ver onde ela estava. Aquele homem era bonito, estava com a mão no ombro de Waverly, e ela permitira. Não, ela não pareceu se incomodar nem um pouco.

*Ela não ama você*, sussurrou uma voz dentro dele.

— Ei!

A palavra o atirou de volta à realidade; ele se voltou para observar o corredor atrás de si, pestanejando sem poder acreditar.

Quatro guardas corriam em sua direção.

— Parado aí! — Gritou um deles, puxando a arma do coldre.

Seth deu um pulo para o outro lado do corredor, abriu a porta e desceu as escadas. Apenas alguns segundos se passaram antes de ele ouvir que os guardas chegavam à escada acima dele. Um deles gritou:

— Ele está indo aos níveis da biosfera!

Seth tinha seis lances de vantagem, na melhor das hipóteses. Ele deslizou pelo corrimão e caiu com um estrondo. Acima da porta, ele viu algo que não estava ali antes: haviam instalado uma câmera de vigilância. Eles estavam monitorando as escadas também, agora? Um longo fio serpenteava pela parte de trás da câmera, seguia pela parte superior do batente da porta e entrava em um buraco recém-aberto no canto. Uma conexão improvisada com o sistema de comunicação.

Eles deviam tê-lo visto ir até ali! Waverly estava certa ao chamá-lo de idiota. Ele a colocara em perigo.

Seth deu um pulo e bateu no fio. Sua mochila bateu dolorosamente em seu quadril. A câmera caiu da parede e foi quicando pela escada atrás dele, deixando-o segurando um fio de cerca de três metros de comprimento. Ele podia ouvir os guardas apenas dois lances acima, aproximando-se rapidamente. Em um golpe de inspiração, ele enrolou o fio primeiramente em volta de um dos corrimãos e depois no outro do lado oposto, amarrando-o esticado atravessando a escada.

*Não deixe que eles o vejam*, orou, e começou a correr novamente. Poucos segundos depois, ouviu na escada acima a queda de pesados corpos masculinos gritando de frustração.

Ele contornou o lance seguinte de ouvidos atentos aos homens acima dele. Dava para saber que haviam se machucado, pelo tempo que levaram para se levantar e pela lentidão com que o perseguiam agora. Ele conquistara uma vantagem de cerca de oito andares, mas como poderia usá-la?

Em cada novo patamar da escada ele encontrou outra câmera e puxou o fio de cada uma delas. Isso poderia ser inútil: cada câmera desativada era uma pista de sua passagem, tanto quanto uma imagem de vídeo. A menos que...

Ele desceu correndo mais oito lances, arrancando o fio de cada câmera por que passava e ouvindo seus

perseguidores. Estavam cerca de doze andares acima dele agora, mas com certeza haviam chamado reforços.

Ele tirou o último fio da câmera oito andares abaixo de onde começara a puxar os fios, mas depois subiu de volta dois lances e entrou no corredor. Agora eles teriam de procurá-lo por oito andares inteiros.

Ele entrou na primeira porta que encontrou, sem fazer ideia de onde estava indo, e parou subitamente. Estava em uma espécie de laboratório, pequeno, não um dos grandes laboratórios principais nos níveis administrativos. Um homem de jaleco estava em pé, de costas para Seth, concentrado em seu trabalho. Sem levantar os olhos, o homem pediu:

— Pode me trazer essas lâminas CBC, Em?

Seth se escondeu atrás dos balcões que corriam para o meio da sala e olhou para o homem através de um pequeno espaço entre dois armários de metal.

— Emily? — Gritou o homem, virando-se para examinar a sala.

Ao não ver ninguém, ligou uma centrífuga. No começo não fez barulho, mas, uma vez que acelerou, a vibração sacudiu as dezenas de recipientes de vidro e tubos de ensaio nas prateleiras acima.

Seth se arrastou por trás das fileiras de balcões esperando que o barulho da centrífuga mascarasse sua passagem. No final dos balcões, entrou em um *boxe* de chuveiro atrás da sala, sentando-se escondido atrás da cortina. A água encharcou os fundos de sua calça. Sua pulsação estava acelerada; Seth levou a testa aos joelhos. Ouvia a centrífuga desacelerar, e a seguir parar, deixando a sala em tal silêncio que Seth podia escutar o cientista contando baixinho.

*Quem era aquele sujeito com ela?*, perguntou-se Seth, agora que podia pensar. *Por que Waverly sorriu quando ele a tocou?*

Lembrou-se da foto que ela havia jogado fora e, tão silenciosamente como pôde, tirou-a do bolso. Embora estivesse amassada, ele podia ver a imagem de Waverly desenhada com linhas fortes, em nítido relevo. Mostrava-a de perfil, com a boca aberta, como se estivesse prestes a falar. E aquelas letras garrafais: MENTIROSA.

Alguma coisa havia acontecido com Waverly. Algo grave que a assustara muito. Talvez aquele sujeito fosse parte disso. Mas ela não parecia ter medo dele. Doeu em Seth admitir para si mesmo, mas a verdade era que ela parecia gostar do sujeito.

A porta rangeu ao se abrir. Seth ficou paralisado.

— Olá — disse o cientista a alguém, parecendo alarmado.

— Estamos fazendo uma busca — informou uma voz masculina grave, que pareceu familiar a Seth.

Era o guarda grandão, o homem chamado Thomas, o que havia levado Maya e Anthony presos. Seth se encolheu. Poucas pessoas assustavam Seth, mas esse homem conseguia.

— Alguém entrou aqui? — Inquiriu Thomas.

Era isso, então. Seth tentou controlar sua respiração. Colocou a mochila no chão, caso precisasse lutar.

— Não — disse o cientista. — Estou sozinho aqui.

— Importa-se se dermos uma olhada?

Seth ouviu passos se aproximando e cerrou os punhos quando a cortina do chuveiro se afastou. Ele quase deu um soco no sujeito, mas parou quando se viu cara a cara com Don, amigo de Maya. Seth fechou os olhos, aliviado.

Don pestanejou uma vez, duas vezes, até se recuperar o suficiente para dizer:

— Tudo limpo aqui atrás, Thomas.

— Obrigado por seu tempo — disse Thomas.

— Sem problemas — respondeu o cientista, parecendo intimidado.

A porta da frente do laboratório se abriu e fechou e os dois guardas foram embora. Talvez Don voltasse mais tarde, quando o cientista fosse para casa.

Seth descansou a cabeça contra a parede úmida, tentando respirar com calma. Estava com tanta sede que mal conseguia pensar, mas ligar o chuveiro para beber faria muito barulho. Ele teria de esperar até que o cientista fosse embora. Afastou a sede da mente, tentando relembrar o momento pouco antes de ele e Waverly terem sido interrompidos. Ele a abraçara, ela relaxara por um instante, mas em seu rosto havia... Seth repetiu a cena mais e mais em sua mente, reescreveu-a até que pôde acreditar que ela sorrisse um pouco antes de sair, como se o pudesse perdoar, como se pudesse deixá-lo beijá-la novamente...

Seth acordou tremendo na escuridão várias horas depois, encharcado pelo chuveiro que pingava. O laboratório estava completamente silencioso. Seth se levantou para beber diretamente do chuveiro. A água corria por seu rosto, encharcando sua camisa, mas parecia celestial.

Depois de beber tudo o que pôde, esgueirou-se para fora do chuveiro e fez uma cuidadosa busca no laboratório. Em alguns armários no fundo da sala encontrou jalecos limpos. Vestiu um deles. O material picava e irritava, mas era melhor do que sua camiseta molhada. A seguir, procurou alimentos. Na geladeira, encontrou um recipiente pela metade com uma espécie de sopa que cheirava bem, e tomou-a fria. Havia uma maçã em cima da mesa e Seth a mordeu, lambendo o caldo dos dedos enquanto olhava as gavetas procurando o que precisava para seu próximo grafite.

Encontrou uma tesoura na gaveta do meio e um grande pedaço de papelão, que arrancou de uma caixa de tubos de ensaio empilhados no canto da sala. Voltou para o chuveiro e se sentou para esperar Don.

Enquanto esperava, foi fazendo um novo estêncil.

*Waverly é inteligente, lembrou a si mesmo, tentando acabar com sua preocupação. Ela não vai deixar que o sujeito faça nada com ela.* Ele não conseguiu se impedir de acrescentar: *Se ela não quiser que ele faça.*

# A NEBULOSA

O sangue de Waverly assobiava nas veias como vapor de alta pressão quando Jared apertou o botão do elevador, e ela sentiu um frio no estômago quando o piso desceu sob seus pés. Sua conversa com Seth se revirava em seu cérebro, e ela procurou em sua memória algum indício de onde ele pretendia ir, do que ele planejava fazer, ou se ele iria vê-la novamente. Mas não encontrou nada a que pudesse se agarrar.

— Aonde vamos? — Perguntou a Jared, por fim.

— Primeiro, até o doutor. Depois — disse ele, dando-lhe um puxão provocativo na manga —, tenho uma surpresa para você!

As portas do elevador se abriram no nível administrativo. Jared a guiou até o escritório onde ela havia conhecido o velho médico e abriu a porta da sala escura. O velho estava sentado atrás de sua enorme mesa de madeira, como antes, envolvido em sombras, cercado por seus inestimáveis livros da Terra. Quando Jared fechou a porta atrás deles, ela teve a sensação de ter entrado em uma espécie de sepulcro. Ela se sentou na cadeira em frente à mesa e esperou.

— Nós marcamos a data do julgamento, você ficará contente em saber — o médico tentou um sorriso, que só o fez parecer ameaçador. — Na próxima semana, segunda-feira, vamos dar início a um processo de *impeachment* contra Anne Mather no compartimento dos celeiros, diante de toda a tripulação.

Ela soltou um enorme suspiro de alívio.

— E quanto à acusação de motim de Mather contra nós?

Ele sorriu, sombrio.

— Nossas acusações foram feitas primeiro. Assim, o julgamento decidirá duas coisas ao mesmo tempo: se Mather é uma criminosa de guerra e se nós somos amotinados. Tudo depende do nosso elemento-chave.

— E qual é? — Perguntou ela, sentindo um aperto na garganta.

— Você — respondeu ele, com um sorriso. — Se estiver disposta a trabalhar duro para se preparar para seu interrogatório.

De repente, ela sentiu a cadeira desaparecer sob seu corpo.

— Eu pensei que o senhor ia me manter fora do banco das testemunhas.

— Você acabou de ver Kieran Alden, cerca de uma hora atrás.

Ele deu um sorriso sinistro e virou a tela do computador para que ela pudesse ver. Waverly abriu a boca, horrorizada. À sua frente estava uma imagem panorâmica congelada do quarto de Kieran Alden,

com os dois sentados ao pé da cama dele. Com raiva controlada, o doutor clicou um botão e a voz de Kieran encheu a sala.

— *Se estiver mentindo, vai dar razão a Mather para ir atrás de você.*

— *Eu não estou mentindo.*

Em seguida, apareceu a imagem de Waverly pegando um *tablet* de Kieran e digitando alguma coisa. Nesse ponto, a imagem de vídeo congelou e, para espanto de Waverly, ele deu um *zoom* na tela do *tablet*.

Dizia: *Mather está fraca, agora. Esta é a nossa única chance de derrubá-la.*

Waverly sentiu seu coração bater até na ponta dos dedos.

— Jared não lhe falou — perguntou o doutor, ao desligar o vídeo — que eu disse para não conversar com ninguém?

— Sim — sussurrou Waverly, mas não pôde olhar para ele.

— Isto é praticamente uma confissão! — Gritou ele.

Waverly se balançou na cadeira; seus ouvidos zuniam. A papada do doutor tremia de raiva. A voz de Kieran sussurrou em sua mente: *Acho que você vai cair em uma armadilha...*

— Isto não é uma confissão — respondeu Waverly, intimidada. — Eu não admiti ter mentido.

— Isto é o que você vai dizer quando Mather a processar por perjúrio e motim.

— Motim — sussurrou Waverly.

Ela sabia que uma acusação de motim poderia levar à pena de morte. E então, o que aconteceria com a mãe? Ela podia sentir as paredes de sua gaiola se apertando ao seu redor. Se pretendia ajudar sua mãe e aos outros, tinha de ser agora.

— Eu tenho cooperado com o senhor, e por isso o senhor tem de curar minha mãe.

— Eu não prometi nada — retrucou o médico, ríspido.

— Que pesquisas o senhor fez?

Ele não respondeu.

— Já encontrou meus amigos? Procurou-os?

— Essas coisas são delicadas. Não podem ser forçadas.

— Bem, nem eu posso ser forçada.

O rosto do velho se alongou em uma carranca de reprovação.

— O que está dizendo?

— Eu quero ver meus amigos e ter certeza de que estão a salvo, e quero que minha mãe e toda a tripulação da *Empyrean* sejam tratadas pelo dano cerebral, ou vou me retratar.

Pela primeira vez desde que Waverly o conhecia, o velho homem parecia nervoso, e isso lhe deu coragem:

— Se não fizer isso, vou dizer a Anne Mather que o senhor me chantageou para dar falso testemunho.

— Eu não fiz nada disso.

— Sim, fez. Disse que só ajudaria minha mãe se eu fizesse o que o senhor queria.

— Prove.

— Prove que não.

Eles se olharam. O pulso de Waverly batia rítmico em seu pescoço, insistente, em alerta. Ela estava jogando um jogo perigoso com um assassino, e sabia disso. *Então, seja uma assassina também*, disse a si mesma.

— Você está me dando um ultimato? — Perguntou o doutor, por fim, em voz baixa.

— Sim — disse ela, recusando-se a permitir que nem mesmo uma pitada de medo se infiltrasse em sua voz, embora seu corpo se agitasse.

O médico enlaçou os dedos e olhou para ela por sobre seus punhos.

— Tudo bem, Waverly.

Ela foi pega de surpresa.

— O senhor vai fazer isso?

Ele digitou brevemente em seu computador e, embora ela não pudesse ver os caracteres, achou que ele havia enviado uma mensagem de texto. Ela não se surpreendeu ao ouvir o ruído da porta se abrindo pouco antes de Jared estar ao seu lado. Ele ergueu as sobrancelhas para o doutor, que dispensou os dois, desgostoso. Ela se voltou para sair da sala, e ouviu o doutor dizer, quando a porta se fechou atrás de si:

— Adeus, Waverly.

A respiração travou em sua garganta quando ela começou a descer o corredor com Jared. O que ela havia feito?

Jared fez uma careta engraçada:

— Alguém está morrendo de medo...

Ela tentou rir, mas não conseguiu encontrar fôlego para isso.

Eles entraram no elevador mais uma vez e Waverly notou a cesta que Jared carregava.

— O que há aí?

— Guloseimas — disse ele, provocando. — Está com fome?

Ela não conseguiu responder.

Jared começou a cantarolar uma antiga música da Terra que ela havia ouvido uma vez no Baile da Colheita, na Empyrean. Lembrou-se dos adultos afluindo à pista de dança quando a música começara, e de como ela havia ficado encantada quando Kieran se levantara e estendera a mão para a mãe e a conduzira à pista de dança, girando com ela sob as luzes. Ela havia notado Seth olhando para ela do outro lado da sala, meio escondido nas sombras, sempre observando, mas sem participar. Mas quando ela fizera contato visual com ele, Seth havia rapidamente desviado o olhar. Foi quando ela soube que Seth gostava dela. Isso fora um tempo atrás, mas Waverly podia ver tudo tão claramente que achou que poderia esticar o dedo e encontrar a fina membrana entre o passado e o presente e atravessá-la.

Ela abriu os olhos e se surpreendeu ao ver que o elevador havia descido abaixo dos níveis da biosfera. Para onde Jared a estava levando?

As portas do elevador se abriram, revelando o vasto compartimento de armazenagem. Era o lugar onde ela havia sido baleada na primeira vez em que tentara resgatar os pais. Eles haviam sido detidos no estábulo ali embaixo, e ela só conseguira trocar algumas palavras com a mãe antes de ser descoberta pelos guardas, perseguida e baleada na perna. Seu coração batia em dobro com a lembrança. Com um sorriso, Jared pegou levemente seu cotovelo e ela o seguiu com passos hesitantes.

— Você está bem? — Indagou ele, com uma expressão confusa.

Ela fez um leve aceno de cabeça; sua mente girava como uma roda. Todos os seus instintos lhe diziam que estava ficando sem tempo. Waverly colocou a mão no braço de Jared:

— Você acha que Anne Mather realmente vai para a cadeia?

— É nisso que todos estamos apostando.

— Você poderia me deixar entrar para vê-la, como fez com o capitão? — Perguntou Waverly.

Ele notou o peso em sua voz e a encarou com um olhar penetrante.

— Eu queria ficar sozinha com ela.

— Para quê? — Perguntou ele.

Ela tentou parecer inofensiva.

— Queria falar com ela.

Ele pareceu reconhecer algo em seus olhos e deu um passo para trás.

— Você quer matá-la.

Waverly baixou os olhos.

— Claro que não. Foi só uma ideia estúpida.

Afinal, eles a prenderiam pelo resto da vida ou a executariam; e então, o que aconteceria com sua mãe?

Eles caminharam em silêncio, lado a lado. Ela pensou que o havia chocado, mas ele a olhou de soslaio com um sorriso brincalhão no rosto.

— Você é um pequeno tigre, não é?

Ela estava embaraçada demais para responder. Ele havia lido suas intenções tão facilmente que ela ficou totalmente alarmada, e a indiferença dele em relação à ideia a confundia.

Jared a levou a uma grande câmara de ar comprimido no final da sala, e ela estacou.

— O que está fazendo? — Questionou ela, com os olhos na câmara.

Foi assim que Anne Mather havia matado a tripulação da *Empyrean* no primeiro ataque. Ela explodira a câmara de ar comprimido. E fora assim que o capitão Jones matara seu pai.

Sem hesitar, Jared foi para a câmara e a abriu.

Waverly se encolheu esperando uma descompressão explosiva, mas a porta se abriu para o compartimento de carga de um ônibus espacial.

— Eu deveria ter lhe contado — Jared riu, e estendeu uma mão tranquilizadora. — Este ônibus está atracado aqui desde que saímos da nebulosa.

— Por quê? Aonde vamos? — Ela respirou fundo para acalmar seu nervosismo.

— Você não confia em mim? — Os olhos dele percorreram seu corpo tenso. — Eu só quero lhe mostrar uma coisa. Não vamos a lugar nenhum. O ônibus vai ficar atracado o tempo todo.

Ela o observou sem se mexer, sem dizer nada.

— Vou deixar as portas da câmara abertas, prometo.

— Então, por que vamos entrar ali?

— Você vai ver assim que entrar na cabine.

Ele estendeu a mão.

Com os braços cruzados sobre o peito, ela se arrastou para o ônibus e atravessou o compartimento de carga vazio, estéril e metálico como de qualquer outro ônibus espacial vazio. Ela seguiu Jared subindo as escadas em espiral até o nível dos passageiros, e depois pelo corredor entre os assentos até a cabine.

Ela deu um arquejo.

A nebulosa que haviam deixado para trás meses antes se estendia por todo o céu salpicado de estrelas e seus braços em espiral brilhavam em cor-de-rosa e âmbar, piscando com relâmpagos. Ela tinha uma forma vagamente semelhante a uma espécie de peixe que vivia nos oceanos da Terra; uma lula, ou um polvo, com tentáculos que se estendiam em direção à nave.

— Não é lindo? — Perguntou Jared logo atrás dela, tão perto que ela podia sentir a respiração dele em seu cabelo.

Mas, desta vez, em vez de formigamento, ela sentiu sua pele se arrepiar e os músculos de suas costas se retesarem em alerta.

— Achei que você ia gostar.

Ela não gostou. Ela sempre se lembraria da nebulosa como um cemitério para muitos da tripulação da *Empyrean*, pessoas que ela conhecera por toda a vida. *Foi aí que eu morri também*, pensou ela. *Waverly Marshall inocente está enterrada lá.*

Jared a empurrou gentilmente para o banco do copiloto, depois tomou o assento do piloto para si e começou a desembulhar a comida que havia levado. Ele tagarelava enquanto expunha fatias de frutas, queijos brancos macios, salmão defumado, pão crocante e uma garrafa de algo que cheirava a vinho tinto maduro.

— Foi ideia do dr. Carver estacionar um ônibus aqui, de frente para a popa, para que ainda pudéssemos ver a nebulosa. As pessoas podem reservá-lo para encontros e... — Ele engasgou com a palavra, fez um sutil contato visual com ela e continuou, espalhando queijo branco no pão macio. — Ou qualquer coisa. Fui eu que o pilotei e o atraquei aqui. Foi a primeira vez que alguém acoplou um ônibus espacial a uma câmara de ar comprimido. Eu tive a honra de ser o único a fazer isso.

— Que legal... — Comentou Waverly.

— Eu estava animado — prosseguiu ele, colocando finas fatias de maçã sobre o queijo e entregando-o a Waverly. — Como assistente do doutor, eu não costumo levar muitas glórias.

Assistente. Pelo que dizia Jared, ele cuidava de um velho e plantava ervas, mas, na realidade era um ancião da igreja e o doutor o chamava de filho. O jeito como ele havia espancado os guardas... Ele lutara com três homens ao mesmo tempo e os deixara incapacitados em um minuto. Quem seria ele, na verdade?

Jared lhe serviu um pouco de vinho e lhe entregou um cálice de cristal delicado. Ela tomou um gole automaticamente. Era frutado e doce, mas assentava amargo no fundo da garganta.

— É bom? — Perguntou ele.

— Sim — sussurrou ela, mas não tomou mais.

— Waverly, o que há de errado? — Indagou Jared, parecendo por fim reconhecer sua relutância. — Você pode me contar, eu sou seu amigo.

— Eu sou sua prisioneira — murmurou ela, olhando para a grande nuvem rosa.

Depois de um breve e surpreso silêncio, ele disse:

— Isso não é obra minha.

— Os guardas de Mather permitem que você me leve aos lugares.

— E isso faz de mim seu carcereiro? — Inquiriu ele, irritado.

Ela apertou seu pão tão forte que se partiu e caiu no chão a seus pés.

— Waverly, eu odeio o modo como eles estão tratando você. Se houvesse alguma coisa que eu pudesse fazer para mudar isso...

Ela o observou enquanto falava, procurando sinais de que seu coração não combinava com suas palavras, mas não encontrou. Mas isso o tornava sincero ou apenas um bom mentiroso? Ele se inclinou em direção a ela com as mãos juntas e seus olhos azuis-escuros procurando os dela.

— Por que você passa tanto tempo comigo? — Questionou ela.

— Não é óbvio?

Ela balançou a cabeça.

— Eu gosto de você.

— Mas o doutor quer que você fique de olho em mim, não é?

Ele bufou.

— Está bem, sim. Mas eu não sou obrigado a passar tanto tempo com você. E não sou obrigado a gostar.

Por falta de algo a fazer, ela pegou um pequeno pedaço de seu pão destruído.

— Waverly, olhe para mim.

Ele se aproximou. Foi uma questão de centímetros, mas ela podia sentir o calor de seu corpo atravessando o ar frio para encontrá-la.

— Não há muitas mulheres solteiras da minha idade nesta nave, e nenhuma delas é particularmente...

Atraente. Você deve ter notado.

Ela olhou para as mãos. Seus dedos estavam brancos e trêmulos.

— Mas você — ele ergueu as mãos em um gesto de impotência. — Você é muito madura para a sua idade. E é tão bonita!

Ela o olhou nos olhos, aqueles belos olhos misteriosos, e descobriu que não queria desviar o olhar. Ela podia sentir seu cheiro intensamente — uma mistura de suor masculino recente e um perfume almiscarado.

— Acho melhor eu ir — sussurrou ela.

— Por que não me dá uma chance? — Indagou Jared.

— Podemos ir?

Ela se levantou e esperou que ele fizesse o mesmo. Jared se levantou com os braços ao lado do corpo. Ela foi em direção à porta, mas ele a deteve pegando-lhe o braço. Se Waverly se afastasse mais um milímetro, ele a soltaria, ela sabia; mas hesitou.

Ele a puxou, e antes que soubesse o que estava acontecendo, Jared enroscou os dedos no cabelo dela e passou seus braços fortes em volta de seu corpo. Apertou seus lábios contra os dela e sua língua abriu caminho para dentro de sua boca.

Ele era hábil em derrubar suas defesas, e a princípio ela permitiu. Queria esquecer sua discussão com Seth, esquecer Kieran, esquecer todas as coisas infantis que a mantinham presa ao passado. Ela se derreteu um pouco.

Ele era poderoso.

*Ele é mais poderoso do que eu,* pensou.

Ela gostou. Gostou que ele a tomasse nas mãos como um bem precioso, um objeto frágil.

Mas...

Mas...

*Isto não está certo.* Uma pequena parte dela percebeu que ele a puxava para o chão, com as mãos já debaixo de sua túnica, passando os dedos ao longo da pele suave de suas costas.

O beijo de Seth não havia sido assim. Havia sido tão hesitante, honesto, tão... Inexperiente, e bonito. Ele lhe mostrara puro desejo e paixão. Não houvera nada com esta... Habilidade.

Manipulação.

— Jared — sussurrou ela. *Não o enfureça.* — Por favor. Eu não estou pronta.

Ela tentou se levantar, mas ele a puxou de volta para baixo.

— Eu realmente não posso — insistiu ela, e o empurrou. — Estou confusa.

Ele ainda foi para cima dela, puxando sua roupa, molhando seus lábios com a língua. Ela o empurrou uma vez, e outra, e uma terceira, o mais forte que pôde, até que ele perdeu o equilíbrio e caiu longe dela.

— Eu preciso ir — disse ela.

Encontrar Seth. Encontrar Seth. Fazer as coisas direito. Ela se levantou, tirou o cabelo do rosto com as mãos trêmulas e em espasmos, puxando a túnica para baixo para se cobrir.

Jared passou as mãos pelas panturrilhas dela, mas ela chacoalhou as pernas.

— Preciso ficar sozinha — murmurou ela, entredentes. — Não me siga.

Ele não olhou para o rosto dela. Ela deu meia-volta.

Waverly desceu as escadas em espiral passando pelo compartimento de carga e todo o compartimento de armazenagem rumo à escada a bombordo. Atravessou a porta e subiu as escadas com um único pensamento na cabeça — Seth! — quando foi atingida por trás por uma parede de músculos.

Um punho de ferro a prendia pelos ombros. Ela ergueu os olhos e viu a máscara retorcida de Jacob Pauley. Um grito explodiu dentro de sua garganta, mas uma mão carnuda tampou sua boca e seu nariz, confinando o grito dentro de sua cabeça, perfurando seu cérebro e reverberando em seus ouvidos. Ela tentou se soltar do abraço, mas o aperto era sobre-humano. Ele travou a outra mão atrás de sua cabeça e a segurou enquanto ela se contorcia. *Não consigo respirar! Não consigo respirar! Não consigo respirar!* Foram as palavras finais que surgiram em sua mente quando seus olhos se fecharam.

# SOBREVIVENTE

Arthur Dietrich deslizou pelo longo corredor da Emyrean com os olhos na porta da enfermaria, onde sabia que Tobin, Austen e todos os seus pacientes estavam esperando. Se tudo estivesse funcionando corretamente, Sarek o estaria observando pelo monitor no apartamento que haviam tomado. Quando Arthur chegou às portas da enfermaria, deu duas batidas rápidas seguidas de três batidas lentas. Quase imediatamente, as portas se abriram e Tobin o cumprimentou com um tapinha no ombro.

— Você conseguiu.

— Como estão todos? — Perguntou Arthur.

— Estáveis — disse Tobin. — Espero — acrescentou, raspando o interior da bochecha com os dentes.

Arthur e Sarek haviam tentado muitas vezes convencer Tobin a se entregar e transportar os pacientes para a New Horizon, até que Arthur ouviu uma conversa entre o chefe da tripulação, Chris, e um dos sujeitos da manutenção.

— Andei pensando que pode haver sinal de vida na enfermaria — dissera uma mulher pelo intercomunicador. — Pode ser só um mau funcionamento dos sensores.

— Assim que vedarmos todos os buracos — Chris respondera —, a enfermaria será a próxima. Vamos desmontar tudo e levar todos os equipamentos e medicamentos para a New Horizon.

— E se houver sobreviventes se escondendo ali? Ouvi rumores de que havia pacientes em coma — ela insistira.

Arthur gostava dessa mulher; ela estava sempre cuidando dos animais a bordo, também.

— Talvez devêssemos ter uma equipe médica de prontidão.

— A pastora me falou que não será permitida a vinda de nenhum médico a bordo — dissera Chris, parecendo irritado com isso. — A equipe médica dela é pequena, e ela não está disposta a arriscá-los, sendo que provavelmente não há ninguém para ajudar. Se encontrarmos alguém, vamos ter de torcer para que sobreviva à viagem até a New Horizon sem ajuda.

Aturdido com a situação, Arthur e o resto dos meninos decidiram se esconder na Emyrean o máximo de tempo possível para dar aos pacientes em coma, inclusive à mãe de Tobin, uma chance de cura. Isso significava que teriam de remover todos da enfermaria para evitar serem descobertos, e esse era o dia.

— Prontos? — Perguntou Arthur a Tobin.

Eles tinham muito trabalho pela frente.

Tobin assentiu distraidamente enquanto colocava sacos entre as pernas de sua mãe e a grade de

segurança da maca. Ela estava em coma havia meses, resultado de um grave trauma de descompressão e da radiação. Suas mãos estavam curvadas contra as laterais do corpo, as pernas dobradas, a espinha torcida. Tobin havia insistido em mantê-la nos aparelhos até que um médico de verdade pudesse examiná-la, e Arthur sabia que faria o mesmo caso se tratasse da própria mãe. Mas, agora, será que algum dia voltaria a ter um médico?

Austen entrou na sala carregando uma sacola grande cheia de roupas de cama e a largou no chão.

— Olá — cumprimentou Arthur.

— Olá — murmurou Austen, distraidamente, enquanto punha a roupa em um saco de pano e o pendurava ao pé de uma das macas.

A maca de cada paciente estava cheia de sacos de medicamentos, mas Tobin e Austen também haviam recheado cada carrinho disponível com equipamentos e suprimentos médicos. Isso ia levar horas.

— Primeiro os pacientes — disse Tobin, segurando a grade da maca de sua mãe. — Austen, você fica aqui desta vez. Arthur, você pega Philip.

Arthur passou para a cabeceira da maca do menino. Philip Grieg estava pálido. Dormia, totalmente insensível à atividade a seu redor. Nas semanas desde sua lesão, os hematomas ao redor de seus olhos haviam desaparecido e ele parecia em paz, apesar de contrair a mão esquerda quando sonhava.

— Como ele está? — Perguntou Arthur, em voz baixa.

— Na mesma — disse Tobin, melancolicamente. — Pelo menos é o que posso ver.

— Existem outros planetas — sussurrou Philip, que virou a cabeça no travesseiro e ficou em silêncio novamente.

Arthur se voltou bruscamente para Tobin.

— Achei que você havia dito que ele não podia falar!

— Ele não consegue falar quando está acordado — respondeu Tobin, esfregando a nuca. Ele parecia dolorido e cansado. — Philip fala todo tipo de coisa quando está dormindo.

— Bom, isso parece um bom sinal — comentou Arthur.

— Pode ser — Tobin aparentava estar em dúvida. — Victoria não sabe o que isso significa.

Arthur olhou para Victoria Hand, a única médica remanescente a bordo da nave. Ela estava dormindo, mas parecia quase igual a antes, exceto pela penugem macia de cabelos grisalhos que crescia em seu crânio. Ela costumava ter densos cabelos castanhos que se enrolavam ao redor de seu rosto, mas haviam caído meses antes por causa da radiação.

— Vamos lá — disse Arthur.

Sarek já devia estar se perguntando por que estavam demorando tanto.

Tobin e Arthur empurraram as macas carregadas pelo corredor escuro. Arthur torcia para que Sarek conseguisse mascarar sua passagem no sistema de vigilância enviando o vídeo pré-gravado de sua rota ao sistema do Comando Central. Arthur não tinha certeza de que a pessoa que operava o sistema de

vigilância iria deixar passar o piscar das telas quando eles trocassem uma imagem pela outra, mas quanto a isso não havia nada a fazer. De qualquer maneira, ficou impressionado por Sarek ter descoberto como fazer aquilo.

Quando chegaram ao apartamento que serviria como enfermaria, Sarek abriu a porta para eles, sorrindo.  
— Deu certo — disse ele.

Isso foi o mais próximo que o jovem chegou de se gabar.

Arthur deu-lhe um tapinha no ombro.

— Bom trabalho.

Tobin rapidamente ligou o equipamento dos pacientes e afundou no sofá, que havia sido empurrado contra a parede.

— Não acredito que temos de fazer isso mais uma dúzia de vezes.

— É melhor nos apressarmos, então — respondeu Arthur.

Os dois garotos saíram para começar o processo novamente.

Levaram o dia todo. Quando terminaram de transferir todos os pacientes e equipamentos, o apartamento estava cheio de macas alinhadas na parede, pilhas de equipamentos médicos, sacos de medicamentos e seringas, gaze, álcool e luvas de látex. Eles deixaram algumas máquinas e macas na enfermaria na esperança de que a tripulação da New Horizon não notasse nada de errado.

À noite, depois de um longo banho quente para aliviar os músculos doloridos, Arthur se deitou na cama enrolado em um roupão que havia encontrado no armário.

Sarek bateu em sua porta:

— Você está acordado?

— Sim — Arthur manteve os olhos no livro que estava lendo. — Que foi?

— Acha que eles vão nos encontrar? — Perguntou Sarek.

— Uma hora, vão.

Arthur balançou a cabeça e virou a página. Ele sempre foi capaz disto: conversar e ler ao mesmo tempo. Isso sempre deixara sua mãe louca.

— A única razão pela qual não nos encontraram ainda é que não estão nos procurando.

— Eu estive pensando — Sarek esfregou o queixo, pensativo —, eles não estão salvando apenas equipamentos e espécies.

Arthur assentiu, e Sarek prosseguiu:

— Eles estão trabalhando para salvar a nave. O que significa que eles acham que ela é confiável.

— Por certo tempo, talvez.

Os olhos de Sarek pareciam pretos sob a luz fraca do abajur de Arthur.

— O que significa que talvez possamos tomá-la de volta deles.

Arthur fechou o livro e direcionou toda a sua atenção a Sarek.

— Não há muitos deles por aqui — prosseguiu Sarek. — Se formos tomar a nave de volta, temos de fazer isso antes que mais deles cheguem.

— Mas, e nossos pais na New Horizon, e o resto das crianças? Vamos deixá-los para trás?

— Claro que não — Sarek pressionou as têmporas com a palma das mãos. — Essa é a parte que não consigo descobrir: como trazê-los para cá.

— Queria poder falar com Kieran — disse Arthur.

Sarek e Arthur formavam uma boa equipe, mas era quando Kieran estava com eles que as coisas funcionavam bem. O amplo conhecimento de Arthur, a habilidade técnica de Sarek e a criatividade de Kieran formavam a química certa.

Sarek balançou a cabeça, frustrado.

— Todos os nossos planos para enfrentar Anne Mather até agora foram..

— Inúteis — Arthur terminou a frase com um sorriso melancólico.

— O que temos para negociar?

Arthur levantou as mãos.

— Esta nave. É tudo o que temos.

Os dois garotos estudaram um ao outro em silêncio. Quando Arthur viu Sarek levantar as sobrancelhas ao ter uma ideia, achou saber o que seu amigo estava pensando.

— De jeito nenhum — reagiu Arthur. — Nós não somos tão bons pilotos assim.

— Arthur, pense nisso. O que temos a perder? — Indagou Sarek, pacientemente, ao se voltar para sair.

Ele tinha de dar sempre a última palavra. Isso era outra coisa que Arthur aprendera sobre Sarek.

Naquela noite, apesar da exaustão, Arthur ficou acordado, listando na cabeça as perdas da Empyrean. A incubadora de peixes. Todos aqueles salmões, trutas, camarões e moluscos desaparecidos para sempre; mas seus óvulos deveriam ter sido congelados. Eles poderiam conseguir trazer de volta algumas espécies. Alas inteiras dos celeiros haviam se perdido, mas as portas pressurizadas de emergência que cortavam o centro da nave haviam funcionado bem, e a maioria dos campos ao lado dela estava intacta. A creche e a escola foram completamente despressurizadas, e as salas a estibordo estavam inabitáveis. Seu próprio apartamento ficava lá, e agora provavelmente nunca mais poderia voltar para seus diários, suas fotografias, seu computador, seus amados livros. O apartamento de Sarek fora perdido também, mas Arthur não fazia ideia do que seu amigo perdera de sua vida anterior. Sarek raramente falava de desgostos.

Arthur rolou de lado nessa cama estranha. *Deve haver uma maneira de fazer isso. Deve haver.*

Um mapa parcial da galáxia, pendurado na parede do quarto de Arthur, brilhava debilmente na escuridão, e ele acendeu a lâmpada de cabeceira para ver melhor. Alguém havia traçado o curso da Empyrean com alfinetes. Em relação ao resto do mapa, tamanho pôster, a nave havia viajado menos de cinco centímetros. Arthur balançou a cabeça. Quarenta anos a uma velocidade inimaginável, e só haviam

avançado cinco centímetros.

Ele olhou um pouco mais de perto e viu que a nave estava indo para um agrupamento particularmente denso de estrelas. A distância cada vez menor não podia ser percebida pelas vigias, a olho nu, mas, a julgar pelo mapa, a Empyrean estava a doze anos de viagem de várias centenas de sistemas estelares.

Ele se perguntou se algum deles havia sido mapeado.

Ele foi para a sala de estar, ligou o equipamento que ficava em cima da mesa e ligou o sistema de navegação. Sabia que estava se arriscando, mas suspeitava que a equipe de reparos não tinha tempo para monitorar o uso de equipamentos na nave. Eles mal tinham tempo para acompanhar um ao outro.

Ele deu *zoom* no agrupamento de sistemas estelares que se aproximava e começou a passar por eles um a um, à procura de qualquer informação. Para sua surpresa, a maioria dos sistemas tinha uma etiqueta onde se lia “dados insuficientes”. Ele leu os comentários e descobriu que a nebulosa que a Empyrean havia acabado de atravessar distorcera as leituras sobre esses sistemas, tornando os dados não confiáveis.

Porém, agora que estavam deste outro lado da nebulosa, não havia nada que impedisse Arthur de realizar, ele mesmo, uma pesquisa.



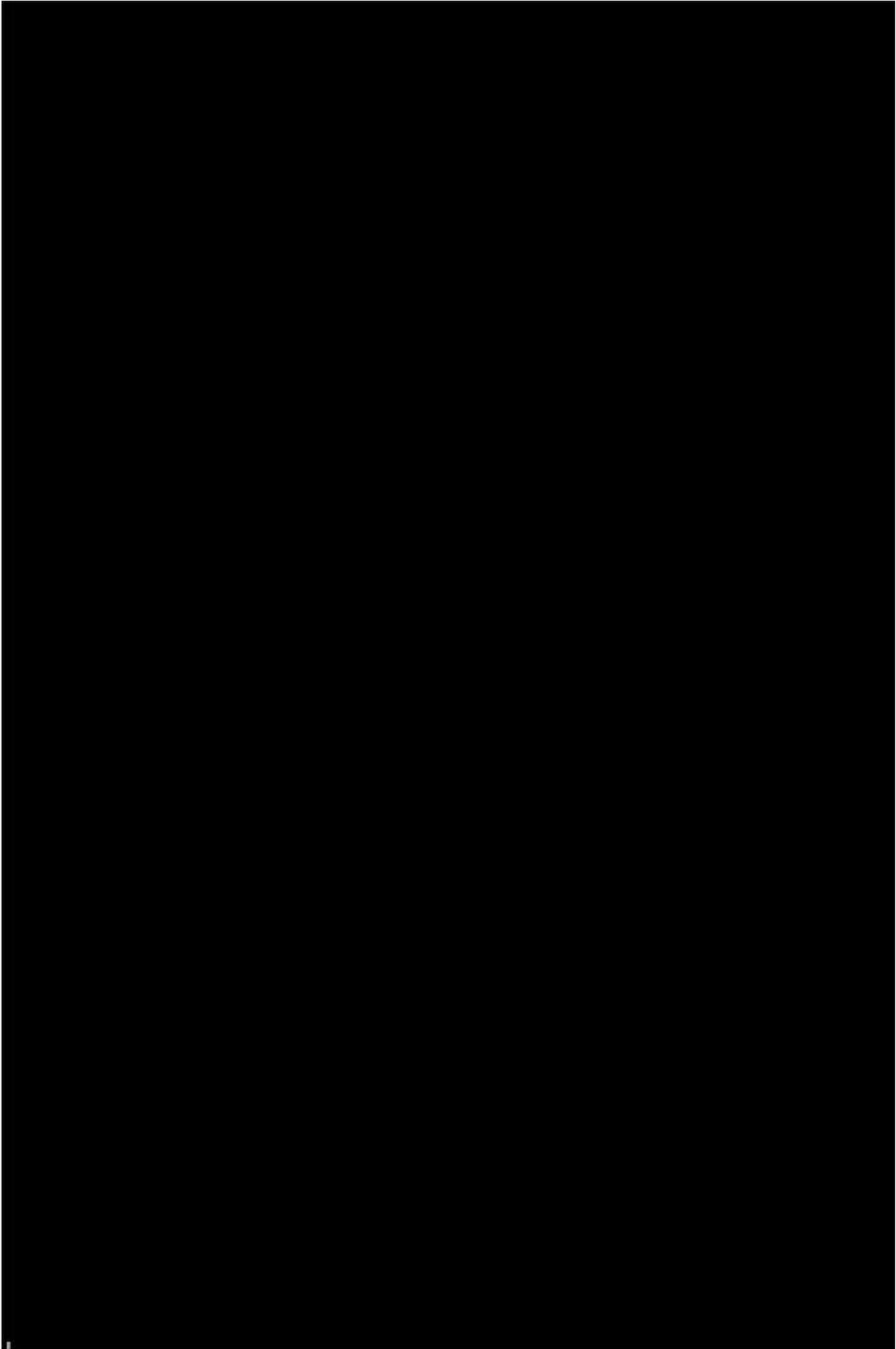
3

# MONSTROS

*É só nos contos folclóricos, nas histórias infantis e nas revistas de opinião intelectual que o poder é usado bem e sabiamente para destruir o mal. O mundo real ensina lições muito diferentes, e é preciso ignorância obstinada para não percebê-las.*

Noam Chomsky,

"The World after September 11 (2001)"



# A ARMADILHA

Kieran estava enterrado sob um monte de lençóis de cetim. Depois de ver Waverly no dia anterior ele se arrastara até a cama de seda, levantando-se apenas para aliviar a bexiga e bebericar as xícaras de chá que sua mãe, preocupada, lhe empurrava. Ele não conseguia comer, não conseguia fazer passar nada, sentindo um nó na garganta. Não podia nem ficar com a luz acesa, pois seus olhos doíam. Kieran queria dormir para sempre e esquecer Anne Mather e Waverly e a pergunta constante que o incomodava: havia traído Waverly ou tentado ajudá-la? Ele entrava e saía de um sono frouxo, e a aversão que sentia por si mesmo só diminuía quando ele dormia.

— Kieran — uma voz suave entrou no quarto, alterando a composição do ar. — Waverly desapareceu.

Ele demorou um instante para perceber que não havia sonhado com a voz. Espiou por baixo do travesseiro e viu Felicity olhando para ele. O cabelo dela estava preso em um frouxo rabo de cavalo na nuca, caído sobre seu ombro como seda.

— Como é? — Kieran se sentou, lamentando o cheiro rançoso de seu quarto.

Ele apertou os olhos tentando acordar:

— Ela desapareceu?

— Acabei de vir do apartamento dela. A mãe disse que ela não voltou para casa ontem à noite. Ela esteve aqui?

— Não desde ontem à tarde.

Kieran balançou a cabeça. Ele havia acabado de ver Waverly! Como ela poderia ter desaparecido?

Kieran afastou os cobertores:

— Vamos falar com Mather.

Parou para correr os dedos por seus cabelos emaranhados e, a seguir, saiu do quarto. Viu que Felicity já estava abrindo a porta e saindo do apartamento. Ele correu para alcançá-la.

O elevador, a caminho do nível administrativo, pareceu a Kieran pequeno demais. Felicity estava perto o bastante para que ele pudesse sentir o cheiro de seu xampu floral, tornando-o dolorosamente consciente de sua própria camisa malcheirosa.

— Gostei do que você disse nos serviços sobre reunir as crianças da Emyrean — disse ela. — A pastora providenciou uma escola para que os menores frequentem todos os dias, sabia?

— Já é alguma coisa — com Waverly desaparecida, todo o resto parecia pequeno e mesquinho. — Mather é quem tem o poder. Tudo o que posso fazer é pedir as coisas.

— Você fez mais do que isso — disse Felicity. — Você disse aquilo na frente de toda a congregação.

Mather precisava fazer alguma coisa, ou pareceria estranho.

Kieran olhou para a câmera de vigilância instalada no teto acima deles.

— Você não deveria ter cuidado com o que diz?

Felicity deu de ombros.

— Eu não disse nada de errado.

Kieran a estudou. Ela sorriu para ele, enrugando o nariz de um jeito adorável.

As portas do elevador se abriram para o corredor movimentado. Kieran se esgueirou para fora, e, com Felicity logo atrás, seguiu para o escritório de Mather. Dois guardas se postavam do lado de fora da porta. O grandão, com a insígnia de pomba no ombro, olhou para Kieran com desconfiança.

— A pastora está ocupada.

— Eu só preciso de um minuto — disse Kieran firmemente, mas o homem o fazia se sentir paralisado e vulnerável.

— Por favor — pediu Felicity, suavemente, atrás de Kieran.

O homem olhou para ela tão friamente que Kieran sentiu necessidade de se pôr entre eles.

— É importante — insistiu Kieran, tentando fazer com que sua voz soasse forte.

— É Kieran? — Perguntou Mather de dentro do escritório.

A porta se abriu e Mather sorriu:

— Felicity também! Entrem.

— Waverly desapareceu — Felicity deixou escapar, recusando a cadeira que Mather apontava.

Ela ficou à frente da mesa da mulher com os pés dançando nervosos. Kieran resistiu à vontade de pôr a mão no ombro dela para acalmá-la.

— Sim, nós sabemos — disse Mather, ajeitando-se ao se acomodar em sua cadeira. — Waverly burlou seu guarda na tarde de ontem e fugiu.

— Jacob Pauley ainda está à solta? — Perguntou Kieran.

Mather assentiu com a cabeça uma vez.

— Sim.

— Você sabia que ele já tentou matar Waverly uma vez?

Mather apoiou os cotovelos na mesa e entrelaçou os dedos.

— Não.

— Ele a atacou na Empyrean, e foi isso que levou à captura dele.

— Noto sua preocupação, Kieran — disse Mather, friamente —, mas acho que é mais provável que Waverly esteja escondida.

— Waverly não abandonaria a mãe de jeito nenhum — interveio Felicity com voz suave, mas forte. — Ela é muito protetora.

— Não há como dizer o que ela pode fazer — respondeu Mather, bruscamente.

— Eu estou lhe dizendo — afirmou Felicity, dando um passo à frente, — Waverly não fugiu. Não sem a mãe.

Kieran observou o perfil de Felicity e o jeito como ela encarava Mather, podia perceber sua respiração rápida e assustada. *Waverly sempre descreveu Felicity como covarde, pensou ele, mas é preciso coragem para contradizer Mather.*

— Você e eu vemos Waverly de jeitos muito diferentes — respondeu Mather, com um sorriso gentil.

— Por favor, escute-me, pastora — implorou Kieran. — Jacob Pauley vai machucar Waverly se a encontrar antes de você.

Mather pestanejou uma vez, duas vezes, e compreendeu a afobação de Kieran. Isso era exatamente o que Mather esperava; ela não queria encontrar Waverly, queria que Pauley a matasse.

— Vou fazer um anúncio, Kieran, dizendo que Waverly fugiu do guarda — Mather falou lentamente, como uma professora acalmando uma criança. — Isso ajuda?

Um tremor passou pelo corpo de Kieran.

— Mas um anúncio só vai informar a Pauley que Waverly está sozinha.

— O que quer que eu faça? — Questionou Mather, contraindo os olhos, contrariada.

— Procure-a — disse Kieran. — Mande seus guardas. Faça uma varredura na nave! Você não pode deixar que esse lunático a encontre!

— Você quer que eu faça justiça encontrando Waverly — Mather estreitou os olhos —, mas não vai testemunhar em meu julgamento para defender a verdade?

Kieran sentiu a garganta secar. De soslaio, viu Felicity de queixo caído. Ela olhou para Kieran com os olhos arregalados e assustados.

*O tempo todo, ele pensou, ela estava esperando para montar sua armadilha para conseguir o que quer de mim.*

A sala ficou em silêncio. Com a ponta do dedo anelar, Mather endireitou o mata-borrão, uma fileira de lápis, os papéis no canto da mesa; a seguir, ergueu os olhos para Kieran e esperou.

— Eu vou testemunhar em seu julgamento — disse ele por fim, em um sussurro. — Direi a verdade se você a encontrar.

— Foi um prazer conversar com vocês.

Mather se levantou e estendeu a mão para a porta. Eles estavam sendo dispensados.

Quando passaram os guardas de Mather no corredor, Felicity olhou de soslaio para Kieran, mas nenhum dos dois falou. Felicity acenou com a cabeça em direção à escadaria central e os dois começaram a descer os degraus de metal frio.

— Ela não vai fazer nada por Waverly — disse Felicity, por fim, com a voz tremendo de raiva.

— Eu sei — respondeu Kieran, com severidade. — Vou agora mesmo procurar o dr. Carver.

— O ancião da Igreja? — Perguntou Felicity, confusa.

— É ele quem está usando Waverly contra Mather — sussurrou Kieran. — Ele pode ajudar. Mas não sei como entrar em contato com ele.

— Vou pedir a Avery que envie uma mensagem pelo sistema à câmara dos anciãos. Ele tem acesso.

Felicity desceu com leveza para outro patamar e abriu a porta para Kieran. Ele se sentia estranho caminhando à frente dela.

— Eu fico aqui — indicou Felicity, apontando para uma porta à sua direita.

Ao contrário do silêncio mortal do corredor de seu apartamento, ali ele podia ouvir o som das pessoas que viviam por trás daquelas portas — o riso de um homem e uma mulher, o tilintar de talheres em pratos de louça, o dedilhar de um instrumento. Parecia um lar, mas não era.

— Você mora com... — começou Kieran, mas parou, odiando o jeito como a pergunta soara.

— Com Avery? Ainda não.

Felicity sorriu, mordendo a ponta da língua com os dentes da frente, uma mania que tinha quando estava nervosa e que a tornava dolorosamente cativante.

— Viver junto sem ser casado não é permitido aqui.

— Ah — resmungou Kieran balançando a cabeça, envergonhado.

— Waverly é esperta — disse Felicity, esticando a mão para Kieran, apenas o suficiente para tocar seu pulso. — Ela é uma sobrevivente.

— Sim — concordou Kieran, mas sentiu seu estômago se apertar.

*Por favor, permita que ela esteja escondida na floresta tropical. Ou nos pomares. Por favor, permita que volte para casa.* O pensamento de que aquele homem poderia encontrá-la e do que ele poderia fazer com ela fez Kieran tremer. Ele não amava mais Waverly, mas sempre se importaria com ela e faria qualquer coisa para ajudá-la.

# NOITE

Seth acordou gradualmente, confuso pelo entorno, até que entendeu que ainda estava em seu esconderijo nos fundos do laboratório. Um barulho que ele não conseguiu identificar de início — o interfone — o havia acordado. Mexeu-se para esfregar os olhos, esquecendo sua mão, e foi paralisado por uma dor tão intensa que se enrolou em posição fetal para suportar os disparos de agulhadas que corriam de seu dedo até o antebraço. Sua mão estava pior, muito pior.

Em seguida sentiu um arrepio correndo de sua coluna a seus membros doloridos. Parecia mais do que frio. Parecia febre.

Então era isso; estava com uma infecção.

Ele espiou pela abertura na cortina do chuveiro e viu que as luzes do laboratório estavam desligadas. O cientista deveria ter ido embora. Ele empurrou a mochila com o material de grafite para fora do *boxe*, junto com seu novo estêncil, ligou o chuveiro e bebeu água; depois, puxou a cortina de chuveiro para o lado.

*Arrogante*, dissera Waverly. Se ele houvesse entrado naquele ônibus com ela, teria recebido atendimento médico e sua mão já poderia estar boa. Ao contrário, ele se escondera durante algumas semanas inúteis até que a ferida ficara tão feia que teria de se entregar de qualquer maneira. Porque era isso que ia fazer. Se não quisesse perder os dedos, ou mesmo a mão inteira, era hora de se entregar.

Tudo o que Waverly lhe dissera naquela discussão terrível, cada palavra cruel, era verdade. Mas não toda a verdade. Ele teve um motivo nobre para essa fuga ridícula: merecê-la, ser digno de Waverly, mesmo que não pudesse tê-la. E ele ainda queria isso.

— Então, Ardvale — perguntou a si mesmo, entredentes —, o que você vai fazer com sua última noite de liberdade?

Seth pegou a mochila, onde levava apenas alguns potes de tinta, um pincel largo e a solução metálica que Amanda lhe dera. Ele examinou o estêncil que havia feito. Não era perfeito. A curva do nariz estava um pouco irregular, assim como a forma do olho esquerdo, mas era Waverly, inconfundivelmente.

— Eu vou compensar você — sussurrou ele.

Seth mancou até a porta do laboratório e espiou o corredor. Não havia ninguém por perto. O relógio em cima da mesa ao lado da porta marcava 1h07 da madrugada. Não deveria haver muitas pessoas andando por ali, mas ainda havia uma equipe noturna no Comando Central, e alguém estaria assistindo ao vídeo da vigilância.

Ele precisaria ser rápido.

Seth encontrou um jaleco em um dos armários nos fundos da sala e um gorro branco que parecia de cirurgião, mas que provavelmente servia para impedir que os cientistas contaminassem as amostras com queda de cabelos. Demoraria alguns minutos até que qualquer pessoa que observasse a vigilância o reconhecesse. Ele precisava apenas de poucos minutos.

Seth saiu do laboratório e subiu os degraus de dois em dois, ignorando o estremecimento que cada impacto causava em sua pobre mão. Quando atingiu o nível de habitação, passou correndo pela porta e prendeu o estêncil na parede com o antebraço da mão machucada, tendo o cuidado de proteger os dedos retorcidos. Molhou o pincel no pote de pátina metálica e, com algumas passadas, untou o estêncil com uma fina camada. Todo o processo levou menos de dois segundos. A solução de pátina era cinza-carvão, e ele podia sentir, pelo cheiro, que já estava agindo sobre o metal que tocara, corroendo-o, alterando sua cor, fixando uma imagem de Waverly que espelhava os cartazes dela pendurados por todo lado. Só que, na versão de Seth, havia uma única palavra: VERDADE.

Conforme ia fazendo seu trabalho pelo corredor, ia arrancando os cartazes horríveis. Ele não parou em um único corredor por mais de um ou dois minutos antes de passar para o seguinte. Nos cinco minutos em que havia revestido um andar inteiro, não encontrou uma única pessoa. Seth correu para a escada e desceu para o outro andar. A pátina corrosiva de metal acabou depois do terceiro corredor, e ele trocou para uma tinta azulão. No terceiro nível de habitação, só lhe restava a tinta vermelha. Isso fez que a imagem ficasse admirável: Waverly na cor do sangue, a cor dos profetas; Waverly, a porta-voz da verdade.

Ele cobriu os três níveis de habitação com a imagem dela até ficar sem material. Com sorte, a tripulação da New Horizon acreditaria que o grafite havia sido feito por um dos seus, e aqueles que duvidavam de Anne Mather poderiam se sentir corajosos o suficiente para sair do esconderijo. Não era muita coisa, mas era tudo que Seth podia fazer.

Ele jogou os potes de tinta vazios e o estêncil pela rampa do incinerador e correu de volta para a escada. Estimou que seu trabalho havia levado não mais de trinta minutos, mas tinha certeza de que eles estariam em seu rastro, agora. Saiu correndo, forçando seu corpo o mais rápido que podia. Seus pés pareciam levar pesos de cinquenta quilos. Seu coração estava fraco; seus pulmões pareciam entupidos. Seu rosto latejava no ritmo de sua pulsação. *Não aguento mais.*

Tudo que ele queria era chegar ao nível da floresta tropical. Queria sentir o cheiro do solo novamente, respirar oxigênio fresco, enterrar o rosto nas samambaias frondosas uma última vez antes que o levassem.

Mas estavam esperando por ele no patamar seguinte: cinco guardas, armados com pistolas, *tasers* e socos ingleses. Seth parou no patamar acima deles com as mãos erguidas.

— Estou desarmado.

Eles correram para Seth em bloco e uma mão avançou, acertando-o nas costelas. Seth se dobrou. Mãos

puxavam suas roupas, seu cabelo. Ele cobriu os dedos feridos com o braço bom.

— Eu me entrego! Eu me entrego!

Eles não pararam. Ele sentiu chutes nas pernas, mãos ásperas puxando suas roupas, um aperto forte na nuca que o paralisou de dor.

— Eu desisto! — Gritou, novamente.

Sua voz o fez se lembrar das milhares de vezes em que se defendera do pai. As milhares de vezes em que insistira que não havia mentido, quando mentira.

— Não precisam fazer isso! — Continuou ele, quando os dedos firmes em sua nuca o obrigaram a cair de joelhos.

— Tente qualquer coisa e acabamos com você aqui.

Os lábios de quem falava estavam perto de seu ouvido e sua respiração era úmida e nojenta.

— Não vou tentar nada — disse Seth.

Ele ergueu as mãos sobre a cabeça e gritou quando alguém atrás pegou seus dedos torcidos:

— Estão quebrados! Estão quebrados! — Implorou.

— Ai, ai — alguém zombou atrás dele, mas soltou sua mão e o forçou a se levantar.

Então, teve os pulsos amarrados atrás das costas. Ele estava cara a cara com o grandalhão, o malvado. Ele segurava um cassetete, que balançou no rosto de Seth ao rosnar:

— Só tente fugir.

— Diga “por favor” — Seth conseguiu sussurrar, antes de ser empurrado adiante, pelas escadas acima.

Dois homens iam à sua frente, um de cada lado, e o malvado atrás. Todos estavam calados. Todos pareciam ser duas vezes mais fortes do que Seth. Nenhum deles era Don.

— Preciso de um médico — disse Seth ao guarda da esquerda. — Minha mão está ferida. Acho que está infeccionada.

O guarda atrás dele espetou suas costelas com um cassetete.

— Para onde vamos? — Perguntou ele.

— Cala a boca — respondeu o sujeito atrás de Seth, com um golpe na espinha que foi ainda mais forte.

Depois disso, Seth não tentou mais falar com eles.

Quando saíram da escada, Seth reconheceu o corredor do Comando Central. Sentiu-se desorientado ao caminhar abertamente pelas áreas públicas da nave. O corredor estava cheio de membros da tripulação matutina de banho tomado, apresentando-se ao trabalho, enquanto o pessoal da noite, cansado, acenava em despedida e ia para casa. Uma mulher miúda, mas cheinha na cintura, olhou para ele enquanto passava a caminho do Comando Central. Ele queria gritar para ela, pedir ajuda, porque ela parecia uma mulher agradável que lhe daria um pouco de sopa.

Nesse momento, sentiu falta de sua mãe. Sentia tanto sua falta que era como ter dentro do peito um bloco de gelo que nunca poderia ser derretido ou atenuado, nem mesmo por Waverly Marshall. Enquanto os

guardas o empurravam para o escritório do capitão, ele entendeu o objetivo de sua vida: vingança pela morte de sua mãe. Ser um herói. Salvá-la. Desfazer aquilo, de alguma forma. Trazê-la de volta.

Isso era clareza ou delírio? Sua febre devorava seus pensamentos. Quando ele havia piorado tanto?

— Não admira que eu esteja tão ferrado — disse ele em voz baixa, quando a cadeira atrás da mesa girou e ele ficou cara a cara com uma matrona gorda e velha que só poderia ser Anne Mather, a antimatãe.

— Você nos fez promover uma grande perseguição — reagiu ela.

— Espero que tenham se divertido tanto quanto eu me diverti — retrucou Seth sem fôlego, tomando consciência de que sua garganta estava inflamada.

O guarda o empurrou para uma cadeira e o forçou a se sentar.

— Você está doente — comentou Mather, avaliando-o.

— Pelo menos não sou velho.

O olhar dela permanecia em suas roupas esfarrapadas.

— O que você tem feito, meu jovem?

— Você sabe, roubado tortas das janelas. Coisas básicas ao estilo de *As aventuras de Huckleberry Finn*.

— Você gosta de Twain?

— Nunca o encontrei.

— Ah, você é modesto — respondeu ela, sem qualquer pitada de humor.

— Sim, eu gosto dele — disse Seth.

*As aventuras de Huckleberry Finn* havia sido um dos poucos livros que ele lera na escola sem sentir que estava perdendo tempo. Seth sentia afinidade com Huck, que também tinha um pai malvado. Depois deste, ele lera tudo que Twain escrevera.

— Ele é provavelmente o melhor escritor dos Estados Unidos da América.

— Eu sempre preferi Hemingway.

— Nunca ouvi falar dele.

— Você gostaria dele. Ele é muito — os olhos dela se estreitaram ao pronunciar a palavra — másculo.

— Então, o que vai fazer comigo?

— Para quem você está trabalhando?

— Para ninguém. Eu trabalho sozinho.

— Para Jacob Pauley?

— Aquele lunático?

— Você o viu?

— Não desde que ele me deixou para morrer na Emyrean.

— E Waverly Marshall?

— Ainda não a vi desde que ela me resgatou.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Você é filho de Mason Ardvale...

Seth ficou tenso.

— E daí?

— Seu pai era um abusador.

Isso enfureceu Seth além da razão. Ele não sabia por quê, visto que concordava com ela. Ainda assim, sentia tanta raiva que tudo o que podia fazer era olhar para a testa dela desejando que se abrisse ao meio.

Ela sorriu.

— Eu treinei com Mason na estação espacial antes do lançamento da missão. Ele tinha uma reputação entre as mulheres a bordo.

Seth tentou pensar em algo inteligente para dizer, algo que a fizesse pensar que não havia atingido seu âmago, mas estava muito cansado. Ele observou o mata-borrão em sua mesa; estava imaculado e perfeitamente alinhado com a fileira de lápis ao lado e com o interfone à direita de Mather.

— Uau — ele apontou, com frieza —, você é muito compulsiva.

— Como é?

— Obsessiva-compulsiva — disse Seth. — Eu li Freud, também.

— Meu jovem, você não se dá conta de sua situação?

Seth suspirou. Tudo o que ele queria era dormir. Sentia-se esgotado, velho.

— Eu tentei ser um herói, mas falhei. Posso consultar um médico?

— Nós ainda não terminamos. Por que você estava se escondendo?

— Eu achei que poderia ajudar Waverly.

— Ajudá-la a fazer o quê?

— Nada — Seth olhou pela vigia. Ele não via as estrelas havia muito tempo. — Só ajudá-la.

— Qual é o relacionamento entre vocês?

— Não sei exatamente. Por que você não pergunta a ela?

Ele esfregou os olhos com o polegar e o indicador. Uma película cinza se espalhou por sua visão como uma camada de mofo.

— Porque eu não sei onde ela está — disse Mather.

— Ela fugiu? — Seth piscou, com as pálpebras pegajosas.

Mather o estudou com cuidado. Ele olhou para ela, mostrando sua surpresa e sua alegria. Waverly fugiu. Que bom; mais uma vez provou que não precisava de Seth Ardvale. Ou de qualquer um, aliás.

— Claro que você está fingindo que não a viu — disse Mather, por fim.

— Ouça — ele esperou que Mather fizesse contato visual —, se eu soubesse que Waverly havia fugido, não teria me entregado. Eu mesmo a estaria procurando — ele sorriu —, e provavelmente a ajudaria a matar você. Mas não sei onde ela está. E preciso de um médico. Foi por isso que deixei você me pegar.

Mather bateu no queixo com o dedo.

— Talvez Jacob Pauley a tenha pegado, afinal.

— O quê? — O coração de Seth deu um pulo. — Você não pode deixar que Jake a pegue. Ele quer matá-la.

— Sim, eu sei — respondeu Mather, com um sorriso triste.

— Por favor — prosseguiu Seth, mas descobriu que não sabia o que pedir. — Você não pode permitir que ele a machuque.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Waverly quer me matar, você disse?

Seth ficou paralisado.

— E Jacob quer matar Waverly...

Seth abriu a boca para falar, para implorar por Waverly, defendê-la, mas não conseguia encontrar as palavras.

— Por que eu deveria fazer alguma coisa? — Inquiriu Mather, ríspida.

Seth disse a única coisa em que pôde pensar:

— Para provar que você não é um monstro.

Ela acenou para alguém do lado de fora da porta. O grande guarda malvado entrou segurando a arma contra o peito. Sua mandíbula se projetava de um jeito estranho, como se houvesse levado um soco tão forte que todo seu rosto se desalinhou. *Este sujeito deve ter tido um pai malvado também*, pensou Seth.

— Para provar que não sou um monstro — disse Mather, afetuosamente —, quando encontrarmos o corpo de Waverly vou fazer uma cerimônia em sua homenagem. Haverá flores e um coro, e vou fazer um sermão sobre o pecado da ira. — Ela fez sinal para o guarda, que levantou Seth pela axila. — Leve-o para a cela.

— Você não pode abandoná-la — pediu Seth, fraco. — Você não pode abandoná-la...

Mas Mather já examinava um *tablet* e batia o dedo no queixo quando o grandão puxou Seth para fora.

# O ESCURO

Ao acordar, Waverly notou a dor terrível na base de seu crânio. Estava escuro, tão escuro que inicialmente não tinha certeza de ter aberto os olhos, mas conseguia sentir as pálpebras se movendo sobre eles. Sua boca estava amarga e pegajosa. Um calor sufocante pressionava sua pele e gotas de suor escorriam pela lateral de seu nariz. Ela quis secá-las, mas notou que estava amarrada, com os braços torcidos atrás das costas, as pernas presas para trás e os pulsos atados aos tornozelos. Não podia se mexer. Seus ombros doíam terrivelmente. Seu pescoço, suas costas... Tentou rolar de bruços, mas não conseguiu lançar seu peso. Depois de várias tentativas, desistiu.

Waverly ouviu alguém resfolegar bem perto de sua orelha, e a lufada de ar empurrou seu cabelo para suas têmporas. Ela ficou paralisada, tentando acalmar a respiração, e escutou. Outro corpo se movia na escuridão. Alguém fungava — um homem. Parecia estar perto.

Ela vasculhou sua memória confusa. Ela estava correndo. Correndo para a escada, para longe de Jared. Correndo para Seth. Então, alguém fechou uma mão gorda sobre seu nariz e sua boca, sufocando-a até que ela desmaiara.

Jacob Pauley.

Um terror paralisante a dominou e ela engoliu uma bocada de ar.

— Cale-se — disse uma voz à sua direita, e uma mão se apertou sobre sua boca.

Sentiu os lábios de uma mulher pressionados contra sua orelha.

— Você vai viver mais tempo se facilitar as coisas.

Waverly choramingou e a mão da mulher pressionou a parte de trás de sua cabeça contra o chão duro de metal.

— Ele queria matá-la imediatamente.

Waverly ouviu alguém resfolegar na escuridão. A mulher afrouxou o aperto na boca de Waverly.

— Você é a mulher dele? — sussurrou Waverly.

— Eu disse para calar a boca — retrucou a mulher.

Uma luz foi ligada e o rosto grogue de Jacob Pauley apareceu sobre Waverly, enorme e ameaçador. Os cantos de sua boca estavam curvados para baixo, as narinas, trêmulas, e os poros de sua pele, abertos e fétidos. Seus olhos injetados de sangue perfuraram os dela.

— Jakey — disse a mulher, em tom de advertência —, acenda o bico de Bunsen.

Ela desviou o olhar de Waverly, mas voltou a ela novamente:

— Ela é mais útil viva — insistiu a mulher.

Ela era pequena, encolhida; fazia movimentos furiosos e tinha uma pele cor de oliva amarelada. Seu cabelo estava desgrenhado e oleoso e ela usava um casaco de lã pesado, apesar do calor da sala. Waverly olhou em volta. Os três estavam amontoados em um espaço minúsculo. À direita havia um veículo com rodas que Waverly reconheceu de vídeos de treinamento: um Rover projetado para andar sobre a superfície da Terra Nova. Do outro lado havia caixas de rações e jarros de água. Diante de seus pés havia uma parede de metal corrugado pintada de azul brilhante. *Isto deve ser um contêiner do compartimento de armazenagem, a quilômetros de distância de qualquer um.*

Seus batimentos cardíacos se aglutinaram em um ponto minúsculo em seu pescoço, batendo contra o interior da carótida. Ela ia morrer ali. E ia doer.

Jacob se ajoelhou na frente de uma caixa de papelão e girou a válvula de um pequeno botijão de gás até ouvir um assobio no ambiente fechado. A chama azul ganhou vida. Ele derramou um punhado de algo que parecia aveia em um pequeno balde de metal, verteu água, mexeu a mistura com a ponta do dedo e levou ao fogo.

— Nós temos grandes planos, e tenho de ficar lembrando Jakey disso.

A mulher olhou com desprezo para as costas largas do marido antes de voltar a atenção de novo para Waverly.

— Eles vão fazer você testemunhar no julgamento de Mather, certo?

Waverly demorou um tempo para processar a pergunta.

— Sim — disse ela.

Isso significava que a libertariam?

— Vocês querem que eu faça alguma coisa? Eu faço.

A mulher riu, sarcástica.

— Temos uma longa lista de queixas e ela termina em você, querida. Tudo começa com Anne Mather.

— Eu a odeio também — acrescentou Waverly, entredentes.

A mulher cuspiu em Waverly. Ela sentiu o fio de saliva escorrendo de sua orelha pela cavidade entre os tendões do pescoço e da laringe.

— Eu disse para calar a boca — rosnou a mulher. — Eu gostaria de matar você, também. Dê-me apenas uma razão.

Waverly não conseguia controlar as lágrimas. Elas queimavam como ácido quando as espremia entre as pálpebras. Mordeu o lábio inferior para não produzir nenhum som. Odiava-se por chorar na frente deles. Odiava o jeito como eles olhavam para ela, de soslaio, presunçosos e satisfeitos.

Isso era a pior coisa que poderia ter acontecido, e nunca lhe ocorrera que pudesse acontecer. Como ela estaria segura se não podia ver os horrores que poderiam surgir?

Uma batida repentina na parede do contêiner fez Jacob e sua esposa darem um pulo. Waverly prendeu a

respiração. *Por favor, que seja Jared. Por favor.*

— Jake? Ginny? — Chamou uma voz masculina rouca. — É Tom.

A esposa, Ginny, como ele a havia chamado, pegou uma grande faca de dentes irregulares e a apontou para Waverly. Colocou um dedo sobre os lábios.

— Jesus, você nos assustou! — Disse Jacob.

Ele se arrastou por cima do veículo anfíbio até uma porta de correr no final do contêiner e abriu uma fresta.

— O que está fazendo aqui?

— Eu trouxe água e umas frutas.

Waverly avistou o homem por meio segundo e sua respiração ficou presa na garganta. Era um membro da Justiça da Paz de Mather, o de queixo de ferro e insígnias no ombro. Seu olhar varreu todo o interior do contêiner, mas Jacob se posicionou entre ele e Waverly, bloqueando sua visão.

— Escondendo alguma coisa? — Perguntou Tom, e Jacob riu. — Algumas pessoas estariam interessadas em saber se por acaso você não encontrou alguém.

— Não — respondeu Jacob.

Houve uma pausa. Waverly tirou os olhos da porta e os levou até Ginny, até a faca que ela segurava. Ginny balançou a cabeça lentamente, de forma significativa.

— Waverly Marshall desapareceu — disse Tom. — Achei que você iria querer saber.

— Ah, é mesmo? — Jacob comentou, fingindo ligeiro interesse. — Quando?

— Há mais ou menos doze horas.

— Ainda não a vi, mas gostaria de ter visto. Eu gostaria de pôr minhas mãos nela.

— Certo — disse Tom, esticando a palavra.

Enquanto isso, a mente de Waverly disparava. Se ela abrisse a boca, Ginny poderia esfaqueá-la. Se ficasse quieta, poderia viver mais tempo, mas...

— Socorro! — Gritou ela, quase antes de haver decidido o que fazer.

Na velocidade da luz, Ginny se agachou sobre Waverly e apertou a lâmina em seu pescoço. Waverly quase desmaiou de medo. A sala ficou laranja, depois cinza.

— Você está com ela — afirmou o homem. — Eu sabia.

Ela ouviu a porta se abrir, uma breve disputa corporal e, de repente, o grande guarda de Mather estava em pé sobre ela. Ela olhou para ele, ofegando como um animal. *Por favor.*

— O que vão fazer com ela? — Perguntou Thomas.

O jeito como ele olhava para Waverly, com total desapego, aumentou seu terror. *Ele é tão ruim quanto eles.*

— Não é da sua conta, Tom — cuspiu Ginny. — Ela é nossa, de forma justa e honesta.

— Não estou nem aí — reagiu Tom, erguendo as mãos. — Eu só estou avisando. Se pretendem negociar

com ela, não vão conseguir nada de Anne. A pastora a odeia tanto quanto vocês. Então, é melhor vocês...

— e passou o polegar pelo pescoço, em um gesto significativo.

— Não vamos negociá-la — interveio Ginny, por fim. — Não foi para isso que a pegamos.

— Para quê, então? — Thomas ergueu o canto da boca em um confuso sorriso de escárnio.

Ginny se levantou e apontou o dedo para o peito do grande guarda. Era quase cômico ver uma mulher tão pequena tentando empurrar um homem enorme, mas algo nela assustou Thomas, porque ele deu um passo para trás.

— Isso não lhe diz respeito, Tom.

— De qualquer forma, vocês estão seguros aqui por um tempo, ainda — afirmou Thomas. — Mas me ajudaria a protegê-los se eu soubesse o que estão planejando.

— Ah, você sabe — disse Ginny casualmente —, estamos só tentando ajudar a pastora, reconquistar suas boas graças, mostrar que podemos ser úteis para a missão, essas coisas.

Waverly ficou confusa, pois Ginny havia acabado de confessar seu ódio por Mather. Mas sabia que não devia contradizê-la.

Thomas assentiu.

— Bem, se precisarem de qualquer coisa...

— Comida é tudo de que necessitamos — acrescentou Ginny, rapidamente.

— Alguma novidade? — Perguntou Jacob.

Thomas esfregou o queixo como se estivesse tentando se lembrar.

— Ah! Encontramos aquele menino.

— Seth? — Questionou Jake, ansiosamente.

Waverly ficou paralisada.

Thomas balançou a cabeça, Jake deu um soco no ar e riu.

— Eu disse que ele ia sair da prisão, Ginny!

— Sim — respondeu Ginny, e revirou os olhos.

Waverly sentiu sua vida se esvaír. Mather estava com Seth. Kieran era peão de Mather. Ela ganhara. Não havia mais por que lutar. *Exceto por mamãe*, pensou Waverly, quando as lágrimas brotaram. *O que vai acontecer com mamãe?*

— Ele está ferido — acrescentou Thomas, observando a expressão de Jacob. — Quer mandar um recado para ele?

— Ferido como? — Perguntou Jacob, com cautela.

— Na mão. Uma infecção feia.

Waverly lembrou os dedos feridos de Seth e o curativo sujo que ele tinha na mão. Ela sequer lhe pergantara sobre isso.

— Você não pode fazer nada por ele? — Perguntou Jacob. — Levá-lo a um médico?

— A pastora não mandou levar.

Thomas puxou um cigarro negligentemente enrolado do bolso do peito, bateu-o contra a palma da mão e pegou o bico de Bunsen para acendê-lo.

— Ela disse para não levá-lo ao médico? — Insistiu Jake. — Especificamente?

Waverly olhou para Jacob. A preocupação genuína suavizara suas feições, fazendo-o parecer pueril e estranhamente gentil. Quando ela olhou para Ginny, a mulher olhou para ela. Waverly baixou o olhar para a roda do veículo anfíbio e tentou se refugiar em sua mente.

— De qualquer forma — Thomas colocou o bico de Bunsen de volta debaixo da lata de farinha de aveia e deu uma longa tragada no cigarro, alternando preguiçosamente o olhar entre Ginny e Jacob —, estarei fora.

— Quando você vai voltar? — Perguntou Ginny de maneira rude.

— Não sei. Vocês têm comida para alguns dias.

— Sim — confirmou Jacob.

— Eu volto para ver como vocês estão.

Thomas saiu do contêiner. O casal se olhou em silêncio enquanto ouvia os passos de Thomas se afastando. Então, Jacob se sentou na caixa.

— Eu não gosto de mentir para ele.

— Jake, às vezes você é tão estúpido que eu não consigo nem acreditar.

— Nós podemos confiar em Tom. Ele e eu brincávamos juntos na escola.

— Ele não é mais uma criança, ao contrário de você. Ele é leal a Mather. Ele ia tentar nos deter.

— Talvez não — disse Jake —, se eu promettesse fazer dele meu braço direito quando for capitão.

Ginny sorriu com desdém.

— Ele só está de olho na gente por causa de Mather. Tom acha que você é estúpido, que não sabemos que ele trabalha para ela. E vamos deixá-lo pensar assim até chegar a hora de agirmos.

— Você está errada em relação a ele — Jacob respondeu, olhando para a chama do bico de gás. — Você vai ver.

— Tudo bem — replicou Ginny, carrancuda.

Olhou com raiva para Waverly.

Subitamente, deu um chute na perna de Waverly com o bico da bota.

— Quando eu digo quieta — resmungou —, você fica de boca fechada, entendeu?

— Sim — sussurrou Waverly.

— Entendeu mesmo?

Ginny pegou um punhado de cabelo de Waverly e puxou para trás. Waverly podia sentir o cheiro azedo do hálito da mulher enquanto soluçava.

— Porque você não parece aprender muito rápido.

— Estou aprendendo — Waverly implorou. — Aprendo sim.

# ALIADOS

— Obrigado por me receber — disse Kieran ao velho sentado à gigantesca mesa de carvalho.

O dr. Carver descansava as mãos nodosas no punho de sua bengala lindamente esculpida e observava Kieran com olhos minuciosos enquanto mastigava uma ameixa seca. Ele pegou um copo e desajeitadamente cuspiu o caroço; em seguida, recostou-se na cadeira. Então, este era o médico malvado. Ele parecia estar à beira da morte.

— Eu estava curioso para conhecê-lo — respondeu o homem, erguendo o queixo. — O amiguinho de Mather.

Kieran se contorceu na cadeira, que rangeu de um jeito embaraçoso.

Ele ouviu um movimento atrás de si e se virou. Viu o assistente do médico de braços cruzados sobre o peito, olhando friamente para Kieran.

— Por sua mensagem, presumo que você esteja preocupado com Waverly Marshall — prosseguiu o doutor.

— Eu acho que Jacob Pauley pode tê-la encontrado — revelou Kieran.

— Isso é o que nos preocupa — afirmou o velho, pensativo, lançando um olhar a seu assistente. — É por isso que estamos usando todos os nossos recursos para encontrá-la. Mas receio ter de lhe dizer, meu jovem, que não temos muita esperança.

Kieran sentiu seu coração apertado. Esse homem não parecia nem remotamente preocupado com Waverly.

— Onde a procuraram?

— Demos uma minuciosa examinada na nave.

— Ela foi vista pela última vez no compartimento de armazenagem — informou Kieran, lentamente. — Então, se Jacob Pauley se deparou com ela ali, poderiam estar se escondendo em um contêiner.

O médico riu.

— Então, tudo que precisamos fazer é procurar em cada contêiner. São apenas, o quê? Dez, quinze mil? Daqui a um ano vamos encontrá-la.

Kieran sentiu a raiva crescer.

— E as câmeras de vigilância? Eles devem entrar e sair em busca de suprimentos.

— Mather não deixará que nos aproximemos do sistema de vídeo.

— Nós mesmos poderíamos instalar câmeras — Kieran se voltou para o assistente, que olhava para ele.

— Podemos conectá-las a uma rede de comunicação com um cabeamento à parte do sistema central. Mather nem vai saber.

O velho puxou a ponta do nariz duas vezes.

— Tudo bem. Jared, você cuida disso?

— Claro — concordou o assistente, calmamente.

O velho se voltou para a tela do computador, enxotando Kieran.

— Há mais uma coisa — acrescentou Kieran, rapidamente. — Waverly me disse que o senhor é neurologista. Que seria capaz de curar nossos pais.

O velho se contorceu, mas rearranjou suas feições murchas em um sorriso pesaroso.

— Eu não prometi nada.

— O senhor pode me ajudar? — Perguntou Kieran, com uma raiva mal controlada. — Minha mãe está muito... Mal.

O médico baixou os olhos em uma fraca imitação de simpatia.

— Sinto muito. Eu não fui... Bem-sucedido.

— O que o senhor já tentou? — Pressionou Kieran. — Que tipo de droga fez o estrago?

— É tudo muito técnico — respondeu o velho, com um aceno de mão. — Eu não conseguiria explicar.

— Eu sou bem esperto — afirmou Kieran, lentamente. — Por que não tenta?

— Eu ainda não explorei todas as possibilidades — respondeu o médico. — Vou acabar descobrindo.

Kieran observou o nariz do velho se contrair uma vez, duas vezes. *Ele está mentindo*, Kieran soube de repente, com uma certeza assassina. *Ele não está interessado em ajudar nossos pais. Não está preocupado em encontrar Waverly. Estava mentindo para ela o tempo todo.*

— Consigo entender o interesse da pastora em você — afirmou o médico a Kieran, indicando a porta. — Você é um jovem inteligente, apaixonal.

Kieran se levantou olhando para o médico com ódio nu e cru, mas imediatamente o assistente se postou ao seu lado. Jared era ligeiramente mais alto do que Kieran, e ágil. Ele parecia rijo e forte, mas sua subserviência a esse velho fraco era intrigante. Jared fez um gesto em direção à porta e Kieran o seguiu. Jared caminhou no ritmo dos passos de Kieran, e, quando chegaram ao final do corredor, abriu a porta para o jovem, inclinando a cabeça em direção às escadas.

Desceram um lance juntos antes de Jared falar.

— Se quisermos ajudar Waverly — disse ele em voz baixa, com a cabeça voltada para longe da câmera —, teremos de fazê-lo nós mesmos.

Kieran parou, mas, ao ver a câmera de segurança acima deles, Jared o puxou para o andar de baixo. Kieran não viu um microfone conectado à câmera e imaginou que Jared o havia levado ali para que pudessem conversar sem que ninguém ouvisse.

— O doutor não quer encontrá-la? — Perguntou Kieran.

— Eu acho que não — disse Jared.

Sua voz estava rouca de cansaço. Ele esfregou os olhos vermelhos com o polegar e o dedo indicador.

— De qualquer maneira, ele não está muito preocupado.

— Então, ele estava usando Waverly.

— Como Mather está usando você — replicou Jared, com o canto da boca.

Kieran ficou em silêncio enquanto desciam o lance seguinte. Quando chegaram ao nível onde ficava seu apartamento, ele se voltou para Jared.

— Por que está me dizendo isso?

— Eu quero Waverly de volta — respondeu o homem.

— Então, o que você vai fazer? — Desafiou Kieran, decidindo ignorar, por enquanto, a estranha escolha de palavras de Jared.

O rosto do homem se endureceu.

— Você pode sair do apartamento hoje à noite?

— Provavelmente. Não estou sob vigilância.

— Aguarde minha mensagem — Jared abriu a porta para Kieran. — Vamos encontrá-la hoje à noite.

— Como? — Perguntou Kieran.

Jared pareceu surpreso.

— Seu plano é bom. Vou preparar as câmeras. Esteja pronto.

Kieran foi para casa com um frio no estômago. O apartamento cheirava a pão fresco, mas quando sua mãe lhe serviu um pedaço, parecia ter um quilo de sal. Ele o cuspiu e, atônito, viu sua mãe comer o próprio pãozinho ansiosamente.

— Mãe — ele sussurrou.

Ela ergueu os olhos, surpresa. Migalhas do pãozinho estavam nos cantos de sua boca.

Ele não conseguiu falar; passou os braços em volta dela e a abraçou. Ela riu num primeiro momento, tentou se afastar para olhar para ele mas, por fim, cedeu e o abraçou.

*Ainda é minha mãe*, disse Kieran a si mesmo. *Mesmo que não haja cura.*

Mais tarde, eles se sentaram para ler em silêncio compartilhado, enquanto uma gravação antiga das criações para piano de Bach tocava no sistema de comunicação. Kieran olhou pela vigia justo quando uma estrela cadente passava zunindo. Não era realmente uma estrela — era o que os adultos chamavam de partícula desgarrada que se incendiara na colisão com o casco. Isso acontecia muito raramente, por isso, sempre que alguém via uma, dizia: *Faça um pedido!*

— Vamos encontrá-la viva — Kieran sussurrou baixinho.

— O quê, querido?

— Nada.

Para que lhe contar? Para que Anne Mather pudesse interrogá-la depois?

Lena sorriu de forma ausente e voltou para sua leitura.

Na hora de dormir, Kieran foi para seu quarto para esperar. Seu monitor mostrava uma pequena mensagem de Felicity perguntando: *Alguma notícia?*

*Não*, Kieran respondeu, optando por não mencionar seu plano com Jared, para proteção dela mesma. *Como você está?*

*Preocupada*, ela respondeu quase imediatamente. *Assustada. Eu também*, respondeu ele. *Não se arrisque, ok? Nem você*, ela escreveu de volta. E acabou.

Já estava ficando tarde quando Kieran se deitou na cama com o cotovelo dobrado sobre os olhos, à espera da mensagem de Jared. Estava cochilando levemente quando acordou com o bipe de uma mensagem recebida. Ele se levantou e clicou o ícone da mensagem.

*Compartimento de armazenagem, escadaria central, agora*; era tudo o que dizia.

Kieran enfiou os pés nos sapatos e correu para fora, aliviado por Mather ainda não ter mandado guardas para observá-lo. Uma vez na escada, deslizou pelo corrimão de metal de braços abertos para se equilibrar, balançando conforme batia em cada patamar. Ainda não havia ido muito longe quando seu coração começou a bater loucamente, e teve de parar para recuperar o fôlego e não desmaiar.

Correr escadas abaixo seria ainda pior, então ele continuou deslizando e se balançando. Seu coração bombeava dolorosamente e as pontas de seus dedos formigavam.

— Graças a Deus — gritou, quando viu que estava se aproximando do nível do compartimento de armazenagem.

Estava balançando o corpo rumo ao patamar final quando uma forma escura se voltou para ele.

— Silêncio — Jared sibilou. — Eles podem ouvir.

Kieran queria perguntar se ele havia encontrado Waverly, mas não conseguia falar. Desabou na escada e pôs a cabeça entre os joelhos. Seu estômago se soltou e ele vomitou um fino catarro borbulhante e o cuspiu entre seus pés. O que havia de errado com ele?

— Você está bem? — Perguntou Jared, em um sussurro.

— Não — disse Kieran, entre respirações irregulares. — Acho que tenho um coração fraco.

Ele sentiu uma mão em seu ombro.

— Você devia ter me contado.

Kieran só conseguiu acenar com a cabeça.

Jared se ajoelhou e sussurrou em seu ouvido.

— Eles me conhecem, conhecem minha voz. Não vão falar comigo. É para isso que eu preciso de você. Quero que você bata na porta, finja estar sozinho. Faça com que abram a porta. Eu cuido do resto.

— E se eles não falarem comigo?

— Faça parecer que está vulnerável e sozinho. Eles vão abrir se pensarem que podem dominá-lo.

— Está bem — respondeu Kieran, em dúvida.

— Vamos lá — disse Jared, puxando Kieran pela camisa.

Kieran se levantou, balançando um pouco, e seguiu Jared. Eles rastejaram ao longo de uma fileira de contêineres, escondidos nas sombras, onde as luzes não alcançavam. Jared contava baixinho, puxando Kieran atrás dele, até que se agachou de repente, encostando-se na lateral de metal duro de um contêiner. Ele bateu na porta.

Nenhum som provinha de dentro. Jared olhou para Kieran e ergueu as sobrancelhas.

— Olá! — Kieran chamou. — Jacob Pauley? Eu sei que você está aí. Sou eu, Kieran Alden.

Sem resposta.

— Estou sozinho. Eu só quero falar com Waverly. Preciso saber se ela está bem.

Silêncio. Jared olhou para Kieran por baixo de suas pesadas sobrancelhas negras. Sua mandíbula formava um ângulo reto, e ele manteve as duas mãos estendidas, de frente para a porta, pronto para atacar. Parecia um assassino.

— Jacob — Kieran disse, com a mente a mil —, eu lhe disse, agora estou sozinho. Se você não abrir a porta, vou chamar o Comando Central e dizer onde você está.

Kieran pensou ter ouvido um gemido escapar de dentro e alguém murmurando baixinho. A trava girou e a porta se abriu alguns centímetros.

— Você está sozinho? — Rosnou Jacob Pauley para ele.

— Sim — respondeu Kieran.

Estava tão escuro no contêiner que Kieran só podia ver o contorno de Jacob — seu nariz e alguns cabelos dispersos capturados na luz quando ele perscrutou a escuridão do lado de fora.

— Porque se não estiver sozinho... — Disse Jacob.

— Você acha que eu tenho muitos amigos na nave? — Perguntou Kieran.

Ouviram-se uma breve troca de assobios dentro do contêiner, e então a porta se abriu e Jacob pôs a cabeça para fora.

Com uma velocidade impressionante, Jared deu um pulo e passou o braço em volta do pescoço de Jacob. Bateu a garganta do grande homem na borda da porta com tal violência que Kieran escondeu o rosto. Jacob entrou em colapso, tossindo e cuspidando. Jared pegou-o pelo cabelo, apertou sua cabeça na lateral do contêiner e a segurou. Jacob, de quatro, lutava para respirar, cuspidando.

— Ginny! — O nome saiu de Jared como um uivo, terminando com tal sorriso de escárnio e desprezo que Kieran deu um passo para trás. — Eu já quase destruí a laringe de seu marido, querida. Um soco na garganta vai matá-lo, entendeu?

A mulher gritou para a escuridão:

— Deixe-o em paz, seu assassino!

— O que eu vou fazer agora depende de Waverly ainda estar viva.

Houve uma breve pausa seguida de sons de corpos em movimento dentro do contêiner. Por fim, uma voz

fina, assustada, gritou:

— Eu estou aqui.

*Waverly*. Kieran fechou os olhos com profundo alívio.

Jared disse:

— Talvez você tenha acabado de salvar a vida de seu marido, Ginny.

— Eu vou matá-la se você o machucar.

— Então, cada um de nós tem algo que o outro quer.

Jacob tentou se levantar, mas Jared empurrou sua cabeça com mais força na lateral do contêiner e Jacob amoleceu.

— Como nos encontrou? — Rosnou Ginny.

— Eu vou lhe contar um segredo, sua idiota — disse Jared. — Nós sabíamos o tempo todo onde vocês estavam.

Isso era verdade? Kieran olhou para Jared e tentou ler seu rosto, mas o homem estava envolto em trevas.

— Isso é... — Começou Ginny.

— É a verdade, Virginia. Todos estavam à espera de seus planos para se revelar. Mather, o doutor, seu amigo Thomas. Até que você pegou *Waverly*, e eles só estavam esperando o momento certo para esmagar vocês como um casal de baratas.

Isso silenciou a mulher. Kieran podia sentir os pensamentos dela no escuro.

— Thomas e Jakey são amigos — disse ela, por fim.

— Thomas não é amigo de ninguém, Ginny.

*Waverly* gritou de dor e Kieran ficou rígido.

— Você está mentindo! — Gritou a mulher, e *Waverly* berrou. — Por que o doutor mudaria de ideia agora?

Kieran começou a sentir uma dúvida incômoda crescendo no fundo de sua mente.

— O doutor não tem nada a ver com esta conversa — disse Jared. — Se quiser passar mais uma noite viva, vai ter que me ouvir.

— Se as coisas são como você diz, por que eu deveria falar com você? Eu poderia matar essa vadia e acabar com tudo de uma vez.

— Não estou aqui para acabar com você.

Mais uma vez, silêncio.

— O que está dizendo? — Ginny estava tentando parecer forte, mas Kieran podia sentir as lágrimas em sua voz.

— Você não tem nada para barganhar, Ginny. Mather quer que você mate a garota. Ela ia deixar você matá-la.

— Você acha que eu queria barganhar com a garota?

Jacob parou de tossir, mas a respiração ainda assobiava em sua garganta.

— Quaisquer que fossem seus planos para Waverly, acabaram — continuou Jared. —

Independentemente disso, eu sei que não há um jeito fácil de tirar Waverly viva desse contêiner.

— É isso mesmo — gritou a mulher.

— Por isso eu trouxe duas coisas para lhe oferecer.

Kieran se contorceu.

Jared levantou um *palmtop* pequeno e brilhante, de um tipo do qual Kieran já ouvira falar, mas nunca tinha visto. Era pequeno o suficiente para caber na palma da mão de Jared, e brilhava com uma luz azul etérea.

— Onde você arranjou isso? — Sussurrou Jacob, em reverência.

Jared pegou o cabelo de Jacob com o punho e bateu sua cabeça no contêiner. O homem balançou, apoiado nas mãos e joelhos.

— Ginny, você está ouvindo? — Perguntou Jared.

— Estou ouvindo — repetiu ela.

— Quando você deixar Waverly ir, eu lhe darei a escuridão.

— Como?

— Um blecaute. Este dispositivo desativa todas as luzes da nave por trinta minutos. Se evitar as câmeras de infravermelho nas câmaras de ar comprimido, ficará invisível.

Depois de uma pausa, a mulher disse:

— Interessante. Mas você disse duas coisas.

— Eu lhe trouxe Kieran Alden.

Antes de ver o movimento de Jared, Kieran o sentiu cair sobre suas costas. Kieran caiu de bruços, esperneando e tentando soltar as mãos, mas em poucos segundos um cabo prendia seus tornozelos, passava por seu pescoço e então envolvia seus pulsos. Se ele tentasse puxar os pulsos e as pernas, o cabo se apertaria em sua garganta. Em questão de segundos, ele havia sido totalmente imobilizado.

A luta deu a Jacob Pauley tempo suficiente para se levantar e esfregar a cabeça, mas Jared puxou uma pequena arma de um coldre de couro que levava na cintura e a apontou para o coração de Jacob. O homem levantou as mãos, com um olhar irado.

— Por que eu ia querer Kieran Alden? — Perguntou Ginny.

Kieran jazia perfeitamente imóvel, torcendo para que Jared estivesse blefando. *Mas, se isso é um blefe, por que eu não estava sabendo?*

— Porque — respondeu Jared falando lentamente, zombando da inteligência dela, — Anne Mather quer Kieran Alden. Vivo. Agora você tem algo para negociar.

Houve outra pausa enquanto Ginny pensava.

— Ele vai testemunhar no julgamento de Mather?

— Ele está na lista de testemunhas de Mather — informou Jared, hesitante, como se não houvesse entendido muito bem a pergunta.

— Onde está minha escuridão?

— Eu quero Waverly primeiro.

— Tudo bem — disse a mulher, irritada.

Jacob grunhiu, frustrado.

— Ginny, não!

Sua voz tremeu na garganta ferida.

— Vamos pegá-la depois — disse Ginny.

— Waverly? — Chamou Jared.

Kieran podia ouvir passos hesitantes dentro do contêiner.

Quando Waverly saiu, chorou e caiu de joelhos ao lado de Kieran. Suas mãos tocavam todo o corpo dele, segurando o cabo em torno de seus pulsos. Na penumbra, sua coroa de cabelos selvagens brilhava ao redor da cabeça.

— Está tudo bem — Kieran tentou lhe dizer.

— Não. Não. Não.

Ela balançava a cabeça enquanto tentava desesperadamente soltar os nós que o prendiam.

Um movimento chamou a atenção de Kieran, e ele se voltou bem a tempo de ver Jared levantar o pequeno *palmtop* e tocar na tela. As luzes do compartimento de armazenagem se apagaram com um ruído retumbante. Kieran se contorceu, mas o cabo se apertou ao redor de seu pescoço, inchando seu rosto de sangue, até que ele ficou tonto e teve que ficar quieto para não desmaiar.

— Seu filho da puta — sussurrou para Jared.

No brilho do aparelho, Kieran viu a silhueta escura de Jared puxar Waverly para longe.

— Não! — Gritou ela. — Você não pode deixá-lo ali!

Ela arranhou Jared, chutou, mas ele a levantou pela cintura e desapareceu atrás de um contêiner. Kieran podia ouvi-la gritar e lutar, até que sua voz desapareceu atrás de uma porta pesada.

— Vamos — rosnou a mulher. — Você consegue andar?

— Sim — disse Jacob, mas estava rouco.

— Leve-o — disse a mulher.

— Estou sufocando — disse Kieran, asperamente.

— Corte a corda — disse Ginny, irritada.

Kieran sentiu um aumento de pressão, mas ouviu uma lâmina deslizar pelas cordas que prendiam seu pescoço a seus pés e conseguiu respirar de novo; entretanto, suas mãos e seus pés ainda estavam amarrados.

O homem o ergueu nos braços. Kieran tentou memorizar o número de passos, o número de voltas, enquanto Jacob cambaleava na escuridão atrás de sua esposa. Achou que haviam virado a estibordo, e levantou o rosto para ver e observar seus movimentos. Subitamente, algo desabou sobre sua cabeça, causando faíscas no fundo de seus olhos, e ele não conseguiu mais pensar.

# SETH

O cheiro da prisão era insuportável. Geralmente as pessoas conseguem se acostumar a um fedor, mas não àquele. As celas estavam todas vazias, exceto, talvez, por algumas no fundo, e a prisão parecia limpa aos olhos. Mas um cheiro rançoso e pútrido invadia cada centímetro cúbico do ar.

E sua mão... A dor era tão presente que apagava todo o resto. Tudo o que ele podia fazer era se concentrar na própria respiração entrando e saindo. *Fique vivo e respire*, disse a si mesmo. *Não pense em sua mão*.

Ele estava com gangrena. Podia sentir pelo jeito como o sangue fervia dentro de suas veias. Sua cabeça zumbia, seu peito estava fraco e solto e seu coração oscilava. Ele sabia que estava com febre alta, mas o que sentia era um frio horrível e intenso que se abatia sobre seu corpo em um espasmo atrás do outro.

— Eles vão me deixar para morrer aqui.

Ele pronunciou as palavras para si mesmo, em voz baixa, pressionando os lábios para formar a palavra. Morrer. Morrer. Morrer. Estava tentando se acostumar com a ideia.

Ele sempre achou que iria acabar sendo um velhote magricela como seu pai, embora esperasse uma vida melhor. Até pensou que poderia, ele mesmo, tentar ser pai e tratar seus filhos com a gentileza que nunca recebera. Algumas crianças abusadas se transformavam em bons pais, não era verdade? Mas ele queria mais do que apenas uma família. Queria ser o melhor oficial de ponte que havia. Seria tão bom nisso que seu desagrado em relação ao capitão Jones não o impediria de algum dia pilotar a nave. Ele se tornaria alguém de quem seus filhos poderiam se orgulhar.

Esse era o futuro que Seth havia imaginado antes de tudo começar.

Mas, depois do ataque, Kieran havia assumido a Emyrean e colocara em perigo todos a bordo. Ver Kieran cometer erros e fazer cálculos equivocados fizera vir à tona a natureza brutal de Seth, e ele se transformara em um bruto pior do que seu pai havia sido. Fora quando Seth percebera que seus sonhos de ter uma família eram irreais. Ele era raivoso demais para ser um pai amoroso, ou até mesmo um oficial de ponte decente. A escuridão interna de Seth sempre o engoliria; ele sempre seria desagradável e cruel.

Então, fora parar na prisão da Emyrean. Seus meses lá lhe ensinaram a abrir mão de seus sonhos, a aceitar um futuro muito mais humilde, anônimo em um laboratório ou em um campo nalgum lugar. Seth achava que nenhuma mulher em seu juízo perfeito iria querer formar uma família com ele; seria grato por sua liberdade, mesmo que acabasse sozinho para sempre. Ele faria seu humilde trabalho e viveria uma vida solitária. Isso parecia ser tudo o que merecia.

Então, Waverly voltou à Empyrean. E eles conversaram. A esperança voltou. Talvez ele pudesse realizar seus sonhos, afinal...

Em todas essas versões imaginadas de futuro ele nunca pensou que poderia não ter futuro nenhum.

Passos.

Passos subiam pelo corredor, caindo como penas no metal duro. Uma mulher pequena, magra, de cabelo castanho amarrado na nuca, espiou pela parede e viu Seth.

— Ah, meu Deus — disse ela em voz baixa.

Ela vestia o uniforme cinza-esverdeado de enfermeira.

— A-a-ajude-me — murmurou Seth, com sua garganta arranhada.

— Preciso de acesso a esta cela agora! — Gritou ela, a alguém, através do corredor.

— Não precisa gritar — retrucou um homem, irritado.

— Como pôde deixá-lo sofrer assim? — Rosnou para a pessoa que se aproximava pelo corredor.

Seus passos pesados pareciam a batida de um tambor.

— Qualquer um pode ver que ele está gravemente doente! — Completou ela.

— Eu tenho outras coisas com que me preocupar, Nan — disse o homem, mas, quando se voltou para ver Seth, ficou de queixo caído.

— Oh, meu Deus — murmurou ele.

— Pois é — ela se voltou para ele. — Abra a porta!

O guarda sacudiu o chaveiro; a mulher balançava a cabeça furiosamente enquanto ele se atrapalhava. Quando por fim a porta se abriu, ela correu para Seth.

— Eu sou enfermeira. Meu nome é Nan — informou ela, enquanto tomava o pulso dele. — Você consegue falar?

Seth balançou a cabeça, tentou dizer “Sim”, mas tudo que conseguiu foi S-s-s...

Os tremores da febre o sacudiam em silêncio.

— Eu não posso ajudá-lo aqui — afirmou Nan para o guarda. — Ele precisa ir para a enfermaria.

O guarda balançou a cabeça.

— São ordens estritas da pastora, mantê-lo na solitária.

— Ela não sabe como ele está doente! — Gritou a mulher. — Ligue para ela! Diga que eu estou aqui.

Diga que é uma emergência!

O guarda balançou a cabeça novamente, mas pegou um *walkie-talkie* do cinto em torno de sua cintura flácida.

— Comando Central — chamou ele, e esperou.

— Prossiga — disse uma voz de mulher.

— Tenho um pedido para falar com a pastora. Nan McGovern diz que é uma emergência.

— Espere — respondeu a voz.

A mulher puxou uma longa agulha de sua maleta, junto com um frasco de líquido claro.

— Você está com dor? — Perguntou a Seth.

A pergunta simples e compassiva quase o fez chorar. Ele anuiu.

— Isso vai combater a febre — informou ela, enquanto passava um cotonete na parte interna do cotovelo de Seth. O cheiro de álcool pinicou seu nariz.

— Fique parado — ela esperou uma pausa nos espasmos de Seth para perfurar-lhe a pele e injetar o medicamento em sua corrente sanguínea.

A seguir, desenrolou a mão ferida e a virou, mantendo uma expressão neutra e profissional. Seth achou, por um momento, que o rosto da enfermeira brilhava com uma luz laranja, mas piscou, e ela pareceu normal novamente. Agora a luz laranja parecia vir do guarda, de um ponto perto de sua barriga estufada. Seth observou a luz até que a viu desaparecer.

— Nan — chegou a voz de Anne Mather.

Ela parecia tão suave, tão gentil, tão compreensiva.

— Sim, pastora — respondeu Nan.

Ela pronunciou o título com deferência, como se sempre houvesse sonhado em ter uma conversa particular com sua heroína e por fim tivesse sua chance. Prosseguiu:

— Eu tenho um jovem prisioneiro aqui que precisa de atendimento médico de emergência.

— Quem lhe deu acesso a ele? — Perguntou a pastora, com voz cadenciada.

— Jared Carver me acompanhou aqui. Ele está esperando lá fora.

Houve uma longa pausa antes de Mather falar novamente.

— Nan, esse garoto é perigoso. Nós achamos melhor mantê-lo em isolamento.

— Pastora, estou lhe dizendo, ele não é perigoso para ninguém. Ele está à beira da morte.

Outra pausa.

Nan se apressou a dizer.

— Estou dizendo isso porque sei que a senhora não iria querer que um jovem morresse, mesmo que tenha cometido erros. Todo mundo merece uma segunda chance, não é mesmo? Não é o que a senhora diz em seus sermões?

Nan mordeu o lábio, e Seth sentiu dó dela. Ela queria acreditar em Anne Mather. Precisava acreditar.

— Tudo bem — concordou a pastora, por fim. — Você está absolutamente certa, Nan. Se acha que ele está em perigo, precisamos ajudá-lo, não é?

— Acho que sim — respondeu Nan. — Devo chamar a enfermagem?

— Eu chamo — decidiu Mather.

Sua voz era reconfortante, maternal, e Nan deixou escapar um longo suspiro de alívio.

— Agente aí, Nan. Tente deixá-lo confortável.

Nan pegou um chumaço de gaze de sua maleta e o pôs debaixo da torneira, encharcando-o. Quando o

levou à testa de Seth, ele começou a chorar.

— Calma, agora — sussurrou Nan.

Ela afastou o cabelo do rosto dele e lhe enxugou a testa, pressionando o pano fresco em suas bochechas e pescoço em seguida.

Logo dois homens vestidos de branco chegaram com uma maca e Nan ajudou um deles a colocar Seth nela. Quando o levaram para o corredor, ele foi atingido por uma onda horrível de tontura e teve de fechar os olhos para não cair.

Seu pensamento seguinte foi que a prisão estava muito brilhante. Alguém puxou seu pulso, enquanto uma mulher de meia-idade passava uma lanterna em seus olhos. Sua respiração cheirava a alho e ela tinha uma pequena mancha de molho de tomate no canto da boca.

— Você consegue falar? — Perguntou ela.

Ela se movia lenta e deliberadamente, como se fosse incapaz de sentir pânico.

— Sim — Seth conseguiu sussurrar.

— Há quanto tempo você machucou a mão? — Indagou a médica.

Ele não conseguia formar as palavras para responder.

A médica balançou a cabeça.

— Não importa. Parece que os dedos estão quebrados.

Seth assentiu.

— Tudo bem, amigo — disse a médica, sentando-se em uma cadeira ao lado da cabeça de Seth.

Ele confiava nela completamente. Isso era razoável, ou ele simplesmente precisava confiar?

— O negócio é o seguinte — anunciou ela. — Você pode ficar com o braço ou com a vida. Não pode ficar com ambos.

Lágrimas corriam sob as pálpebras de Seth; ele mordeu o lábio.

— Você é um rapaz corajoso? — Ela manteve seus olhos verdes, inabaláveis, nos dele.

Seth só podia olhar para ela.

— Vai me deixar ajudá-lo? Tenho sua permissão para fazer o que preciso fazer?

Seth olhou para sua mão. O cheiro da prisão o seguira até ali.

Naturalmente, não era a prisão que fedia.

Seth acenou com a cabeça para a médica, que lhe deu um tapinha no ombro.

— Bom rapaz. Boa decisão — ela acenou para alguém à cabeceira de Seth e uma máscara foi colocada sobre o nariz e a boca dele. — Respire fundo, *ok*? — Pediu a médica.

— *Ok* — concordou Seth, de dentro da máscara.

Sua voz parecia sair do fundo de uma lata; uma agradável e reconfortante latinha onde ele se encaixava perfeitamente. *Um dia, vou voltar para esta lata*, pensou Seth. *Vou trazer Waverly para mostrar-lhe a lata... Se ela não estiver estranha. Ela e eu em uma latinha.*

Ele balançou a cabeça para limpar a imagem, mas a mão com a máscara se manteve firme nele.

*Isso é loucura*, foi a última coisa que pensou.

Ele acordou em um quarto escuro, imensamente aliviado por sentir sua mão direita queimando de dor. Eles não a haviam amputado, afinal! Seth levantou a mão para vê-la, mas era invisível. Ele podia senti-la, devia estar olhando diretamente para ela, mas... De repente, foi atacado por uma vertigem intensa e uma dor horrível no antebraço, que o deixou nauseado.

Ele respirou fundo, mantendo-se perfeitamente imóvel, até que a náusea diminuiu.

Então, com uma sensação de estar afundando, tateou com a mão boa a lateral de seu corpo.

Ele não tinha mais a mão direita.

Não tinha o cotovelo.

Não tinha o braço.

Ainda tinha o ombro.

— Ele acordou — Seth ouviu uma suave voz feminina dizer, nas sombras.

Ele se sentia tonto, e pestanejou. Estava deitado em uma poça de luz cercado de escuridão. A luz tinha uma qualidade nebulosa estranha, como se uma fina fumaça persistisse no ar, mas não havia cheiro de fumaça. Sua visão é que estava esfumaçada, imaginou. Ele devia contar isso a alguém. Abriu a boca para falar, mas sentiu dificuldade de respirar.

— Não — disse alguém. — Fique quieto.

Ele sentiu um cheiro de flor, e se voltou; viu um buquê de lírios sendo deixado em uma mesinha ao lado de sua cama.

— Eu não consigo... — Arfou.

— Você ainda está com febre alta — informou aquela voz suave, nas trevas.

Seth pestanejou quando um rosto oval fino passou para a luz ao seu lado. De repente, tudo doía um pouco menos.

— Waverly — sussurrou.

Todo o seu ciúme e todas as suas dúvidas desapareceram. Ela beijou as bochechas, a testa, a boca dele. Esfregou o nariz em seu pescoço. Ele tentou colocar seus braços em volta dela e sentiu como se quase pudesse. Ele sabia que seu braço direito não estava mais lá, mas sentia o abraço tão claramente...

— Não se mexa. Você está fraco, descanse — orientou ela.

Waverly estava chorando, e inclinou seu corpo sobre o dele, mantendo o braço bom dele na cama com o peso de seu tronco.

— Desculpe...

— *Shhh!*

Ela apoiou os dedos frios nos lábios dele e a seguir beijou-o de novo, um beijo quente e suave. Oh, ele a amava. Ela colocou a cabeça em seu peito e ficou ali muito tempo, chorando baixinho. Suas lágrimas

molharam a roupa de cama e a fina camisola de hospital que ele vestia. Ele beijava o cabelo dela sem parar.

Depois de se acabar de chorar, ela levantou a cabeça e sorriu para ele; mas não era um sorriso feliz. Era um sorriso corajoso. Ela engoliu seco, preparando-se para dizer algo difícil.

— Eu sei que meu braço... — Ele começou, e perdeu o fôlego.

— Tudo bem — respondeu ela, e cobriu a boca dele com os dedos.

Ele adorava isso. Beijou-os.

— Seth, sua infecção... Está ruim.

Ele acenou com a cabeça. Ele sentia a infecção como pequenos insetos sacudindo todo o seu corpo; suas veias, seus músculos, sua pele.

Seth não podia ver o rosto dela. Ela o escondera atrás do cabelo, uma densa cortina de ondas cor de mogno.

— Disseram que você havia desaparecido — sussurrou Seth. — Onde você estava?

Uma sombra passou sobre o rosto dela.

— Procurando você.

— Como me encontrou?

— Eu tive ajuda — disse Waverly olhando para a porta.

Seth podia ver uma escura silhueta masculina parada do lado de fora da enfermaria.

— Assim que pude, fui à prisão procurá-lo. Enquanto você estava em cirurgia, fui ver minha mãe e voltei para cá.

— Quem é esse sujeito? — Perguntou Seth, já sem ciúmes.

*Ela é minha* – ele sabia. *Nós pertencemos um ao outro.*

— Eu achava que era meu amigo, mas... — Ela mordeu o lábio quando olhou para o homem. — Eu vi fotos minhas nos corredores. Diziam *verdade*. Foi você?

Ele sorriu debilmente.

— Obrigada.

Ele pensou no que ela havia acabado de falar sobre sua infecção e reuniu coragem para perguntar:

— Eu estou morrendo?

Ela olhou para ele bruscamente.

— Não fale assim!

— Waverly — pediu ele.

— Eles estão fazendo de tudo — Waverly respondeu.

— Conte-me.

— Eu não posso! — Gritou ela.

O quarto e a escuridão fora de seu círculo de luz foram abalados por sua voz.

Seth ouviu uma cadeira se arrastar no chão, alguém se levantar com passos suaves e, logo, a enfermeira que havia salvado sua vida veio para a luz. Ela franziu o cenho para Waverly.

— Fale baixo, há outras pessoas aqui.

— Desculpe — chorou Waverly em pânico, tremendo. — Por favor, não me mande embora.

Diante dos olhos de Seth, Waverly desmoronou, sem mais consistência do que se fosse feita de pó. Ela começou a puxar grandes chumaços de cabelo com as mãos. Algo estava errado com ela. Bem errado.

A enfermeira suavizou o tom um pouco, mas suas palavras foram duras.

— Agora você sabe como é ser refém.

— Eu reconheço você — disse Waverly, entre lágrimas. — Você estava na equipe médica que nós fizemos refém. Sei que a assustei, mas eu só queria minha mãe de volta.

— Você quase matou Anthony.

— Eu não queria machucá-lo — Waverly se agarrou à camisa da mulher como uma menininha, implorando. — Por favor, deixe-me ficar.

— Deixo, se você me deixar lhe dar um sedativo leve. Você está histérica e está perturbando os outros pacientes.

— Eu sei.

Waverly balançou a cabeça; seus olhos dançavam olhando para o chão como se estivesse lembrando algo, ou tentando esquecer.

— Wavey — sussurrou Seth.

Ele tinha a intenção de dizer seu nome completo, mas sua língua falhara.

— O que ela quer dizer com refém?

Instantaneamente ela se acalmou.

— Como você sabe meu apelido?

Ele franziu as sobrancelhas em um gesto inquiridor. Arquejou. Ele suava. Seus lençóis estavam encharcados, e ele foi dominado por uma sensação de queda repentina, como se sua cama estivesse sendo baixada.

— Meu pai me chamava assim — contou Waverly, sorrindo em meio às lágrimas. — Eu havia esquecido.

— O que aconteceu com você? — Ele conseguiu perguntar, bem quando sua cama caiu de novo.

Seu rosto se contorceu.

— Eu vou lhe contar mais tarde. Mas agora não fale de morte, *ok?*

— Tudo bem — sussurrou ele.

Ele moveu a mão direita — o que deveria ser sua mão direita. Sentiu-a se mexer, acenando para Waverly. O movimento causou-lhe uma dor horrível no ombro. *Oh Deus, pare de mexer a mão. Pare de mexer*, ordenou a si mesmo, mas não conseguia. Essa mão fantasma ficava acenando para Waverly sem

parar.

Ao notar o gesto ausente, ela subiu na cama e encaixou seu corpo no dele. Ela não se moveu um milímetro quando a enfermeira mergulhou uma agulha em seu ombro.

Ele colocou seus braços em volta dela, o real e o ausente, e a abraçou enquanto suas forças permitiram. Não foi muito tempo, mas o suficiente, por enquanto.

Dormiram assim um longo tempo.

# O DEMÔNIO

Waverly acordou com um pulo e olhou o relógio. Ela dormira durante horas! Tinha que ir!

Seth ainda estava dormindo, mas seu corpo se agitava a cada inspiração e gotas de suor frio brilhavam em seu cabelo. Ela desceu da cama, enrolou os cobertores ao redor dele e pôs a palma da mão em sua testa. Ele estava muito quente e estremecia a cada respiração. Parecia tão doente que ela tinha medo de deixá-lo sozinho, mas já ficara tempo demais. Aqueles lunáticos estavam com Kieran, e ela precisava fazer alguma coisa.

Ela estava prestes a sair da sala quando algo chamou sua atenção: o frasco de tranquilizante que a enfermeira lhe dera ainda estava no balcão ao lado da cama de Seth, quase cheio. A enfermeira havia dito que era leve, mas devia ser mentira. Era poderoso, e agira rápido.

Waverly olhou ao redor. A enfermeira estava em sua mesa na frente do quarto procurando algo em uma gaveta de arquivo. Jared ainda estava no corredor da enfermaria, cochilando em uma cadeira. Com cuidado para não fazer barulho, Waverly abriu a gaveta superior do armário junto à cama de Seth e olhou dentro. Nada. A gaveta seguinte tinha o que ela necessitava. Ela escolheu a maior seringa que conseguiu encontrar, perfurou a película do frasco de tranquilizante e puxou todo o medicamento que pôde. Depois, colocou o frasco de volta no balcão, tampou a agulha e colocou a seringa no bolso. Olhando uma última vez para Seth, encaminhou-se para a porta.

Ela parou na mesa da enfermeira e esperou que a mulher olhasse para ela.

— Será que poderia dizer a Seth que voltarei assim que puder?

— Se você está tão preocupada — retrucou a enfermeira, com os lábios apertados —, por que não fica?

— Uma pessoa precisa de minha ajuda — Waverly respondeu.

— Nossa, como você é importante.

Waverly saiu sem dizer mais nada, passando reto por Jared no corredor. Ele correu para alcançá-la.

— Quantas vezes devo dizer que lamento? — Perguntou Jared, pelo canto da boca. — Era a vida dele ou a sua.

— Eu vi como você lutou — Waverly apertou os punhos. — Você não precisava usar Kieran. Você o entregou àqueles maníacos porque o doutor queria ferir Mather e me salvar!

— Certo — disse ele com uma risadinha.

— Que foi? — Perguntou Waverly, voltando um pouco a cabeça.

Jared desviou o olhar, envergonhado com alguma coisa, como se ela o houvesse atingido sem querer.

— O que você está escondendo?

— Nada — Jared tentou rir. — Você já passou por muita coisa...

— Não faça isso — ela levantou a mão.

Waverly não queria qualquer menção ao tempo que passara com os Pauley. Ela estudou Jared, tentando entender por que ele parecia... Culpado? Não. Envergonhado, como se houvesse sido pego em uma mentira. Ela procurou na memória e lembrou algo que Ginny Pauley havia dito.

— Ginny perguntou se o doutor havia mudado de ideia sobre alguma coisa. O que ela quis dizer com isso?

— Não fique pensando nisso.

Ele pegou seu *palmtop* e Waverly observou seu polegar deslizar sobre o pequeno teclado. Ele digitou uma senha: *mynx101* ou *mynx1901*... Algo muito próximo a isso. Ela ergueu os olhos para ele, esperando que não houvesse notado que o observara.

— A corda que usei para amarrar Kieran tem um dispositivo de rastreamento do tamanho de uma borracha de lápis — ele se voltou para ela para que ficassem frente a frente, e ela pôde sentir a respiração dele acariciando seu rosto. — Eu poderia ajudá-la a encontrá-lo, mas você sequer me agradeceu por salvá-la.

— Você tem razão — concordou ela, e deu um passo para trás.

O Jared descontraído havia sido substituído por um homem insensível, duro, que combinava muito melhor com a violência que ela o vira usando.

— Sou grata por você ter me ajudado, de verdade. É que eu... Eu preciso ajudar Kieran. Você pode nos ajudar?

— É só isso... — Resmungou ele, com os olhos total e estranhamente imóveis nela. — Eu amo você, mas tudo o que importa são esses seus garotos.

Ela ficou olhando para ele.

— Do que você está falando?

Ele se afastou abruptamente, caminhando pelo corredor.

— Então, você o está rastreando? — Indagou Waverly, tentando usar um tom curioso e amigável, correndo para alcançá-lo. — Você sabe onde Kieran está agora?

— Sim — disse Jared, distraidamente.

Ele apertou o botão do elevador e ficou dando tapinhas na perna, impaciente.

— Não importa para você que eu a ame?

Ela hesitou; não sabia como manter essa conversa absurda.

— Não importa que eu tenha salvado sua vida?

— Por isso você tem minha gratidão.

Ela não permitiu qualquer traço de emoção em sua voz.

Jared ficou olhando fixamente para ela até que as portas do elevador se abriram. Então entrou, com o corpo tenso de raiva. Havia outras pessoas no elevador, e um homem baixinho se adiantou e apertou o botão do andar seguinte. As outras pessoas estavam nos cantos, com os olhos meticulosamente fixos no indicador dos andares. Até que o elevador parou e elas saíram. Mas, ao sair, uma mulher olhou por cima do ombro, primeiro para Jared e depois para Waverly. Havia um medo inconfundível em seus olhos.

As portas do elevador se fecharam, e Waverly ficou mais uma vez a sós com ele.

— Por que as pessoas têm medo de você?

— As pessoas não têm medo de mim — retrucou Jared.

Ela não disse nada.

— Por que você acha que elas têm medo de mim? — Perguntou ele, em voz baixa.

— Pelo jeito como olham para você — disse ela. — As mulheres, especialmente.

— Você acha que elas têm motivo para desconfiar de mim? — Uma gota de saliva voou de seus lábios.

— Pensei que fôssemos amigos.

O elevador balançou um pouco, e Waverly percebeu que não sabia aonde ele a estava levando.

Jared riu.

— O doutor sempre me alertou a respeito de garotas bonitas — acrescentou ele, e levantou um dedo, curvando-o retorcido como uma garra, como um velho. — *Quando são muito bonitas, elas esperam que você se curve para agradá-las.*

Sua imitação do doutor era impecável, mas, desta vez, foi de arrepiar.

— Eu não espero nada de você — replicou Waverly, calmamente.

Ele a estava levando para os níveis de habitação? Ela olhou para o contador acima das portas do elevador, mentalmente calculando os níveis. Passaram o andar onde ela morava com a mãe, descendo mais fundo na nave.

— Eu já fui popular com as mulheres — afirmou Jared, quando passaram os celeiros e se dirigiam às florestas. — Mas tenho certeza de que você está surpresa com isso, hein, Waverly?

— Talvez você deva tentar alguém da sua idade — respondeu ela.

Ele esmurrou a parede do elevador.

— O que um sujeito precisa fazer, se salvar sua vida não é suficiente?

Waverly espremeu os ombros no canto do elevador.

— Por que você me ajudou a encontrar Seth?

Ele levantou o *palmtop*, tocou um botão e a voz de Waverly encheu o ar.

— *Seth, sua infecção... Está ruim.*

— Você estava nos gravando? — Perguntou ela, atordoada.

Ele sorriu.

— O doutor gosta de saber quem são os jogadores.

— Caso contrário, você o deixaria morrer?

Jared deu de ombros.

— Seth está doente demais para fazer qualquer coisa — disse Waverly, com medo do que o doutor poderia ter planejado para ele. — Por favor, não lhe faça mal.

— *Por favor, não lhe faça mal* — Jared a imitou. — Pobre Waverly, está preocupada com o namorado!

O que era aquilo? Waverly tentou entender, mas havia muitas peças em movimento e ela estava assustada demais para pensar.

— Você acha que esse Ardvale é melhor que eu, *Waverly*? — Ele pronunciou seu nome com um sorriso de desdém.

Waverly se encolheu mais longe. Pensou na seringa em seu bolso, mas não havia jeito de pegá-la sem que ele percebesse.

— Você acha que qualquer um nesta nave esquecida por Deus é melhor do que eu?

Ela apertou a mandíbula com medo de que, se falasse, só o enfurecesse ainda mais.

— Esta é uma nave de assassinos, querida, entende? Seus pais. Meus pais. Os pais dele. Assassinos — ele acenou para ela com um gesto de retidão. — Eles fingiam que esta era uma missão democrática para que os engenheiros, metalúrgicos e cientistas trabalhassem com eles. Milhares dentre as maiores mentes da Terra cooperaram para ter uma chance em uma loteria que nunca aconteceu!

Waverly balançou a cabeça com pequenos movimentos.

— Meu pai era botânico.

— Você não sabe nem quem você é! Seu pai era herdeiro de bilhões! Refinarias de Petróleo Marshall, na Columbia Britânica. Esta era sua família.

— Ele descobriu a fitoluteína — afirmou ela, com voz insegura. — Ele salvou a missão.

Jared riu alto.

— Isso só lhe tomou 26 anos! Pergunte-me quantos botânicos ganhadores do Prêmio Nobel ele matou para poder entrar na Emyrean.

Waverly não tinha nada a dizer sobre isso. Jared tremia de raiva e cuspiu enquanto falava.

— *Querido papai?* Nem um pouco melhor do que eu, minha querida. Nem de longe!

— Você tem razão — ela começou a dizer, mas ele deu um soco na parede novamente.

— E sabe a melhor parte? Seu pai e todos os seus amigos bilionários foram os que arruinaram a Velha Terra! Eles poderiam ter protegido o planeta. Eles tinham o poder para limpá-lo! E sabe por que não o fizeram?

Os olhos de Waverly pareciam ter sido colados abertos, e ela olhava fixo como uma boneca. Ele sorriu com desdém:

— Era mais barato não fazer.

Waverly sentia a garganta inchada. Ela olhou o perfil de Jared: o nariz perfeitamente formado, as maçãs

do rosto esculpidas, o maxilar angular. Ele estava se acalmando, mas era uma calma aterrorizante.

— Aonde vamos? — Perguntou ela, por fim.

As portas do elevador se abriram para um corredor vazio, nas entranhas da nave. Jared pegou a parte macia do cotovelo de Waverly e apertou.

— Está doendo! — Queixou-se ela.

Ele apertou ainda mais.

— Quando o doutor precisa de alguma coisa, eu faço. Não questiono. Não me preocupo. Eu tenho um papel na vida, e o desempenho.

Ele a puxou para a frente e a empurrou pelo corredor. Ela tropeçou, mas recuperou o equilíbrio e começou a correr.

Porque finalmente ela entendeu o que estava acontecendo.

*Tarde demais*, uma voz sarcástica, como a de Jared, sussurrou em sua mente.

— Muito bem, Waverly — disse Jared ao pegá-la pelo pulso, torcendo-o até que ela caísse de joelhos.

— O que devo fazer com você?

— O quê? — Ela só podia sussurrar enquanto olhava para ele.

Seus olhos pareciam negros e sem fundo, sua respiração era áspera e seca, e seus lábios, amarelos e rachados, quando sorriu.

— O doutor ficou... Irritado... Quando descobriu que eu a salvei.

Longos segundos se passaram enquanto ela assimilava tudo aquilo, olhando com horror para as feições retorcidas de Jared.

— *Leve-a para o ônibus espacial* — Jared citou o doutor. — *Faça o que quiser com ela. Grave-a dizendo que mentiu. E deixe-a ir.*

Então, ela entendeu.

— Você deixou que os Pauley me encontrassem?

Jared apenas olhou para ela.

— Então, por que me salvar?

— Você fugiu antes de eu poder obter o que o doutor queria! — Retrucou Jared.

— O que ele quer? — Sussurrou ela. Por dentro, sua boca grudava como chiclete. — Eu farei.

— Ele quer que você admita — disse Jared, persuasivo — que mentiu no testemunho.

— Ele quis que eu mentisse! — Implorou ela.

O aperto dele em seu braço era robótico e imóvel. A centelha humana desaparecera de seus olhos.

— Vocês quiseram que eu mentisse!

— Apenas diga, Waverly — ele tirou o *palmtop* do bolso, tocou um botão e o direcionou a ela. — Diga: *Eu menti*.

— Por quê? O doutor fez um acordo com Mather?

Jared desligou o gravador e se gabou:

— Mather fica com o púlpito; nós, com a cadeira do capitão.

— Quer dizer: “você” fica com a cadeira do capitão.

— Se eu fizer um último trabalhinho para o bom doutor — ele apertou novamente o botão para gravar e segurou o *palmtop* em frente ao rosto dela.

Ele estava gravando um vídeo?

— Agora, admita que mentiu.

Ela olhou para ele com total compreensão.

— Eles vão me responsabilizar pelo *impeachment*. E todo mundo vai permanecer no poder.

— Porque você mentiu sobre tudo — ele se abaixou e gritou no rosto dela. — Admita!

— Eles querem se livrar de mim...

— Diga!

— Então, por quê? — Lamentou ela. — Por que tentar acusá-la?

— Ela mudou de ideia e deixou de colaborar. *Não, eu não vou matar os sobreviventes Empyrean* — resmungou ele, com sarcasmo. — *Eu não quero entrar para a história como assassina!*

— Em vez disso, ela os lobotomizou — Waverly sussurrou com horror. — Ou foi o doutor...

— Sua idiota — Jared bateu na cabeça dela com os nós dos dedos. — Quem você acha que desenvolveu a droga? O que você acha que matou o capitão Takemara e os aliados dele? Uma intoxicação alimentar? Não. Foi o primeiro lote do coquetelzinho do doutor. Ele fez alguns aperfeiçoamentos desde então. Desce mais fácil, agora.

Isso foi demais. Waverly baixou a cabeça e soluçou:

— Por favor, não machuque a minha mãe.

Ele soltou o braço dela, tirou a arma do cós da calça e a segurou no rosto de Waverly.

— Faça o que eu disse — ele engatilhou a arma —, e não mate sua mãe.

— Eu menti — disse ela, em meio às lágrimas.

— Boa menina. Agora diga: *Eu menti em meu testemunho*.

Ele girou com o cano da arma em círculo, murmurando as palavras para ela.

Ela repetiu:

— Eu menti em meu testemunho.

— Agora diga: *Eu menti em meu testemunho contra Anne Mather*. Diga isso, querida, e eu não vou machucar sua mamãe.

— Eu menti em meu testemunho contra Anne Mather — sussurrou ela.

Ele inclinou a orelha em direção a ela.

— Não consigo ouvi-la, querida. Diga de novo. Alto.

— Eu menti em meu testemunho contra Anne Mather — gritou ela.

— Boa menina.

Ele tocou um botão no *palmtop* e o guardou no bolso do peito. Com uma mão agarrou o pulso de Waverly, e com a outra apontou a arma para o rosto dela:

— Agora, o que acha que o doutor gostaria de me ver fazer com você?

Ela estava tão assustada que tinha de lutar para não desmaiar.

— Eu não sei.

— Ah, eu acho que você sabe, Waverly. Acho que é por isso que está tão assustada.

Os olhos de Waverly estavam fixos nos dele.

— Agora — continuou ele, falsamente obsequioso —, eu poderia seguir ordens como costume fazer...

— Mas não vai — interrompeu Waverly, rapidamente.

Ela tentou se levantar, mas ele torceu seu pulso novamente e Waverly caiu no chão.

— E por que não? — Perguntou Jared. — Você já me disse que não pode ser minha.

— Porque — a mente de Waverly disparou —, sem você manipulando as pessoas para ele, o doutor não é nada além de um velho fraco e raivoso.

— Não o subestime — alertou Jared.

— É de você que as pessoas têm medo. O que o doutor faria sem você?

Waverly percebeu que seu cabelo comprido escondia sua mão direita do olhar de Jared. Deixou cair ainda mais cabelo sobre seu braço e fuçou no bolso procurando a seringa enquanto falava, sustentando seu olhar.

— Você não precisa dele.

— Eu tenho uma dívida com ele. Ele me criou.

— Ele usou você.

Os dedos de Waverly corriam pelo tecido do bolso, que estava retorcido e apertado contra seu corpo. Tocou a seringa pela tampa de plástico e a tampa saiu, deixando a agulha ainda em seu bolso.

— Você acha que o doutor ama você?

— Sua manipuladora — ele torceu mais pulso dela.

— Você não precisa ser um assassino — sussurrou ela, enquanto pegava a agulha livre.

A expressão dele mudou.

— O que está fazendo?

Ela enfiou a agulha na panturrilha de Jared tão fundo quanto conseguiu, e apertou o êmbolo com um só movimento.

— Ai! — Gritou ele, e perdeu o domínio da arma por tempo suficiente para Waverly arrancá-la de sua mão com um tapa.

Ele viu a seringa espetada em sua perna, soltou o pulso dela e se afastou.

— O que você fez?

Ela tentou se levantar, mas ele a derrubou no chão tão rapidamente que a deixou sem fôlego. Quando ela gaguejou, ele se sentou em suas costas, segurando-a entre os joelhos. Ela sentiu a mão dele em seu cabelo e tentou se afastar, mas ele virou sua cabeça.

— Sua vadia! Eu salvei você! — Gritou ele, e brandiu no rosto dela o punho esquerdo.

Mas sua mão passou inofensivamente através de seu cabelo e ele deslizou para o chão. Ela rolou e ficou em cima dele, vendo-o desfalecer.

— O... Que... Vóxch... Me deu? — Perguntou, arrastando as palavras. — O qu...? — E estalou os lábios.

Ela esperou até que as pálpebras de Jared começassem a fechar, a seguir estendeu a mão e tirou o *palmtop* do bolso dele, pegou a arma do chão e correu para a escada central, olhando uma vez por cima do ombro para a câmera de vigilância no canto, que deveria ter captado tudo.

# O PLANO

A primeira coisa que Kieran viu quando abriu os olhos foi a mulher, esposa de Jacob. Ginny, como ele a chamara, tinha um rostinho cruel, e o jeito como fazia caretas lhe dava o aspecto de uma criança fazendo beicinho. Ela estava inclinada sobre um trabalho de artesanato, com os ombros curvados. Seus dedos enluvados trabalhavam com grande precisão. Ela virou uma colher cheia de algo que parecia pimenta-do-reino em um pequeno balão, e, a seguir, amarrou-o com os dentes.

— Onde estamos? — Perguntou ele.

Tentou se sentar, mas ainda estava preso por cordas apertadas. Ele lambeu os lábios tentando umedecê-los, mas sua boca estava seca.

— Não importa.

Ela riu como se ele houvesse acabado de fazer a pergunta mais estúpida do mundo.

Kieran olhou ao redor, avaliando sua situação. Eles o haviam levado a uma sala pequena e comum com uma única luz fluorescente que zumbia acima de sua cabeça. Nua de móveis, as paredes eram revestidas de caixas de papelão sem rótulo. Ele imaginou que estavam em uma sala de armazenamento, e a julgar por quão longe se ouviam os motores, deviam estar no meio da nave.

Olhou de novo para o trabalho dela. Ginny gentilmente colocou o pequeno balão, que era do tamanho da falange superior de seu polegar, em uma pequena pilha de balões idênticos. Havia cerca de dez.

— Você está se preparando para alguma coisa? — Indagou ele, aflito.

— O julgamento de Anne Mather é hoje — riu ela. — É só um presentinho.

Hoje? Ele esteve tão preocupado com Waverly que havia esquecido que tinha que testemunhar no *impeachment* de Anne Mather. Por isso Jared Carver o trocara por Waverly? Para que ele não pudesse depor?

Houve uma confusão na frente da sala, obscurecida por pilhas de caixas, e Jacob surgiu parecendo irritado e cansado, carregando algo que parecia um saco de farinha de trinta quilos nos ombros. Ele o deixou cair no chão com um baque e olhou para Kieran.

— Há quanto tempo ele está acordado?

— Só há alguns minutos — disse Ginny.

Jacob atravessou o pequeno aposento para pegar um *walkie-talkie* e girou os canais com o ouvido no alto-falante, sorrindo pelo que ouvia. Kieran não conseguiu identificar todas as palavras, mas ouviu todo tipo de voz diferente, homens e mulheres, todos parecendo rotineiramente oficiais.

— Eles estão procurando você — informou Jacob, colocando o *walkie-talkie* em cima de uma caixa. — Eu não ouvi nada parecido por causa daquela vadiazinha.

— Anne Mather deve gostar de você — comentou Ginny, com um olhar desconfiado.

— Acho que sim — respondeu Kieran.

— Essa mulher é uma serpente — disse Ginny.

— A serpente do jardim — acrescentou Jacob, com uma entonação monótona na voz. — Ela vai se enrolar em suas pernas até que você não consiga mais andar. E vai sussurrar em seu ouvido, confundindo-lo.

— Portanto, você não deve lhe dar ouvidos — continuou Ginny. — Porque, quanto mais ela tentar fazer de você um amigo, mais seu inimigo ela vai se tornar.

— Eu não sou amigo de Anne Mather — replicou Kieran. — Ela matou meu pai.

— É mesmo? — Ginny ergueu o queixo. — Meu pai foi baleado quando estávamos a caminho do lançamento. Com um buraco de bala sangrando na barriga, ele me levou em seu jipe até o local de lançamento. Embarcamos, mas o lançamento o matou.

— Quem atirou nele? — Perguntou Kieran.

Ele achou que, se conseguisse fazer amizade, eles poderiam reconsiderar seus planos.

— Alguém que queria o lugar dele nesta nave — disse Ginny. — Muita gente morreu assim.

Jacob grunhiu, concordando. Ginny amarrou o último balão de sua pilha e Jacob rolou um entre o polegar e o indicador.

— Ele não vai conseguir engolir isso. É muito grande.

— O quê? — Perguntou Kieran, mas eles o ignoraram.

— Claro que vai — retrucou Ginny, apontando para Kieran. — Ele é grande.

Jacob levantou o balãozinho compactamente embalado.

— Consegue engolir isto?

— Eu não vou engolir coisa nenhuma — afirmou Kieran tentando controlar o pânico crescente, pois estava começando a suspeitar para que seriam aqueles pacotinhos.

— Você adora aquelas criancinhas da *Empyrean*, não é? — Rosnou Ginny.

O corpo de Kieran se transformou em gelo.

— Você já deve ter percebido que não somos boas pessoas — prosseguiu ela, com um sorriso rançoso, depois olhou para o marido e inclinou a cabeça para o grande saco que ele havia trazido, e que ainda estava perto da porta.

— Jake.

Jacob obedientemente arrastou o saco pelo chão e o colocou aos pés de Kieran.

— Mostre a ele o que você trouxe, Jakey — instruiu a mulherzinha.

Jacob desamarrou a boca do saco e algo se derramou.

*Não. Por favor, não permita que seja...* Kieran fechou os olhos. Ele não queria ver.

Serafina Mbewe estava de bruços no chão. Kieran a reconheceu imediatamente pelas marias-chiquinhas sobre as orelhas, a pele cor de café, os braços e pernas finos de menininha. Ela gemeu e se contorceu para se sentar. Seus olhos rolaram nas órbitas ao observar os arredores. Eles haviam amarrado os braços dela para trás e posto um esparadrapo cirúrgico grosso sobre sua a boca. Ela olhou para Kieran com os olhos arregalados de terror.

— Se vocês a machucarem... — Rosnou Kieran, forçando a corda que prendia seus próprios pulsos. Ele queria matá-los.

Ginny pressionou a faca no rosto de Serafina, logo abaixo do olho, e arreganhou os dentes para Kieran. O corpo de Serafina tremia com espasmos de terror e uma mancha de urina se espalhava por suas calças. Kieran odiava essas pessoas. Ele nunca odiara ninguém assim.

— A decisão é sua — declarou Ginny, espetando o rosto de Serafina com a lâmina. Uma gota de sangue se formou na ponta da faca e Serafina choramingou. — Eu faço! — Gritou Kieran.

Enquanto Ginny segurava a faca na garganta de Serafina, Jacob colocou um balão na boca de Kieran e inclinou um pouco de água em seus lábios. Ele tentou engolir, mas engasgou. Então, Jacob pegou um pote de manteiga e esfregou cada cápsula com ela antes de dá-la a Kieran. Desceram com um pouco mais de facilidade, mas caíram em seu estômago como pedras e ficaram ali dolorosamente imóveis.

A seguir, Ginny mostrou algo que parecia um transmissor de um tipo que Kieran nunca havia visto antes. Tinha uma luz vermelha piscante e uma antena. Ela o ergueu, olhando para o aparelho com seus olhos redondos de roedor.

— Isto envia e recebe. Consegue adivinhar o que você vai enviar para mim?

— Minha localização.

— E suas palavras — acrescentou Ginny. — Tudo o que você disser a qualquer um, e o que todo mundo lhe disser, eu vou ouvir. Entendeu?

Kieran assentiu. Olhou para Serafina, que estava tremendo e de olhos vidrados.

— E isto é um receptor — informou Ginny.

— Eu vou ouvir você? — Perguntou Kieran, sem fôlego.

— Não, mas a carga vai — disse Ginny, apontando para o estômago inchado dele.

— Então, eu sou uma bomba? Você me fez engolir uma bomba? — Sua voz se elevou em um grito.

Subitamente, ela arrancou uma mecha de cabelo da cabeça de Serafina. A menina gritou. Ginny ergueu até o rosto de Kieran o punhado de cachinhos escuros. Ah, ele a desprezava!

— Engula isso, ou ela vai morrer careca.

Jacob pegou o receptor de Ginny e colocou na boca de Kieran. Parecia pontudo e muito grande, mas Ginny estava enrolando outra mecha de cabelo de Serafina em volta do dedo, preparando-se para puxar. Freneticamente, Kieran engoliu, ignorando sua garganta, que se rasgava enquanto ele engolia, e engolia, e

engolia. Jacob lhe entregou mais água e Kieran bebeu, forçando o dispositivo por seu esôfago, arranhando tudo na descida, até que finalmente chegou a seu estômago. Deus, como doeu.

— Muito bem, estamos prontos — anunciou Ginny. — Levante-se.

— O que vai acontecer com ela? — Perguntou Kieran.

Serafina olhava para ele batendo os dentes. Ele queria abraçá-la, mas, amarrado como estava, tudo o que podia fazer era mexer a boca em silêncio, *eu vou tirar você dessa*, na esperança de que ela conseguisse ler seus lábios. Ela o observava, tremendo.

— Fique aqui até que seja a hora — comandou Ginny a seu marido em tom de advertência, ignorando a pergunta de Kieran.

— Por quê? O que ela pode fazer? — Questionou Jacob, inclinando a cabeça para a menininha. — Ela não pode andar, nem se mexer, nem falar nem ouvir nada.

— Eu não quero que você vá atrás do garoto — respondeu Ginny, e o olhar escuro que ela deu a seu marido fez Kieran estremecer.

— Verifique o corredor.

Jacob abriu uma fresta da porta e olhou para fora.

— Tudo limpo — informou ele.

Jacob pegou uma jaqueta preta e a jogou para Ginny, que a pegou com uma mão. Ela entregou a faca a ele, que a apontou para Kieran e Serafina enquanto ela vestia o casaco e cobria a cabeça com o capuz. A seguir, ela pegou um travesseiro de seu saco de dormir e o colocou debaixo da camisa para parecer grávida. Para as câmeras de vigilância, ela se pareceria com metade das mulheres a bordo.

Ginny se levantou, indicando com sua faca para Kieran se levantar também.

— No julgamento de Mather — perguntou Ginny —, você é a principal testemunha, não é? Kieran olhou-a, boquiaberto.

— É melhor que esteja lá — disse Ginny, puxando a corda que prendia os pulsos dele.

Para surpresa de Kieran, ele sentiu a corda se soltar, e, de repente, suas mãos estavam livres.

— Vamos.

— Solte Serafina primeiro — pediu Kieran, massageando os pulsos profundamente marcados pela corda.

Ginny riu:

— Você é engraçado.

— Eu falei sério. Eu não vou a lugar nenhum enquanto ela não estiver livre.

— Vamos! — Ginny apertou a faca nas costelas de Kieran e ele deu um passo adiante. — Ou vou matá-la na sua frente.

Kieran reconheceu a impotência de sua situação. Não havia nada que ele pudesse fazer além de olhar para trás para ver Serafina, que o observava ir, esticando o pescoço para ele, implorando

silenciosamente para que não a deixasse sozinha.

— Espere aqui — ordenou Ginny a Kieran, como se acabasse de se lembrar de alguma coisa.

Ela voltou para o marido e os dois ficaram conversando ferozmente acima da menina encolhida. Kieran não conseguia entender as palavras; só conseguia olhar para Serafina, que, tremendo de medo, via os dois adultos conversando por cima dela. Ginny rudemente deu uma ordem final ao marido e lhe entregou algo que Kieran não conseguiu ver o que era. Jacob se sentou em uma caixa, cutucando a perna de Serafina com sua bota, empurrando-a de lado para dar espaço para seus pés, como se aquela doce menininha não fosse mais do que uma pilha de lixo.

Ginny cutucou as costas de Kieran com a faca, empurrando-o porta afora. Odiando-se por deixar Serafina sozinha com aquele lunático, Kieran caminhou lentamente pelo corredor, ciente apenas da mulher atrás dele e da faca que ela segurava. À frente, ele podia ouvir sons surreais de crianças brincando e rindo.

— Por favor — disse ele, quando se aproximaram de uma porta.

Estava entreaberta, e ele pôde ver uma mulher sentada em um banquinho à frente de uma sala de aula, segurando uma edição ilustrada da Bíblia. Cercada por duas dezenas de criancinhas da Emyrean, ela contava sobre Noé e o dilúvio. Essa sempre havia sido a história favorita de Kieran quando criança, porque ele imaginava a Emyrean como a arca. As crianças se sentavam em círculo ao redor dela com os rostinhos extasiados erguidos em sua direção. Eram redondas e rechonchudas e queridas para ele; infinitamente queridas.

— Está vendo aquele cesto? — Perguntou Ginny, pressionando o corpo atrás de Kieran.

Ele sentiu os seios pequenos e duros pressionados contra seu flanco, e sua pele se contraiu. Sobre a mesa da professora, ele viu um cesto de vime cheio de frutas.

— Está cheio de explosivos — explicou ela.

— Não... — Começou ele, mas ela forçou a ponta da faca em suas costelas e Kieran se acalmou.

— Seus amiguinhos vão sobreviver se você for ao julgamento e disser a Anne Mather que não foi sequestrado, que só precisava de um tempo para pensar em seu testemunho, e que por isso foi para as florestas. Você nem sabia que estava sendo procurado. Sente-se no banco de testemunhas na frente de todo mundo e essas crianças vão ficar bem.

— Você acha que me usando para matar Anne Mather vai conseguir o que quer?

As pernas de Kieran fraquejaram e ele quase caiu. Isso era mesmo real? Ele ia morrer hoje?

— Anne Mather morta é exatamente o que eu quero — informou a mulher.

— Eu poderia sair correndo — testou Kieran.

— Você não daria mais de dois passos antes de eu matar todos ao seu redor, e essas criancinhas.

Kieran olhou nos olhos dela, que não demonstravam nenhum sentimento, nenhuma compaixão nem preocupação com o futuro. Não havia argumento com ela.

— O julgamento é no celeiro de milho — acrescentou ela, rispidamente. — Anda.

Ela girou nos calcanhares e correu sem olhar para trás.

Por longos momentos Kieran ficou parado no corredor, do lado de fora da sala de aula, ouvindo as doces e suaves vozinhas. Ele conhecia cada uma daquelas crianças desde o nascimento; se alguma coisa acontecesse com elas, Kieran nunca se perdoaria. Não, não havia nada a fazer a não ser seguir as ordens daquela mulher detestável.

Ele mal podia sentir os pés tocarem o chão enquanto caminhava pelos corredores. Cada vez mais crescia o ruído de uma grande multidão, até que finalmente ele chegou à entrada dos celeiros, cheia de pessoas esperando ser revistadas à procura de armas. Ele tomou seu lugar na fila, torcendo para que o terror não transparecesse em seu rosto.

Um dos guardas que revistava as pessoas o viu:

— O que está fazendo aqui? — Perguntou a Kieran.

— Estou pronto para meu testemunho — respondeu Kieran, sem fôlego.

A menos de dez metros de distância, duas mulheres estavam conversando e rindo. Uma delas estava enorme de grávida, e a outra segurava um bebê ao peito. Se Ginny o explodisse nesse momento, todos morreriam. *Isto é um pesadelo. Estou em um pesadelo.*

O guarda levou o *walkie-talkie* aos lábios e disse:

— Kieran Alden está na porta.

A voz profunda de um homem soou no aparelho.

— Estou indo aí.

O guarda fez sinal para Kieran esperar ao lado. Ele se encostou na parede, concentrando-se no metal frio contra suas costas, cercado de mulheres grávidas, velhos e bebês. Eles falavam aos sussurros, especulando sobre o julgamento, compartilhando histórias sobre seus bebês, fazendo comparações sobre partos e gestações; os homens massageavam as costas das esposas, as mulheres enganchavam os braços nos braços de seus maridos. Nenhum deles sabia que estava ao lado de uma bomba.

E Felicity.

Ela vinha em sua direção de mãos-dadas com o noivo.

Assim que ela ergueu o olhar para ele, o guarda de peito largo com a insígnia de pomba no ombro deu um passo à frente de Kieran.

— Como é que você está aqui? — Questionou o homem, estreitando os olhos.

— Eu estava andando pelas florestas — explicou Kieran, parecendo aos próprios ouvidos que estava recitando um roteiro. — Precisava ficar sozinho para me preparar para o testemunho.

— Havia dezenas de pessoas à sua procura — resmungou o homem, com raiva. — Achamos que você havia sido raptado.

— Desculpe — murmurou Kieran.

*Há uma bomba dentro de mim, Kieran queria dizer-lhe. Eles me fizeram engolir uma bomba.*

O homem passou um sofisticado dispositivo de detecção pelo corpo de Kieran e revistou-o manualmente. Por fim, levou o *walkie-talkie* aos lábios.

— Pastora, ele está limpo.

— Traga-o a mim — comandou Mather.

— Vamos — disse o guarda, pegando o cotovelo de Kieran.

Ele levou Kieran pela entrada e pelo corredor em direção ao palco. A música já estava tocando, e Kieran teve de se esgueirar por uma multidão. Quando passou por um grupo de crianças da *Empyrean*, uma delas gritou:

— Kieran! Acabe com Mather!

Ele só pôde acenar e seguir adiante, mas queria gritar e mandar que todos corressem. Sentiu sua personalidade dividida quando o guarda o puxou de graus acima, para onde Anne Mather estava sentada em uma cadeira. Atrás dela, sobre um estrado, sentavam-se seis anciãos que Kieran imaginou formarem o Conselho Central. O velho doutor estava com as mãos nodosas nos joelhos, e observava Kieran de soslaio.

— Kieran — disse Mather, com firmeza —, onde você estava?

— Desculpe.

Kieran olhou para trás. As pessoas estavam se sentando em seus lugares. A primeira fila estava cheia de bebês, e duas fileiras atrás estavam os irmãos Peter, com o rígido casal que os havia adotado. Um deles ergueu a mão para Kieran. *Corram!* Kieran queria avisá-los. *Por favor, por favor, por favor.*

O menino sorriu.

— Gostaria de lembrá-lo de que Waverly ainda está desaparecida, Kieran, e que eu preciso ficar fora da prisão para poder ajudá-lo a encontrá-la — afirmou Mather.

Kieran balançou a cabeça tentando esconder sua confusão. Jared a havia salvado; então, onde ela estava?

Para o guarda ao lado de Kieran, Mather disse, rispidamente:

— Leve-o para o banco das testemunhas. Ele é o primeiro da lista.

Uma gota de suor rolou pela testa de Kieran. Ele a secou, e um guarda o levou a um estrado lateral. Ele se sentou em uma cadeira alta atrás de um púlpito preto brilhante e esperou pelo fim de sua vida.

# CORRIDA

Waverly subiu correndo dezenas de lances, impulsionada pelo terror. Segurava firme o *palmtop* de Jared na mão, com medo de deixá-lo cair pela imensa escadaria e de que se estilhaçasse em mil pedaços. Quando não conseguia mais correr, sentou-se em um degrau no meio do caminho entre dois níveis, ofegante, até que algo chamou sua atenção e ela olhou para cima.

Uma câmera. Havia câmeras nas escadas, agora. Como ela pôde se esquecer disso?

Com dedos trêmulos, tocou a tela escura do *palmtop* e ela se acendeu, mostrando apenas três palavras: digite a senha.

*Mynx...* Mais uns números. Era o que ele havia digitado. Ele nunca a teria deixado vê-lo digitando se não planejasse matá-la. O polegar de Jared mal se moveu sobre as teclas numéricas, lembrou-se, e ela tinha certeza de que o primeiro e o terceiro dígitos eram 1. Ela estremeceu e digitou “mynx111”. Nada. Tentou “mynx1-1”. Palavras piscaram na tela: Última tentativa antes de desligar.

Uma porta se abriu no patamar de cima.

— Waverly — chamou um homem.

Ela olhou pela grade de metal da escada e viu duas solas de sapatos pretas de sujeira, e a seguir um segundo par, e então mais dois. Quatro homens.

— Venha conosco agora e nós podemos protegê-la.

Ela começou a descer a escada, mas viu mais dois homens no patamar de baixo. À sua esquerda havia uma porta. A placa dizia “Nível 36”, mas ela estava assustada demais para lembrar aonde levava.

Waverly olhou para o *palmtop* em sua mão. Mais uma tentativa. Enquanto os homens a encurralavam, ela digitou “mynx121”.

O *palmtop* se acendeu e ela gritou de alívio. No canto superior direito da tela havia um único botão: blecaute. Ela tocou a tecla, e com um estampido as luzes da escada se apagaram. Ela estava cercada por uma densa e impenetrável escuridão.

— Que diabos... — Disse um dos homens acima dela.

Ela ouviu o barulho de uma meia dúzia de homens correndo em sua direção. Freneticamente, tateou à procura da maçaneta e correu porta adentro. O *palmtop* mal lhe dava luz suficiente para ver, e ela o apontou para o chão, esperando que o brilho fraco não fosse registrado pela vigilância. Waverly fez a primeira curva que encontrou e correu sem pensar para onde estava indo.

*Preciso sair deste nível.* Se ela ficasse ali, os homens poderiam ir fechando o cerco até capturar a

presa. Ela virou a esquina e se dirigiu à escadaria central, torcendo para que não houvesse ninguém lá.

Ela ouviu o murmúrio de vozes alarmadas à frente; deveria haver pessoas esperando do lado de fora do elevador, ao virar da esquina. Ela guardou o *palmtop* no bolso e o corredor mergulhou na escuridão.

— Outro apagão! — Reclamava uma mulher.

Uma criança pequena gemeu, e ela sussurrou:

— Calma, meu amor.

— Deus, espero que eles descubram o que está acontecendo — acrescentou outra mulher, que parecia mais velha.

— A nave tem mais de quarenta anos — interveio um homem. — Certamente as coisas estão fadadas a dar problemas.

Waverly diminuiu o passo. *Está tão escuro que não preciso me esconder*, percebeu. *Só preciso ficar quietinha*. Ela prendeu a respiração e relaxou ao virar da esquina. As vozes estavam próximas, agora.

— Algumas pessoas pensam que é o passageiro clandestino que está provocando esses apagões — afirmou a mulher mais jovem.

— Eles o pegaram — corrigiu o homem. — Mas os Pauley ainda estão à solta.

— Ugh! Esse homem é muito estúpido para fazer uma coisa dessas — disse a mulher mais velha. — Não podem ter sido eles.

— Ginny não é estúpida — ponderou a mulher mais jovem. — É louca, mas não estúpida.

Waverly rastejou por eles, bem próxima de onde estavam. Sua respiração era superficial e lenta e ela se sentia tonta, mas não se atrevia a inspirar mais fundo. Devia estar do outro lado do corredor, agora. Ela estendeu dois dedos à frente, esperando tocar a parede, mas ela não apareceu.

*Estou indo na diagonal*. Ela se voltou um pouco mais para a direita e seus dedos tocaram a parede. Encontrou o batente da porta e lentamente deslizou a mão pelo metal irregular até encontrar a maçaneta. Ela abriu a porta, prendendo a respiração, torcendo para que a dobradiça não rangesse, e saiu. Desceu a escada, um degrau de cada vez, segurando o corrimão externo. Não havia nenhum som na escuridão. Ela estava livre.

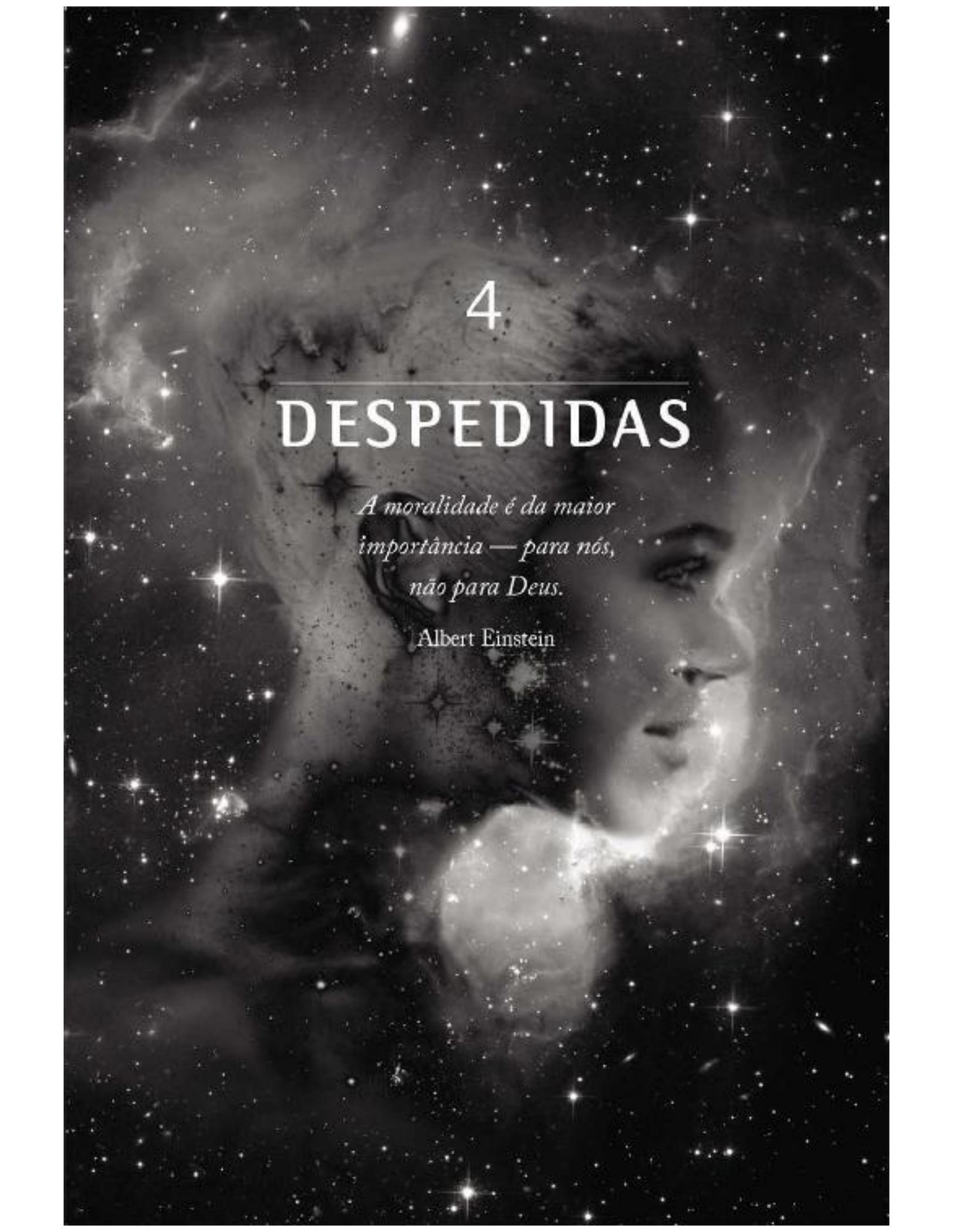
Waverly desceu as escadas até que pôde sentir o rico cheiro da umidade do compartimento dos trópicos e pegou o corredor, que, felizmente, estava escuro. Quando chegou a uma das portas de entrada para a floresta tropical, entrou, fazendo uma pausa para escutar. Nem um som. Não havia ninguém por perto. Ela conseguira!

Waverly se escondeu em um lugar que cheirava a ninho de palmas, pegou o *palmtop* e se debruçou sobre ele, razoavelmente segura de que estava invisível. Inseriu novamente a senha e ele se acendeu.

*Agora, vamos ver o que isto pode fazer*. Ela mordeu o lábio e começou a trabalhar.







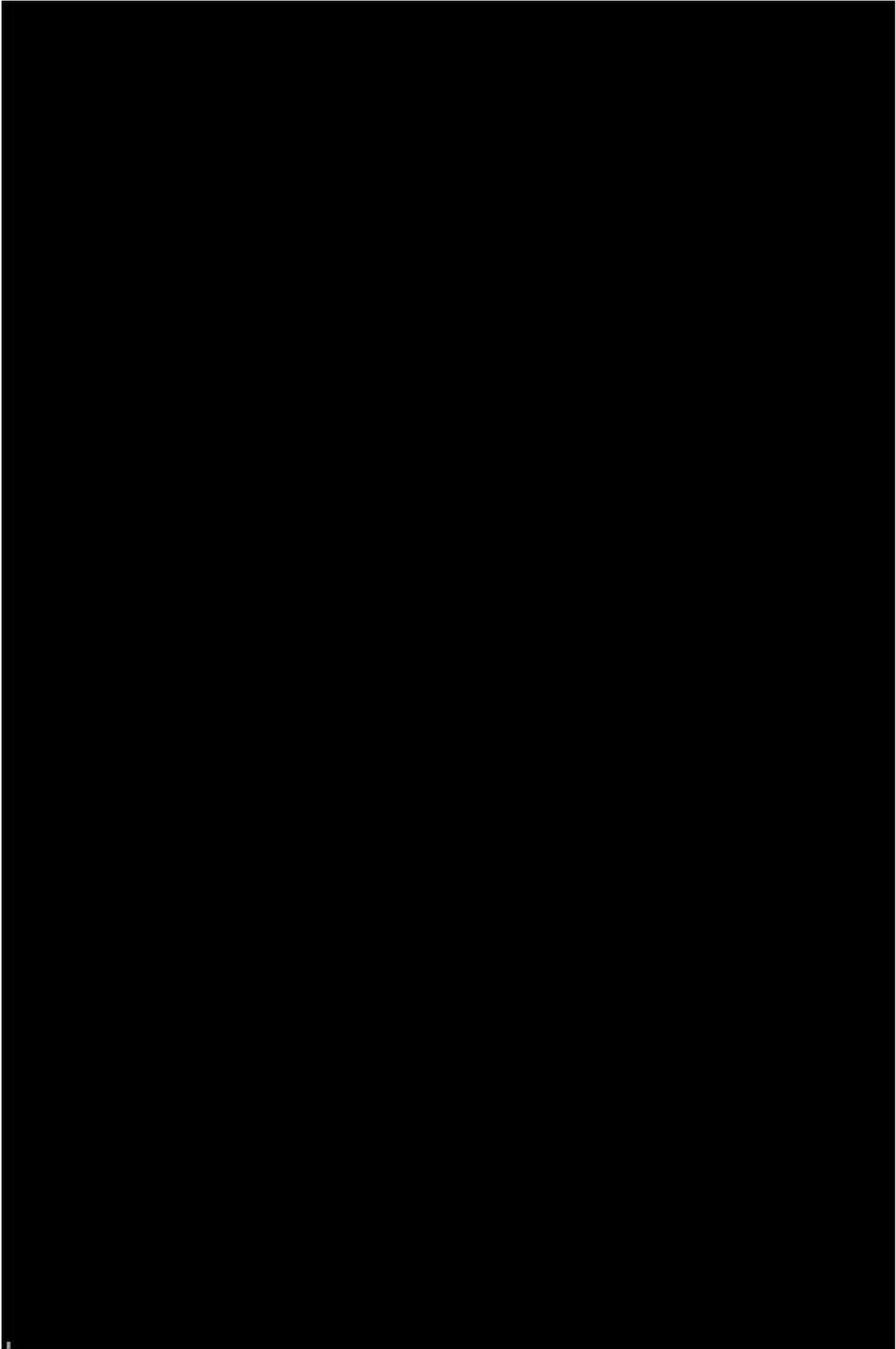
4

---

# DESPEDIDAS

*A moralidade é da maior  
importância — para nós,  
não para Deus.*

Albert Einstein



# COMPANHEIRO

Quando Seth acordou, estava sozinho. Ele ainda podia ver a marca da cabeça de Waverly no travesseiro, por isso sabia que não havia sonhado. Pestanejou. Seus olhos estavam grudentos e secos, como a boca.

Ele levantou um dedo e disse com voz rouca:

— Alguém aí?

Ele viu a sombra da enfermeira se levantar e caminhar até ele.

— Waverly? — Perguntou ele.

— Ela vai voltar — respondeu ela, suavemente. — Como está se sentindo?

— Com sede — ele conseguiu dizer.

Ela pegou um copo de plástico da mesa de cabeceira e levantou a cabeça de Seth com uma mão suave em sua nuca. A água era fresca e calmante, e ele bebeu o copo todo.

— Mais? — sussurrou ele.

Ela lhe deu mais dois copos cheios, e quanto mais ele bebia, melhor se sentia. Por fim, quando ela apoiou a cabeça de Seth de volta no travesseiro, ele pôde olhar ao redor. Havia um tubo intravenoso ligado a ele, serpenteando até uma veia perto do cotovelo. Ele olhou para o outro lado para verificar se também havia um tubo, e lembrou que não havia outro braço.

— Sua febre está muito alta — comentou a enfermeira, antes de resmungar alguma coisa e baixar a cabeça.

Seth olhou para ela, esperando que levantasse a cabeça, mas ela não se moveu.

Ele a chamou.

— Olá! — Disse alguém atrás dela.

Uma figura alta estava na porta da frente. Seth pestanejou. O que estava vendo não podia ser real. Jake Pauley com um sorriso no rosto.

A enfermeira desabou da cadeira, caindo no chão à sua frente. Seth viu o cabo de uma faca que se projetava das costas dela e uma mancha crescente de sangue se espalhando pelo tecido fino de sua camisa.

— O que você fez? — Gritou Seth.

— Ela não era amiga — respondeu Jake dando de ombros, e começou a atravessar o quarto. — Eu sabia que Thomas o traria para cá.

Seth olhou em volta procurando ajuda, mas a única outra pessoa no quarto era um homem emaciado,

deitado, e seu único sinal de vida era o peito subindo e descendo levemente. Seth tentou se sentar, mas ficou tonto; sentia-se sem equilíbrio e muito fraco.

Jake se inclinou sobre Seth, estudando seu rosto.

— Você está um lixo.

— O que está fazendo aqui? — Seth por fim perguntou, com os olhos inquietos nas órbitas.

Ele se afastou de Jake até que sentiu a grade de segurança pressionar dolorosamente o que restava de seu ombro.

Jake sorriu, mostrando entre seus incisivos um pedaço esbranquiçado de comida.

— Vou tirar você daqui.

— Não! — Reagiu Seth, enfurecido. — Eu não posso andar! Não vou a lugar nenhum com você!

— Ah... — Jake se sentou na cadeira que a enfermeira deixara vaga, apoiando os pés no colchão de Seth para evitar tocar o corpo dela. — Você só está bravo porque eu o deixei na cela. Mas não foi pessoal.

Seth olhou para o homem. Ele sempre soube que Jacob Pauley era insano, mas sua total falta de preocupação com a mulher que havia ferido ou matado, seu comportamento alegre... Ele era mais do que louco.

— É melhor sairmos daqui — prosseguiu Jake, olhando ao redor do quarto.

Quando viu a cadeira de rodas ao lado da cama do velho, saltou em direção a ela.

— Vamos tirar esse tubo de seu braço — disse Jake, enquanto empurrava a cadeira para a cama de Seth. Sem aviso, ele arrancou o tubo da veia de Seth.

— Coloque o seu braço em volta do meu pescoço.

— Por que você a matou? — Perguntou Seth, em meio a lágrimas repentinas.

Aquela enfermeira havia sido gentil com ele, salvara sua vida.

Jake levantou Seth da cama, gemendo por causa do peso. Seth sentiu uma tontura e, de repente, estava na vertical, sentado na cadeira de rodas, segurando o braço dela com a mão boa, muito inclinado para a esquerda.

— Eu preciso dessa medicação intravenosa — disse Seth, com um fio de voz.

— Vamos lhe arranjar uns remédios em breve. Eu só quero que você veja uma coisa.

— Que coisa?

— É surpresa — respondeu Jake, e empurrou a cadeira de Seth porta afora.

O corredor estava silencioso, e Seth se perguntou como Jake podia andar ali fora tão sem receio. Do bolso, o homem tirou um pequeno objeto que parecia uma caneta e apontou para a câmera de vigilância quando passaram. Jake percebeu que Seth o olhava e explicou:

— É um *laser*. Ele deixa a imagem toda branca. Foi ideia de Ginny.

Seth não estava bem o suficiente para ficar sentado. Seu braço — aquele que não existia mais — de

repente parecia enorme, como se estivesse inchado, do tamanho de uma perna de elefante, e ele tentou ajeitá-lo, o que só causou uma dor agonizante no coto.

Jake apertou sem medo o botão do elevador, e quando as portas se abriram, cantarolou uma musiquinha enquanto empurrava Seth para dentro.

— Eu me senti mal por deixá-lo para trás na Empyrean. De verdade — afirmou Jake, mas não havia profundidade em sua declaração, como se ele soubesse que deveria se sentir culpado, e então tentasse sentir a culpa de verdade. — Mas estou aqui agora, companheiro.

*Companheiro.* Seth estava tomado de tal desespero que deixou que o homem dissesse o que quisesse, que o levasse aonde bem entendesse. Ele não conseguia acreditar que isso estava realmente acontecendo. É um delírio febril, disse a si mesmo. *Acorde.*

A campainha do elevador tocou, as portas se abriram e Jake empurrou Seth pelo corredor em direção a umas portas duplas fechadas. O corredor cheirava a pólen de milho. *Devemos estar do lado de fora de um celeiro,* pensou Seth, distantemente. Um homem estava caído de bruços no chão com uma faca saindo das costas. Seth sentiu o estômago revirar.

Jacob sorriu.

— Ela é um alvo morto.

— Quem é um alvo morto? — Perguntou Seth.

— Pronto? — Disse Jacob.

— Para quê?

Jacob empurrou Seth pelas portas duplas. Seth pestanejou, sem saber inicialmente onde estava. Havia fileiras de milho plantadas diretamente à sua frente, mas à esquerda ele podia ver um cartaz pendurado do teto que dizia “CORTE EM SESSÃO”. Estava artisticamente colocado debaixo de uma grande vigia que mostrava um céu cintilante. Luzes pendiam do teto também, e quando Jacob o empurrou para a frente, Seth viu que elas estavam viradas para um palco que ele conseguia vislumbrar intermitentemente por entre os altos pés de milho.

— Que diabos é isso? — Indagou Seth, sussurrando.

Ele ouviu vozes falando em cochichos, centenas delas. Era tudo tão surreal...

— Onde estamos?

— Lembra aquele garoto que o colocou na prisão? — Disse Jacob, baixinho.

— Ah, sim, lembro — respondeu Seth, irritado. — Kieran é o nome dele.

— Bem, você está prestes a dar início à sua vingança.

— O que quer dizer? — Seth tentou se virar na cadeira de rodas e olhar para o homem, mas o movimento provocou uma onda de agonia que subiu do coto até seu ombro e pescoço. — Você vai machucar Kieran?

Jacob respondeu com uma risada alegre.

— Você consegue dar alguns passos? Não é longe.

Seth olhou nos olhos estúpidos do homem e assentiu. Ele não tinha certeza de poder andar, mas o único jeito de acabar com esse lunático era ficando perto dele. Então, com as pernas trêmulas, Seth se levantou, obrigou-se a tocar aquele ser humano abjeto para se firmar, e foi cambaleando junto com o assassino Jacob Pauley para o milharal, pestanejando e lutando contra a ameaça de perder a consciência.

*Se eu puder salvar Kieran*, disse Seth a si mesmo, observando seus pés, um após o outro, batendo no chão. Ele tinha de olhar, porque não conseguia senti-los. *Se eu puder salvá-lo, terei feito algo de bom. E talvez as pessoas saibam que eu não era mau.*

Seu coração saltou dentro do peito quando ele se forçou a viver tempo suficiente para uma última ação.

E então, sem aviso, as luzes do teto se apagaram.

# A BUSCA

Waverly abandonou seu esconderijo no compartimento dos trópicos e rumou em direção ao sinal que Kieran emitia, tateando o caminho no escuro. Felizmente ela não levava muito tempo para encontrar o programa de rastreamento no *palmtop* de Jared. O *design* da coisa era incrivelmente simples. Waverly pegou a escada externa a estibordo, atenta para ouvir se havia guardas de Mather. Ela escutava as vozes ecoando, mas estavam tão longe que ela não podia nem ver suas lanternas. Quando chegou ao mesmo nível em que estava o sinal de Kieran, Waverly abriu a porta e tomou um corredor silencioso no nível do celeiro. A nave parecia deserta; ela não havia encontrado uma única pessoa, por isso, achava que seria seguro usar a luz do *palmtop*.

Waverly não havia ido muito longe quando percebeu que o sinal de Kieran estava atrás dela. Voltou-se e parou diante de uma porta que dava para o que parecia ser uma sala de armazenagem. *E agora?*

*Não se deixe matar*, disse a si mesma. Ela só esperava que as luzes não voltassem em um mau momento; sabia que elas operavam por meio de um cronômetro, mas não sabia quanto tempo duraria a escuridão.

Ela puxou a pequena arma de Jared da cintura e a observou com o brilho ofuscante do *palmtop*. Os rifles que ela havia usado antes tinham claramente identificadas as posições da trava de segurança, mas a arma não. Supondo que Jared a mantinha travada, ela empurrou o botão em direção ao cano, e a seguir tentou abrir a porta. Estava trancada. Segurando o *palmtop* com os dentes para poder enxergar, ela analisou a placa externa do mecanismo de trava e, com cuidado para não tocar em nenhum item de metal, cruzou os fios até que a trava se abriu. Waverly esperou atrás da porta, tentando ouvir qualquer ruído, mas não havia nada.

— Kieran? — Chamou com voz fraca, no escuro.

Ela esperou, escutando o silêncio denso, até que não pôde esperar mais, e olhou para dentro da sala usando a luz do *palmtop*. À primeira vista, não parecia haver ninguém. Teria Kieran sido desamarrado, e a corda, deixada para trás? Ela deu um passo para dentro.

Waverly ouviu um gemido vindo do piso e abaixou a luz.

— Serafina — gritou.

Nesse momento, as luzes voltaram. Ela se assustou e olhou em volta, aliviada por não encontrar mais ninguém ali. Mas onde estava Kieran?

Piscando pelo brilho repentino, ela correu para sua jovem amiga, que se contorcia no chão enquanto

lágrimas deslizavam sobre suas rechonchudas bochechas marrons.

— Minha querida!

Waverly arrancou os nós que prendiam as mãos e os tornozelos da menina.

Assim que suas mãos ficaram livres, Serafina se jogou em Waverly, passando os braços pelo pescoço dela e puxando-a para um abraço apertado e aterrorizado. Waverly a abraçou, balançando para a frente e para trás.

Waverly se ajoelhou e esperou que Serafina enxugasse as lágrimas para poder ler seus lábios.

— Meu amor, o que fizeram com você?

Mas Serafina agarrou a mão de Waverly e a puxou para a porta. Ela começou a correr pelo corredor, puxando Waverly atrás de si.

— Pare! — Gritou Waverly.

Segurou os ombros da menininha e esperou até que os olhos negros de Serafina se fixaram em sua boca. A seguir, moveu os lábios: *Onde está Kieran?*

Serafina gemeu exasperada e puxou Waverly pelo corredor.

— Você está me levando até ele? — Perguntou Waverly, sentindo-se estúpida.

Serafina apontou para a própria garganta, depois acariciou a barriguinha rechonchuda, fez um gesto amplo abrindo os braços e as mãos e em seguida se jogou no chão, fingindo-se de morta.

Waverly olhava para ela totalmente perdida.

— Kieran comeu algo ruim?

Serafina assentiu exageradamente e repetiu a pantomima.

— Veneno? — Arriscou Waverly, lentamente.

Serafina balançou a cabeça, movendo as mãos do meio da barriga para fora, em um gesto que sugeria...

— Eles vão explodir Kieran? — Perguntou Waverly num sussurro horrorizado.

Serafina começou a chorar e assentiu.

— Onde ele está?

O alto-falante acima delas crepitou e Waverly ouviu a voz do dr. Carver.

— O processo de *impeachment* da pastora Mather começará em cinco minutos. Aqueles que desejarem estar presentes devem se encaminhar ao celeiro imediatamente.

— Oh, meu Deus — disse Waverly, baixinho.

Ela havia esquecido o julgamento de Mather. Quando se recuperou, Serafina estava correndo à frente em direção aos celeiros.

— Não! — Waverly gritou, e correu atrás dela, mas não podia se mover rápido o suficiente.

Serafina já havia passado por um homem caído no chão. Quando Waverly se aproximou dele, viu que uma faca saía de suas costas. Ela apertou os dentes e passou por seu olhar vazio, atravessando a porta atrás de Serafina.

O ar estava tomado pelos sons de uma multidão. Ela estava ao menos dez metros atrás da última fileira de cadeiras, escondida por altos pés de milho. A sala parecia diferente, e Waverly levou um tempo para perceber que, da primeira vez que estivera ali, era trigo que estava plantado. Mas haviam feito um rodízio de colheitas desde então, e agora altos pés de milho se estendiam em direção às luzes, e suas folhas pareciam dedos esqueléticos. Waverly teve um *flashback* inquietante sobre sua primeira vez na New Horizon, quando era refém e fora obrigada a vir a este lugar para os cultos da igreja de Anne Mather. Agora era um tribunal, e os tecidos coloridos, as tapeçarias e a iluminação teatral haviam sido arrancados. Em seu lugar havia um tablado nu sobre o qual estavam os anciãos da igreja em vestes negras. No meio do palco sentava-se Anne Mather, aguardando suas acusações, e à direita estava Kieran, sentado no banco das testemunhas. Graças a Deus não era tarde demais!

Serafina se enfiou em uma fileira de milho e Waverly foi atrás dela. O som de um martelo batendo contra a madeira atravessou o ar. Waverly por fim conseguiu alcançar Serafina nas profundezas do milharal, pegou a menina e moveu os lábios: *Corra!* Ela só conseguia pensar na mãe de Serafina, morta há muito tempo, e em seu pedido para que Waverly cuidasse de sua filha. Ela beijou a testa da menina e então olhou fixamente em seus olhos, murmurando: *Eu não posso deixar você se machucar!*

Serafina segurou o rosto de Waverly e a encarou em silêncio até que Waverly se acalmasse. As íris de Serafina eram grandes, calmas, deliberadas e comoventes, de um castanho profundo, salpicado de dourado. Serafina tinha algo mais a dizer. Waverly respirou fundo. *O que é?*

Serafina se afastou de Waverly e fechou os dois punhos, mantendo-os nas laterais do corpo, afastando os braços e fazendo uma cara feia de sobrancelhas baixas — uma representação inconfundível de Jacob Pauley. Waverly assentiu. *O sujeito grandão*, murmurou. *O sujeito malvado.*

Serafina assentiu rapidamente e a seguir fingiu tirar algo do bolso e apertar um botão.

— O grandalhão tem um detonador? Ele controla a bomba?

Serafina assentiu novamente. Em seguida, juntou um dedo de cada mão, depois fingiu apertar o botão novamente, e terminou com o gesto expansivo que Waverly compreendera que significava explosão.

Waverly balançou a cabeça, confusa.

Então Serafina juntou dois dedos de novo, depois abriu os braços para afastar os dedos o máximo possível, apertou o botão imaginário, e desta vez, nada aconteceu. Nada de explosão.

Waverly olhou para a menina.

— Jacob tem que estar perto de Kieran para que o detonador funcione?

Serafina assentiu, ficando frouxa e relaxada de alívio.

— Você é incrível! — Waverly a beijou. — Agora, corra o mais longe possível daqui.

Waverly não precisou falar duas vezes. Serafina correu para a porta, pulou os pés do homem caído no chão e desapareceu pelo corredor.

Waverly espiou através do milho em direção ao palco. Viu Kieran sentado no banco das testemunhas,

ouvindo um homem de aspecto oficial ler as acusações contra Anne Mather. Kieran parecia pequeno visto dali, mas ela podia ver que ele estava ofegante e esfregava a testa com a palma da mão.

*O que eu faço?* Ela lutou contra uma onda de pânico que ameaçava tomar conta de sua mente. *Eu poderia gritar. Mas, então, Jacob detonaria Kieran, com certeza. Ele deve estar esperando que Kieran dê seu testemunho.*

Waverly esticou o pescoço acima dos cabelos do milho, para a direita, e viu algo farfalhando no milharal a uns trinta metros de distância. Ela se moveu lentamente nessa direção, passando ao lado de cada pé de milho e tentando não tocar nenhum. Ela sabia que devia estar com medo, mas não era medo o que sentia. Ela sentia o cheiro adocicado de cada grão de milho, sentia cada folha espinhosa que roçava a pele de seus braços, tinha consciência de cada fio de seu cabelo e de cada contração de seus nervos. Ela ouvia todas as nuances na voz do juiz, enquanto ele lia:

— Você é acusada de crimes contra a humanidade durante o ataque inicial à Emphyrean...

Nada disso importava para Waverly agora. Ela estava calma, tinha de estar; mas sabia a verdade: *Se Jacob me vir chegar, estamos todos mortos.*

# LUZ

As luzes haviam acabado de se acender de volta, e Seth olhou para o palco através dos vãos entre os pés de milho. Jacob ficara preocupado quando as luzes se apagaram, mas não havia feito nenhum comentário, e empurrara Seth imprudentemente na cadeira de rodas para o celeiro. Eles tatearam o caminho através dos pés de milho, Jacob meio que carregando Seth, ouvindo centenas de vozes alarmadas reagindo à misteriosa escuridão. Então, agacharam-se no milharal para esperar. Quando as luzes voltaram, Jacob se levantou rapidamente para verificar sua posição em relação ao palco e disse em voz baixa:

— Perfeito.

Todo o corpo de Seth estava tremendo, e ele sentiu a força de suas pernas começar a falhar. Então, abaixou-se e se sentou ali, ofegante, com a cabeça apoiada nos joelhos. Ele já sentia a falta da medicação intravenosa; a dor havia redobrado e ele se sentia fraco e muito doente. *Eu poderia morrer aqui*, pensou. Lágrimas deslizaram por entre suas pálpebras quando pensou em Waverly e em como ela chorara em seu ombro. Era tanto um conforto quanto um tormento saber que ela choraria novamente se ele morresse.

O murmúrio da multidão desapareceu e ele ouviu a voz grave de um homem velho, mas não conseguia distinguir as palavras.

Seth levantou a cabeça para ver Jacob, que havia dado um passo ansioso para a frente, agachando-se no milho com um sorriso de menino no rosto. *Ele está ansioso por isso*, notou Seth. *Ele acha que esse vai ser o maior momento de sua vida patética*. Seth mal podia suportar olhar para ele, mas estudou todas as nuances dos movimentos de Jacob, que lambia os lábios carnudos com uma língua branca. No momento, as mãos de Seth estavam vazias.

Seu estômago arquejou e ele cuspiu entre os joelhos uma baba insípida de líquido esverdeado. Quando limpou a boca com as costas da mão, seu rosto parecia dormente.

*Não. Não. Meu Deus*. Ele havia tentado limpar o rosto com o membro fantasma. Levantou a verdadeira mão para enxugar o rosto, que não estava dormente, afinal, e tombou, fazendo farfalhar o milho à sua volta. Ele caiu de costas, olhando para Jacob, que estava de cara feia para ele, irritado.

Jacob fez um movimento atravessando o pescoço com a mão espalmada, dizendo a Seth que ficasse quieto, e a seguir, voltou-se para olhar para o palco. Seth percebeu que o barulho da multidão havia desaparecido. Um velho começou a ler as acusações criminais em ritmo monótono e lento.

— Anne Mather, você é acusada de crimes contra a humanidade...

Seth olhou as luzes do teto, que emitiam um halo amarelo-esbranquiçado, e imaginou sua alma se

fundindo com essa luz, dissolvendo-se em um trilhão de fótons. *Não seria tão ruim, pensou, se eu morresse e uma parte de mim continuasse; eu poderia seguir Waverly, viver entre seus cabelos e sussurrar em seu ouvido.*

Uma nítida pancada de um martelo na madeira tirou-o de seu devaneio. A sala foi tomada por um silêncio repentino, que desceu sobre Seth como um travesseiro, e por um instante ele achou que estava sufocando. Mas não, não era o que estava acontecendo. Em algum ponto, seus pulmões começaram a se encher de algo que parecia um fluido, mas ele sequer tinha força para tossir. Seth puxou o ar, engoliu-o para o estômago, puxando a garganta com a mão fantasma. Ele não esperava por isso. De alguma forma, achou que seu coração simplesmente pararia. Não esperava que morrer fosse assustador.

*Não se assuste por estar morrendo, disse a si mesmo. Não é com medo que você vai evitar que Jake mate Kieran.* Seth fez respirações curtas, muitas delas, para dentro e para fora, dentro e fora. Voltou os olhos para as mãos de Jacob. O homem não tinha uma arma, de modo que deveria haver tempo suficiente. Seth se concentrou em respirar, obrigou-se a encher os pulmões o máximo possível, segurar e soltar. Fez isso algumas vezes, tentando forçar o líquido de volta para expandir os pulmões, abrindo espaço para o ar.

De repente, a voz de um homem velho encheu a sala.

— Kieran, em suas próprias palavras, por favor, conte a história do primeiro ataque contra a Empyrean.

— Eu estava... — Kieran começou, parecendo hesitante. — Eu estava no hangar. Eu vi tudo.

Houve uma longa pausa; tão longa que Seth podia ouvir alguns murmúrios confusos entre os ouvintes.

Seth viu Jake puxar alguma coisa do bolso. Parecia improvisado, colado com fita, arame e massa de vidraceiro, mas ao mesmo tempo parecia ter sido manualmente elaborado, e com carinho. Saía do objeto uma anteninha de metal, e na frente dela havia um botão vermelho vivo.

*Não é uma arma, então. É uma bomba.*

Jacob segurou o detonador na mão com o dedo pousado sobre o botão, esperando que Kieran prosseguisse.

*Ele está esperando um momento teatral, pensou Seth, com repugnância.* Ele estendeu a mão boa para o dispositivo, mas Jacob estava muito longe, e Seth estava deitado de costas, fundindo-se com a terra. Kieran começou a falar de novo, mas Seth não podia se concentrar em suas palavras. Tudo que podia pensar era em como tirar o detonador de Jake.

Se chutasse o dispositivo poderia desencadear uma detonação, Seth sabia. Tentou se sentar, mas os músculos de seu estômago se contraíram e ele desabou com a cabeça no solo.

Seu corpo estava em rebelião e ele não conseguia se mexer.

— Corra, Kieran — sussurrou.

Mas Kieran apenas continuou falando. Nem mesmo Jacob o ouviu. Seth tentou gritar, mas isso só o fez vomitar, e mais fluido verde apareceu.

Era estranho perder o controle desse jeito, e por alguns momentos Seth só pôde encarar uma folha que pairava sobre seu rosto, olhar para ela conforme sua mente se esvaziava e seus únicos pensamentos focavam seus pulmões que se afogavam. Ele sentiu o fantasma de seu braço se esticando, subindo um, dois, dez metros para o teto para tocar a luz. A lâmpada incandescente era quente e um alívio para seus dedos fantasmas, e ele a envolveu na palma da mão e os fótons caíam sobre sua pele como chuva. Centenas de vozes se ergueram em uma melodia antiga, de antigas palavras. *Dona nobis pacem.*

Ele estava alucinando.

Só podia estar, porque bem à sua frente, emergindo das folhas verdes acima dele, estava o rosto infinitamente encantador de Waverly Marshall.

Ela se ajoelhou a cerca de um metro de distância e se arrastou, espiando-o por entre os pés de milho. As folhas emolduravam seu rosto como uma coroa de fadas. Ela parecia tão surpresa por vê-lo quanto ele por vê-la. Seus lábios rosa-escuros se abriram e ela levou o dedo a eles — *fique quieto*, diziam. Ela era real?

Seth abriu a boca para dizer-lhe que saísse dali, que se salvasse, corresse, por favor, mas os olhos dela se ergueram para o rosto de Jacob e eles se estreitaram com um ódio focado como um *laser*.

Deus, ele amava aquela garota.

Waverly levantou uma arma, apertou um botão ao lado do cano e a apontou para a cintura de Jacob. Seth só pôde assistir enquanto engatilhava a arma.

Um nítido clique metálico estalou no ar como um chicote.

Jacob Pauley de um pulo de surpresa.

— Sua vadia! — Disse ele, assim que ela puxou o gatilho.

A bala explodiu, silenciando até os anjos. Seth ouviu gritos, mas estavam distantes, longe demais para ajudar.

Jacob caiu de joelhos a poucos centímetros do rosto de Seth. O dispositivo que ele segurava caiu sobre a barriga de Seth. Ele assistiu, impotente, enquanto os dedos sangrentos de Jacob davam um tapa na arma, arrancando-a das mãos de Waverly. Ouviu-a aterrissar em algum lugar para a esquerda, longe demais para salvá-la.

— Eu vou matar você — rosnou Jacob, gorgolejando.

*Corra*, pediu Seth; ou só pensou? Mas os olhos de Waverly estavam no dispositivo, que ainda estava sobre a barriga dele. Ela se inclinou para pegá-lo, mas o punho de Jacob voou para sua cabeça, socando-a na têmpora. O golpe foi fraco, mas suficiente para que ela desabasse sobre as mãos e os joelhos. Os dedos sangrentos de Jacob se fecharam em torno do dispositivo de novo e seu polegar viscoso se movia desajeitado sobre o botãozinho vermelho na lateral.

Com a mão real, Seth pegou o polegar de Jacob e o puxou para trás. Estava escorregadio por causa do sangue, e o aparelho deslizou entre seus dedos novamente. Seth o pegou e, com a última gota de força,

atirou-o o mais longe que pôde. Ouviu-o pousar em algum lugar depois de seus pés, em direção ao palco.

Waverly havia se recuperado o suficiente para ver Seth jogar o dispositivo. Levantou-se de um pulo e gritou, acima das espigas de milho:

— Kieran! Kieran, corra! Saia de alcance!

Seth ouviu um baque e se voltou bem a tempo de ver Jacob pegar Waverly pelo ombro e empurrá-la para baixo. Ela caiu no chão, atordoada, com o rosto bem próximo ao de Seth. Jacob começou a engatinhar em direção ao dispositivo com uma mão sangrenta pressionada contra a barriga.

Seth abriu a boca para falar com Waverly, mas ela rolou para longe, fuçando em seu bolso com as duas mãos. Tirou dele um pequeno objeto retangular. *O que é isso?*, ele queria perguntar, mas de repente engasgou com o fluido que borbulhava em sua garganta. Ele virou a cabeça para cuspir, e viu quando Waverly desapareceu no milharal, esticando o pescoço em busca de Jacob. Seth desejou poder ajudá-la, protegê-la, qualquer coisa que fosse.

Mais uma vez, seu corpo dominou sua mente e seus pensamentos se dissiparam para as pontas de seus dedos formigando, suas pernas trêmulas, seu rosto entorpecido. *Um pouco mais de tempo!* Ele se esticou de novo para a luz acima. Pensou que, se pudesse fechar a mão fantasma em volta da luz, teria tempo suficiente para dizer adeus.

Ele ainda estava se esticando para a luz, começando a sentir seu calor, quando ela se apagou.

# CORRIDA

— Eu estava... — dizia Kieran ao microfone frio e inflexível contra seu lábio.

O dr. Carver havia acabado de anunciá-lo como primeira testemunha; de alguma forma, ele conseguira se levantar e encontrar sua voz.

— Eu estava no hangar. Eu vi tudo.

E ele fechou os olhos. Ginny o mataria agora. Ele esperou, pressionando o estômago contra o púlpito na esperança de que a madeira fraca pudesse proteger uma parte do público, mas sabendo que só se partiria em mil estilhaços. Cada músculo seu se preparou para a morte violenta, mas nada aconteceu.

Kieran procurou Felicity na multidão e encontrou seu cabelo brilhante bem no meio. Ao contrário das outras mulheres, ela não usava chapéu ou lenço na cabeça, deixando que a beleza de seu cabelo brilhasse sem pudor. Ele agradeceu silenciosamente a Deus por ela estar longe o suficiente, pois a explosão provavelmente não a atingiria. O noivo segurava a mão dela, possessivo, encarando Kieran.

Eles estavam esperando que ele falasse. Todo mundo. *Minhas últimas palavras*, percebeu.

— Eu não sabia o que dizer hoje — continuou Kieran, por fim, olhando para Felicity. Ele queria que seu rosto meigo e doce fosse a última coisa que visse. — Até recentemente, eu pensava nesta tripulação como inimiga. Mas, na verdade, não creio que seja o caso.

Uma criança chorou, e ele viu uma mulher no meio da plateia erguê-la para o ombro, acariciando suas costinhas, até que se acalmasse.

— Vocês atacaram a Empyrean porque acharam que nós os havíamos prejudicado, e talvez alguns de nós tenham feito isso. Coisas horríveis aconteceram naquele dia.

Kieran falava lembrando centenas de membros da tripulação da Empyrean girando em espiral pelo espaço. Mather queria que isso acontecesse? E importava, o que ela queria?

— Meu pai morreu naquele dia — prosseguiu Kieran, como se voltasse a se lembrar de algo há muito esquecido. — Eu vi acontecer.

Ninguém na plateia parecia respirar. O sorriso de Felicity mudou, e ela observava Kieran com olhar perscrutador. Todos o observavam totalmente absortos, e algo que seu pai disse uma vez tocou seus ouvidos: *A verdade é poderosa. E normalmente as pessoas dão ouvidos à verdade.*

— Eu amava meu pai — disse Kieran, com a garganta fechada. — Sinto falta dele todos os dias. Depois de perdê-lo, eu queria vingança pelo que aconteceu com ele. Mas, olhando para vocês, tudo que vejo são pessoas normais. Famílias. Vocês amam seus filhos. Abriram o coração e seus lares para nossos órfãos.

Não são vocês os malvados, e não posso culpá-los pelo que aconteceu.

Kieran se voltou para olhar para os anciãos da igreja sentados atrás, sobre um estrado; homens e mulheres idosos, responsáveis por cuidar destas pessoas. E Mather. Ela se sentava com os punhos sobre os joelhos, olhando para ele com cautela, sem saber o que Kieran estava fazendo.

Kieran olhou bem em seus frios olhos cinzentos e acrescentou:

— Eu culpo seus líderes pelo que aconteceu naquele dia. Eu culpo os anciãos da igreja, culpo Anne Mather, e vocês deveriam culpá-los também.

Kieran se preparou para o fim, mas o que aconteceu depois foi maravilhoso.

Felicity se levantou. Seu noivo tentou segurá-la, mas ela retraiu o cotovelo para fora de seu alcance e puxou algo de sob a túnica e o ergueu sobre a cabeça: um cartaz escrito com grossas letras pretas: ANNE MATHER DEVE DEIXAR O CARGO.

*Não*, Kieran queria dizer, mas estava muito chocado para falar. O que ela estava fazendo?

Ela foi apenas a primeira. Outros se levantaram. Primeiro, poucos; mas, depois, muitos; e eles erguiam cartazes e faixas acima da cabeça.

Alguns mostravam imagens do rosto de Waverly com a palavra VERDADE escrita embaixo em letras pretas e gordas. Alguns cartazes diziam MATHER = ASSASSINA. Outros diziam DEPONHAM MATHER ou DESTITUAM OS ANCIÃOS DA IGREJA.

O velho médico abriu a boca e olhou incrédulo para a multidão. Mather estava pálida, e sua cabeça balançava acima do pescoço.

Felicity sorriu para Kieran e começou a cantar sozinha. Ela possuía uma voz suave de soprano, afinada e simples, e determinada, apesar de um leve tremor de medo; entoava uma bela melodia antiga. Logo outras vozes se levantaram com a dela e sua canção encheu a sala imensa.

*Dona nobis pacem*, cantavam sem parar. Kieran sabia o simples significado dessas palavras em latim: *Que Deus nos dê paz*.

Kieran olhou em volta. Anne Mather estava sentada perfeitamente imóvel, olhando para a multidão, incrédula. Os guardas armados atrás dela estavam estarecidos. Um deles, um homem atarracado de rosto amável, depositou a arma a seus pés, como se quisesse fazer isso havia um longo tempo.

— Obrigado — sussurrou Kieran ao microfone, e ergueu as mãos para o teto e clamou aos céus. — Obrigado!

Então, afastou-se do púlpito em direção a Mather e os anciãos. Que sejam eles a morrer.

De repente, a música foi trespassada por um estalo. Algumas pessoas no fundo gritaram, alarmadas. Kieran demorou um momento para perceber que havia ouvido o som de um tiro. A música parou. Maridos protegiam as esposas, mulheres dobravam o corpo sobre os bebês. Todos ficaram em silêncio enquanto esperavam e observavam, com medo, e então...

— Kieran!

Uma voz frenética rompeu o silêncio. Kieran olhou para cima, assustado.

— Kieran, corra! — Alguém gritou.

Ele procurou no público. As pessoas viravam a cabeça, meio levantadas. Lá no fundo, Kieran viu a cabeça castanha de Waverly surgir acima das espigas de milho.

— Saia do alcance — gritou ela, e então se escondeu de novo.

Ele olhou fixamente para onde Waverly aparecera. Um piscar de olhos... Dois... E Kieran girou nos calcanhares e correu para a porta mais próxima. Ele estava no corredor, correndo cegamente, sem ter certeza de onde estava indo, quando ouviu alguém atrás de si.

— Pare ou atiro! — Gritou um homem.

Kieran conhecia aquele vozeirão. Era o guarda grandão, aquele com a insígnia de pomba, e ele ouvia seus passos se aproximando.

Kieran sabia que deveria ser capaz de correr mais do que um homem daquela idade, mas seu coração já estava se esforçando demais, e ele não conseguia controlar a respiração. Ele inspirou grandes bocados de ar, enchendo os pulmões, e expirou novamente, mas não bastou. Suas pernas doíam e seus braços estavam frouxos. Os passos pesados do guarda iam direto para ele. De alguma forma, Kieran encontrou mais um pouco de velocidade e se forçou adiante, dirigindo-se à escada central.

De repente, as luzes piscaram e o corredor caiu em uma escuridão impenetrável.

Kieran ouviu o homem atrás gritar com surpresa ao cair com um baque. Kieran corria colado à parede, sentindo-a com as pontas dos dedos da mão direita. Ele passou por uma porta, duas, três... E quando seus dedos tocaram o ar, Kieran soube que havia chegado ao canto do corredor. Ele o contornou, ainda correndo, ignorando o chiado de seus pulmões.

Seus olhos doíam com o esforço de enxergar na escuridão absoluta. Ele ouviu mais vozes atrás de si e acelerou, mas não se atreveu a correr plenamente com medo de cair. Em vez disso, concentrou-se no silêncio, pisando com cuidado pelo corredor, obrigando-se a imaginar onde estava.

Quando sentiu o metal irregular da porta da escada, empurrou-a para abrir e caminhou até ela, lamentando cada som que seus sapatos faziam. Quando chegou ao nível do compartimento de transporte, pegou o corredor e virou à esquerda, correndo tão rápido quanto ousava.

Agora ele caminhava com as mãos estendidas à frente, tateando a escuridão, até que por fim tocou o vidro frio das portas do hangar. Eles se abriram com o som sibilante do sistema hidráulico e Kieran entrou no vasto hangar tateando o ar, esforçando-se ao máximo para andar em linha reta. Estava agora onde não havia nenhuma parede para tocar, e ele apertou os olhos instintivamente. Seus passos ecoaram contra distantes paredes de metal. A sala soava grande.

Ele parou no meio do caminho e bateu o pé. O eco se expandiu à sua esquerda, mas à direita o som foi abafado. Ele devia estar ao lado de um ônibus espacial.

Erguendo as mãos acima da cabeça, caminhou até que as pontas de seus dedos roçaram o ventre frio de

um ônibus espacial. Ele sentiu o cheiro rústico de lubrificante hidráulico. *Estou bem debaixo da dobradiça da porta de carga.*

Com as pontas dos dedos, traçou a junção da porta, cobrindo cada centímetro com as palmas das mãos até que seu polegar tocou o revestimento do botão de liberação. Ele afastou o escudo protetor, apertou o botão, e de repente a sala se inundou de luz, enquanto a rampa baixava até o chão.

*Se antes eles não sabiam onde eu estava...*, pensou, enquanto corria até a rampa do ônibus e apertava o botão para fechá-la atrás de si.

Agora, se Ginny o detonasse, pelo menos a explosão ficaria contida dentro do casco da nave e outras vidas não seriam perdidas.

Kieran pestanejou na luz azul pálida, ao correr até a escada em espiral que levava à cabine, onde se jogou no painel de controle. Imediatamente uma voz de mulher disse:

— Ônibus espacial B-11, identifique-se.

Ele colocou os fones de ouvido enquanto se acomodava na cadeira do piloto.

— Aqui é Kieran Alden. Você precisa evacuar a sala da creche. Os Pauley plantaram uma bomba ali.

— Como?

— Tire as crianças da sala de aula antes que os Pauley as explodam! — Gritou Kieran.

— Espere — disse a pessoa, como se não acreditasse nele.

Houve uma longa pausa. Kieran acionou os motores e soltou as amarras que o prendiam ao solo. Seu assento se levantou. Por que estava demorando tanto?

— Kieran? — Era a voz de Anne Mather.

Ela devia ter se conectado remotamente, porque ele podia ouvir o murmúrio do público em segundo plano.

— Qual é a situação? — Perguntou ela.

— Há uma bomba na creche. Você precisa tirar as crianças de lá agora!

— Espere, Kieran — disse Mather, e no fundo ele escutava suas ordens para evacuar a sala de aula imediatamente, antes que ela voltasse: — Como você sabe disso?

Kieran tentou explicar o mais rápido que podia, mas teve de repetir várias vezes até que ela acreditasse. Por fim, ele gritou:

— Você precisa me deixar tirar este ônibus da nave para eu ficar fora de alcance!

— Kieran, eu não posso simplesmente deixar que você leve um dos nossos ônibus.

— Bem, então você me matou.

Ele riu histericamente. Ele sentia o duro caroço de explosivos em seu estômago. A pele de seus braços e pernas parecia tentar se esvaír para se proteger.

Houve um longo silêncio, e então a voz de Mather voltou.

— Tudo bem — autorizou ela, parecendo derrotada. — Deixe-o ir.

— O quê? — Indignou-se o homem. — Ele poderia nos abalroar!

— Ele não vai nos abalroar — disse Mather, imitando-o jocosamente. — Vai, Kieran?

— Não!

— Deixe-o ir.

Kieran levou o ônibus para a câmara de ar comprimido e prendeu a respiração quando as enormes portas se fecharam atrás de si. A seguir, esperou durante o que pareceu uma eternidade até que as portas externas se abriram. Ele empurrou o manche para a frente e o ônibus espacial avançou para fora da New Horizon. Quando estava em segurança fora da câmara de ar comprimido, acelerou e viu na tela retrovisora a New Horizon encolher.

Ele respirou profundamente uma vez... Duas... E de repente estava chorando com o rosto nas mãos, histericamente engolindo ar e tremendo, sentindo as pernas, braços e dedos vivos com a eletricidade do alívio infinito.

— Kieran? — Era Mather chamando. — Acabei de falar com nossos médicos. Você consegue... Expelir os explosivos?

Ele balançou a cabeça.

— Vou tentar.

Ele acionou o sistema de navegação automática, prendeu-se em seu assento, ajeitou um saco em volta dos lábios e enfiou o dedo na garganta. Ele vomitou diversas vezes até que devolveu o café da manhã, a seguir os fluidos, até que por fim os balões começaram a sair, um por um. Ele ignorou a crescente dor no estômago, ignorou a queimadura horrível na garganta, até que o último balão saiu, todos os doze.

O detonador ainda estava lá; ele podia senti-lo preso ali dentro, rasgando suas entranhas. Era muito irregular e grande para passar de volta por seu esôfago. Quando já não tinha mais forças para continuar tentando, voltou para a cabine, onde pegou o fone de ouvido.

— Alô?

— Sim, Kieran — respondeu Mather.

— Eu vomitei todos os explosivos — contou ele, sentindo o coração fraco e a cabeça flutuando por causa do esforço —, mas não o detonador. É muito grande.

— Isso já é um progresso, Kieran.

— Devo voltar?

— Não até que encontremos os Pauley. Eles não podem explodi-lo, mas, se acionarem o detonador, podem romper seus órgãos. Uma das nossas médicas está aqui comigo e disse para você beber muita água. Pode ajudar a movimentar o detonador.

— Tudo bem.

A voz de Mather soava baixa em seus ouvidos.

— Nós vamos encontrá-los, Kieran — disse Mather, tranquilizando-o, antes de desligar.

Ele desligou o fone de ouvido antes de responder:

— Vá para o inferno.

Uma luz vermelha no painel de controle no assento do copiloto lhe chamou a atenção. A tela piscava as palavras *Sinal fechado*.

Ele pressionou a opção para mais informações e não pôde acreditar em seus olhos. Alguém chamava da *Empyrean* por um canal criptografado. Ele se sentou na cadeira copiloto e autorizou o sinal.

— Alô? — Perguntou ele.

— Kieran?

Ele conhecia aquela voz.

— Arthur? — Sussurrou.

As luzes do painel de controle assumiram uma qualidade de outro mundo, e ele baixou a cabeça para sua mão.

— Eu pensei que você estivesse...

— Pode chegar à *Empyrean*?

— A *Empyrean* está morta — disse Kieran, estupidamente.

— Sarek e eu estamos nela, Kieran. Ela não está morta.

Kieran não conseguia se mexer nem falar. Ambos estavam vivos? Seus amigos mais queridos, mais verdadeiros, estavam vivos!

— Alô, Kieran? Você consegue encontrar o caminho até nós?

Kieran balançou a cabeça para limpá-la, acionou os sensores de longo alcance e encontrou a forma sombria da *Empyrean* se movendo em um curso paralelo à *New Horizon*.

— Acho que consigo.

— Vá ao hangar a bombordo. Vou desligar para que eles não nos ouçam.

— Está bem — respondeu Kieran, pasmo.

Kieran ficou sentado no assento do copiloto olhando incrédulo para as luzes azuis e vermelhas à sua frente. Vinte minutos antes, ele tinha certeza de sua morte iminente, mas afinal estava vivo, sentado em um ônibus espacial, prestes a ir para casa e ver seus amigos mais queridos.

Arthur e Sarek estavam vivos!

Kieran desativou o sistema de comunicação para não ser incomodado por Anne Mather novamente, segurou o manche e virou o ônibus espacial na direção de casa.

# FIM

— Seth — sussurrou Waverly, na escuridão.

Poucos momentos antes ela havia apagado todas as luzes com o *palmtop* de Jared. Ela conseguia ouvir Jacob praguejando enquanto apalpava o chão procurando o detonador.

— Seth? — Ela chamou de novo, na escuridão.

Sua mão roçou um pé e ela tateou no escuro até que pôde sentir os lábios dele.

Ela esperou... Esperou... Prendendo a respiração... *Por favor por favor por favor...*

Um pequeno sopro de ar exalado aqueceu seus dedos.

— Sua vadia! — Ouviu ela, atrás de si.

Jacob voltara de onde Seth havia jogado o dispositivo. Waverly puxou o braço de Seth, tentando levantá-lo, mas ele era muito pesado.

— Eu vou pegar você — rosnou Jacob.

Ela o ouvia cambalear pelos pés de milho, ofegando e gorgolejando. Sua barriga havia explodido em faixas de sangue quando ela atirara nele. Ela esperava que ele desabasse ali mesmo, mas não, e ela não tinha ideia de onde estava a arma.

— Corra — ela escutou alguém sussurrar, abaixo.

— Seth!

— Ele acha que eu sou amigo dele — sussurrou Seth.

Ela beijou sua bochecha, seu olho, sua orelha.

— Ele não vai me machucar.

— Eu não posso deixá-lo aqui!

— Ele não vai me machucar — insistiu Seth. — Vá!

— Não!

— Vá buscar ajuda — ele ofegou.

Ela sentiu a mão de Jacob perto de seu tornozelo.

— Eu vou matar você — disse o homem.

Ela chutou a mão, levantou-se e correu cegamente através do milho, sem ideia de para onde estava indo ou do que deveria fazer.

*Salve Seth. Ajude Seth.*

Por algum milagre, ela ainda segurava o *palmtop* na mão, e decidiu se arriscar usando a tela como fonte

de luz. Seu brilho escasso revelava apenas a vizinhança imediata, mas foi o suficiente para evitar que caísse. Ela apontava para o chão enquanto seguia uma fileira de pés de milho.

Depois de longos e aterrorizantes momentos, ela encontrou a parede, então virou à esquerda e seguiu-a até chegar à porta por onde ela e Serafina haviam entrado. Ela quase tropeçou no corpo do guarda morto, e se agachou sobre ele para pegar o *walkie-talkie* pendurado em seu cinto.

— Alô? — Chamou ela, no *walkie-talkie*. — Há alguém aí?

— Quem é? — Perguntou uma voz áspera.

— Aqui é Waverly Marshall. Preciso de ajuda. Seth... Ele está doente e ferido e Jacob Pauley está com ele. Por favor.

Ela soava como uma menininha, e pela primeira vez em muito tempo sentiu-se exatamente assim: como se fosse uma criança que precisava de um adulto.

— Onde você está?

— Eu estou em uma porta a bombordo do celeiro. O guarda está morto. Acho que Jacob o matou. Por favor, Seth precisa de ajuda.

— Há uma equipe de segurança a caminho — informou a voz.

— Tudo bem.

Waverly escondeu o rosto nas mãos. Ela não podia continuar assim. Nada mais de intrigas. Nada mais de vingança. Ela queria segurança. Havia tido segurança uma vez, mas na época não a notara. *Não era real, de qualquer maneira*, disse a si mesma. *Eu só pensei que estava segura, mas durante todos esses anos Anne Mather e o doutor estavam fazendo seus planos, montando suas armadilhas.*

Cones de luz se derramaram na escuridão à sua frente e ela ouviu os passos pesados dos homens. Ergueu as mãos para mostrar que estava desarmada.

— Por favor, precisamos ajudar Seth.

— Onde ele está? — Perguntou um dos homens, dando um passo à frente.

Waverly não conseguia vê-lo, mas ele tinha uma voz profunda e de alguma forma suave, e ela deu um passo em direção a ele.

— Jacob Pauley está com ele no milharal.

Um dos homens a agarrou bruscamente pelo cotovelo.

— Pode nos levar a eles?

— Acho que sim — disse ela.

Um dos homens pegou o *palmtop* de Jared de suas mãos. Olhou para ela com desconfiança.

— O que é isso?

— É uma espécie de computador. Pertence a Jared Carver.

Os olhos do homem desceram para o homem morto no chão e ele gritou:

— Quem matou Robert?

— Acho que foi Jacob — respondeu Waverly, piscando contra a lanterna.

Ela estava cercada por homens, agora; pelo menos cinco.

— Por favor, Seth está muito doente.

— Mostre-nos onde — comandou o atarracado de voz profunda.

Ele a pegou pelo braço e caminhou com ela. Seu aperto era firme, mas delicado. Ele parecia mais gentil do que o resto, e ela depositou suas esperanças nele.

— No milharal — sussurrou ela. — A estibordo.

— Eu disse à pastora para arrasar esse campo — ela ouviu alguém falar atrás —, mas ela queria que as coisas permanecessem normais.

— Todas as armas foram contabilizadas — acrescentou outro homem. — Pensamos que não haveria problema.

— Eles não estão usando armas — sibilou Waverly, perdendo a paciência. — Os Pauley fizeram Kieran engolir explosivos.

— Como você sabe disso? — Perguntou um deles, alarmado.

— Eu explico depois. Agora Jacob está procurando o detonador no milharal, e nós temos de detê-lo antes que o encontre!

Isso fez que se mexessem. Um dos homens ficou para trás para emitir ordens de evacuação para o público. Waverly conseguia ouvir as vozes abafadas da multidão, esperando que a luz voltasse. Dois dos homens foram na frente iluminando os pés de milho com as lanternas, parando a cada poucos metros para olhar para trás e ver Waverly. Ela os direcionou a Seth seguindo os talos quebrados que deixara para trás ao correr de Jacob.

Quando estavam chegando perto, ela sussurrou:

— É melhor desligar as luzes — ela se agachou, e os quatro homens fizeram o mesmo. — Ele pode ter uma arma — Waverly sussurrou para o homem à sua direita.

Eles se moviam com mais cautela agora, mas seus passos através dos pés de milho faziam muito barulho. Ela esperava que os sons da plateia sendo retirada do celeiro encobrisse o barulho que eles estavam fazendo.

Se Jacob tivesse encontrado a arma...

Um dos homens à sua esquerda gritou:

— Há alguém aqui!

— Onde? — Perguntou o homem que segurava o braço dela.

— Eu pisei nele.

A lanterna do homem se acendeu e ele apontou o foco de luz para o chão, mas Waverly não conseguia enxergar o que ele estava vendo.

— Ele está morto.

Waverly caiu de joelhos.

— Não!

— Estou aqui — alguém sussurrou, a alguns centímetros de seu joelho direito.

Ela se arrastou em direção a ele e sentiu a testa úmida de Seth, ouviu sua respiração forçada. Waverly encostou a testa na dele e chorou.

— Jacob Pauley — informou um dos guardas, e chutou o braço do homem morto.

Os olhos arregalados de Jacob não se moveram nas órbitas quando sua cabeça balançou no chão. Waverly se encolheu. Ele era um bruto. Um estúpido. Cruel. Ela estava feliz por ele estar morto, mas simplesmente não conseguia encarar o cadáver.

— Comando Central... Precisamos de uma equipe médica no celeiro a bombordo imediatamente — disse um dos homens em um *walkie-talkie*.

Ele se ajoelhou diante de Seth e tocou sua testa.

— Febre alta — lamentou ele, balançando a cabeça.

— Don — sussurrou Seth.

Os outros homens fizeram uma pausa e todos olhavam para o homem atarracado.

— Como ele conhece você? — Questionou um deles, bruscamente.

— Eu lhe levei algumas refeições na cela.

Ele estava mentindo. Waverly podia ver porque seus olhos não se moviam enquanto ele olhava para o rosto do outro guarda.

— Nós localizamos Kieran Alden — Waverly ouviu em um *walkie-talkie*. — Ele está em um ônibus espacial no momento.

— Entendido — respondeu um dos homens.

Waverly estava feliz por Kieran estar seguro, mas estava apavorada observando o rosto de Seth enquanto ele lutava para respirar. Seus lábios estavam retraídos para longe dos dentes e formavam uma careta contraída de dor, e ela escutava os fluidos em sua garganta. Waverly pegou a mão dele, apertou-a e ficou aliviada ao ver que ele tinha força suficiente para apertar a sua também, mesmo que debilmente. Ele esfregou os dedos dela com o polegar, para trás e para a frente.

Ela descansou a testa na dele e sussurrou:

— Eu amo você.

Ela prendeu a respiração até que ele murmurou de volta:

— Eu queria ter dito primeiro.

Ela sorriu. No meio de tudo isso, ele a tinha feito sorrir.

Logo duas pessoas atravessavam o milharal carregando uma maca. Ela observou enquanto eles deslizavam a maca por baixo de Seth e o amarravam nela. Ela começou a segui-los de volta quando sentiu uma mão segurando-a pelo cotovelo. Ela se voltou e viu Don pestanejando, como se se

desculpasse.

— Precisamos lhe fazer algumas perguntas.

De repente, as luzes voltaram. Apertando os olhos, Waverly olhou em volta para se orientar. Ela mal podia ver acima dos pés de milho. Mather estava no palco ao lado de um grupo de guardas, que desviaram a cabeça das luzes brilhantes enquanto as últimas pessoas saíam do celeiro.

Waverly engasgou. Uma forma escura subiu no palco logo atrás de Mather. A forma se desenrolou como uma cobra; uma mão se estendeu como uma garra.

— Cuidado! — Gritou Waverly.

Ginny Pauley abriu fogo antes que alguém pudesse reagir. Ela atirou nas costas de Anne Mather uma, duas, três vezes.

Mather se sentou no palco quase como se essa fosse sua intenção. Os guardas ao seu redor começaram a correr, gritando e procurando suas armas. Ginny virou a arma para os homens que estavam em pé com Mather e atirou em um por um; uma única bala para cada um deles.

Waverly correu atrás dos guardas em direção ao palco; sua visão estremecia a cada passo. Ela agia sem pensar, sem sentir, não sabia por que os seguia. Eles saíram do limite do milharal e agora estavam à vista daquela mulher louca, assassina, transtornada.

Ginny se apoiou em um joelho com a arma apontada para Waverly.

Waverly sentiu braços em volta de sua cintura e caiu no chão. Um corpo pesado caiu em cima dela, e ela ouviu a voz profunda de um homem em seu ouvido.

— Fique abaixada.

Waverly balançou a cabeça, e ele se arrastou em direção ao palco. Ela observou por entre as cadeiras quando quatro homens abriram fogo contra Ginny, que caiu de joelhos, escondendo a cabeça atrás de seus antebraços esticados, e seu corpo se retorceu em um espasmo grotesco. O ar explodiu com tantos tiros que Waverly não poderia contar as balas.

E então... Silêncio.

Na calma que se seguiu, Waverly ouviu gemidos agonizantes.

Quatro homens estavam em pé em volta de Ginny, olhando para ela enquanto um quinto homem despojava seu corpo das armas que ela carregava: facas, um facão, um cassetete e um revólver.

Era a arma de Jared, que Waverly havia levado até ali.

Don voltou para Waverly, aflito, com gotas de suor na testa e na ponta do nariz. Ele enxugou a testa com o braço.

— Você está bem? — Perguntou ele.

Waverly assentiu.

— E Mather? — Indagou ela.

— Nada bem.

Ele pegou o braço de Waverly para ajudá-la a se levantar. Ela se sentiu instável ao ir para o palco; suas pernas se moviam automaticamente. Quando engoliu, sentiu a boca seca e com gosto de sujeira.

Os gemidos ficaram mais altos — não havia sido Ginny a choramingar, afinal. Quando Waverly olhou para o palco, viu um par de pernas se retorcendo em agonia. Ela diminuiu o passo, mas o guarda a levou adiante.

— Eu não quero ver — sussurrou ela.

— Ela quer falar com você.

— Não — disse Waverly baixinho, mas se deixou empurrar.

Tantas vezes ela se imaginara matando Anne Mather. Sonhara com isso muitas vezes, sonhos sanguinários que a faziam acordar perturbada e satisfeita, horrorizada e ansiosa.

Mas agora ela estava vendo: uma mulher desarmada morta a tiros. Não importa que a vítima fosse Anne Mather, a arquiteta de todas as perdas de Waverly, de sua dor, sua transformação em uma criatura de coração escuro. O ato em si fora a coisa mais feia que Waverly já havia visto, e ela estava feliz agora por não ter sido ela a puxar o gatilho.

— Tom — gemeu Mather.

— Thomas — chamou um dos guardas, em seu *walkie-talkie*. — É melhor você vir para cá agora. Depressa.

Eles estavam quase no palco, perto o suficiente para que Waverly pudesse ver uma poça de sangue se espalhando debaixo de Mather, enquanto ela jazia de costas, olhando para as luzes com aqueles olhos cinzentos, engolindo o sangue que subia à sua boca.

— Wave... — sussurrou Mather, gemendo, e fechou os olhos.

— *Shhh!* — disse Waverly.

Ela se ajoelhou e pegou a mão de Anne Mather.

— Eu queria... — começou Mather, suavemente, parecendo não ter controle sobre a própria respiração e tendo de pronunciar as palavras no intervalo de cada torturante expiração — Dizer... Que... Sinto... Muito.

Waverly olhou para as próprias mãos em torno dos dedos mortalmente frios de Mather. Sua maior inimiga, a mulher que ela havia planejado arruinar com suas mentiras, cuja morte ela ardentemente desejara... Por que estava segurando a mão dela?

— Eu fiz... — Mather ofegava entre as palavras, fazendo uma careta de dor — Tantas coisas.

Ela inspirou bruscamente e, a seguir, tossiu. Ao expectorar com força, fez jorrar sangue espumoso de um buraco no peito.

— Eu provoquei — Mather sussurrou — isso... Eu mesma.

Waverly só conseguia olhar para ela. Estava sem palavras.

As pesadas portas de metal atrás de Waverly se abriram e o guarda chamado Thomas ficou ali com uma

expressão de choque.

— Não — sussurrou ele, e cambaleou para o palco.

Ele caiu de joelhos ao lado de Waverly, e então se inclinou sobre Mather e afastou seu cabelo da testa:

— Annie — disse ele, com um gemido. — Eu deveria ter ficado! Eu deveria saber!

Ela sorriu para ele.

— Não, querido. Não.

O guarda grande e assustador se abaixou e beijou Mather com ternura. A testa, a sobrancelha, o canto de sua boca ensanguentada.

— Fique — ele implorou.

A pastora abriu a boca para falar, mas tossiu de novo, e de repente Waverly foi levantada, dobrando-se ao meio quando uma equipe médica a empurrou para fora do caminho e se inclinou sobre Mather, encaixando uma máscara em seu rosto, estancando o sangramento com montes de gaze. Thomas se recusou a soltar sua mão e observava seu rosto com uma atenção minuciosa, enquanto a equipe médica trocava comentários em terminologia enigmática, descrevendo o que estava acontecendo com o corpo de Anne Mather. Waverly não precisava entender as palavras para saber que ela estava morrendo da maneira mais horrível.

A cor desapareceu do rosto de Mather, seus lábios ficaram azuis, seus olhos rolaram para dentro das órbitas. Waverly baixou o olhar quando Thomas, o mais feroz protetor da pastora, chorou sobre ela, beijando-lhe a testa, massageando sua mão, com os joelhos tremendo.

Waverly se virou. Todos fizeram o mesmo para deixar que Thomas passasse os últimos momentos a sós com ela.

Além do mais, a mulher não estava mais lá e não havia mais nada para olhar.

# O PRESENTE

Na enfermaria, uma equipe médica colocou uma máscara no rosto de Seth e ele respirou oxigênio puro. Logo sua cabeça clareou e a sensação de pânico diminuiu. Nan, a enfermeira que salvara sua vida, estava na cama ao lado da dele. Ele não podia acreditar que ainda estava viva.

Ela se voltou para ele, parecendo sonolenta. Sua pele estava pálida, os lábios rachados e esbranquiçados. Tubos transparentes saíam de suas narinas. Ela ergueu as sobrancelhas quando seus lábios formaram as palavras:

— Como está se sentindo?

Ele não conseguia falar com a máscara no rosto; só podia revirar os olhos. Ela balançou a cabeça, compreendendo, e ele se sentiu um pouco menos solitário. Outra pessoa estava sofrendo, alguém que se preocupava com o que acontecera a ele.

Ele fez um sinal para a médica, a mulher idosa com um coque de cabelos grisalhos na nuca. Ele mal conseguia sussurrar:

— Como ela está?

A médica se voltou para a enfermeira e perguntou:

— Posso lhe dizer seu estado?

A enfermeira assentiu uma vez.

— A faca a acertou entre a escápula e a coluna vertebral. A lâmina cortou um pulmão, mas a maioria dos danos é ortopédica.

A médica olhou para Seth com carinho e ele olhou de volta para as altas maçãs do rosto dela e sua expressão inteligente, pensando que deveria ter sido bonita quando jovem.

— Você não quer saber sobre seu próprio estado?

— Eu estou morrendo — murmurou ele.

— Espero que não — respondeu a médica, com um tom muito sério. — Você chegou perto. Mas o oxigênio está ajudando a estabilizar seu corpo. Voltamos com os remédios e estamos observando.

— E Waverly?

A médica balançou a cabeça.

— Nós vamos tentar encontrá-la, certo?

Ele balançou a cabeça e adormeceu imediatamente.

Quando Seth abriu os olhos, as luzes haviam voltado. Nan parecia muito cansada; seu peito estava

enrolado com camadas de gaze branca, mas quando ele se virou para ela, Nan se animou.

— Você parece melhor — comentou ela, suavemente.

Ele sorriu.

Um homem alto e magro apareceu com uma bandeja com frutas cortadas e uma tigela de caldo. Ele conseguiu beber o caldo por um canudo e se sentiu bem quando encheu a barriga de calor. A fruta era rosada, macia e doce. Ele não conseguiu identificar o que era, mas degustou-a aquecendo-a na língua antes de engolir pedaço por pedaço. No final da refeição, estava esgotado.

— E Waverly? — Perguntou ele ao homem magro.

— Vou fazer uma ligação.

O homem saiu da linha de visão de Seth, mas ele conseguia ouvir seu lado da conversa.

— Estou com um jovem muito doente aqui chamando por Waverly Marshall... Ela tem 16 anos de idade, que grande ameaça poderia ser? Os pacientes melhoram mais rápido quando a família está por perto... Ela é a pessoa mais próxima que ele tem..

Seth fechou os olhos novamente e, quando os abriu, estava olhando para Waverly. Lágrimas deslizavam por suas faces macias e os cantos de seus lábios se voltaram para cima em um sorriso. Ele imediatamente se sentiu melhor.

— Olá — sussurrou ela, e ele sentiu os dedos dela passando em seu cabelo, ajeitando-o, desfazendo os nós, tirando-o de sua testa.

Seu toque relaxou músculos que ele nem sabia que estavam tensos, ajudou seu sangue a correr pelas veias, acalmou os impulsos nervosos que lhe diziam que ainda estava com dor, ainda doente, ainda em perigo.

— Você vai ficar bem — sussurrou ela.

Ele sabia que ela estava mentindo, que eles lhe haviam dito a verdade. Sabia, pela sombra de terror nos olhos dela, que ela tentava encobrir com um sorriso. Ele a amava por isso, porque estava sendo corajosa, valente, e tentava ajudá-lo a ser também.

— Onde você estava? — Perguntou ele.

— Eles tinham um monte de perguntas — respondeu ela, evasiva.

— Você está em apuros?

— Tudo o que pude fazer foi dizer a verdade — disse ela. — Até agora, eles não conseguiram encontrar nada de errado com a minha história.

Seth sentiu uma presença do outro lado da cama e se voltou. Encontrou Don parado ali.

— Eu tentei voltar ao laboratório para vê-lo. Eu sabia que você estava doente.

Don passou a mão robusta pelo rosto. Parecia que não dormia havia dias e que não se barbeava havia muito mais tempo do que isso.

— Eu não podia correr o risco de levá-los até você.

— Está tudo bem — disse Seth.

Ele já estava se sentindo cansado de conversar, mas havia algo que precisava dizer a Waverly antes de adormecer, porque tinha medo de não acordar. Ele queria muito tocar seu rosto, acariciar seu cabelo, mas estava muito fraco para levantar o braço.

— Ouça — disse a ela.

Don se levantou para deixá-los sozinhos, e Seth se sentiu grato por isso.

— Eu não quero que você fique sozinha — continuou.

Ela contorceu o rosto.

— Eu tenho você.

— Talvez não — respondeu ele, antes de ter de lutar para respirar.

Waverly parecia ter perdido a capacidade de sorrir. Ela acariciou seu cabelo em um ritmo frenético. Quando conseguiu falar novamente, ele prosseguiu:

— Eu quero que você tenha uma família.

Ela balançou a cabeça em uma negação desesperada e desviou o olhar.

— As crianças que foram feitas de você — disse ele.

Ela não olhou para Seth, mas ele sabia que ela estava ouvindo.

— Eu vi uma. Ela é... Ela é tão bonita.

Então Waverly olhou para ele. Ele viu uma dureza nela que sabia que provavelmente nunca desapareceria completamente, mas ela estava com ele, ouvindo.

— Kieran é um bom rapaz — retomou ele. — Ele ama você.

Os grandes olhos castanhos dela observaram o rosto dele como se tentassem adivinhar algum motivo.

— Ele gosta de outra pessoa agora — respondeu ela.

— Ele vai proteger você.

— Seth...

— Este lugar é perigoso.

Ela tentou colocar os dedos sobre os lábios dele, mas ele falou mesmo assim:

— Se você estiver casada e grávida, eles... — Ele parou para recuperar o fôlego, e então forçou as palavras —, eles vão deixá-la viver. Pelo bebê.

— Sem você? — Choramingou ela. — Eu não posso...

Ela deitou a cabeça no colchão segurando a mão dele, massageando-lhe os dedos, amassando-os, beijando-os.

Quando ele teve forças, apertou a mão dela.

— Eu preciso saber que você vai ficar bem.

As feições dela endureceram:

— Então, viva.

# O REENCONTRO

O ônibus espacial de Kieran chegou à Empyrean em um hangar escuro e vazio. Ele esperava que Arthur fosse encontrá-lo, mas não havia ninguém. Confuso, Kieran desceu a rampa do ônibus pressionando o ventre dolorido. Ele esperava alívio agora que havia expelido os explosivos, mas o detonador continuava dentro dele, em algum lugar profundo, e parecia um pedaço de vidro quebrado.

Ele ignorou a dor e olhou em volta. O compartimento estava completamente escuro, exceto pela luz de um único OneMan pendurado perto das portas da câmara de ar comprimido.

— Kieran.

Parecia a voz de Arthur, muito suave e distante, vinda do OneMan. Kieran se aproximou, curvado, segurando o estômago com a mão.

— Você está aí?

Kieran se inclinou para o capacete para falar no fone de ouvido.

— Estou aqui.

— Vá para escada a bombordo e desça.

— Tudo bem.

Kieran atravessou mancando o hangar entre fileiras de ônibus espaciais. Conseguiu chegar à escada e começou a descer os degraus de metal frio apoiando-se com força no corrimão. A nave estava fria, muito fria, mas o ar estava bom. Ele sentia o cheiro de pólen da floresta tropical enquanto descia a escada, e foi um enorme alívio. Os pulmões da nave ainda estavam intactos.

Ele ouviu passos abaixo, e a seguir viu uma longa sombra subindo a parede da escada. De uma curva, Arthur apareceu. Seu rosto se abriu em um imenso sorriso; ele correu pelo resto dos degraus e abraçou Kieran firmemente. Kieran estremeceu e Arthur se afastou.

— Você está bem?

— Não sei bem o que responder — disse Kieran.

— Ouvi você dizer que Jacob Pauley fez você engolir explosivos — comentou Arthur.

— Como conseguiram captar essa transmissão?

Arthur sorriu.

— Estamos sempre escutando.

— Eu vomitei os explosivos. Agora só o detonador está dentro de mim.

— Então, você está seguro?

— Pelo menos não vou explodir.

Os dois garotos desceram mais três lances, tempo suficiente para dar um ao outro uma descrição geral do que estava acontecendo. Quando Arthur abriu a porta para o nível de habitação, sorriu.

— Eu tenho uma notícia muito interessante, mas, primeiro... — Arthur fez uma pausa, parecendo quase ter medo de perguntar — Você viu meu pai?

Kieran tocou o ombro do amigo.

— Eu vi seu pai na prisão quando estive lá da primeira vez.

Arthur fechou os olhos e sorriu.

Uma cãibra se apoderou de Kieran e ele se dobrou.

Arthur o pegou pelo braço para segurá-lo.

— Achei que você havia dito que vomitou os explosivos.

— Mas não o detonador — grunhiu Kieran. — Ele ainda está dentro de mim.

— Talvez possamos tirá-lo. Vamos perguntar a Tobin.

Kieran se apoiou na parede do corredor.

— Tobin está vivo?

— Sim — confirmou Arthur, e inclinou a cabeça. — Eles pensam que estamos mortos?

— Eles me falaram que estavam.

— Eu receava isso.

Kieran estremeceu com outro espasmo de dor e puxou o braço de Arthur.

— Vamos lá — disse Arthur —, vamos encontrar Tobin.

Apoiando-se na parede, Kieran seguiu seu amigo da escada para o corredor frio. Arthur bateu na porta e entrou em um apartamento sem esperar resposta. Kieran o seguiu a uma sala de estar que havia sido transformada em um hospital improvisado. Havia quatro leitos, cada um encostado em uma parede, todos ocupados por um adulto doente. Victoria Hand era a única consciente. Ela sorriu debilmente para Kieran e levantou dois dedos.

— Tobin — chamou Arthur, e foi para o corredor em direção dos quartos.

— Silêncio — disse Tobin, irritado.

Ele estava sentado na lateral de uma cama. Parecia consumido, mas, quando viu Kieran atrás de Arthur, levantou-se com um salto.

— Kieran!

Kieran correu para seu velho amigo e o abraçou.

— Pensei que vocês estavam todos mortos.

Na cama onde Tobin estivera sentado estava Philip Grieg, o heroico menino que salvara Waverly e Seth de Jacob Pauley. Quando Kieran o vira pela última vez, seu rosto estava horrivelmente inchado e machucado. Agora suas feições estavam de volta ao normal, e havia até um rosa saudável em suas

bochechas.

— Como ele está? — Perguntou Kieran, sentando-se no colchão de Philip.

O menino abriu os olhos com um leve sorriso nos lábios.

— Olá.

Kieran riu com alegria.

— Ele está bem?

— Ele fala três palavras — respondeu Tobin, com orgulho. — “Olá”, “tchau” e “eca”, quando lhe trazemos suas rações de emergência.

— Então ele está melhorando?

— Ele começou a falar há alguns dias — Tobin fez um gesto hesitante. — Acho que está cego de um olho e não consegue usar a mão esquerda, mas consegue segurar um copo de água e está começando a conseguir sentar. Victoria acha que ele poderá andar novamente um dia, mas não por enquanto.

Kieran se inclinou sobre o menino e deu-lhe um beijo no rosto.

Philip sorriu e repetiu:

— Olá.

— É Kieran? — Alguém perguntou, da porta.

Kieran se voltou e viu Austen Hand em pé na porta, segurando uma pilha de embalagens vazias de comida. Ele as deixou cair no chão, correu para Kieran e deu-lhe um abraço de urso.

— Eu bem que achei que era sua voz.

— Sim — disse Kieran, fazendo uma careta quando o rapaz o empurrou.

— Que foi? — Perguntou Tobin.

— Ele tem um detonador dentro do estômago — respondeu Arthur.

— O quê? — Tobin e Austen gritaram simultaneamente.

Depois que a situação foi totalmente explicada, Tobin deitou Kieran no chão ao pé da cama de Philip. Deu-lhe um analgésico e ficou ali, enquanto ele bebia três sacos de água.

— Eles disseram para beber muita água, certo? Estamos lhe dando muita água.

— Eu não consigo beber mais nada — afirmou Kieran, no meio do terceiro saco.

— Sim, você consegue — insistiu Tobin, teimoso, ao apertar o saco de água na boca de Kieran.

Kieran conseguiu forçar o resto da água para dentro e ficou surpreso ao descobrir que isso realmente fazia diminuir a sensação de vidro quebrado em seu ventre.

— A água deve ajudar a expandir os condutos dentro de você e ajudar a fazer passar essa coisa.

— Você não pode operar? — Perguntou Arthur.

— Vou perguntar a Victoria — respondeu Tobin, e saiu do quarto.

— Onde está Sarek? — Kieran perguntou a Arthur.

— Ele está no apartamento ao lado. Está monitorando a equipe de reparos.

— Equipe de reparos? — Repetiu Kieran, surpreso.

— Da New Horizon. Eles estão salvando a Empyrean — informou Arthur, com um brilho nos olhos. — Os anteparos centrais estavam intocados, e eles também conseguiram salvar alguns dos compartimentos a estibordo. Estão trabalhando para reconectar tudo com tubulação pressurizada. Estão quase terminando.

Kieran ficou chocado.

— Quer dizer que esta nave é confiável?

— Os Pauley abriram um grande buraco no casco, mas as vigas e a estrutura subjacente ainda são fortes — disse Arthur.

— Mas como ela pode voar com um enorme buraco no casco?

— Bom, ela não precisa ser aerodinâmica — esclareceu Arthur, dando de ombros. — O espaço é um vácuo, certo? Então, assim que os anteparos estiverem fortes de novo, a nave vai poder viajar.

Kieran sacudiu a cabeça, espantado.

— Devo lembrar-lhe, não sem uma ponta de orgulho, que meu pai era um membro da equipe do projeto original — disse Arthur, inflando o peito.

E, com um grande sorriso, acrescentou:

— Engenharia alemã.

Tobin voltou ao quarto com um sorriso de desculpas.

— Victoria disse que abrir o intestino é muito arriscado.

— Mas e se o detonador rasgar alguma coisa? — Perguntou Kieran, sem certeza de que já não havia rasgado.

— Vai perfurar o intestino. Esse é o perigo. Se você começar a se sentir mal, vamos operar.

Tobin olhou para ele preocupado, enquanto se atrapalhava com uma pilha de medicamentos que transbordavam uma mesinha no canto. A seguir, entregou-lhe um frasco de comprimidos.

— Tome dois desses a cada quatro horas, contra a dor. E descanse.

— Não — reagiu Kieran, sentando-se. — Eu quero ver Sarek.

— Ele está duas portas para baixo — orientou Arthur.

Kieran seguiu pelo corredor até um apartamento perto da escada. A sala da frente estava tão cheia de papéis e embalagens de ração que ele levou alguns segundos para detectar Sarek sentado à mesa de jantar. Quando Sarek viu Kieran, levantou-se da frente do computador com um meio sorriso no rosto. Tremendo, estendeu a mão para Kieran, mas este puxou o amigo para um abraço. Sarek deu um tapinha nas costas de Kieran, sem jeito.

— É bom ter você de volta — disse Sarek, brevemente.

Ele se sentou à mesa de jantar, que servia como mesa de trabalho improvisada. A julgar pelos montes de embalagens de ração e xícaras de café vazias, ele passava o tempo todo ali.

— Arthur lhe contou?

— Contou o quê? — Perguntou Kieran, afundando no sofá surrado ao lado da mesa.

Parecia que Arthur estava prestes a dar a Kieran o maior presente de sua vida.

— Eu encontrei um planeta que cumpre a Contingência de Goldilocks.

— Cumpre o quê?

— Leia você mesmo.

Arthur lhe entregou uma cópia impressa do manual da missão.

### A CONTINGÊNCIA DE GOLDBLOCKS

A Nova Terra foi escolhida pelos projetistas da missão por suas temperaturas moderadas, sua composição atmosférica, seu tamanho em relação à Terra e a duração semelhante de seu dia e seu ano. O sol que ela orbita, Centauri 8, emite um espectro de luz muito parecido ao do Sol. Dos milhares de mundos pesquisados, a Nova Terra foi, de longe, a candidata mais provável onde a vida poderia prosperar como na Terra.

Porém, os projetistas reconhecem que a missão poderia encontrar, uma vez que se aproximasse da Nova Terra, dados que sugeririam que o planeta não é tudo que esperávamos. Também é possível que se descubra que outro sistema planetário possa aparecer, ainda mais hospitaleiro do que a Nova Terra. Para o caso de a tripulação da missão determinar a mudança de rumo para outro sistema, os projetistas da missão incluíram um plano de contingência sobre como sobreviver no sistema de destino, como lidar com uma correção de curso, como gerenciar uma desaceleração para abordar o novo sistema estelar, métodos para determinar a melhor órbita possível que deve ser alcançada antes da desaceleração adequada etc.

Gostaríamos de alertar, no entanto, que tal mudança de curso deverá ocorrer apenas se e quando circunstâncias insuperáveis tornarem insustentável a vida na Nova Terra, pois este novo curso será repleto de riscos que, aos projetistas da missão, é impossível antever, e que poderiam desafiar o equipamento e o pessoal de um modo para o qual não foram preparados.

Kieran perscrutou o rosto cheio de expectativas de Arthur.

— Você está me dizendo que...

— Eu encontrei um planeta que pode suportar a vida original da Terra — completou Arthur, com muito orgulho, e acrescentou em seguida: — Muito provavelmente.

Kieran olhou de um garoto para o outro. Eles pareciam totalmente sérios.

— Mas a missão vai para a Nova Terra...

— Esse outro planeta está mais próximo — interrompeu Sarek. — Poderíamos chegar lá em nove anos.

— Mas não teríamos tempo de desacelerar a Empyrean...

— Teríamos de colocar a nave em uma longa órbita elíptica e enviar as equipes em ônibus espaciais — esclareceu Arthur. — Isto pode ser feito. Eles planejaram com equações e modelos de computador tudo o que seria necessário para uma correção de curso.

Desta vez, Kieran não conseguiu se controlar. Ele pegou o rosto de Arthur e deu-lhe um beijo na testa. Arthur o empurrou, limpando o beijo, enquanto Sarek ria.

Os amigos ficaram conversando noite adentro. Sarek e Arthur comeram um magro jantar de macarrão com feijão e espinafre, mas Kieran só conseguia beber caldo. Ele sentia o detonador avançando por seu intestino, mas a notícia desse novo planeta era tão emocionante que ele não se importava tanto com a dor. Kieran olhou os mapas estelares e leu os cálculos de Arthur, e, quanto mais entendia, mais convencido ficava de que aquilo era a resposta.

— Isso é maravilhoso — declarou, por fim —, mas não podemos deixar os outros para trás.

— Esta é a parte que não conseguimos... — Começou Arthur, e então ouviu-se uma batida na porta.

— Abram — disse uma voz masculina rouca.

Os três garotos ficaram paralisados de medo.

— Eu escutei vocês nos últimos quarenta minutos, garotos. Sei que estão aí. Abram.

Arthur sussurrou para Sarek:

— É Chris, o chefe de equipe.

— Eu quero conversar — afirmou o homem.

Arthur ficou andando pela sala em pequenos círculos, enquanto Sarek torcia as mãos de ansiedade. Kieran só conseguia olhar para o mapa estelar disposto em cima da mesa à sua frente. Tudo perdido. Já era.

— Garotos — disse Chris, em tom adulator — Eu sabia o tempo todo que vocês estavam a bordo da nave.

— Não podemos confiar em você! Você ia negar ajuda médica aos nossos feridos — gritou Arthur, através da porta fechada.

— Eu disse isso para alertar vocês. Eu via seu sinal o tempo todo no Comando Central. Eu sabia que vocês estavam ouvindo, mas não contei para a minha equipe.

Sarek e Arthur olharam para Kieran, incertos.

— Vocês têm uma arma? — Sussurrou Kieran.

Os outros dois balançaram a cabeça.

— Eu estou sozinho e desarmado, pessoal — afirmou o homem. — Só quero conversar.

— Eu o tenho ouvido — sussurrou Arthur, enquanto os garotos se aproximavam um do outro. — Tudo que posso dizer é que ele parece ser um cara legal.

Sarek olhou para Kieran.

— Mas ele pode estar nos enganando.

— Ele sabe que estamos aqui — opinou Kieran. — Está tudo perdido, de qualquer maneira. É melhor falarmos com ele.

Arthur caminhou para a porta com as mãos na lateral do corpo, como se estivesse pronto para sacar uma

arma, embora não tivesse uma. Ele abriu a porta para um homem de olhos castanho-claros, de corte de cabelo meio quadrado e bagunçado e um queixo angular. Ele tinha no rosto um sorriso de desculpas e justificativa, e levantou as mãos em um gesto de rendição.

— Não estou aqui para lutar.

Ele entrou lentamente na sala, olhando com cautela de um garoto para o outro.

Nenhum deles se mexeu ou falou. O coração de Kieran batia dolorosamente em seu peito, e seu estômago se apertava em volta da protuberância irregular no meio dele.

Chris apontou para uma cadeira de madeira de ripa e encosto alto ao lado de Sarek e pediu:

— Posso?

Kieran não tinha ideia do que dizer quando o homem atravessou a sala, virou a cadeira e se sentou montado nela, apoiando os cotovelos no encosto. Ele estava sentado ao lado da mesa em que todos os seus planos estavam espalhados, bem à vista.

— Tenho algumas novidades interessantes — começou Chris, mastigando um palito. — Mas, primeiro, contem-me deste planeta sobre o qual estavam falando. Vão devagar, eu não sou tão inteligente quanto vocês.

Kieran ficou imaginando se poderia de alguma forma matar esse sujeito para proteger o plano, mas Chris parecia forte. Além disso, havia algo nele que parecia confiável; amigável até. Arthur e Sarek trocaram olhares, e este último deu de ombros.

— Ele já sabe.

Arthur suspirou, resignado, e contou a história mais uma vez. Quando terminou, Chris havia mastigado o palito até o fim e o cuspiu.

— Esta certamente é uma notícia incrível, mas a minha ganha — ele olhou dramaticamente para cada garoto antes de falar. — Anne Mather está morta.

Um minuto inteiro se passou em silêncio antes que alguém conseguisse falar. Kieran perguntou:

— Como?

— Ginny Pauley atirou nela. Foi por isso que decidi vir fazer contato com vocês.

— A esposa de Jacob... — Disse Arthur, pensativo.

O homem abriu as mãos num gesto de apelo.

— Se existe uma oportunidade de assumir esta nave...

— O quê? — Perguntou Kieran, bruscamente.

— Eu quero ajudá-los a assumir esta nave — confirmou Chris. — Por que acham que eu bati na porta?

— Por que deveríamos confiar em você? — Questionou Arthur.

O homem sorriu e apontou para a tela do computador de Sarek.

— Passe para o vídeo da câmera de vigilância na câmara de ar comprimido a bombordo.

Cético, Sarek fez o que ele disse. Oito pessoas estavam presas na câmara de ar comprimido batendo nas

portas, gritando a plenos pulmões.

— Chris! Chris! — Gritava um dos homens.

— Abra! Ei! Alguém! — Pedia uma mulher.

— Ele não pode nos ouvir. Caso contrário, teria aberto — disse uma terceira pessoa.

— O que está acontecendo? — Perguntou Kieran, olhando para o homem com desconfiança.

— É um blefe — disse Chris.

Ele tirou um novo palito do bolso e o colocou entre os dentes.

— Em breve você vai enviar esse vídeo ao Comando da New Horizon com a mensagem de que vai explodir essas pessoas para fora da câmara de ar comprimido, a menos que eles liberem toda a tripulação da Empyrean.

— Por que você nos ajudaria a tomar esta nave? — Questionou Kieran.

— Porque eu tenho meu próprio pessoal esperando na New Horizon, e quero trazê-los a bordo.

— Quer dizer que você quer compartilhar a nave conosco... — disse Sarek. — Esta é nossa casa.

— Eu sei — respondeu Chris, mexendo-se desconfortavelmente na cadeira. — Foi por isso que eu quis falar com vocês.

— Para pedir permissão?

— Para informá-los.

Diante do silêncio da sala, ele disse:

— Eu tenho um sujeito na New Horizon que está trabalhando para reunir alguns... Refugiados. São pessoas que não podem mais levar a vida na New Horizon.

— Mas Anne Mather está morta — protestou Arthur.

— Mas pessoas que realmente dirigem o *show* estão vivas, e muito bem.

— O doutor — adivinhou Kieran.

Os olhos de Chris dispararam na direção de Kieran, e ele anuiu.

— Para alguns dos meus amigos, esta nave é a única chance.

— Você não quer mesmo expelir essas pessoas da câmara de ar comprimido, não é? — Indagou Arthur, olhando para a tela de Sarek, que ainda mostrava as pessoas presas, assustadas.

— Claro que não! Como eu disse, é um blefe. São apenas as pessoas da minha equipe que eu sei que não vão cooperar conosco. Quando nosso pessoal estiver aqui, vamos liberá-los.

— Precisamos de mais do que apenas reféns para assustar a New Horizon para que nos devolvam nossos pais — ponderou Sarek, com seus firmes olhos negros fixos no homem.

— Você tem alguma ideia? — Perguntou Chris.

Sarek sorriu.

# QUASE

Waverly estava ao lado da cama de Seth com as mãos na grade de segurança. Os sinais vitais dele eram estáveis, e ele parecia mais tranquilo. Ela tocou-lhe a testa, e, embora o equipamento acima de sua cama informasse que ele ainda estava com febre, ela julgou sentir uma diferença. Ela pousou os lábios em sua testa e o beijou, beijou e beijou.

De repente, um rude alarme rompeu o ar. Ela ergueu os olhos e viu a médica correndo em direção a um telefone que tocava.

Seth estava tão profundamente adormecido que sequer se mexeu.

— Todos a seus postos! — Gritou no interfone a voz histérica de uma mulher. — Os anciãos da igreja devem comparecer ao Comando Central imediatamente.

A equipe médica ficou paralisada, confusa e atordoada, e a médica de Seth ergueu o braço acima da cabeça.

— Reunião, todo mundo!

Os enfermeiros e outros membros da equipe correram para a mulher e ficaram discutindo em sussurros, e a seguir a maioria saiu pela porta, correndo para a escada. Waverly observava os adultos correndo pelo corredor até os elevadores, gritando em pânico. Quando olhou para suas mãos, ela percebeu que estava retorcendo os lençóis de Seth.

— O que está acontecendo? — Perguntou Waverly à médica de Seth, quando ela se aproximou para verificar o prontuário.

— Alguma emergência — respondeu a doutora, mas parecia estar escondendo alguma coisa.

O interfone tocou mais uma vez e a voz da mesma mulher falou, do outro lado da linha:

— Waverly Marshall, apresente-se ao Comando Central imediatamente.

A médica olhou para Waverly.

— É melhor você ir.

Waverly balançou a cabeça.

— Eu não vou deixar Seth.

Ela ainda não sabia onde estava Jared Carver, se já estava acordado. Não queria pensar no que ele faria com ela se ficassem sozinhos novamente. Don havia garantido a Waverly que ela estaria protegida, mas ela não tinha certeza de que alguém seria capaz de impedir Jared de se aproximar dela.

Neste momento, dois guardas armados entraram na enfermaria. O homem mais velho, esquelético,

apontou com o queixo para Waverly.

— Vamos — um guarda gorducho a pegou pelo cotovelo. — Você está sendo chamada no Comando Central.

Waverly sabia que não tinha remédio a não ser segui-los. Ela olhou por cima do ombro enquanto esperava o elevador com ele. A médica de Seth estava ajeitando seus tubos, dobrando os lençóis sob suas pernas, como se o estivesse preparando para alguma coisa.

A caminhada pelo corredor rumo ao Comando Central foi tranquila, mas ela conseguia sentir a animosidade dos guardas que a puxavam. Ela manteve as mãos abaixadas, deixando que o guarda magro abrisse a porta para ela e o rechonchudo a empurrasse para dentro.

No Comando Central, o cenário era caótico. Uma mulher aterrorizada de cabelo vermelho bem aparado acenou para Waverly com uma mão trêmula. O dr. Carver estava sentado em uma das cadeiras que ladeavam a longa fileira de janelas, e o resto dos anciãos da igreja se reunia em torno dele, inclinando-se sobre os consoles de comunicação. *Assassinos*, pensou Waverly quando os viu. Selma, a grande mulher de olhos azuis penetrantes, acenou para ela. O resto evitou seu olhar.

— O que está acontecendo? — Perguntou Waverly, mas foi interrompida pela voz de Kieran saindo do sistema de comunicação.

— Se eu não falar com Waverly Marshall agora, aumentaremos a velocidade.

— A *Empyrean* está em rota de colisão com a *New Horizon* — informou o dr. Carver a Waverly. — Ele quer falar com você.

A mulher de cabelos vermelhos lhe entregou um fone de ouvido. O caos que dominava a sala momentos antes se transformou em um silêncio tenso. Todos os olhos estavam fixos em Waverly.

— Kieran? — Disse ela, timidamente, e se sentou em frente à tela para observar sua imagem.

Suas bochechas estavam fundas, e seu cabelo, torto. Ele olhava fixamente para ela.

— O que está acontecendo?

— Vou bater na *New Horizon*, a menos que eles libertem os reféns.

— Tente trazê-lo à razão — disse o dr. Carver, mas Waverly lhe virou as costas.

— Kieran, você não pode estar falando sério — respondeu ela.

Waverly estudou seu rosto, deixando que ele lesse o dela, tentando adivinhar o que ele estava fazendo.

— Não há tempo para falar sobre isso, Waverly — retrucou Kieran, com um sorriso estranho. — Eu vou matar todo mundo se minhas exigências não forem atendidas.

— O que...

— A menos que todos os sobreviventes da *Empyrean* estejam em um ônibus espacial pronto para se acoplar à nossa nave nos próximos trinta minutos, vamos bater em vocês.

— Mas a *Empyrean* foi destruída — ponderou ela, lentamente.

— É por isso que não temos nada a perder agora — retrucou ele.

Kieran nunca prejudicaria ninguém, ela sabia. Ele estava blefando. Ele devia ter algum plano. Ele a encarou nos olhos, impassível, desejando que ela confiasse nele. *Eu confio nele*, percebeu ela. *Ele vai nos tirar daqui*.

— Kieran, por favor!

Ela tentou parecer desesperada, apavorada, e percebeu que não era tão difícil. Waverly estava efetivamente desesperada. Estava assustada, porque achou que sabia o que estava acontecendo, que ele havia ido para a Empyrean e descoberto que a nave não estava destruída. Mais uma mentira de Mather da qual Waverly nunca desconfiara. Essa poderia ser sua única chance de voltar para casa. Se perdesse a oportunidade... Ela não podia pensar nisso agora. Só tinha de fazer tudo parecer real.

— Há mulheres e crianças a bordo! Bebês!

— Eu estou morrendo — rosnou ele; parecia louco. — Os Pauley me mataram quando me fizeram engolir esses explosivos. O detonador está rasgando minhas entranhas. Não tenho nada a perder.

— Onde está nossa equipe? — Interrompeu a oficial ruiva, bruscamente.

Com um sorriso cruel, Kieran acionou um interruptor e a imagem mudou para um grupo de pessoas assustadas, encolhidas no canto de uma grande câmara de ar comprimido no hangar.

— Oh, Deus!

A ruiva tocou a tela com os dedos, mas a imagem do rosto de Kieran já estava de volta.

— Vamos expeli-los, a menos que vocês cooperem — afirmou ele.

— Kieran... — Começou Waverly.

— Colocaremos os reféns em um ônibus espacial assim que soubermos que todos os sobreviventes da Empyrean estão a caminho daqui. Incluindo os presos. Quando eles aterrissarem aqui, mudaremos nosso rumo e ninguém precisará morrer hoje.

Ele fez um leve aceno de cabeça para Waverly, quase imperceptível. Parecia estar dizendo *Confie em mim*.

— Não — disse o dr. Carver. — Não podemos negociar com esse... Esse...

— Ele parece falar sério, Wesley — ponderou Selma, lentamente. — O garoto é perigoso.

— Wesley está certo. Nós não deveríamos negociar com um louco — interveio a minúscula Miranda.

Ela ergueu o queixo em um gesto de desafio, e uma pena de seu elaborado chapéu balançou.

— Não podemos desviar deles? — perguntou um dos velhos gêmeos olhando para um homem de barba curta e preta que estava sentado na cadeira do piloto.

— Ele escolheu o ângulo de ataque com perfeição — respondeu o piloto, pálido. — Não consigo virar a nave rápido o suficiente para escapar.

— Kieran está falando sério — declarou Waverly para todos na sala. — Ele tem ficado cada vez mais louco desde o primeiro ataque.

— Ele nunca pareceu instável — argumentou o doutor, acariciando o queixo com o polegar e o

indicador.

Ele exibia um olhar assassino, e Waverly resistiu ao impulso de atravessar a sala e bater a cabeça dele no escudo contra explosão.

— Como podemos saber que você não está associada a ele?

— Você tem uma gravação da única conversa que fomos autorizados a ter — respondeu Waverly, rispidamente. — Eu sei tanto quanto o senhor sobre isso.

— Ele está acelerando! — Gritou o piloto.

O doutor girou a bengala entre os punhos, furioso.

A pequena Miranda tocava seu colar de contas. Os velhos gêmeos se remexiam desconfortavelmente em seus bancos, e Deacon Maddox observava os próprios dedos entrelaçados. Selma olhava de um a outro dos seus colegas membros do Conselho, estudando-os, até que, por fim, pigarreou:

— Acho que devemos atendê-lo — declarou ela.

Os outros anciãos aceitaram a ideia com um silêncio sepulcral, até Miranda dizer:

— Poderíamos estar enviando essas pessoas inocentes para a morte!

— Para salvar centenas dos nossos — apontou um dos gêmeos.

— A Emyrean acelerou mais uma vez — alertou o piloto, com voz trêmula.

— Vocês têm dez minutos — informou Kieran, claramente se esforçando contra a inércia crescente.

Kieran olhava para a tela com a mandíbula e os lábios apertados de raiva. De repente, ele se dobrou, como se uma mão invisível houvesse lhe dado um soco, mas endireitou-se o suficiente para dizer:

— Decidam se querem viver.

E a tela ficou escura.

*Isso não foi fingimento*, Waverly sabia. Ele estava com dor.

— Esse tempo não será suficiente nem para reunir todos no hangar — alarmou-se Selma.

O médico balançou a cabeça como se uma ideia lhe ocorresse. Ele endireitou as costas, batendo a bengala esculpida no chão:

— Mande-os para a Emyrean.

Todos olharam em sua direção para se assegurar de que haviam ouvido direito.

Ele ficou sentado ali, presunçoso e seguro de seu poder.

— O que estão esperando?

A sala de comando explodiu em uma enxurrada de atividade. Os tripulantes corriam para seus computadores e gritavam nos fones de ouvido, pestanejando como se não pudessem acreditar no que estavam dizendo.

— Eu me recuso a deixar que nossos bens sejam transferidos para a Emyrean — disse o doutor para os demais anciãos da igreja.

Para o piloto, comandou rispidamente:

— Afaste-se deles para ganhar tempo.

— O que o senhor acha que estou fazendo esse tempo todo? — Grunhiu o piloto.

O dr. Carver se mexeu na cadeira, obviamente sentindo-se um tolo.

*Kieran não poderia ter escolhido um melhor momento para isso, pensou Waverly. Mather teria sabido o que fazer, mas essas pessoas não estão capacitadas para isso.*

— Eu vou com os reféns — anunciou Selma, levantando o queixo com bravura. — Vou negociar a libertação deles.

O dr. Carver inclinou a cabeça.

— Por que você?

— Quem mais, Wesley? — Selma respondeu, irritada. — Você vai se voluntariar?

Ele desviou o olhar, taciturno.

Selma torceu o nariz, e, de repente, virou as costas para os anciãos, dizendo:

— Você vem comigo — disse, pegando o braço de Waverly para puxá-la para o corredor.

— Preciso ir buscar a minha mãe — retrucou Waverly, quando um homem histérico quase a atropelou ao correr dali.

O corredor estava cheio de pessoas atormentadas, todas correndo, sem olhar para ninguém.

— Ela está nos esperando no hangar.

Selma apertou o botão para chamar o elevador. Toda a excitação a deixara sem fôlego. Ela enxugou a testa suada com a lateral da mão.

— Mas preciso ir à enfermaria.

Selma deu-lhe um tapinha no braço.

— Não se preocupe com Seth. Miriam vai levá-lo.

— Miriam?

— Dra. Jansen — esclareceu Selma, ao entrar no elevador. — Ela não vai deixá-lo para trás.

— Deixá-lo para trás? Como assim?

— Você vai ver — disse Selma com um sorriso.

Quando chegaram ao hangar, muitas das crianças da Empyrean e os pais sobreviventes estavam do lado de fora de dois ônibus espaciais, que esperavam com as rampas baixadas, e mais pessoas iam entrando pelas portas o tempo todo. Waverly esquadrinhou a multidão à procura de Seth. Várias crianças acenaram animadamente para ela, e ela acenou de volta. Mas quando viu a dra. Jansen se inclinando sobre uma maca, correu para ela, ignorando as perguntas ansiosas das crianças.

— Você precisa entender que não posso prever... — A dra. Jansen estava falando no ouvido de Seth, mas Waverly não pôde ouvir o resto por causa do barulho da multidão.

Ele acenou com desdém, dispensando-a, quando viu Waverly atrás dela.

— Você está acordado! — Gritou Waverly, beijando-o.

— Eles me deram um monte de esteroides para viajar. Estou me sentindo muito bem — disse ele, com um leve sorriso.

— Tem certeza de que pode viajar? — Indagou Waverly.

— E eu tenho escolha?

Mas Waverly estava olhando para a dra. Jansen.

— Ele vai ficar bem?

— Eu estarei com ele — garantiu ela, depois de um breve olhar para Seth, que acenou com a cabeça de volta. — A viagem não vai mudar nada.

Waverly pensou que alguma coisa estava acontecendo entre a médica e Seth, mas foi distraída por alguém gritando:

— Atenção!

Selma estava parada na rampa de um ônibus espacial com as mãos levantadas acima da cabeça.

— Todo mundo entre em um dos ônibus! Não temos tempo para explicar, mas tenham certeza de que nossas vidas dependem disso! Eu lhes direi o que sabemos quando estivermos a bordo!

Dezenas de vozes se elevaram para fazer perguntas, mas Selma desapareceu no ônibus, deixando-os sem escolha a não ser segui-la.

— Waverly! — Chamou alguém.

Ela se voltou e viu Sarah Wheeler correndo em sua direção. Sarah estava suja e pálida, mas vigorosa, e quando Waverly a abraçou, parecia sólida e inteira.

— Por onde você andou? — Perguntou Waverly, com os olhos cheios d'água.

— Na prisão — disse Sarah, com desdém. — Onde mais?

— Onde está Randy?

Sarah apontou para seu namorado, Randy Ortega, que sorriu e acenou. Ele parecia animado, como todas as crianças da Emphyrean.

— Quando aterrissarmos, conversaremos.

As duas garotas se abraçaram de novo, e Sarah se juntou à multidão.

— Você viu a minha mãe? — Perguntou Waverly a Seth.

Ele negou com a cabeça. Waverly procurou freneticamente na multidão até que encontrou o cabelo preto e brilhante de sua mãe. O coração de Waverly se aqueceu e ela chamou:

— Mãe!

— Waverly, onde você estava?

Sua mãe correu para ela, abraçando-a muito apertado, e logo se afastou, apontando o dedo para a filha:

— Eu estava preocupada!

— Desculpe — disse Waverly, sabendo que não era o momento de explicar.

Regina passou o braço pelos ombros da filha:

— Não faça mais isso.

Waverly apoiou a cabeça nos ombros da mãe e sorriu ao ouvir essas palavras. Seth olhava para ela com um sorriso no rosto.

Ela sentiu uma mãozinha deslizando entre elas. Serafina Mbewe a encontrara. Waverly olhou para a menininha, que ergueu as sobrancelhas escuras perguntando se tudo ia ficar bem. Waverly assentiu e sussurrou as palavras:

— Você salvou todos nós.

Ela entendeu completamente a verdade dessas palavras quando Serafina sorriu com satisfação infantil. *Ela não tem ideia do que fez, notou Waverly. Mas, um dia, vai entender. Vou garantir que saiba.*

Segurando as mãos de Serafina de um lado e sua mãe do outro, Waverly embarcou no ônibus espacial. A dra. Jansen puxava a maca de Seth até a rampa atrás de si. Uma vez a bordo, Waverly sentiu uma mão em seu ombro e se voltou.

— Amanda — gritou Waverly. — O que está fazendo aqui?

— Nós vamos com vocês — informou Amanda, e surpreendeu Waverly ao piscar para Seth. — Olá, Seth.

— Olá — respondeu Seth, e deu um sorriso presunçoso a Waverly, apreciando sua confusão.

— Esta é Misty — apresentou Amanda a Waverly.

Ela ergueu um pacotinho que se contorcia e um par de olhos luminosos observou Waverly de dentro de um ninho de cobertores. O bebê estava com a mãozinha na boca e chupava os dedos contente, parecendo completamente em paz nos braços de sua mãe.

— Ela é linda.

Só depois que disse isso foi que ocorreu a Waverly que, biologicamente, ela era sua filha. Mas, vendo a maneira como Amanda a segurava, com os braços protetores em volta das perninhas dela, e o jeito como a criança se aninhava nos seios inchados de leite... *Não, concluiu Waverly, Amanda é a mãe dela.*

Atrás de Amanda estava um pequeno grupo de pessoas desconhecidas amontoadas no porão de carga. Don estava com elas, falando em voz baixa, e elas anuíam, atentas.

— O que está acontecendo? — Perguntou Waverly a Amanda. — Quem são essas pessoas?

— Don e Chris arranjaram isso — esclareceu Amanda. — Somos todos... — ela fez uma pausa, procurando a palavra certa — Refugiados, de certa forma.

Waverly observou o grupo reunido. Eram cerca de quatorze, e todos pareciam hesitantes e assustados. Disse a Amanda:

— Eu fiquei preocupada que eles lhe fizessem mal depois que você me ajudou a escapar.

— Anne me protegeu — disse Amanda, com um sorriso triste —, mas nunca mais confiou em mim.

Waverly sabia o quanto Amanda amara Anne Mather.

— Sinto muito.

— Josiah está me esperando. Podemos conversar depois? — Perguntou Amanda, com um gesto de esperança.

Waverly assentiu, com os olhos na criança, conforme Amanda se afastava, na esperança de que Kieran soubesse o que estava fazendo.

# NOVA MISSÃO

Seth dormiu durante toda a viagem da New Horizon à Empyrean. Os esteroides haviam mascarado temporariamente os sintomas para viabilizar a viagem, mas não diminuíram a sua exaustão. Waverly ficara segurando a mão dele; sua maca ficara encostada na parede do porão de carga, e ele havia adormecido. Quando acordou, estava olhando para o teto do hangar da Empyrean. Lar. Ele virou a cabeça e viu Waverly a seu lado. Abriu a boca para falar, mas ela colocou os dedos sobre seus lábios.

— Ouça — sussurrou ela.

Ele seguiu o olhar dela até um homem que estava à frente da sala.

Parecia Don, mas, em vez da calvície daquele, este outro tinha um corte de cabelo meio quadrado e uma mandíbula forte, angular. O que ele estava dizendo devia ser surpreendente, pois a sala estava em silêncio e todos os olhos estavam colados nele.

— Qualquer um de vocês que quiser voltar para a New Horizon, fique à vontade — disse o homem. — Nenhum de nós vai culpá-los. Se quiserem ficar nesta nave, estarão deixando para trás amigos, todas as suas posses e muitas lembranças. O pior de tudo é que têm muito pouco tempo para tomar essa decisão. Nós fizemos um blefe muito corajoso para chegar até aqui, e muita coisa depende do que o dr. Carver decida fazer para revidar. Agora, sobre o planeta...

Um murmúrio de excitação percorreu a multidão. Seth sussurrou para Waverly:

— Que planeta?

— Espere e verá — disse ela, dando-lhe um tapinha no ombro.

— O planeta pode ser alcançado em cerca de nove anos — o homem levantou a mão quando a multidão irrompeu em uma conversa animada. — Por favor! Temos muito pouco tempo. Vou deixar a descrição do planeta para o jovem que o encontrou. Arthur?

Waverly gritou com prazer e Seth levantou a cabeça por um momento, tempo suficiente para ver Arthur Dietrich pegando o microfone do homem.

— É... — Arthur hesitou.

Houve uma longa e incômoda pausa, mas, a seguir, Arthur falou, em seu característico tom monótono e inteligente:

— O planeta não foi mapeado pelos projetistas da missão.

— Por que não? — Perguntou um homem no fundo.

Ele foi imediatamente silenciado por uma dúzia de pessoas incomodadas.

— A nebulosa que atravessamos protegeu o sistema estelar dos telescópios da Terra. Tudo que eles puderam dizer foi que era um candidato provável, razão pela qual comecei a estudá-lo.

Seth ouviu o farfalhar de papéis ao microfone. Olhou para o rosto de Waverly. Havia uma luz em seus olhos que ele não via havia meses, e ela sorria com tanta esperança e entusiasmo que Seth desejou poder congelar esse momento.

— O planeta — prosseguiu Arthur — é cerca de quinze por cento menor do que a Terra, e seu dia tem 22,64 horas. Sua atmosfera tem uma composição semelhante à da Terra, mas o dióxido de carbono é um pouco mais elevado. Quando começarmos a plantar e estabelecer ecossistemas, esse nível deve cair.

Ele limpou a garganta de novo, e Seth sorriu de seu extremo nervosismo. Arthur nunca havia sido de falar em público, e Seth não o culpava. A única coisa mais aterrorizante do que fazer um discurso era fazer uma caminhada espacial. Seth levantou a cabeça o suficiente para dar uma olhadinha, e viu Gunther Dietrich, pai de Arthur, em pé atrás do filho, sorrindo com orgulho.

— O planeta tem três luas — prosseguiu Arthur — e cerca de sessenta por cento parece ser coberto de água. Há calotas polares, mas são pequenas e podem estar sujeitas a flutuações sazonais.

— Há água doce lá? — Perguntou uma mulher na frente da multidão.

Arthur fez uma pausa, desconfortável.

— Podemos ver evidências de chuva. Os oceanos podem estar cheios de sais e minerais. Isso vai requerer um estudo mais aprofundado.

— Existe vida lá? — Perguntou uma senhora na frente.

Outra pausa.

— Deve haver vida vegetal, uma vez que a atmosfera contém oxigênio. Nós não vimos nenhuma evidência de grande fauna.

— Ele tem camada de ozônio? — Perguntou um nos fundos.

— Ainda estamos esperando esses dados.

— Qual é o clima de lá?

— O clima? — Repetiu Arthur, não familiarizado com o termo.

Por alguma razão os adultos todos riram, junto com o homem que fez a pergunta.

— Existem tempestades severas? — Esclareceu o homem. — Ventos? É frio?

— Ah, certo. Eu só observei o planeta por algumas semanas — disse Arthur. — Até agora, a temperatura média na zona temperada é de cerca de sessenta e cinco graus Fahrenheit, o que dá cerca de dezoito graus Celsius, se preferirem. Há frequentes perturbações atmosféricas espirais, que começam sobre os oceanos. A maior que eu vi cobriu... — houve um farfalhar de papéis —, aquela tempestade cobriu cerca de cinco por cento da superfície do planeta. Quando atingiu o solo, ela diminuiu.

— Continentes? — Perguntou uma mulher.

— É difícil dizer, na verdade — admitiu Arthur. — Eu contei cinco grandes massas de terra, mas há

muitas ilhas grandes que se aglomeram em volta de cada continente, o que torna difícil dizer onde um continente começa e o outro termina.

— Ele tem uma órbita estável?

— Isto é um dos pré-requisitos da Contingência de Goldilocks — respondeu Arthur. — Eu não teria estudado o planeta se não houvesse visto a possibilidade de uma órbita confiável.

— Você já lhe deu um nome? — Perguntou uma voz esganiçada de menininha.

A multidão riu, mas Arthur teve a gentileza de levar a pergunta a sério.

— O nome deve ser determinado por processo democrático.

Waverly levantou a mão para fazer uma pergunta.

— E se mudarmos de rumo e descobirmos daqui a um ano que o planeta não pode suportar vida?

Essa pergunta silenciou a sala por completo. Seth levantou a cabeça para olhar para o palco e viu Arthur entregar o microfone a Kieran Alden. Kieran parecia estar mal. Estava curvado, obviamente com dor, suando e pálido. Seth olhou para Waverly, que baixou as sobrancelhas, preocupada.

— Esta é a pergunta mais importante que alguém já fez — começou Kieran.

Seth achou que a multidão inteira devia estar prendendo a respiração.

— Esta nave está estável por enquanto, mas sofreu uma grande catástrofe. Chris e sua equipe acham que é confiável o suficiente para uma jornada de até doze anos.

A multidão irrompeu em uma onda de sussurros e Kieran levantou a voz. Mas seu esforço foi óbvio.

— Mas isso com vigilância e manutenção constantes. Em outras palavras — ele fez uma pausa, e as pessoas se aquietaram —, esta poderia ser uma missão condenada.

— Quer dizer que, se formos com vocês, podemos morrer — disse uma mulher.

— Nós não podemos dar garantias — alertou Chris, ao pegar o microfone de Kieran, que se sentou, parecendo exausto. — O calor da explosão pode ter corrompido alguns dos metais nas vigas subjacentes. Esta nave definitivamente não chegará à Nova Terra.

A multidão aceitou isso com um denso e preocupado silêncio.

— É por isso que nós quisemos lhes dar uma escolha — prosseguiu Chris. — Todos vocês passaram um tempo difícil na New Horizon. Anne Mather se foi, mas não há como dizer como será a estrutura de comando. Selma Walton está aqui para nos informar o que os anciãos da igreja têm discutido desde a morte da pastora.

Seth estava contente por ver Selma novamente. Mesmo dali, ouviu o tilintar das pulseiras que ela usava no braço.

— Obrigada — disse ela. — Por enquanto, o dr. Carver planeja colocar seu filho adotivo, Jared Carver, na cadeira do capitão.

— Aquele brutamontes! — Exclamou uma mulher, com raiva, no meio da multidão.

— Desde o início tenho sido uma crítica fervorosa contra Jared Carver — continuou Selma —, mas

posso dizer que os demais anciãos tendem a apoiar o doutor. Ninguém sabe o que vai acontecer, mas se alguns de vocês achava que os métodos de Anne Mather eram violentos, eu não posso imaginar o que seria a vida sob o comando de Jared Carver.

— Estamos ferrados se formos e se ficarmos — murmurou um homem.

— Agora — retomou Selma, e esperou que os resmungos da multidão diminuíssem —, receio que só podemos lhes dar uma hora para tomar essa decisão. O dr. Carver não quer deixar que esta nave se vá. Nossa melhor chance de evitar derramamento de sangue é correr antes que eles possam reagir.

Seth observou os rostos ao seu redor, muitos de membros da tripulação da New Horizon. Pareciam assustados e preocupados, processando o que Selma havia dito, mas também determinados e muito corajosos. *São boas pessoas, pensou. Eles vão conseguir.*

Selma colocou a mão no ombro de Chris e ele sorriu. Havia um brilho de malícia nos olhos dele de que Seth gostava.

— Chris vai levar quem quiser por uma turnê bem rápida pela Empyrean para conferir os reparos e ver os compartimentos ecológicos e de agricultura que sobreviveram. E, claro, Arthur Dietrich, Kieran Alden e eu estaremos aqui para responder a quaisquer perguntas.

A multidão avançou, dando a Seth e Waverly um pouco mais de espaço. Seth podia ouvir a voz de Kieran se elevando acima da multidão enquanto tentava responder às perguntas, mas estava cansado demais para prestar atenção. Além disso, ele não precisava saber de mais nada.

— Nós vamos para o planeta, certo? — Perguntou Seth a Waverly, acariciando seus dedos com o polegar.

— Claro que sim — disse ela.

Eles sorriram um para o outro. Ela voltou a ser a menina vibrante e bonita que ele recordava de meses antes, a menina que só pudera ver de longe enquanto ela dava esse sorriso entusiasmado a outra pessoa. Agora, o sorriso era para ele.

Ele se deitou, abandonando-se por um tempo. Sua consciência pairava acima dos murmúrios da multidão. Sentia-se em paz. *Se eu morrer agora, morrerei feliz*, disse a si mesmo.

— Oh, meu Deus — disse alguém ao seu lado.

Ele conhecia aquela voz.

— Maya! — Ele gritou.

Tentou se sentar, mas parecia que uma pedra o segurava para baixo. Os esteroides que a dra. Jansen lhe dera já estavam perdendo o efeito.

Maya abriu um sorriso enorme.

— O que aconteceu com você? — Perguntou Seth.

— Eu estive na prisão — respondeu ela, com raiva. — Eles me mantiveram lá para manipular Anthony.

Ela estendeu a mão para Waverly.

— Eu sou Maya Draperon.

— Como é que vocês dois... — Indagou Waverly, surpresa.

Seth percebeu que Waverly não sabia quase nada do que havia acontecido com ele durante as últimas muitas semanas.

— Maya me acolheu quando fui para a New Horizon — explicou ele.

— Seu braço! — Gritou Maya, quando o coto de Seth deslizou para fora do cobertor. — Meu Deus! O que aconteceu?

Seth teve de balançar a cabeça. Ele não conseguia mais falar. Waverly se apressou a explicar:

— Ele teve gangrena.

— Mas você vai ficar bem? — Perguntou Maya, olhando para Waverly e Seth.

— Sim — assegurou Waverly, com firmeza. — Você vai ficar a bordo?

— Ah, sim. E vocês?

— Definitivamente.

Waverly olhou para a barriga crescida de Maya, mas não disse nada.

— Então, acho que vou vê-los por aí — despediu-se Maya, enquanto esfregava o ombro bom de Seth.

— Vejo você na enfermaria.

Waverly olhou em volta, preocupada.

— Você viu Felicity?

Seth só conseguiu negar com a cabeça.

De repente, um bipe alto ecoou pelos alto-falantes, como se alguém largasse um microfone. Com voz trêmula, Selma gritou:

— Anthony? Corra aqui agora!

Seth viu fugazmente Anthony, que o havia tratado na New Horizon, quando o médico correu para o palco e se inclinou sobre alguém sentado em uma cadeira. Seth esticou o pescoço, mas precisou se deitar de volta imediatamente.

— O que está acontecendo? — Perguntou a Waverly.

— É Kieran — respondeu ela, com os olhos arregalados de medo.

Anthony gritou:

— Preciso levá-lo à enfermaria!

A multidão se abriu quando o homem e outras três pessoas começaram a tirar Kieran do palco, mas, em seguida, Arthur correu para sussurrar no ouvido do médico. Anthony ficou indignado.

— O quê?!

Seth tentou, mas não conseguiu ouvir o que Arthur estava dizendo.

— Vá! — Pediu Seth, empurrando a mão de Waverly. — Descubra o que está acontecendo.

Waverly forçou passagem através da multidão e puxou a camisa de Arthur, mas o garoto a afastou,

passando as mãos no cabelo. Então, de repente, Anthony estava empurrando a multidão, indo na direção de Seth.

— Preciso deste ônibus espacial! — Gritou. — Saiam todos!

Waverly voltou para Seth, pálida.

— Não há enfermaria aqui — contou ela, incrédula. — Arthur e Sarek a desmontaram.

— Por quê?

— Eu não sei!

— Então... — Seth balançou a cabeça, sem entender.

— Eles têm de levar Kieran para a New Horizon.

— Mas...

Seth viu rapidamente o rosto de Kieran quando Anthony e duas outras pessoas passaram com ele. Sua pele era verde e seus olhos reviraram nas órbitas. A mãe de Kieran estava ao seu lado, pálida, olhando para o filho com pavor infantil.

— Anthony! — Seth viu Maya passar correndo e puxar o braço de Anthony. — Você não vai!

— Ele vai morrer, Maya — retrucou Anthony, recuando até a rampa do ônibus e segurando os tornozelos de Kieran. — Preciso de uma sala de cirurgia!

— Não! — Maya bateu o pé.

— Eu não posso deixá-lo — argumentou Anthony.

— Eu vou — a dra. Jansen se adiantou. — Anthony, você fica.

Maya e Anthony olharam para ela de queixo caído.

— Miriam, não podemos lhe pedir que...

— Vocês não pediram.

Ela correu para a rampa e empurrou Anthony com o ombro, pegando os tornozelos de Kieran.

— Miriam — Selma correu para a dra. Jansen. — O que está fazendo?

— Ele precisa de um médico para sobreviver à viagem — explicou Miriam, parecendo muito triste.

— Mas, nossos planos... — Selma estendeu a mão.

As duas mulheres se olharam longamente, e Selma acariciou com as costas dos dedos o rosto da dra. Jansen.

— Por favor...

As palavras foram sussurradas pela mãe de Kieran. A dra. Jansen rompeu o contato visual com Selma e começou a arrastar Kieran até a rampa, gritando para os dois homens que a ajudassem.

— Amarrem-no aqui!

Anthony ajoelhou no chão para segurar Kieran e os dois trocaram termos médicos, que para Seth pareciam uma língua estrangeira.

De alguma forma, um piloto que queria voltar para a New Horizon foi rapidamente encontrado, junto

com outras pessoas que já haviam decidido não ficar. No último momento, Selma gritou:

— Esperem!

E correu até a rampa quando ela começava a se fechar. Pela abertura, Seth viu Selma abraçar a médica de Kieran e beijá-la. A rampa do ônibus fechou e Seth se sentiu empurrado, quando os motores foram acionados e a nave se levantou do chão rumo à gigante câmara de ar comprimido.

As portas da câmara se fecharam atrás deles.

E foi isso. Kieran Alden tinha ido embora.

Uma sensação de falência tomou conta de Seth; que engasgou e percebeu que seus pulmões estavam cheios de fluido de novo. Os esteroides já não faziam mais efeito, e a dra. Jansen lhe havia dito que administrar outra dose seria muito arriscado.

— Não vou deixar que o levem — disse Waverly baixinho, e correu para o hangar.

*Espera*, ele quis chamá-la, mas não teve forças. Anthony foi até ele e colocou a palma da mão fria na testa de Seth.

— Miriam me explicou seu estado.

— Wave... — disse Seth.

Ele estava em pânico e tentou se levantar.

*Eu não posso morrer sem ela. Não posso fazer isso sozinho.*

— Por favor...

— Você não chegou lá ainda, amigo — disse Anthony, com as pontas dos dedos no pulso de Seth. — Você ainda tem tempo. Vamos trazê-la de volta antes...

Ele parou ali, deixando que Seth entendesse o que queria dizer.

*Uma respiração de cada vez*, pensou Seth, e deitou a cabeça no travesseiro. *Uma respiração, e outra, e outra...*

# DESPEDIDAS

— Nós não vamos abandoná-lo — gritou Waverly, ao entrar no Comando Central.

Sarek Hassan e seu pai estavam ali sozinhos, debruçados sobre uma tela de computador, olhando fixo com grande preocupação.

— Dois ônibus — disse Sarek.

— E provavelmente muitos homens — murmurou seu pai, colocando a mão no ombro do filho.

— Eles estão vindo — disse Sarek a Waverly.

— Quem? — Perguntou Waverly dando um passo à frente.

— É Waverly Marshall?

Uma voz de ódio encheu a sala e ela correu para o lado de Sarek. No monitor, o dr. Carver sorria para ela com desdém.

— Você pensou que nós iríamos simplesmente deixá-los partir?

— O que está fazendo? — Perguntou Waverly.

Sua voz soava aguda e insegura, mas ela se forçou a respirar fundo. *Não vou deixar que ele me enfraqueça.*

— Vamos atacar, minha querida. O que achou que faríamos?

Pelo fundo da imagem, Waverly poderia dizer que ele estava transmitindo do Comando Central. Ela não podia vê-las, mas devia haver pessoas ao redor, escutando. Ela se lembrou do que ele havia dito: que ela virara a mesa sobre Anne Mather em seu breve discurso na New Horizon, meses atrás. Waverly encarou o rosto ressecado e carrancudo do velho e disse:

— Você é um assassino.

Ele balançou a cabeça com um sorriso condescendente nos lábios, como se ela não fosse nada além de uma criança tagarela.

— Você não tem nenhuma credibilidade, Waverly, depois de ter mentido em seu testemunho. Anne Mather era uma mulher temente a Deus, e você tentou destruí-la.

— Você quis que eu mentisse e a destruísse — corrigiu Waverly. — Agora, conseguiu tirá-la do caminho e vai pôr seu filho no comando. Esse era seu plano o tempo todo, não?

— Jared — chamou o médico, com um movimento de pulso.

Jared Carver apareceu por trás do doutor, inclinando-se para a tela. Suas feições estavam inchadas, e ele parecia drogado, mas fez uma carranca para Waverly com uma ferocidade que a assustou.

— Você mesma inventou seu testemunho, Waverly. E admitiu isso para mim.

Jared pegou o pequeno *palmtop* — os guardas deviam tê-lo devolvido a ele — e acionou um botão. Waverly ouviu a própria voz saindo dele, e Jared sorriu com desdém. Waverly olhou friamente para as feições retorcidas dele e se perguntou como um dia pôde tê-lo achado bonito.

Mas era sua voz saindo do pequeno dispositivo.

— *Eu menti em meu testemunho contra Anne Mather* — dizia.

Ele desligou o dispositivo com um sorriso asqueroso.

— Você me obrigou a dizer isso! — Gritou Waverly. — Você ia me matar.

— Você é uma assassina — rosnou ele. — Quase me deu uma *overdose*.

— Eu estava me defendendo — retrucou ela.

— Você veio sorrateiramente por trás e me pegou de surpresa — afirmou Jared.

Ela estava frustrada, e, embora tentasse esconder esse sentimento, via que Jared estava sorrindo com satisfação. Ele achava que a tinha nas mãos. Mas, então, ela teve uma ideia.

— Minha confissão não foi coagida? Prove. Toque a gravação toda, agora.

O rosto de Jared relaxou em uma expressão confusa.

— Eu não...

— O arquivo de vídeo deve estar todo aí, não é? Duvido que você tenha tido tempo de editá-lo. Então, toque-o por inteiro para todos no Comando Central. Prove que você não me coagiu!

Jared olhou ao redor. Waverly desejou poder ver os rostos que ele estava olhando, mas, a julgar por seu medo crescente, ela sabia que o tinha nas mãos.

O rosto do doutor apareceu novamente, retorcido de raiva insensata.

— Nós vamos matá-los — foi tudo o que ele disse, e a tela ficou escura.

— Nós precisamos virar a nave — Kahlil Hassan calmamente orientou seu filho.

A porta para o Comando Central se abriu e Chris entrou:

— Eles estão mandando ônibus espaciais?

Sarek e seu pai anuíram.

— Nós não podemos abandonar Kieran — disse Waverly.

Ela se voltou para Chris; apesar de nunca tê-lo visto na vida, segurou a mão dele entre as suas e as puxou até que ele olhou para ela.

— Kieran é muito importante. Não podemos abandoná-lo.

— Eles estão lançando OneMen — anunciou Sarek.

A tela que ele estava vendo mostrava uma dúzia de OneMen deixando os dois ônibus, cada um se dirigindo a diferentes câmaras de ar comprimido em toda a nave.

— Onde estão as suas armas? — Perguntou Chris.

Sarek escondeu o rosto nas mãos.

— Só Kieran sabe onde estão escondidas.

Todos olharam para ele com horror, ao absorver o significado disso.

— Mesmo que só dois ou três consigam entrar... — Chris começou, e ninguém concluiu seu pensamento.

— Não podemos impedi-los — concluiu Kahlil.

Suas lágrimas assustaram Waverly mais do que qualquer outra coisa até então.

— Temos que correr.

— Não! — Protestou Sarek. — Não podemos fazer isso com Kieran!

— Filho — chamou Kahlil, segurando os ombros de Sarek —, haverá mortes demais. Nós não temos escolha.

Waverly estava parada no meio da sala com as mãos nas laterais do corpo, de boca aberta, sem saber o que fazer. Ela não disse nada; sabia que era verdade. Eles tinham que correr.

Gentilmente Kahlil afastou Sarek dos controles. O garoto foi se sentar em uma cadeira ao lado, onde escondeu o rosto nas mãos. Chris sentou-se no assento do piloto e ligou o viva-voz na nave inteira.

— Atenção! Um grupo da New Horizon está quase aqui. Estamos prestes a acelerar os motores bruscamente, por isso, preparem-se para uma grave reação de inércia. Por favor, deitem-se no chão.

Colocou a mensagem para repetir e aumentou o volume. Disse:

— Temos cerca de um minuto antes que eles cheguem.

— Seth — disse Waverly, baixinho.

O que o aumento da força da gravidade faria com ele? Ela saiu correndo de volta para o hangar. Em vez de esperar o elevador, desceu as escadas, saltando os degraus de dois em dois, com a voz de Chris em seu ouvido.

— Vinte segundos... — repetiu a gravação, quando ela dobrou um patamar.

Ela havia descido mais dois lances quando ele começou a contagem regressiva.

— Dez... Nove...

Ela chegou ao nível do hangar e correu pelo corredor.

— ... Seis... Cinco...

Ela bateu violentamente nas portas e pressionou os controles para abri-las. As portas se abriram. Dezenas de pessoas estavam deitadas no chão, olhando para o teto, com as mãos esticadas nas laterais do corpo em uma pose surreal que se repetia indefinidamente. Onde estava Seth?

— ... Três... Dois...

Waverly olhou ao redor freneticamente e viu o médico prendendo a maca de Seth na parede.

Começou a correr assim que os motores foram engrenados.

Ela bateu no chão antes de perceber que seus joelhos haviam falhado.

Ela encheu o peito de ar uma vez, mais uma vez, e então tentou ficar de quatro para engatinhar pelo resto do caminho até Seth, mas seus braços pareciam feitos de chumbo, e sua coluna cedeu. Ela precisou se

deitar. A força sobre seu corpo era enorme, o que tornava difícil respirar, difícil pensar. O que isso estaria provocando em Seth?

Seu rosto estava pressionado contra o chão. Ela sentia nitidamente o metal abaixo dela cavando sua bochecha, e a sensação por fim rompeu seu torpor. Ela chorou. Kieran Alden foi deixado para trás para enfrentar sozinho aquelas pessoas malvadas. Sua mente checava todas as possibilidades em busca de uma escolha diferente, outra maneira de salvar a nave e Kieran ao mesmo tempo. Mas não era possível. Kieran não iria querer arriscar mais vidas. Ele iria querer que eles acelerassem e escapassem. Ela sabia disso tão bem quanto conhecia o próprio caráter.

Quando a inércia deixou de agir, a voz de Chris irrompeu pelos alto-falantes.

— Colocamos uma boa distância entre eles e nós, pessoal. Ainda não é tarde demais para pegar um ônibus e voltar, mas, quem quiser fazer isso, que faça agora.

Waverly lutou para se levantar. Seu joelho esquerdo rangia dolorosamente, mas sustentou seu peso, e ela mancou até maca de Seth. Ele estava branco como cera, encharcado de suor, e seu peito sacudia quando ele respirava. Ela beijou seus lábios, uma vez, duas vezes, e pegou a mão dele...

Ele abriu os olhos e sorriu.

— Não solte — sussurrou.

# RECOMEÇOS

Kieran acordou grogue sob uma luz fraca. À sua esquerda, sua mãe cochilava em uma cadeira, com o rosto apoiado nas costas da mão. Alguém pegou sua mão direita. Ele se voltou e viu Felicity Wiggam sorrindo para ele.

— Olá — ele tentou dizer, mas começou a tossir.

— Tome — sussurrou ela, e encostou um canudinho nos lábios dele.

Ele sugou pequenos goles de água gelada e sua boca e garganta relaxaram.

— Onde...

Ele não conseguiu pronunciar mais nenhuma palavra.

— Você está na New Horizon — respondeu ela, baixinho. — Foi trazido aqui para fazer a cirurgia.

A última coisa de que se lembrava era estar no palco na Empyrean, discutindo o plano da nova missão, e ser tomado por uma dor horrível.

— Seu coração parou quando eles estavam operando seu intestino delgado — pela primeira vez ele percebeu lágrimas agarradas aos cílios dela. — Eles tiveram de reconstruir uma válvula defeituosa.

Era coisa demais para assimilar de uma vez, então, ele direcionou sua mente para algo mais fácil.

— Por que você não estava na Empyrean?

Ela apertou os lábios com raiva.

— Avery só me contou da evacuação quando já era tarde demais para que eu fosse também.

Kieran olhou para a mão dela e viu que seu dedo anelar estava lindamente nu.

— Kieran, você dormiu por três dias — contou ela, lentamente.

— Três dias...

— Eles partiram. A Empyrean precisou partir. Eu sinto muito.

Ela lhe deu tempo para absorver o pleno significado dessas palavras. A Empyrean fora embora. Seus amigos. Sua casa. Ele nunca mais os veria novamente.

— Waverly mandou isto — disse Felicity, e lhe entregou uma mensagem impressa.

Ele estava fraco demais para segurá-la, de modo que Felicity perguntou:

— Quer que eu leia?

Ele balançou a cabeça.

Felicity limpou a garganta e começou.

*Querido Kieran, eles enviaram uma equipe para invadir e retomar a Empyrean. Não tínhamos armas,*

*e não havia maneira de nos defendermos. Sinto muito, mas tivemos de acelerar. Eu sabia que você não iria querer que colocássemos em risco a nós mesmos e todas as criancinhas por sua causa. Pelo menos é o que estou dizendo a mim mesma agora. Espero que um dia você possa nos perdoar. Não é o que eu queria; eu esperava que você e eu pudéssemos passar os próximos dez anos reconstruindo nossa amizade. Acho que bons amigos é o que sempre deveríamos ter sido. Eu espero que você sinta isso também.*

Felicity hesitou, corando profundamente, e lançou um olhar discreto a Kieran antes de continuar.

*Pode ter ser sido bom você voltar para a New Horizon. Felicity está aí, e acho que você deveria roubá-la do noivo. Eu sei que ela seria mais feliz com você, e acho que você seria mais feliz com ela do que jamais poderia ter sido comigo.*

Felicity deu uma risadinha envergonhada e Kieran sorriu.

*Com a morte de Anne Mather, você pode ser uma voz do bem na New Horizon. Tenha cuidado, porque o dr. Carver e seu filho Jared não vão querer dividir o poder com você. Seja discreto e fique longe deles.*

Felicity fez contato visual com Kieran, mas continuou lendo.

*Eu amo você, Kieran. Sempre vou amá-lo e me lembrar de você pelo que você é: um homem decente e brilhante, que, assim como eu, às vezes se esforçou demais. Viva uma vida boa e longa. Lembre-se de mim com carinho, Waverly.*

Quando Felicity olhou para Kieran percebeu que ele estava chorando. Suas lágrimas haviam escorrido para o travesseiro e molharam suas orelhas e o pescoço. Envergonhado, ele tentou enxugá-las, mas suas mãos estavam frouxas e inúteis, talvez por causa da fraqueza, talvez por culpa dos medicamentos.

Felicity pegou um lenço na mesa de cabeceira e, com ternura, enxugou as lágrimas nos cantos dos olhos dele. Então ela sorriu, e, com os olhos cristalinos nos dele, inabaláveis, ela se inclinou sobre ele e beijou suavemente seus lábios.

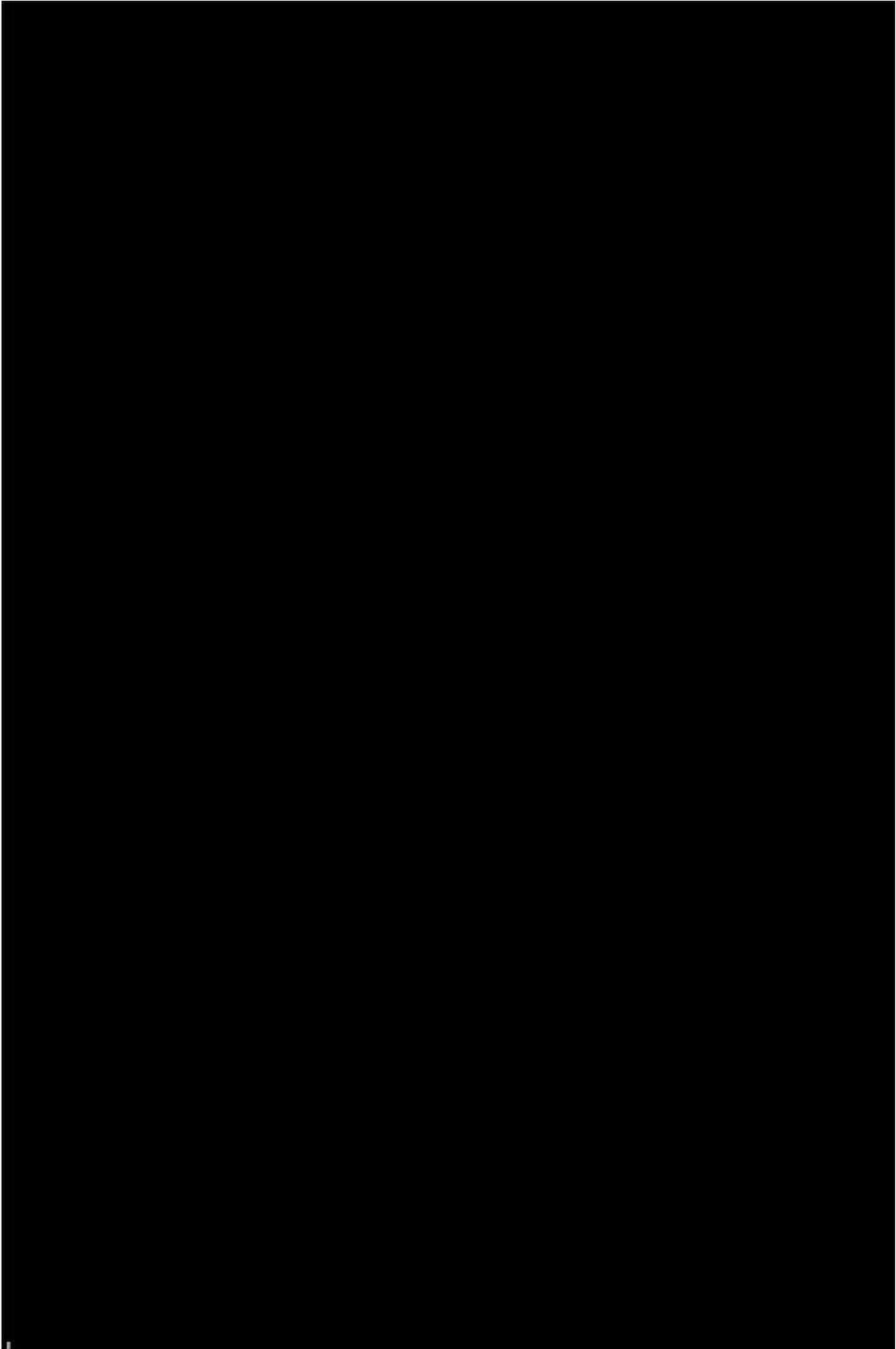


5

## GAIA

*Eu vi a Eternidade outra noite,  
Como um grande anel de luz pura e sem fim,  
Toda calma, pois era brilhante;  
E girando abaixo dela, o Tempo em horas, dias, anos,  
Movendo-se pelas esferas  
Como uma vasta sombra se movia; nele, o mundo  
E todo seu séquito foram arremessados.*

Henry Vaughan, "The World"



# SERMÕES

À tênue luz da aurora, Waverly Marshall saiu do ônibus espacial para o solo rochoso, duro e brilhante. Vestindo um completo traje hermético de pouso, com botas pesadas e um sufocante capacete de vidro, ela caminhou por uma encosta suave de rocha vulcânica preta até a praia de seixos de uma vasta baía oceânica. A água batia na areia com um belo som apressado que enchia seus ouvidos, batia em seu peito e repicava em tudo ao redor. O céu brilhava com uma pálida luz rosada, misturando-se ao azul profundo acima de sua cabeça. Enquanto o sol laranja rompia a linha do horizonte, a água tremeluzia em uma linha de brilho cintilante. Era o primeiro nascer do sol que ela testemunhava, e era de uma beleza indescritível. Quando o sol iluminou o céu, Waverly viu uma coleção de nuvens se movendo acima da água, longas torrentes do que ela achou ser chuva, que caía em faixas cinzentas.

Ela desejou que Seth pudesse ver aquilo.

Waverly já estava com 25 anos de idade, mas já tinha um toque grisalho nas têmporas, uma característica irritante que ela herdara do pai. Ela caminhou em direção aos animais de teste no curral que ela havia montado na noite anterior. As cabras mastigavam alegremente o fardo de feno que havia sido deixado para elas, as três perfeitamente contentes e saudáveis. Ela levou o *walkie-talkie* aos lábios, sintonizado com o equipamento de longo alcance do ônibus espacial, e chamou a Empyrean.

— Estão captando tudo?

— Todos a bordo estão assistindo — respondeu Arthur Dietrich, parecendo cansado. — Você dormiu bem?

— Nem dormi.

Ela se sentou no assento do piloto no ônibus espacial, incapaz de tirar os olhos da chuva de meteoros que caía. O planeta estava atravessando a cauda de um cometa e o espetáculo era impressionante. Ela não se arrependia de ter ficado acordada para ver. Estava muito tensa para dormir, de qualquer maneira, sabendo o que ia tentar fazer na manhã seguinte.

— As cabras parecem bem — informou ela a Arthur, e enviou uma imagem de vídeo para que a tripulação no Comando Central visse.

Três cabras, perfeitamente alheias ao momento extraordinário do qual faziam parte. Com um profundo suspiro, Waverly disse:

— Vou tirar o capacete.

— Vou acionar o cronômetro — respondeu Arthur.

Sua voz de menino havia se transformado em tenor suave e sensível, perfeitamente adequada à sua personalidade atenciosa. Ele não ficara alto, mas era bonito de um jeito juvenil, germânico, e se tornara um dos melhores amigos de Waverly.

Waverly soltou as travas do capacete e o levantou. Estava com medo? Animada? Tantas emoções corriam dentro dela que não conseguia nem nomeá-las.

Houve um breve som de sucção quando ela ergueu o capacete, e então...

O ar se movia sobre sua pele em uma carícia suave, agitando o cabelo ao redor de seu rosto, refrescando-a. Ela inspirava pelo nariz e expirava pela boca. O ambiente tinha um cheiro puro e fresco, e perfeitamente seguro.

Pelos fones, ela ouviu o som distante de aplausos da tripulação no Comando Central. Waverly sentia-se profundamente honrada por ter sido escolhida como o primeiro ser humano a respirar o ar de sua nova casa, e ela sabia que essa imagem seria vista por inúmeras gerações ao longo dos séculos vindouros. Como eram mesmo as palavras? *Um pequeno passo para o homem...*

— Waverly — chamou Arthur, dentro do capacete dela —, nós combinamos, não mais de trinta segundos.

— Algas nunca mataram ninguém, Arthur — brincou ela, referindo-se aos vastos depósitos de algas nos oceanos do planeta, algas que produziam o oxigênio que tornaria a vida possível ali.

Até o momento não haviam localizado vida terrestre.

— Os mapeamentos mostraram que não há nada no ar daqui com que se preocupar.

— Nós combinamos — Arthur disse ríspidamente. — Coloque o capacete de volta.

Ela bufou, aborrecida, mas sabia que ele estava certo. Ela colocou o capacete e ouviu o barulho do ar sendo filtrado, limpando todas as partículas estranhas. Em comparação com o ar do planeta, o ar de dentro de seu traje de pouso cheirava horivelmente rançoso.

— Como é? — Perguntou Arthur.

Ela pensou ter ouvido uma pontinha de inveja na voz dele. Como descobridor do planeta, ele havia sido a primeira escolha para descer, mas então sua amada esposa, Melissa Dickinson, a garota que tornara a vida suportável para todas as crianças órfãs na Emypyrean, engravidara de seu primeiro filho, e ela estava perto demais da data do parto para que ele a deixasse.

— É...

Waverly estava sem palavras, olhando cada sombra de cada pedra, cada pontinho cintilante de mica e quartzo na cinzenta rocha vulcânica sobre a qual estava. O vento fazia um ruído suave, sussurrando sobre o escudo de vidro de seu capacete, e ela queria tirar a luva para senti-lo se movendo entre seus dedos. *Logo, logo.*

— É incrível. Lindo. Enorme! Podemos construir um assentamento aqui?

— Estamos procurando um local próximo agora mesmo. Há uma inclinação suave, agradável, acima de

um rio substancial. Deve estar protegida de inundações, mas ser adequada para o plantio.

— Waverly — interrompeu Sarek. — Sua janela de lançamento fecha em duas horas.

— Está bem — disse Waverly —, vou começar.

Ela destrancou a porta do curral dos animais e levou as cabras até a rampa do ônibus espacial. Elas resistiram inicialmente, é claro, com certeza lembrando a terrível turbulência que haviam atravessado no caminho, mas Waverly conseguiu prendê-las nos arreios com relativamente pouco esforço.

Então, com um suspiro, ela olhou para a urna prateada que havia deixado dentro do ônibus espacial. Uma parte dela temia o que tinha de fazer, mas outra, mais profunda, sabia que era hora de superar o passado. Ela abriu a tampa da urna e ficou parada um instante, segurando-a com força contra o peito, relembrando. Ergueu a urna acima da cabeça e deixou que o vento levasse os restos mortais.

— Adeus — sussurrou.

Então, ela ligou o microfone novamente.

— Conseguiu? — Perguntou Arthur.

Ele parecia engasgado.

— Sim.

Waverly observava a fina nuvem de pó velejar na brisa.

— Ele foi o primeiro a ter um lar em Gaia — disse Arthur, suavemente. — Acho que ele gostaria disso.

Waverly ouviu um clique distante e a estática dominou o sinal.

— Kieran? É você? — Perguntou Waverly.

— Sou eu — disse Kieran, após uma pausa.

A New Horizon estava muito longe agora, e a comunicação bidirecional estava sofrendo cada vez mais interferência cósmica e atraso. Eles tinham sorte de ainda conseguir sinal. A voz de Kieran era mais profunda agora, ficara um pouco mais grave com a idade, mas ele parecia muito mais estável, mais pleno.

— Felicity está aqui comigo.

— Olá, Felicity — cumprimentou Waverly. — Fico feliz por terem conseguido.

— Nós não perderíamos isso por nada — respondeu Felicity.

Waverly sorriu ao pensar que, quando ela e Kieran namoravam, ela sempre tinha medo de que ele notasse que Felicity era a garota mais bonita da Empyrean. Mesmo antes, em seu íntimo ela sabia que os dois pertenciam um ao outro.

— Você tem algo a dizer, Kieran? — Perguntou Waverly, contente por haver outra pessoa com quem falar.

O coração dela ainda estava muito fechado.

Ela viu quando a nuvem de pó se dissipou sobre as ondas, caindo e se juntando à água. Ter suas cinzas espalhadas no novo planeta havia sido seu último desejo.

— O capitão Edmond Jones foi um homem corajoso e brilhante — disse Kieran, e parecia sincero. —

Ele lutou pelo que acreditava, aceitou as próprias fraquezas e tentou compensá-las. A colônia Empyrean vai sempre sentir sua perda. Que seu espírito oriente os colonos quando começarem a vida em seu novo lar.

— Amém — disse Waverly, enquanto seu olhar fitava o horizonte infinito.

— Amém — Sarek e Arthur ecoaram, junto com todos os oficiais de comando da Empyrean.

Ao fundo, através da estática, Waverly podia ouvir o choro de um recém-nascido.

— Vocês tiveram outro bebê? — Perguntou ela, com uma incredulidade fingida.

Mas ele e Felicity já haviam desligado. Mais tarde Waverly lhes mandaria uma mensagem para parabenizá-los.

Waverly desligou. Com os olhos secos, voltou-se e caminhou de volta à rampa do ônibus espacial, fechou-a e subiu a escada em espiral para tomar o assento do piloto. Acionou os motores e o ônibus decolou, deixando o terreno de sua nova casa. Nos próximos meses, a tripulação começaria o árduo processo de levar para baixo os suprimentos do compartimento de armazenagem da Empyrean, construir habitações temporárias e dar início à tarefa infinita de aprendizagem acerca de quais plantas poderiam prosperar no novo ambiente. O processo de transformação do planeta em um lugar plenamente habitável ainda duraria muito tempo depois da morte de Waverly, ela sabia, mas mal podia esperar para começar.

A viagem de volta à Empyrean levou várias horas, mas Waverly apreciava a vista de sua cabine. Ela pilotava a nave com o planeta a bombordo para que pudesse ver as montanhas, o litoral intrincado, os trechos de neve e gelo nos polos e o solo vulcânico preto dos continentes, abaixo. Ela nunca se cansaria de olhar para isso.

Logo a Empyrean apareceu à sua frente, movendo-se rapidamente. Ela manteria uma órbita entre Gaia e uma das luas maiores, retardando-se com a ajuda dos campos gravitacionais opostos, em uma dança cuidadosamente coreografada, projetada pelos gênios Arthur Dietrich e seu pai. Dentro de alguns anos, a enorme nave desaceleraria o suficiente para poder assumir uma órbita geoestacionária sobre a colônia, e poderia ser usada para monitorar a atividade do clima no planeta e dos meteoros no sistema solar, como uma apólice de seguro contra cataclismos. Por algum motivo Waverly achava que não precisariam se preocupar demais. Haviam escolhido um bom lar. Ela confiava que tudo daria certo.

Ela guiou a nave para a câmara de ar comprimido e esperou enquanto Sarek a repressurizava. Então, levou o ônibus para dentro do hangar, acenando através do escudo contra explosão para a multidão reunida para recebê-la. Logo eles começariam a dispersar, de volta a suas funções, e Waverly cumpriria sua quarentena.

Durante a semana seguinte, uma equipe médica vestindo trajes de proteção faria uma bateria de testes nela, para ter certeza absoluta de que Waverly não levara qualquer contágio alienígena para bordo. Outras equipes haviam recolhido amostras do solo e do ar para procurar vida microscópica, mas todos os testes confirmaram o que já suspeitavam: o planeta não apresentava nenhuma dificuldade relacionada

a doenças infecciosas. Gaia tinha todos os componentes necessários para sustentar a vida e, além das algas produtoras de oxigênio nos oceanos, que eles viram que eram inofensivas, não havia outra vida aparente.

Quando Waverly por fim foi liberada da quarentena, viu que mais uma vez uma multidão se reunia aos pés de sua nave. Enquanto descia a rampa, acenou para Sarah Wheeler, que levantava o bracinho de sua filha Samantha em saudação. Randy segurava o irmão gêmeo de Samantha, que tinha o nome de seu próprio pai falecido, José.

Waverly esquadrinhou a multidão procurando a própria família e viu sua mãe, Regina, em pé, carregando o pequeno Caleb. Ele começou a pular para cima e para baixo quando viu Waverly, batendo as mãozinhas gorduchas, e Waverly lhe jogou um beijo. Seu filho estava tão animado que mal conseguia se conter.

Waverly foi cautelosamente descendo a rampa do ônibus espacial e foi abordada pelo pequeno Josiah, que bateu a cabeça em seu estômago com força total. Seu filho mais novo era sempre o primeiro a pedir colo, comida ou abraços. Ela não se importava, mas se preocupava com que Caleb não estivesse recebendo atenção suficiente.

— Pegou minha *peda*? — Perguntou o pequeno Josiah, piscando os grandes olhos azuis-claros.

— Sim — sussurrou ela, e lhe entregou uma pedrinha que, na verdade, havia encontrado no compartimento de coníferas.

Eles ainda não haviam concluído a análise toxicológica das rochas do planeta, por isso ela não poderia lhe trazer uma pedra de verdade, mas tente explicar isso a uma criança de três anos. Depois de uma breve inspeção visual, Josiah colocou a pedra na boca e cuidadosamente a girou em volta da língua.

— Gostou? — Perguntou Waverly, rindo.

Ele a tirou da boca o tempo suficiente para dizer:

— Boa — antes de pô-la para dentro de novo.

— Este é o meu garoto — disse Seth atrás de Waverly, e ela se voltou.

Ele lhe deu seu característico sorriso torto.

— Predestinado a se tornar geólogo, acho.

Caleb puxou a perna da calça dele. Das costas, Seth tirou um buquê de flores e o entregou a seu filho de cinco anos, e, a seguir, pegou-o no colo com seu único braço. O menino orgulhosamente entregou o buquê para a mãe.

Depois de nove anos, Waverly ainda sentia medo, gratidão, ainda se espantava por Seth ter sobrevivido à sua doença. Nas semanas seguintes após o voo da New Horizon à Empyrean, o dr. Anthony lhe dissera várias vezes que se preparasse, pois Seth não duraria muito mais tempo. E várias vezes Seth abriu seu caminho de volta.

Waverly descansou a mão no reduzido ombro do marido. Ela gostava de tocá-lo ali porque era a única a

quem ele permitia. Ele sorriu enquanto caminhavam para a porta do hangar.

— Nosso Garoto de Ouro fez um bom discurso? — Perguntou ele.

— Você não ouviu?

Ele deu de ombros.

— Talvez eu tenha ouvido um pouco.

— Eu sei que você acha que o capitão não merecia ser o primeiro a ser enterrado lá.

— Ele era um monstro — disse Seth, calmamente.

Essa era uma velha discussão entre eles. O capitão sempre afirmou sua inocência, insistindo que o pai de Waverly e a mãe de Seth, junto com seu colega dr. McAvoy, agiram sozinhos para esterilizar as mulheres da New Horizon. Quando o capitão soubera da traição, dissera, alertara o capitão Takemara, da New Horizon, que insistira que eles fossem executados por traição à missão, ou sua nave atacaria. Para poupar sua tripulação do trauma de um julgamento público, o capitão Jones havia optado por cuidar discretamente dos criminosos. Então Anne Mather assumira o comando da New Horizon e dera início a seus planos de atacar a Empyrean a partir de seu esconderijo na nebulosa, sem o conhecimento do capitão Jones. Durante nove anos, ele nunca mudou um único detalhe da história, mas Seth não acreditava em uma palavra.

Waverly não tinha tanta certeza. Sempre que ela tocava no assunto, a mãe era tão evasiva e ficava tão irritada que Waverly suspeitava que a história do capitão Jones fosse verdade. Pelo menos ficou claro que seu pai havia participado de um crime terrível, que gerara um grande derramamento de sangue. Nos anos seguintes, ela foi aceitando que nunca saberia com certeza se o capitão Jones era ou não um conspirador. Depois de um tempo, tudo aquilo deixara de ter importância. Ela sabia que Seth se agarrava à ideia de que sua mãe havia sido um inocente bode expiatório, e ela se esforçava para evitar totalmente o assunto. Que Seth guardasse a lembrança de uma boa mãe; que sua mãe acreditasse que protegia a memória de seu marido morto. Ambos haviam passado por coisas suficientes.

Então, em vez de responder a Seth, ela pegou sua mão, levou-a aos lábios e a beijou. Ele sorriu para ela enquanto a puxou pelo corredor em direção ao apartamento deles.

O apartamento estava impecável, do jeito que Regina Marshall gostava de mantê-lo. A mãe de Waverly nunca recuperara totalmente seu velho brilho, mas aos poucos fora saindo do nevoeiro, e era solícita e produtiva.

Quando Waverly estava secando o cabelo depois de um longo banho quente, Seth bateu na porta do banheiro.

— Chamada de vídeo para você, da New Horizon.

Ela foi para seu quarto vestindo um roupão branco macio e abriu o sinal de comunicação.

— Aqui é Waverly.

— Parabéns — disse Kieran, após uma pausa.

Sua imagem era granulada, mas ela conseguia ver bem seu sorriso.

— E para você também. Eu ouvi um recém-nascido chorar. Já são cinco?

— O nome dela é Waverly — contou Kieran, e sorriu ao vê-la tentar e falhar para reprimir as lágrimas.

Passou-se algum tempo antes que ela pudesse falar.

— Obrigada, Kieran. Estou feliz por saber que você e Felicity estão tão felizes juntos.

— Estava escrito que era para ser assim — Kieran respondeu, com uma certeza tranquila.

— Ah, Kieran — Waverly riu, sacudindo a cabeça. — Nós nunca vamos concordar em relação a isso.

— Eu sei, mas não posso fazer nada. É assim que eu vejo as coisas — ele bateu distraidamente os dedos na mesa à frente de seu equipamento de comunicação. — Se eu não tivesse engolido aqueles explosivos, e se eles não tivessem me operado para tirar o detonador, nunca teriam encontrado a válvula cardíaca defeituosa. Eu teria morrido de um infarto antes dos trinta anos. Diga que você não vê a mão de Deus aí.

Ela balançou a cabeça.

— Eu simplesmente não consigo enxergar os padrões que você enxerga.

— Porque você se recusa a vê-los — brincou ele.

— E você os vê porque quer.

Ele riu e sua risada a surpreendeu.

— Talvez você tenha razão.

— O quê? É dúvida isso que eu estou ouvindo?

— Sem uma boa dose de incerteza, a fé não é fé, é fanatismo.

Eles trocaram um longo sorriso tranquilo antes de ela dizer:

— Sabe de uma coisa, Kieran?

— O quê?

— Acho que você é um excelente pastor.

— Mas nunca capitão — ele completou.

De fato, quando o doutor e Jared Carver foram humilhados publicamente, Selma Walton havia tomado a nave e exonerado Kieran de qualquer culpa associada à conspiração dos Pauley. Depois, Kieran se juntara à facção política que insistia em que os papéis de pastor e capitão deveriam por lei ser mantidos separados. Seth se surpreendera com isso, e Waverly sabia que isso redimiria Kieran aos olhos do marido. Os dois homens nunca seriam amigos, mas ela sentia que pelo menos haviam perdoado um ao outro.

Kieran sorriu para Waverly.

— Deixo esses desagradáveis compromissos morais para vocês, pagãos.

— Estamos muito agradecidos.

— É melhor eu ir — disse Kieran.

— Mantenha contato — pediu Waverly, e ele acenou com a cabeça.

O sinal caiu, e eles sabiam que conversas como essa logo se tornariam impossíveis. Por mais trinta anos, ninguém saberia se as duas colônias conseguiriam manter qualquer tipo de contato permanente. Waverly esperava que sim.

Depois de um jantar tranquilo com legumes assados e uma linda omelete de ovos e queijo de cabra, e uma noite lendo em voz alta para seus agitados meninos, Waverly se arrastou para a cama ao lado do marido. Seth a acolheu em seu abraço e ela descansou a cabeça no vão de seu ombro. Adormeceu quase instantaneamente, mas acordou assustada quando ele disse:

— Foi a primeira vez que nos separamos em nove anos.

— Eu não consegui dormir — disse ela, acariciando o pescoço de Seth.

— Nem eu.

Ela achou que ele a deixaria dormir, mas Seth perguntou:

— Foi incrível?

Ela sorriu no escuro e lembrou a imagem da água refletindo o nascer do sol; lembrou a carícia da brisa em sua pele, o domo do infinito, o eterno azul acima de sua cabeça.

— Você não acredita quanto.

— Conte-me — disse ele, e agitou-a suavemente para mantê-la acordada.

Nos sussurros íntimos de um casal unido há muito tempo, ela descreveu a água, o ar, o céu, as nuvens. Ficaram acordados, resistindo ao sono, conversando até altas horas da madrugada. Felizes por estarem juntos, por estarem finalmente indo para casa.

# AGRADECIMENTOS

Mais uma vez quero agradecer a toda a equipe da editora St. Martin, mas especialmente a Jennifer Weis, Mollie Traver e Matthew Shear, que eu sei que travaram uma boa batalha pelos livros da saga *Sky Chaser*. Minha agente e amiga, Kathleen Anderson, foi uma defensora constante e incansável. Além disso, quero agradecer a minha amiga Victoria Hanley por sua leitura cuidadosa, e a meu irmão, Michael Ryan, por suas sábias correções e sua ideia absolutamente brilhante sobre as algas produtoras de oxigênio.

INFORMAÇÕES SOBRE A  
**GERAÇÃO EDITORIAL**

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da **GERAÇÃO EDITORIAL**,  
visite o site [www.geracaoeditorial.com.br](http://www.geracaoeditorial.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

 [geracaoeditorial.com.br](http://geracaoeditorial.com.br)

 [/geracaoeditorial](https://www.facebook.com/geracaoeditorial)

 [@geracaohooks](https://twitter.com/geracaohooks)

 [@geracaoeditorial](https://www.instagram.com/geracaoeditorial)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[imprensa@geracaoeditorial.com.br](mailto:imprensa@geracaoeditorial.com.br)

**GERAÇÃO EDITORIAL**

Rua Gomes Freire, 225 – Lapa  
CEP: 05075-010 – São Paulo – SP  
Telefax: (+ 55 11) 3256-4444  
E-mail: [geracaoeditorial@geracaoeditorial.com.br](mailto:geracaoeditorial@geracaoeditorial.com.br)

o  
coletivo  
**HISTÓRIA  
AGORA**

AMAURY RIBEIRO JR.

# A PRIVATARIA TUCANA

Os documentos secretos e a verdade sobre o maior assalto ao patrimônio público brasileiro. A fantástica viagem das fortunas tucanas até o paraíso fiscal das Ilhas Virgens Britânicas. E a história de como o PT sabotou o PT na campanha de Dilma Rousseff.



GERAÇÃO

# A privatária tucana

Jr, Amaury Ribeiro

9788561501990

344 páginas

[Compre agora e leia](#)

Prepare-se, leitor, porque este, infelizmente, não é um livro qualquer.

A PRIVATARIA TUCANA nos traz, de maneira chocante e até decepcionante, a dura realidade dos bastidores da política e do empresariado brasileiro, em conluio para roubar dinheiro público. Faz uma denúncia vigorosa do que foi a chamada Era das Privatizações, instaurada pelo governo de Fernando Henrique Cardoso e por seu então Ministro do Planejamento, José Serra. Nomes imprevisos, até agora blindados pela aura da honestidade, surgirão manchados pela imprevista descoberta de seus malfeitos.

Amaury Ribeiro Jr. faz um trabalho investigativo que começa de maneira assustadora, quando leva um tiro ao fazer reportagem sobre o narcotráfico e assassinato de adolescentes, na periferia de Brasília. Depois do trauma sofrido, refugia-se em Minas e começa a investigar uma rede de espionagem estimulada pelo ex-governador paulista José Serra, para desacreditar seu rival no PSDB, o ex-governador mineiro Aécio Neves. Ao puxar o fi o da meada, mergulha num novelo de proporções espantosas.

[Compre agora e leia](#)

JOSÉ UBALDO BAIANO

Apresentação de Joesley Batista

# Sonho Estrelado



*A história de como um menino pobre tornou-se o maior vendedor do Brasil, encontrou o sentido da vida no Caminho de Santiago de Compostela, realizou seus sonhos e ajudou seu amigo a crescer*



# Sonho Estrelado

Baiano, José Ubaldo

9788563420985

148 páginas

[Compre agora e leia](#)

Este livro é um hino à vida, ao trabalho, à luta para se superar e vencer os obstáculos da batalha diária rumo ao autoconhecimento e ao sucesso profissional. José Ubaldo Tuca Baiano, um dos maiores homens de vendas do Brasil, narra sua infância pobre no interior da Bahia, a ajuda que teve de um parente melhor de vida, as lições que aprendeu, suas aventuras no Caminho de Santiago de Compostela, na Espanha, e o valor da amizade e da honestidade para seguir em frente e tornar-se um vitorioso. Seu relato, simples e acessível a qualquer um, mostra como venceu na vida e como - com a criação de um círculo de grandes amizades que sempre o respeitaram - chegou a ajudar dois rapazes simples e corretos que há 20 anos o procuraram para vender sabão e carne e se transformaram em proprietários da maior empresa privada brasileira, o Grupo JBS, dono da Friboi. Trata-se de um relato admirável, para qualquer leitor que valorize a vida e o trabalho.

[Compre agora e leia](#)

LEONARDO GUEDEL

# SANGUE AZUL

MORTE E CORRUPÇÃO NA PM DO RIO



GERAÇÃO

# Sangue azul

Gudel, Leornado

9788581301372

332 páginas

[Compre agora e leia](#)

Mais violento que o filme "Tropa de Elite". Mais polêmico que o livro "A elite da tropa". Mais revelador que "Rota 66". Mais impressionante que qualquer livro, filme ou documento que você tenha lido ou visto sobre o tráfico de drogas e a corrupção policial e política no Rio ou em qualquer lugar. Incomparável. Revoltante. Absurdamente real. Um depoimento chocante e arrasador!

[Compre agora e leia](#)



C. G. SWEETING

# O PILOTO DE HITLER



A VIDA E A ÉPOCA DE HANS BAUR



# O Piloto de Hitler

Sweeting, C.G.

9788581301457

440 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um livro que faltava sobre as duas guerras mundiais e o inferno do nazismo. C. G. Sweeting resgata nas páginas deste O piloto de Hitler o testemunho privilegiado de um homem fiel ao ditador alemão mesmo depois dos dez anos de sofrimento em masmorras e campos de prisioneiros da União Soviética. Hans Baur era a sombra de Hitler no ar. Amava o Führer e os aviões. Tudo sobre os horrores da guerra está aqui.

[Compre agora e leia](#)

Miriam Moraes

polí

Como decifrar o que significa a Política  
e não ser passado para trás

Um guia politicamente correto para  
entender o sistema de poder no Brasil,  
opinar e debater a respeito

tica



GERAÇÃO

# Política

Moraes, Míriam

9788581302614

172 páginas

[Compre agora e leia](#)

Não fique por fora dos temas que agitam o país. Veja aqui o que você precisa saber para entender, opinar e debater política e atualidades. O pior analfabeto é o analfabeto político. Ele não ouve, não fala, nem participa dos acontecimentos políticos. Ele não sabe que o custo de vida, o preço do feijão, do peixe, da farinha, do aluguel, do sapato e do remédio dependem das decisões políticas. O analfabeto político é tão burro que se orgulha e estufa o peito dizendo que odeia a política. Não sabe o imbecil que, da sua ignorância política, nasce a prostituta, o menor abandonado, e o pior de todos os bandidos, que é o político vigarista, pilantra, corrupto e lacaio dos exploradores do povo. Bertolt Brech

[Compre agora e leia](#)